

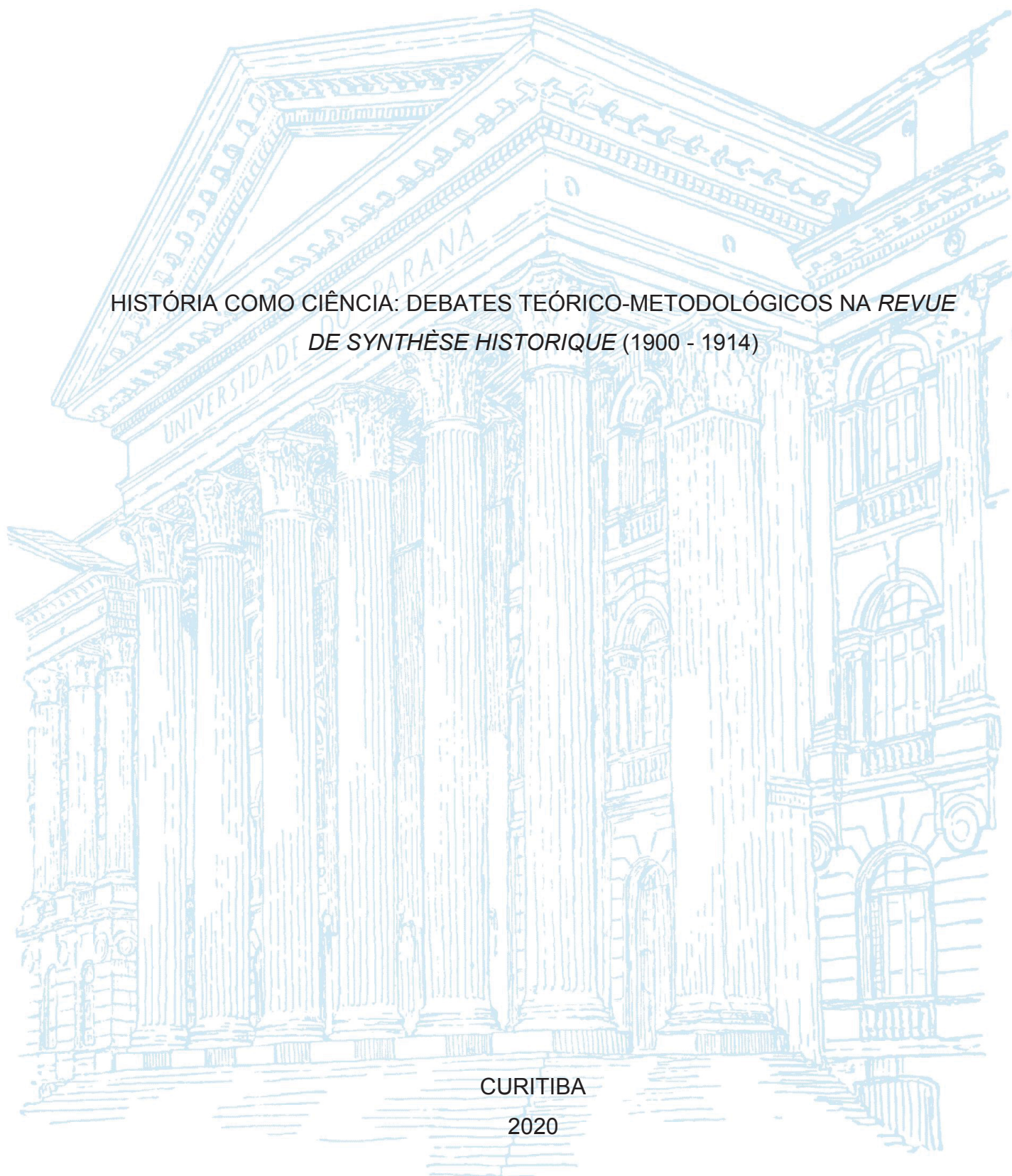
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MIGUEL KANCELSKIS DRIGO

HISTÓRIA COMO CIÊNCIA: DEBATES TEÓRICO-METODOLÓGICOS NA *REVUE*
DE SYNTHÈSE HISTORIQUE (1900 - 1914)

CURITIBA

2020



MIGUEL KANCELSKIS DRIGO

HISTÓRIA COMO CIÊNCIA: DEBATES TEÓRICO-METODOLÓGICOS NA *REVUE
DE SYNTHÈSE HISTORIQUE* (1900 - 1914)

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Faraco Benthien

CURITIBA

2020

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Drigo, Miguel Kancelskis

História como ciência : debates teórico-metodológicos na *Revue de synthèse historique* (1900 -1914). / Miguel Kancelskis Drigo. – Curitiba, 2020.

Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

Orientador : Prof. Dr. Rafael Faraco Benthien

1. *Revue de synthèse historique* (Periódico) - História. 2. Berr, Henri, 1863-1954.
3. História - Metodologia. 4. História - Historiografia. I. Benthien, Rafael Faraco, 1979-
II. Título.

CDD – 909



TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **MIGUEL KANCELSKIS DRIGO** intitulada: **HISTÓRIA COMO CIÊNCIA: DEBATES TEÓRICO-METODOLÓGICOS NA REVUE DE SYNTHÈSE HISTORIQUE (1900 - 1914)**, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 09 de Julho de 2020.

Assinatura Eletrônica

10/07/2020 12:05:31.0

HECTOR ROLANDO GUERRA HERNANDEZ

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

10/07/2020 19:24:16.0

MIGUEL SOARES PALMEIRA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO)

Assinatura Eletrônica

10/07/2020 14:34:37.0

PAULO RENATO GUÉRIOS

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

*Aos pesquisadores e pesquisadoras do Brasil e do
Mundo, por suas contribuições à ciência.*

AGRADECIMENTOS

O processo de pesquisa e escrita dessa dissertação teve início antes dos dois anos programados pelo tempo regular do mestrado. Desde o final de minha graduação fui amadurecendo as ideias sobre essa temática. Assim, uma diversidade de pessoas participou direta ou indiretamente dessa caminhada, discutindo e debatendo meus progressos em reuniões, eventos e aulas. Sou grato a todos que puderam fazer parte disso. Agradeço, então:

À minha família, que sempre me apoiou, desde minha entrada na graduação em História até o mestrado, me dando todo o suporte emocional e familiar que é necessário para aguentar todos os percalços da vida. Agradeço aos meus pais, Christina e José, e ao meu irmão, Murilo.

À minha companheira, Nikita, que também sempre esteve ao meu lado, me apoiando e me mostrando todos os diversos significados da palavra “companheirismo”. Sua ajuda foi essencial desde o início da graduação, minhas primeiras pesquisas até agora. Suas revisões e comentários com certeza tornaram esse trabalho mais completo. Muito mais que um obrigado, te amo.

Ao Rafael Benthien, que há muito deixou de ser um simples orientador para se tornar um amigo. Desde o começo daquela IC, em meados de 2015, você vem me ensinando o que é ser um pesquisador sério e competente na área de História. Muito obrigado por sua ajuda com as pesquisas que desenvolvi sob sua orientação, principalmente essa.

Aos meus amigos, os quais me apoiaram e me proporcionaram momentos de importante distração nesse período. Gabriela, que desde a graduação está presente para conversar sobre tudo um pouco. Ao Gabriel (Braga), Guilherme (GP), Karin e Felipe, sempre dispostos para organizar churrascos e *chinchiladas*, contando as histórias mais malucas e divertidas.

A todo o Departamento de História da UFPR, aos professores que me passaram seus conhecimentos sobre como ser um bom historiador. Em especial, a professora Andréa Doré e o professor Hector Hernandez, que contribuíram, com suas observações, com essa pesquisa. Também aos servidores técnicos, Cris e Yuri, sempre disponíveis para auxiliar os estudantes da pós.

Aos meus colegas de pós-graduação da linha Espaço e Sociabilidades, que debateram a minha pesquisa e me ajudaram a pensar em novas questões para ela, me apontando outros caminhos a seguir. Em especial, Jessica e Robson, bons colegas de orientação e discussão acadêmica.

Ao professor Miguel Palmeira, do Departamento de História da USP, que acompanhou diferentes etapas dessa pesquisa. Obrigado por seus comentários, indicações e correções sempre pertinentes. Sua participação nas bancas, de qualificação e defesa, foi de grande ajuda para o andamento da pesquisa. Também agradeço ao professor Paulo Guérios, do Departamento de Antropologia da UFPR, tanto por suas questões apontadas naquela discussão do Seminário I quanto por suas contribuições valiosas na qualificação e na defesa.

Essa pesquisa foi financiada integralmente pela CAPES, através de uma bolsa de pesquisa de mestrado. Agradeço ao povo brasileiro, que através de seu trabalho, contribui com o desenvolvimento das pesquisas no Brasil.

“L'histoire a commencé par être de la vie ; la vie, c'est l'histoire qui se continue : dans la réalité, le passé et le présent sont indissolubles. Aussi l'homme ne comprend bien son présent que par son passé, son passé que d'après son présent”. (BERR, 1911, p.243)”

RESUMO

Em 1900, Henri Berr criou o periódico científico intitulado *Revue de synthèse historique* (doravante, RSH), tendo como objetivo principal ser a primeira revista francesa com foco em Teoria e Metodologia da História. A RSH, em um primeiro momento, foi publicada entre 1900 e 1914, quando foi interrompida momentaneamente por conta da 1ª Guerra Mundial. Busca-se compreender como ocorreram as defesas teórico-metodológicas da História científica em textos de autores com diferentes trajetórias sócio-intelectuais. Para tanto, utilizasse como fonte textos publicados por diversos pesquisadores na RSH, entre 1900 e 1914; livros, como o Charles Seignobos, *O Método Histórico aplicado às Ciências Sociais* [*La méthode historique appliquée aux sciences sociales*] (1901) e o de Henri Berr, *A Síntese em História* [*La Synthèse en Histoire*] (1946 [1911]); os necrológios desses autores; cartas trocadas entre estes. Objetiva-se identificar os diferentes debates que historiadores, sociólogos e filósofos tiveram na RSH, nesse período. Também, compreender as diversas proposições teórico-metodológicas que esses pesquisadores defenderam. Ainda, o de entender o papel e a relevância da RSH em abrigar tais arguições dentro da área das Ciências Humanas. Através de uma análise quantitativa, levanta-se informações biográfica dos autores, além de dados acerca das publicações na RSH. Baseando-se teórico-metodologicamente nos trabalhos de Bentivoglio (2012; 2017), sobre a pesquisa de revistas científicas de História, e nos textos de Bourdieu (1983; 1996a; 1996b; 2001), realiza-se a análise qualitativa das fontes. A pesquisa identificou debates que ocorreram dentro da plataforma da RSH, envolvendo diferentes grupos de autores: Berr (1906; 1946 [1911]), Mauss e Hubert (1909), Durkheim (1913); Lacombe (1900; 1901a; 1901b) e Xénopol (1900a; 1900b; 1901; 1902; 1904a; 1904b; 1913); Rickert (1901) e Lacombe (1901c); Seignobos (1901), Berr (1902), Simiand (1903a; 1903b) e Mantoux (1903); Lamprecht (1900; 1905) e Bernheim (1905); e, Masson-Oursel (1913) e Berr (1913). Observou-se que cada pesquisador defendeu posições teórico-metodológicas diferentes, de modo a tentar chegar a posições dominantes dentro do campo científico da História (BOURDIEU, 1983). Ademais, concluiu-se que a RSH foi bem-sucedida em seu objetivo inicial, a saber, o de ser a primeira revista a abrigar discussões acerca da Teoria e Metodologia da História. Ainda assim, ela só realizou esse desígnio parcialmente. Afinal, Henri Berr não conseguiu impor sua proposição da síntese histórica, mantendo a característica principal de seus empreendimentos científicos (coleção *Evolução da Humanidade* e *Centro Internacional de Síntese*), a pluralidade de visões científicas. Também, parcial por conta do pouco peso relativo dos pesquisadores, dentro do campo científico, que debateram na RSH.

Palavras-chave: *Revue de synthèse historique*. Henri Berr. Síntese histórica. Teoria e Metodologia da História. História da Historiografia.

ABSTRACT

In 1900, Henri Berr created the scientific review entitled *Revue de synthèse historique* (RSH), which had as the main objective be the first French review to focus on Theory and Methodology of History. RSH, initially, appeared between 1900 and 1914, when it was briefly interrupted because of World War 1. We seek to comprehend how the arguments of the theoretical-methodological aspects of scientific history occurred, in texts whose authors had different social and intellectual trajectories. Therefore, we use as primary source texts published, in the RSH, by a variety of researches, between 1900 and 1914; books, as such *La méthode historique appliquée aux sciences sociales* (1901), by Charles Seignobos, and *La Synthèse en Histoire* (1911), by Henri Berr; the necrologies of these authors; and, their letters. The objective is to identify the different debates that historians, sociologists, and philosophers had on RSH. Also, to comprehend the various theoretical-methodological propositions defended by those researchers. Still, to understand the role and the relevance of RSH to host these debates in the Humanities. Through a quantitative analysis, we gather biographical information of the authors, also, data regarding their publication in RSH. Theoretical-methodologically based on Bentivoglio's work (2012; 2017), about the research of scientific journals of history, and in Bourdieu's texts (1983; 1996a; 1996b; 2001), we do the qualitative analysis of sources. The research identified the debates that occurred inside the RSH, involving different groups of authors, such as: Berr (1906; 1946 [1911]), Mauss and Hubert (1909), Durkheim (1913); Lacombe (1900; 1901a; 1901b) and Xénopol (1900a; 1900b; 1901; 1902; 1904a; 1904b; 1913); Rickert (1901) and Lacombe (1901c); Seignobos (1901), Berr (1902), Simiand (1903a; 1903b), and Mantoux (1903); Lamprecht (1900; 1905) and Bernheim (1905); Masson-Oursel (1913) and Berr (1913). We observed that each researcher defended different theoretical-methodological positions, in an effort to reach dominant positions inside the scientific field of history (BOURDIEU, 1983). In addition, we have concluded that the RSH was well-succeeded in their initial goal, specifically, to be the first review to harbour debates about Theory and Methodology of History. Yet, the RSH only partially achieved this objective. After all, Henri Berr couldn't impose his historical synthesis' proposition, keeping the main characteristic of his scientific's enterprises (the collection *L'Évolution de l'Humanité* and the International Synthesis Center), the plurality of scientific views. Also, partially because of the weakness of the researchers, that debated in RSH, in the scientific field.

Keywords: *Revue de synthèse historique*. Henri Berr. Historical Synthesis. Theory and Methodology of History. History of Historiography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - DIVISÕES DAS CIÊNCIAS DOS FATOS DE SUCESSÃO	135
--	-----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - PUBLICAÇÕES DOS SOCIÓLOGOS DURKHEIMIANOS NA RSH (1900 - 1914).....	38
Gráfico 2 - QUANTIDADE DE ARTIGOS PUBLICADOS NA REVUE DE SYNTHÈSE HISTORIQUE (1900 - 1914).....	51
Gráfico 3 - RECORTE ESPACIAL DOS ARTIGOS PUBLICADOS NA RSH (1900 - 1914).....	56
Gráfico 4 - RECORTE TEMÁTICO DOS ARTIGOS PUBLICADOS NA RSH (1900 - 1914).....	57
Gráfico 5 - QUANTIDADE DE RESENHAS PUBLICADAS NA RSH (1900 - 1914).....	58

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - RECORTE DO PERÍODO DE NASCIMENTO DOS AUTORES QUE PUBLICARAM NA RSH (1900 – 1914).....	60
Quadro 2 - ÁREA DA <i>AGRÉGATION</i> DOS AUTORES DA RSH (1900 – 1914).....	61
Quadro 3 - NACIONALIDADE DOS AUTORES QUE PUBLICARAM NA RSH (1900 – 1914).....	62

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

AS	- <i>L'Année sociologique</i>
CF	- <i>Collège de France</i>
CIS	- <i>Centre international de synthèse</i>
ENS	- <i>École normale supérieure</i>
EPHE	- <i>École Pratique des Hautes Études</i>
RH	- <i>Revue historique</i>
RSH	- <i>Revue de synthèse historique</i>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 AS REVISTAS CIENTÍFICAS NA FRANÇA E O PERFIL DA REVUE DE SYNTHÈSE HISTORIQUE (1900 – 1914)	23
1.1 O SISTEMA DE ENSINO DE PESQUISA E ENSINO FRANCÊS NA TERCEIRA REPÚBLICA.....	23
1.2 PERSPECTIVAS DE AÇÃO A PARTIR DE TRÊS DISCIPLINAS: FILOSOFIA, SOCIOLOGIA E HISTÓRIA.....	28
1.2.1 As transformações das revistas científicas francesas	28
1.2.2 O caso da Filosofia.....	30
1.2.3 <i>L'Année sociologique</i> e a sociologia durkheimiana	32
1.2.4 OS DURKHEIMIANOS NA RSH	37
1.2.5 Por novos caminhos na História.....	40
1.3 UM PERFIL DA REVUE DE SYNTHÈSE HISTORIQUE.....	49
1.4 PERFIL DOS AUTORES QUE PUBLICARAM NA RSH (1900 – 1914).....	59
2 A SÍNTESE HISTÓRICA: UM PROJETO DE VIDA	66
2.1 HENRI BERR, “ADMINISTRADOR DE HERESIAS”	68
2.2 A PROPOSIÇÃO DA SÍNTESE HISTÓRIA.....	81
3 ENTRE POLÊMICAS E PROPOSTAS: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DE A.-D. XÉNOPOL NA RSH	111
3.1 AS INTERVENÇÕES DO HISTORIADOR ROMENO ALEXANDRU XÉNOPOL 112	
3.1.1 A polêmica inicial entre Lacombe e Xénopol: entre repetição e sucessão	112
3.1.2 A continuação dos debates: Raça e meio ou meio e raça.....	122
3.2 A HISTÓRIA E SEU LUGAR ENTRE AS CIÊNCIAS	132
3.3 A CAUSALIDADE EM DISPUTA: A PROPOSTA DE XÉNOPOL	137
4 DEBATES E PROPOSTAS DENTRO DA REVUE DE SYNTHÈSE HISTORIQUE (1900 – 1914)	149
4.1 “UNIVERSAL” E O “INDIVIDUAL” DE HEINRICH RICKERT E A RESPOSTA DE PAUL LACOMBE	150
4.2 EMBATES METODOLÓGICOS: A PROPOSIÇÃO DE FRANÇOIS SIMIAND E ALGUMAS REPERCUSSÕES	159
4.2.1 As críticas de Henri Berr ao livro de Charles Seignobos	159

4.2.2 O artigo de François Simiand e a sugestão de Paul Mantoux.....	162
4.3 A DISPUTA POR AUGUSTE COMTE: COMENTÁRIOS DE ERNST BERNHEIM E KARL LAMPRECHT	183
4.4 UM BREVE CONTRAPONTO: UMA PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DA FILOSOFIA DA HISTÓRIA.....	193
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	202
6 REFERÊNCIAS.....	209
7 ANEXO –.....	233

INTRODUÇÃO

“Não contente com inspirar, planejar e dirigir, Henri Berr por sua conta investiga e escreve. E ainda sonha escrever sempre mais. Um Rockefeller de um truste historiográfico. Em lugar de dólares, ideias” (FRANÇA, 1952: 445). É com esse entusiasmo que Eduardo d’Oliveira França (1917 – 2003) definiu o criador da *Revue de synthèse historique*, Henri Berr (1863 – 1954). França escreveu uma resenha acerca de um livro de Louis André (1867 – 1948), o qual fazia parte da coleção *L’Évolution de l’Humanité*, e publicou-a na Revista de História (USP). Henri Berr, criador e editor dessa coleção, tomou conhecimento dessa resenha e enviou uma carta para Eurípedes Simões de Paula (1910 – 1977), então diretor da revista, defendendo André das críticas de França. Este, arrebatado pela notícia, fez questão de publicar a carta e apresentá-lo ao público brasileiro. França resumiu os diversos empreendimentos científicos:

[Henri Berr] montou um dínamo de alto poder gerador a produzir incansavelmente milhões de kilowatts de história para todos os quadrantes: o *Centre International de Synthèse*. Uma grande revista - a *Revue de Synthèse* - que polariza os esforços coletivos magnetizados pelo contágio de sua operosidade. E, afinal, uma constelação de livros - a *Bibliothèque de Synthèse Historique* -, que sob sua direção, vai acolhendo resultados de pesquisas e consolidando as aquisições (FRANÇA, 1952: 445).

Henri Berr, nesse momento, não era um total desconhecido do público brasileiro. Em 1946, seu livro *A Síntese em História* (1911), ganhou uma edição nacional através da Editora Renascença, traduzido por Julio de Abreu Filho. Os estudos acerca desse “Rockefeller da historiografia” e de suas diversas criações intelectuais são mais recentes. A *Revue de synthèse historique* (doravante, RSH), especificamente, foi fonte para pesquisas, tanto na França como no Brasil. Em uma edição especial da *Revue de synthèse*¹, dedicada inteiramente ao periódico e ao seu criador, foram publicados diversos trabalhos que analisaram alguns aspectos dessa revista e de outras empreitadas de Henri Berr. Esse número, de 1996, foi fruto de apresentações no colóquio *L’Histoire, la philosophie, la synthèse: Henri Berr (1863-1954) et la culture de son temps* (A História, a filosofia, a síntese: Henri Berr e a cultura de seu tempo), que ocorreu entre 24 e 26 de outubro de 1994 no *Institut mémoires de l’édition contemporaine*, em Paris (França). Além deles, no estrangeiro,

¹ Em 1931, o periódico mudou permanentemente seu nome para *Revue de synthèse*.

autores como Martin Siegel (1970), Martin Fugler (1996) e Matthew Cole (2005), tomaram Henri Berr e sua revista como objeto de estudos.

No Brasil, o historiador João José Reis (2010) foi responsável por um capítulo acerca de Henri Berr em um livro sobre historiadores do século XIX e XX, organizado por Jurandir Malerba. Fruto de um mestrado, a dissertação de Clayton Ferreira Borges (2013) se dedicou a estudar o historiador romeno Alexandru-Dimitri Xénopol (1847 – 1920), prolífico autor que publicou diversos textos na RSH. Mas, afinal, o que foi a *Revue de synthèse historique*?

Criada em 1900, a RSH teve como objetivo ser o primeiro periódico científico francês a ser palco de textos que debatessem prioritariamente a Teoria e a Metodologia da História. A partir dessa premissa, inicialmente, acolheu publicações de diferentes pesquisadores que defenderam suas posições argumentando ser ou não a História uma ciência. Caso a resposta fosse afirmativa, de que tipo ela seria, quais seriam seus objetivos, suas fontes, qual tipo de metodologia se usaria, qual teoria a nortearia, e outras questões mais. Esse foco estava relacionado à busca de historiadores, filósofos e sociólogos em defender suas posições, ou até mesmo ganhar novos espaços no sistema de ensino e pesquisa, cada qual advogando a indistinção de certas disciplinas, ou a solidariedade entre elas. Nesse sentido, este trabalho investiga as discussões acerca da cientificidade da História e das propostas teórico-metodológicas para essa disciplina, especialmente as que ocorreram na *Revue de synthèse historique* entre 1900 e 1914. Analisamos a morfologia da revista, sua estrutura interna, os pesquisadores que ali publicaram e as temáticas abordadas. Ademais, examinamos as relações entre a RSH e outras publicações, bem como as outras iniciativas de Henri Berr e suas ligações com o seu projeto, a saber, da *síntese histórica*.

Os trabalhos acerca da RSH, até o momento, não tiveram a mesma problemática que a nossa, isto é, a de entender os debates sobre os aportes teórico-metodológicos dos pesquisadores, através não só do estudo de seus textos, mas também compreendendo relacionalmente suas trajetórias. Assim, objetivamos identificar os diferentes debates que historiadores, sociólogos e filósofos tiveram na *Revue de synthèse historique*, no período entre 1900 e 1914. Buscamos, também, compreender as diversas proposições teórico-metodológicas que esses pesquisadores defenderam. Ainda, o de entender o papel e a relevância da RSH em abrigar tais arguições dentro da área das Ciências Humanas. Com isso, almejamos

que nosso trabalho contribua para essa área de estudos, a História da Historiografia, já que contemplá-la “é sempre um exercício fecundo para melhor se compreender as reflexões epistemológicas no interior da história e a formação de determinadas práticas historiográficas que se constituem ao longo do tempo como referenciais” (BENTIVOGLIO, 2012: 223).

Entendemos ser importante o estudo não só da RSH, mas também o de outras revistas, pois, como afirmou Bentivoglio (2017),

a história das revistas pode ajudar no escrutínio da memória disciplinar do campo e de sua própria legitimação, evidenciando a construção de identidades historiográficas particulares no tempo e em diferentes países, informando o estabelecimento de agendas de investigação – que procuram informar os procedimentos de pesquisa predominantes – o surgimento de textos fundadores, a ampliação e pluralidade de abordagens existentes, os manejos teórico-conceituais; a sedimentação de certos temas e objetos ou a defesa de determinadas metodologias (BENTIVOGLIO, 2017: 10-11).

A partir disso, optamos por construir uma série documental que provesse a possibilidade de pesquisar a movimentação dos pesquisadores, franceses ou não, no início do século XX. Escolhemos como fonte principal a *Revue de synthèse historique*. O recorte cronológico ficou a cargo de um primeiro período de publicações desse periódico científico, que foi iniciado em agosto de 1900 e que funcionou regularmente até meados de 1914, quando foi interrompido pela primeira vez por conta da eclosão da Primeira Guerra Mundial. Ainda, outras fontes nos auxiliaram numa melhor compreensão desse período e desses debates, como cartas de intelectuais que versavam sobre esses projetos, a obra *A Síntese em História* (1946 [1911]) que resumiu a posição de Henri Berr e aprofundou a apresentação de seu conceito de síntese histórica – mote de todos os seus empreendimentos – e textos necrológicos que nos possibilitaram entender a trajetória sócio-intelectual dos autores que publicaram na RSH.

Para melhor compreender essa série documental, realizamos um tabelamento da revista através da ferramenta *Excel*, alimentando-a com informações como: Autor, Ano/Mês da publicação, título do texto, Tipo (Resenha, Artigo, Comentário etc.), Tomo, Número, Paginação, Seção da Revista e, quando necessário, Subdivisão da Seção. Esse instrumento nos auxiliou com os objetivos propostos em nossa pesquisa. Buscamos, em particular, compreender como ocorreu a defesa da cientificidade da História e as discussões que se desdobravam desse posicionamento. Além disso, queremos entender o papel da RSH em abrigar as

discussões teórica-metodológicas das diversas áreas das Ciências Humanas; investigar os diferentes argumentos utilizados pelos pesquisadores em seus textos; analisar a configuração mantida pela RSH no período, como seções de publicações, divisão interna do periódico, temática dos textos; e, fazer um levantamento sócio-intelectual dos autores que publicaram na RSH.

Ao trabalharmos com essa documentação, inspiramo-nos no trabalho de Pierre Bourdieu (1996a). Neste texto, o autor teceu críticas aos modelos de análise de obras textuais, as quais ele chamou de explicações *internas* e explicações *externas*. As primeiras, as internalistas, exemplificada pela teoria estruturalista, se pautariam somente em analisar a obra do autor, sem compreender o contexto socioeconômico na qual elas foram produzidas. Essas análises seriam leituras puramente internas e a-históricas. Por sua vez, os externalistas seriam herdeiros de uma tradição de métodos estatísticos e de pesquisas de inspiração marxista. Estes compreenderiam a obra somente a partir do grupo social do qual o autor faria parte, o qual expressaria a visão de mundo de sua classe social (BOURDIEU, 1996a). Contra essas análises reducionistas, Bourdieu propôs sua teoria do campo, no qual seria necessário pensar relacionamente o espaço social dos produtores, o microcosmo social no qual produziriam suas obras culturais. A partir das relações de força existente entre os agentes dentro desse campo haveria embates entre diferentes produtores como forma de defender suas posições. Com isso, buscamos não só analisar os escritos publicados na RSH, mas também o contexto intelectual de sua produção e as trajetórias de seus autores, de forma a complexificar nossa pesquisa.

Além disso, como temos na RSH um objeto privilegiado de nossa pesquisa, entendemos ser imprescindível uma análise metodológica que a contemple. Para tanto, baseamo-nos na proposição de Júlio Bentivoglio (2017), o qual forneceu possíveis caminhos a seguir. Ele indicou a importância de analisar interna e externamente a revista: suas divisões, as seções temáticas, a linha editorial, o perfil dos colaboradores, os textos aceitos e os rejeitados, entre outros. Resumidamente, Bentivoglio (2017) organiza de tal forma:

em primeiro lugar verificar os autores mais citados nos artigos indica uma comunidade de discurso e de consenso sobre a autoridade e as referências estabelecidas dentro do campo ou do periódico. Ao mesmo tempo a recorrência de determinados conceitos e recortes. E a presença de debates ou de dossiês. Mas é possível iniciar o esforço comparativo por aspectos mais elementares, observando ainda o tipo de fonte utilizada, os recortes

temporal e geográfico, o domínio da história adotado, os paradigmas que informam os textos; mas também campos, áreas, temáticas, objetos. Ou seja, é preciso historicizar a produção das revistas e sua recepção ao longo do tempo. Colocar historiadores e leitores em situações históricas singulares, decifrando os caminhos da produção, os efeitos gerados no cânone historiográfico, as práticas de leitura, de construção de significados e de compreensão de seus enunciados (BENTIVOGLIO, 2017: 21-22).

A partir das propostas metodológicas e dos objetivos apresentados, estruturamos o nosso trabalho para expor as discussões e os resultados obtidos ao longo da pesquisa. Assim, no primeiro capítulo, discorreremos brevemente sobre as reformas educacionais promovidas em diferentes momentos ao longo do século XIX e início do século XX e de como essas aumentaram a possibilidade de ação dessas três disciplinas e de seus agentes, a saber, historiadores, filósofos e sociólogos. Depois disso, verticalizamos a análise em cada uma dessas disciplinas, focando principalmente em periódicos importantes em suas áreas. Além disso, realizamos uma abordagem quantitativa da RSH, nesses primeiros quatorze anos de funcionamento, analisando temática e especialmente os artigos e resenhas ali publicados e as diferentes seções da revista. Por fim, realizamos um levantamento dos *habitués* e dos visitantes da RSH, traçando um perfil geracional, de trajetória escolar, área de atuação e origem desses agentes que deram vida a esse projeto do Henri Berr. Ao entendermos a posição que a revista ocupava nesse campo científico em formação e dos agentes que por ali circularam, vemos a importância do debate sobre a História ser uma ciência.

Após essa questão inicial, no capítulo dois, focamos na trajetória intelectual de Henri Berr e nos seus empreendimentos. O criador da RSH, durante sua formação, passou por instituições de elite no sistema de ensino francês, estudando no liceu *Charlemagne*, depois na renomada *École normale supérieure* (doravante, ENS), prestando o concurso de *agrégation de lettres*, no qual obteve o quarto lugar, e defendendo um doutorado, na área de Filosofia, na Sorbonne. Desde sua tese, ele teve um interesse especial por essa ideia de síntese histórica e sua importância para, em última instância, compreender a vida. Após evidenciar os diversos empreendimentos de Henri Berr, todos com o mesmo mote da síntese, e principalmente sua revista da *síntese histórica*, o que seria esse conceito, como articulá-lo na pesquisa histórica? Assim, adentramos na análise da síntese histórica, principalmente a partir da obra de Henri Berr, *A Síntese em História* (1946 [1911]). Com isso, defendeu a História como uma ciência, com um objeto próprio – o estudo

dos fatos humanos no passado – e uma abordagem teórico-metodológica, preferencialmente a sua, da síntese científica. Esse filósofo-historiador, com uma formação múltipla, se colocou dentro desse debate científico acerca da História, defendendo sua posição com a qual procurou arregimentar novos pesquisadores para ela.

No terceiro capítulo, optamos por verticalizar o estudo, focando no historiador romeno, Alexandru-Dimitri Xénopol (1847 – 1920). Por conta de sua frutífera produção de textos dentro da temática de Teoria e Metodologia da História e de seus debates com autores tanto franceses quanto alemães. Seus trabalhos nos ajudam a compreender algumas das discussões que estavam ocorrendo nesse contexto. Para tanto, selecionamos, desse historiador, alguns artigos de diferentes períodos da revista, como *Les faits de répétition et les faits de succession* (1900), onde apresentou seus conceitos de fatos de repetição e fatos de sucessão, também *La classification des sciences et l'Histoire* (1901), onde propôs uma nova classificação das ciências, ou ainda, *La causalité dans la série historique* (1913), onde discorreu sobre o conceito de *causalidade* na História. Esse autor, além disso, entrou em um forte debate com o historiador francês, Paul Lacombe (1834 – 1919). Suas ideias também foram criticadas pelo próprio criador da RSH, tanto em seu livro de 1911 quanto em notas publicadas no periódico.

Porém, não só esse pesquisador se envolveu em discussões nas páginas da RSH. No capítulo 4, apresentamos os debates envolvendo outros autores que ocorreram no periódico de Henri Berr. O primeiro foi a publicação de um texto pelo filósofo alemão, Heinrich Rickert (1863 – 1936), e a resposta a essa publicação pelo historiador francês, Paul Lacombe. Tal peleja intelectual se deu por conta da diferença de abordagem, nas análises históricas, envolvendo as questões de *particular* e *universal*. Depois desse, há um debate metodológico envolvendo François Simiand (1878 – 1935), Charles Seignobos (1854 – 1942) e Paul Mantoux (1877 – 1956). Além de discutirem sobre o conceito de *causa* em História, também discorreram sobre a relação entre História e Sociologia. Em sequência, mostramos uma disputa entre dois pesquisadores alemães, Karl Lamprecht (1856 – 1915) e Ernst Bernheim (1850 – 1942), em relação ao pensamento positivista de Auguste Comte (1798 – 1857) na historiografia alemã. Por fim, apresentamos uma pequena contribuição do filósofo francês, Paul Masson-Oursel (1882 – 1956), que defendia

um afastamento da História como ciência e uma aproximação da Filosofia da História, o qual foi seguido por um comentário crítico de Henri Berr.

Ao final, em “Anexo”, há uma tabela construída com informações acerca dos autores que publicaram na RSH nesse período, nela consta alguns dados como: Nome (Datas de nascimento e morte/ Nacionalidade); Educação secundária e superior; Cargos e títulos acadêmicos; Quantidade de publicações na RSH (1900 – 1914); Número de artigos; Número de resenhas; Outras informações (como posicionamento político e religioso, quando encontrado esse dado). Por fim, ressaltamos que as traduções dos trechos originais do francês e do inglês para o português são de responsabilidade do autor, salvo indicação contrária.

1 AS REVISTAS CIENTÍFICAS NA FRANÇA E O PERFIL DA *REVUE DE SYNTHÈSE HISTORIQUE* (1900 – 1914)

No presente capítulo, apresentamos uma visão panorâmica sobre o sistema de ensino e pesquisa francês, como ele foi sofrendo alterações no final do século XIX e no início do século XX e como isso afetou diferentes disciplinas. A partir disso, focamos no processo de profissionalização e de incentivo para a realização de pesquisas com abordagens teórico-metodológicas definidas em três disciplinas específicas, a saber, a Filosofia, a Sociologia e a História. Também procuramos apresentar algumas revistas científicas importantes para estas disciplinas, como a *Revue de métaphysique et de morale*, em Filosofia, *l'Année sociologique*, em Sociologia, e a *Revue historique*, em História. Estas tiveram como característica em comum um processo de readequação e de busca por um fortalecimento de posição nesse contexto histórico de expansão universitária. Tal procedimento é importante para compreender como esses agentes, qual sejam, historiadores, filósofos e sociólogos, atuaram na defesa ou na crítica de proposições, entre outras, como a da história-ciência. A *Revue de synthèse historique*, inserida nesse momento de defesa da cientificidade da História, abrigou dos mais diversos pesquisadores, artigos, comentários e resenhas que demonstravam os seus pontos de vista. Acerca da RSH, ademais, apresentamos um levantamento quantitativo, buscando identificar características demarcadoras desse periódico. Assim, mostramos as formações mais comuns entre os pesquisadores que ali publicaram, seus países de origem, seus períodos de nascimento, entre outras informações. Além disso, realizamos um levantamento quantitativo interno à revista, constatando os temas mais abordados, quantidade de cada tipo de resenha, a espacialidade dos textos, entre outros. Por conta de uma presença dos sociólogos durkheimianos no periódico e da importância deles para Henri Berr, ainda apresentamos um levantamento quantitativo específico para estes pesquisadores.

1.1 O SISTEMA DE ENSINO DE PESQUISA E ENSINO FRANCÊS NA TERCEIRA REPÚBLICA

Desde a Revolução Francesa, passando pelo estabelecimento da Terceira República², a educação na França foi objeto de discussões e reformas. Com Napoleão I, iniciou-se um processo de organização do sistema de ensino, com o incentivo à Faculdades de Direito e Medicina, instituições estritamente profissionais que, até então, não realizavam pesquisa. Assim ocorreu também com as recém-criadas Faculdades de Letras e Ciências, as quais contavam com poucos estudantes matriculados e que organizavam o *baccalauréat*, exame aplicado aos estudantes ao final do ensino secundário (RINGER, 1992). Nesse mesmo período, as *grandes écoles*, instituições não universitárias de ensino superior, foram favorecidas e expandidas em paralelo ao sistema universitário. As duas mais conhecidas, a *École normale supérieure* (ENS) e a *École polytechnique* (EP), tinham como objetivo treinar funcionários para os diversos ramos governamentais. No caso específico da ENS, ela formava a elite dos futuros professores e administradores das escolas secundárias do Estado.

Sobre o *baccalauréat*, podemos ressaltar que foi instituído em 1808 como um exame padronizado de nível nacional de conclusão do ensino secundário. Ele era um pré-requisito para o concurso de *licence*, realizado durante os cursos nas Faculdades de Letras e Ciências. Esse exame era um importante passo para os estudantes no ano final do ensino secundário. Além disso, o *baccalauréat* também era um requisito para outros dois diplomas, a *agrégation* e o doutorado. A *licence*, era um diploma requerido para os professores do ensino secundário. A *agrégation*, por sua vez, era um concorrido concurso que dava acesso às posições mais altas do ensino secundário e, por vezes, até postos em Faculdades, para os mais bem colocados. Normalmente, os alunos tentavam os concursos de *agrégation*, após estudos na ENS. Por fim, o doutorado era requerido para os professores de Faculdades e era realizado em duas versões, uma em latim e outra em francês.

Estabelecido em 1802, o liceu foi colocado como chave do sistema educacional de Napoleão I. Seu currículo era essencialmente clássico, ou seja, focava no ensino do Grego, do Latim e do Francês além de um treinamento em matemática, permanecendo assim até 1852 (RINGER, 1992). Nesse ano, ocorreu uma primeira mudança nos anos finais do secundário, o qual passou a ser dividido

² O período 1870 e 1940 ficou conhecido como Terceira República Francesa. Teve início com a queda de Napoleão III e terminou com o estabelecimento do regime de Vichy, quando a França foi ocupada pelas tropas nazistas.

em duas opções, um ramo sendo literário, que focava mais no Grego e Latim, e outro ramo científico, que focava na matemática. Por volta da década de 1860, surgiu um movimento, composto por parte de administradores educacionais e membros das faculdades francesas, em defesa de uma modernização do sistema universitário, inspirando-se no modelo alemão que tinha como foco a pesquisa, além do ensino. Um dos sucessos do movimento reformista foi a criação, em 1868, da *École Pratique des Hautes Études* (EPHE), com foco no treinamento em pesquisa a partir de seminários (RINGER, 1992).

Com o advento da Terceira República Francesa, em 1870, o sistema de ensino volta a estar no centro dos debates, que chegou ao seu auge em 1902, quando ocorreram grandes mudanças no currículo do ensino secundário. Houve diversas discussões sobre o papel e o lugar de diversas disciplinas, como História e Geografia, Filosofia, Ciências Naturais e Línguas Modernas, no currículo das escolas. Os debates sobre o ensino secundário especial e, conseqüentemente, sobre seu currículo e o currículo geral do secundário levaram a defesas e críticas dos professores sobre quais disciplinas deveriam, ou não, estar presentes, principalmente sobre as matérias de Inglês, História e Geografia e as ciências naturais. Na reforma de 1880, o número de horas das matérias consideradas modernas aumentou, até serem novamente diminuídas devido às reclamações dos classicistas, isto é, dos professores que sustentavam um maior foco em Latim e Grego. Estes argumentavam que os textos antigos promoviam um bom treinamento intelectual, além de haver uma espécie de valor no “classicismo”³.

O contínuo debate sobre o ensino secundário levou à criação de uma comissão parlamentar, criada em 1899 e comandada por Alexandre Ribot. Conhecida como Comissão Ribot, ela teve como mote a análise do currículo do ensino secundário através de audiências de diversos professores, universitários e secundários, e da análise dos currículos. Com o foco na oposição entre o currículo moderno e o clássico, duas frentes se formaram. De um lado, agrupada pela aliança de católicos, escolas secundárias privadas e professores das Faculdades de Medicina e Direito, defendiam a manutenção do clássico. De outro, políticos de centro-esquerda da Câmara de Deputados, administradores educacionais

³ Para melhor compreender a ideia de um treinamento intelectual baseado na leitura de textos clássicos. Cf. (RINGER, 1992).

republicanos e um número substancial de professores das Faculdades de Letras e Ciências, apoiavam um melhoramento do currículo moderno. Fritz Ringer (1992), apontou algumas visões e defesas de ambos os lados. O filósofo Émile Boutroux (1845 – 1921) via a literatura grega e romana como uma forma de equilíbrio do espírito humano; o também filósofo Henri Bergson (1859 – 1941) acreditava que havia uma tradição grega e latina na civilização francesa e, por isso, estas línguas deviam ter uma ênfase. Por sua vez, o historiador Charles Seignobos (1854 – 1952), defendia o programa baseado em História e Geografia, línguas modernas, literatura francesa e ciências modernas. Ele sustentou um tratamento mais histórico para as leituras gregas e latinas realizadas no secundário, diferentemente daquelas realizadas pelos professores classicistas.

Por fim, em maio de 1902, com o fim da Comissão Ribot, uma nova reforma no currículo do ensino secundário foi realizada. Esse passou a ser dividido em dois ciclos sucessivos com duração de quatro e três anos, respectivamente. No primeiro ciclo era possível escolher entre um currículo clássico e outro moderno. Já no segundo ciclo, a escolha contava com as opções: Latim-Grego, Latim-Línguas Modernas, Latim-Ciências e Ciências-Línguas Modernas. Ao final, todos eram creditados igualmente, sendo o *baccalauréat* dividido em dois estágios distintos com várias versões, mas de forma equivalente (RINGER, 1992). Os diversos debates e discussões que culminaram nesse currículo do ensino secundário impactaram os diversos níveis do sistema de ensino e pesquisa, já que a adição ou exclusão de disciplinas no secundário influenciava diretamente na oferta de cursos de nível superior por conta da formação de novos professores (FABIANI, 1988). Os historiadores, os filósofos e os sociólogos utilizaram desse momento para fortalecer suas posições. A disciplina de Filosofia teve seu currículo aumentado nas escolas secundárias e os sociólogos conquistaram novos espaços institucionais e disciplinares.

Christophe Charle (1983) empreendeu uma análise sobre o campo universitário parisiense no final do século XIX, principalmente por volta de 1901, após as reformas. Ao examinar as Faculdades de Letras, notou algumas recorrências na forma de recrutamento e características do corpo professoral. Enquanto a burguesia e a classe popular correspondiam por 77,5% da população francesa, somente 20,8% dos universitários parisienses pertenciam a esse estrato social, havendo uma sub-representação. Do outro lado, havia uma super-

representação dos que eram provenientes de famílias ligadas ao meio escolar ou do serviço estatal, como professores ou funcionários (CHARLE, 1983). No caso dos professores das Faculdades de Letras, Charle apontou uma grande presença de *normalianos*⁴, chegando a quase 50% no caso do *Collège de France*. Associando esses dois dados, é possível entender os capitais herdados por estes indivíduos, principalmente o capital cultural e o capital econômico transmitido pela família⁵. Para os professores das Faculdades de Letras, que eram provenientes de famílias com menor capital econômico, a profissão de docente universitário, principalmente das disciplinas literárias ou científicas puras, era um caminho mais seguro por representar uma continuidade entre estudos e carreiras, compensando um *handicap* econômico no investimento em um capital intelectual.

É nesse sentido que a capital parisiense se tornava atrativa para os estudantes franceses. Nas Faculdades de Letras, enquanto 28% dos professores eram parisienses, 63% do total haviam frequentado um liceu na capital, havendo números similares em outras instituições como no *Collège de France*⁶ (35,7% e 64,2%, respectivamente) e na *École des Langues Orientales* (37,5 e 56,2%, respectivamente) (CHARLE, 1983). Assim, as famílias próximas do funcionalismo público escolar utilizavam dos recursos de mobilidade profissional, ou seja, a possibilidade de mudar de local de trabalho, com um duplo propósito. Primeiro, uma consagração, já que os melhores liceus se encontravam na capital parisiense. E, também, para adentrar na rede de sociabilidade parisiense. Os que não dispunham dessas possibilidades, procuravam enviar seus filhos para, pelo menos, estudarem o último ano do ensino secundário em algum liceu na capital (CHARLE, 1983). Os estudos ali continham uma série de vantagens:

a frequência das aulas de grandes professores, a possibilidade de ocupar empregos remunerados na periferia da Universidade (preparador em laboratórios, repetidos para as disciplinas literárias, internato em medicina

⁴ Para entender a importância de ser um *normaliano*, conferir o capítulo 2, item 2.1.

⁵ Segundo Pierre Bourdieu, “o capital cultural pode existir sob três formas: no estado incorporado, ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo; no estado objetivado, sob a forma de bens culturais – quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas, que constituem indícios ou a realização de teorias ou de críticas dessas teorias, de problemáticas, etc.; e, enfim, no estado institucionalizado, forma de objetivação que é preciso colocar à parte porque, como se observa em relação ao certificado escolar, ela confere ao capital cultural – de que é, supostamente, a garantia – propriedades inteiramente originais”. (BOURDIEU, Pierre. 2001: 74).

⁶ O *Collège de France* é uma renomada instituição que não oferece diplomas para os cursos oferecidos. Os professores dão palestras abertas ao público, que duram geralmente cerca de três meses, e no restante do tempo realizam pesquisas próprias. Um histórico dessa instituição, assim como seu funcionamento, está presente em Benthien (2011) e Ringer (1992).

ou em farmácia), aproveitar da vasta clientela de lições particulares e, sobretudo, criar uma rede de camaradagem e de patrocínio (CHARLE, 1983: 83)⁷.

Com as mudanças geradas pela reforma educacional na França e a reorganização das instituições dentro do sistema de ensino e pesquisa, notaram-se novas configurações no papel dos professores. Os universitários deixaram de ser reprodutores de um saber estático e, aos poucos, se tornaram pesquisadores profissionais dedicados a especialidades. Esse mesmo ideal profissional aos poucos virou a base de atuação dos professores-pesquisadores, gerando um movimento de diferenciação entre eles a partir da exploração de novos domínios e propondo novas abordagens de análise.

1.2 PERSPECTIVAS DE AÇÃO A PARTIR DE TRÊS DISCIPLINAS: FILOSOFIA, SOCIOLOGIA E HISTÓRIA

Juntamente com as reformas universitárias francesas ocorreu um processo de profissionalização destas três disciplinas científicas, a Filosofia, a Sociologia e a História. Em etapas diferentes desse percurso é possível identificar pontos comuns entre elas. Uma maior valorização da função de professor-pesquisador, com a criação de novos cargos nas Faculdades de Letras (FABIANI, 1988), a especialização de temas de pesquisa e a criação de revistas científicas especializadas. A profissionalização das disciplinas estaria ligada à modernização e reforma do sistema de educação e pesquisa francês, principalmente após a Terceira República. Nele, encontramos movimentos similares, e algumas especificidades, que serão trabalhadas a seguir. Nesse contexto, notamos como as revistas também foram influenciadas por essa força modernizadora e profissionalizante que esteve presente na França da Terceira República.

1.2.1 As transformações das revistas científicas francesas

⁷ No original: “la fréquentation des grands maîtres, la possibilité d'occuper des emplois rémunérés à la périphérie de l'Université (préparateur dans les laboratoires, répétiteur pour les disciplines littéraires, internat en médecine ou en pharmacie), de profiter de la vaste clientèle des leçons particulières, et surtout de se créer un réseau de camaraderie et de patronage”. (Tradução nossa).

O fenômeno das revistas ganhou força no século XIX na França. Em 1805, a *Décade philosophique* mudou seu nome para *Revue philosophique*, tornando-se assim um dos primeiros periódicos franceses a utilizar a denominação de revista (*revue*), influenciada por exemplos ingleses como *The monthly review* (fundada em 1749) ou *The Edimburgh Review* (fundada em 1802) (BOILLOT, 2006). Contudo, nesse início, havia um predomínio de revistas de cultura geral, com um foco maior em temas literários e políticos, como o exemplo da *Revue des Deux Mondes*, fundada em 1829 e que é publicada ainda hoje, que teve um conteúdo diversificado, passando inclusive pela historiografia (ROCHA, 2018).

O processo de modernização do sistema educacional francês, principalmente no final do século XIX, também foi sentido nas revistas. Essas, assim como as disciplinas, passaram por um processo de especialização em que o foco se voltou a uma preocupação maior com a cientificidade, como na substituição de títulos generalistas por títulos especializados. Ao reduzirem seu escopo de atuação para temas mais bem definidos e ao serem organizados por círculos de especialistas, esses periódicos científicos fizeram parte de um movimento de profissionalização na atuação de diferentes pesquisadores em variadas disciplinas. Constituindo-se como espaços de sociabilidades e redes de influência, tornaram-se um instrumento de legitimação e de consagração no meio acadêmico (ROCHA, 2018). Nesse sentido, uma característica comum dessas revistas foi possuir um programa definido já no seu título, ou, ainda, apresentado pelos editores em seus números de abertura, que davam o tom dos objetivos enquanto instrumentos de propagação da ciência (BOILLOT, 2006). Com isso, vale ressaltar que o sucesso destas revistas era mais pautado pelo reconhecimento de seus pares intelectuais do que comercialmente.

Assim como no processo de modernização das universidades, as revistas também foram influenciadas por seus pares germânicos. Revistas como a *Historische Zeitschrift*, fundada em 1859 por Heinrich von Sybel, serviram de exemplo para as francesas não só na preocupação científica, mas também em seus aspectos mais formais, como as divisões internas do periódico.

Nesse momento, as revistas científicas francesas possuíam um aspecto comum, dividindo-se geralmente em três seções em que se publicavam artigos originais, comentários críticos a respeito de obras publicadas, como as resenhas críticas, e uma parte para comentários em gerais, noticiando-se eventos e congressos, apresentando-se cartas, entre outros (ROCHA, 2018). Um exemplo

dessa divisão formal do periódico pode ser encontrado na própria *Revue de synthèse historique*, como se verá adiante. Além disso, não só os periódicos científicos foram influenciados pelas mudanças ocorridas no sistema de ensino e pesquisa francês na Terceira República, como também auxiliaram no processo de profissionalização das disciplinas através da divulgação de novas correntes científicas, de pesquisas originais, como um espaço de sociabilidade de intelectuais e, ademais, como lugares de constituição do discurso científico.

1.2.2 O caso da Filosofia

As transformações ocorridas no sistema de ensino e pesquisa francês ao longo do século, mas de forma mais intensa no decorrer da Terceira República, impactaram diversas disciplinas, entre elas a Filosofia. Essas reformas, segundo Jean-Louis Fabiani (1988), em um primeiro momento, tiveram um efeito de crescimento da oferta de ensino, através de um aumento dos postos de trabalho tanto no ensino secundário como no superior, e um aumento da qualificação profissional dos professores, ocorrido por um processo de profissionalização do professor-filósofo. Esse caminho foi perceptível em dois sentidos: nas transformações ocorridas no ensino secundário e nas mudanças do ensino superior. O currículo filosófico do secundário francês foi fortemente influenciado pelo filósofo espiritualista Victor Cousin (1792 – 1867), desde o Segundo Império até a Terceira República. Nesse sistema de ensino, a Filosofia ocupava um lugar de destaque, sendo a única disciplina que não era dividida entre diferentes anos, se condensando inteiramente no fim do ciclo do secundário. Além disso, tinha um lugar privilegiado também no exame do *baccalauréat*, passando a ser associada diretamente com essa prova. Por conta dessas características, há, nesse período da história francesa, uma metáfora de que essa disciplina seria o coroamento do ensino secundário, tendo um peso diferente das demais (FABIANI, 1988).

Em outras palavras, a Filosofia passou a ser colocada como definidora e legitimadora de uma ordem pedagógica, além de definir os fins da instrução. A educação passou a ser território do filósofo, não só no sentido pedagógico e teórico, mas também na parte administrativa do ensino, tendo os filósofos ocupado cargos nos mais diferentes níveis do Ministério de Instrução Pública, responsável pela educação, como: Ferdinand Buisson (1841- 1932), diretor do ensino primário entre

1879 e 1896; Élie Rabier (1846 – 1932), diretor do ensino secundário entre 1889 e 1907; e, Louis Liard (1846 – 1917), diretor do ensino superior entre 1884 e 1902. Essa figura característica da Terceira República do filósofo-administrador ocupou diversos postos de destaque no que tange à educação (FABIANI, 1988).

O secundário contou com certa estabilidade no sistema de ensino e pesquisa francês frente ao desenvolvimento tardio das universidades, com as reformas ocorridas principalmente na Terceira República. Um posto no ensino superior na província não era mais procurado do que um no ensino secundário em Paris, já que a clivagem Paris/província era mais acentuada. O coroamento da carreira do professor se encontrava em Paris. Por isso, diversos professores do secundário nessa cidade contavam com os mesmos títulos que seus colegas nas universidades, a saber, a *agrégation* e o doutorado (FABIANI, 1988).

Além da universidade, as revistas científicas também ganharam um papel de destaque na divulgação do discurso filosófico, controladas e frequentadas pelos próprios professores e sociedades profissionais. Um primeiro ponto de mudança foi a aparição da *Revue philosophique*, em 1876, de Théodule Ribot (1839 – 1916), um dos pioneiros na área da psicologia. Apesar de defender uma ruptura com o espiritualismo defendido por Cousin, sua revista era aberta a diversas abordagens filosóficas. As restrições ligavam-se apenas à definição da profissão, já que somente filósofos publicavam em seu periódico, munidos de temas que continham alguma novidade. As resenhas também contavam com um bom espaço, ocupando cerca de um terço. Além desta, outras também surgiram no final do século XIX, como a *l'Année psychologique* e a *Revue de métaphysique et de morale*. Essa última, fruto de um grupo de jovens filósofos parisienses, Élie Halévy (1870 – 1937), Xavier Léon (1868 – 1935), Léon Brunschvicg (1869 – 1944), denotava a organização e a mobilização de um forte capital escolar, adquirido ao frequentarem liceus parisienses, no caso o Condorcet, e também de um capital social por conta de seus contatos na sociedade parisiense (FABIANI, 1988).

Junto disso, outro fenômeno de publicação científica foram as coleções filosóficas. Félix Alcan (1841 – 1925), dotado de diferentes capitais, como econômico e social (proveniente de uma rica família judaica do ramo das livrarias e editoras) e intelectual (filósofo normaliano e *agrégé*), criou uma coleção intitulada *Bibliothèque de philosophie contemporaine*, com o intuito de divulgar as pesquisas científicas da época. Outro empreendimento similar foi a criação da *Bibliothèque de*

philosophie scientifique, na editora *Flammarion*. Essa profusão de revistas e coleções editoriais denotou a especialização das pesquisas científicas e o nascimento do autor filosófico universitário (FABIANI, 1988).

A tese de doutorado, nesse momento, adquiriu contornos de definição de um projeto filosófico, sendo, por diversas vezes, a primeira e única obra de referência na carreira destes intelectuais. Os trabalhos decorrentes eram tidos como prolongamento do tema trabalho na tese. Com a profissionalização da Filosofia, a criação das revistas científicas especializadas e o fortalecimento das universidades, começou a se delinear uma maior autonomização de um campo filosófico, em que os filósofos produziam discursos mais especializados, passando por um maior controle teórico e disciplinar (FABIANI, 1988). Assim, notamos como as revistas científicas tiveram um papel importante, como um local privilegiado para os debates teórico-metodológicos dessa disciplina.

1.2.3 *L'Année sociologique* e a sociologia durkheimiana

A especificidade de se tratar da sociologia durkheimiana, ou seja, da proposta do sociólogo Émile Durkheim, relaciona-se com a proximidade entre estes sociólogos com a RSH de Henri Berr. Formalmente convidados pelo próprio Henri Berr para participarem de algumas seções da revista, os durkheimianos tiveram uma presença frequente ao longo do período pesquisado. Além disso, apesar das diferentes correntes sociológicas que marcaram presença dentro da RSH, a opção em focar especificamente nos durkheimianos também se justifica pela coesão de suas proposições teórico-metodológicas e pela maneira que realizavam suas pesquisas.

Em 1900, Henri Hubert (1872 – 1927) enviou uma missiva a Marcel Mauss (1872 – 1950), na qual relatou o convite de Berr⁸. Henri Hubert escreve:

eu vi hoje Henri Berr, professor no Liceu Henri IV, amigo de Sylvain Lévi. Ele fundou na [editora] Cerf uma Revista de Síntese Histórica. [...]. Ele veio pedir minha colaboração para a história das religiões. Eu não lhe disse não. [...]. Ele tem simpatia pela gente [...]. Por outro lado, me parece útil que nós estejamos lá, útil para a *Année* [sociologique], útil para nosso grupo. Nós não temos tantos meios de difundir nossas ideias. [...]. Creio que uma tal

⁸ As cartas enviadas de Henri Hubert e a resposta de Marcel Mauss foram repassadas pelo Prof. Rafael Benthien. Elas já estavam transcritas por ele, assim, ressalto que não tive acesso aos originais.

revista possa ser uma concorrência para a *Année* se nós não estivermos lá, e um excelente apoio se estivermos⁹. (HUBERT, Henri. [carta] c. 1900 [para] MAUSS, Marcel).

Marcel Mauss, contudo, em resposta à carta de Henri Hubert, não parece ter o mesmo entusiasmo por esse novo empreendimento. Ele escreve que

no que concerne H. Berr, se eu tenho um conselho a te dar, de forma clara, é o de não funcionar. Em primeiro lugar, suas ideias não são mais do que vagas. A síntese histórica não quer dizer nada. Em segundo lugar, teu raciocínio me parece errado quando você diz: 'Se estivermos [na RSH], não é uma concorrência à *Année*, se não, é uma'. É o contrário, para mim, o que se produziria, 'se nós entramos [na RSH], é uma concorrência à *Année*', porque o importante é precisamente que nós sejamos os únicos a fazer o que fazemos na *Année* e que sendo os únicos, que façamos somente na *Année*. [...]. Além disso, quanto a agir fora da *Année*, deixe-me te dizer o que nós temos à nossa disposição: a *Anthropologie*, a *Revue d'Histoire des Religion*, a *Revue Philosophique*, a *Revue Historique*, *Archéologique*, as *Notes Critiques*, e muitas revistas estrangeiras onde nós poderíamos publicar se tivéssemos tempo. É melhor penetrar nessas organizações já feitas, fortes, respeitáveis, quase sempre influentes já, onde nós podemos falar de forma certa com a certeza de sermos entendidos. É melhor não colaborar com essas revistas efêmeras, as quais não desejamos a morte, mas às quais nós nunca desejamos a vida. [...]. De qualquer maneira, Durkheim recusa, eu creio, a colaboração. Agora, em termos práticos, para não fechar a porta, eu creio que você pode dizer nem sim, nem não, prometer para datas longínquas e que não te comprometam¹⁰. (MAUSS, Marcel. [carta] c. 1900 [para] HUBERT, Henri).

Por fim, o próprio Émile Durkheim, em carta enviada à Henri Hubert, também recusou o convite feito por Henri Berr. Durkheim escreveu que

⁹ No original: "J'ai vu aujourd'hui un nommé Henri Berr, professeur au Lycée Henri IV, ami de Sylvain Lévi. Il fond chez Cerf une Revue de Synthèse historique. [...]. Il est venu me demander ma collaboration pour l'histoire des religion (en partie naturellement). Je ne lui ai pas dit non. [...]. Il est tout à fait en sympathie avec nous [...]. D'autre part il me semble utile que nous nous lofions là-dedans, utile pour l'Année, utile pour notre groupe. Nous n'avons pas tant de moyens de répandre nos idées. [...]. Je crois qu'une pareille revue peut être une concurrence pour l'Année si nous n'en sommes pas et un excellent appui si nous en sommes". (Tradução nossa).

¹⁰ No original: "En ce qui concerne H. Berr, si j'ai un conseil à te donner, bien net, c'est de ne pas marcher. En premier lieu, ses idées ont l'air d'être plus que vagues. La synthèse historique ne veut rien dire. En seconde lieu, ton raisonnement me semble mauvais quand tu dis : 'Si on y est, ce n'est pas une concurrence à l'Année, si on n'y est pas c'en est une'. C'est le contraire, quant à moi, qui se produirait, 'si l'on y entre, c'est une concurrence à l'Année', parce que l'important est précisément que nous soyons les seuls à faire ce que nous faisons à l'Année et qu'étant les seuls nous ne le fassions qu'à l'Année. [...]. Au surplus pour ce qui est d'agir en dehors de l'Année, laisse-moi te dire que nous avons à notre disposition, à nous deux : l'Anthropologie, la Revue d'Histoire des Religion, la Revue Philosophique, la Revue Historique, Archéologique, les Notes Critiques, et des tas de revues étrangères où nous pourrions publier si nous avons le temps. Il vaut mieux pénétrer dans des organisations toutes faites, fort respectables presque toujours influentes déjà, où nous pouvons parler à coup sûr avec la certitude d'être entendus. Il vaut mieux ne pas collaborer à ces Revues éphémères dont nous ne souhaitons pas la mort mais dont nous n'avons jamais souhaité la vie. [...]. Durkheim refuse d'ailleurs, je crois, sa collaboration. Maintenant, pratiquement, pour ne pas fermer de porte, je crois que tu peux ne dire ni oui ni non, promettre pour des dates éloignées et qui ne t'engagent pas". (Tradução nossa).

eu recebi uma carta de Berr; mas eu me recuso a colaborar, mesmo nominalmente. Primeiro, eu não tenho tempo e achei a ideia bem confusa e eu lhe direi. [...]. Toda síntese histórica é sociológica, enquanto Berr deve declarar que a sociologia é uma parte de seu domínio, retomando assim a ideia de uma sociologia formal que eu combato¹¹. (DURKHEIM, Émile. [carta] s/d [para] HUBERT, Henri).

Contudo, apesar destas recusas, em outra carta, dessa vez datada de 21 de julho de 1900, Émile Durkheim escreveu para Célestin Bouglé (1870 – 1940) “a insistência de Berr foi tanta ao ponto de eu decidir que devemos nos juntar a ele; está entendido que seremos nós os colaboradores regulares da Revista [de síntese histórica], no que concerne a sociologia”¹² (DURKHEIM, Émile, [carta] 21 de julho de 1900 [para] BOUGLÉ, Célestin). Acerca desta mudança de posição por parte de Durkheim, Henri Berr afirmou em seu editorial no lançamento da primeira edição da *Revue de synthèse historique*, em 1900, que “haverá nessa Revista, então, uma parte de sociologia positiva; e essa parte deverá vir, pois eles quiseram se encarregar, dos colaboradores da *Année Sociologique*”¹³ (BERR, 1900: 4). Justamente por conta dessa proximidade da RSH com os sociólogos durkheimianos que tratamos especificamente deles, nesta seção.

É possível dizer que houve uma “moda” sociológica entre o final do século XIX e o início do século XX. Em uma pesquisa bibliométrica, na qual se mediu a quantidade de publicações em que os termos “sociologia” e “ciências sociais” apareciam no título, Sébastien Mosbah-Natanson (2011) notou um aumento desta temática entre os anos 1876 e 1915. Uma grande parte destes textos se encontrava em periódicos como *l'Année sociologique*, editado pelo grupo durkheimiano, e a *Revue internationale de sociologie*, organizado por René Worms. Ademais destes, diversos outros autores também publicaram artigos e livros. Isso decorreu de dois fatores: o primeiro é o de que o rótulo “sociologia” era utilizado visando uma institucionalização da disciplina, além de um reconhecimento intelectual, caso da

¹¹ No original: “J’ai reçu une lettre de Berr ; mais je refuse de collaborer, même nominalement. Je n’ai pas le temps d’abord et puis je trouve l’idée bien confuse et je le lui dirai. [...]. Toute synthèse historique est sociologique, alors que Berr doit déclarer que la sociologie est une partie de son domaine, reprenant ainsi l’idée d’une sociologie formelle que je combats.”. (Tradução nossa).

¹² No original: “ Les instances de Berr ont été tellement pressantes que je me suis décidé à nous joindre à lui; il est entendu que c’est nous qui serons les collaborateurs réguliers de la Revue, pour ce qui regarde la sociologie.”. (Tradução nossa).

¹³ No original: “Il y aura donc dans cette Revue une part de sociologie positive; et cette part devrait revenir, puisqu’ils ont bien voulu s’en charger, à des collaborateurs de l’Année Sociologique”. (Tradução nossa).

equipe durkheimiana. Um outro fator, contudo, foi o uso plural deste termo, sendo utilizado a partir de lógicas políticas, literárias e culturais, caso de escritores que faziam referência ao termo “sociologia” ou “ciências sociais” de forma a se inserirem dentro desse contexto de debate, porém sem pretensões de adentrarem em discussões científicas. Mas, para propagar ideias sociais e políticas, como formas de organizações da sociedade (MOSBAH-NATANSON, 2011).

Nesse sentido, notamos como a discussão sociológica estava em voga nesse contexto, sendo que um dos grupos mais coesos e que foi mais bem-sucedido nas propostas de institucionalização da Sociologia no sistema de ensino e pesquisa francês ao longo da Terceira República, foi o grupo durkheimiano. Assim, é importante que se entendam as origens do que também ficou conhecido como Escola Sociológica Francesa. Pois, “como toda inovação epistemológica grande, a sociologia durkheimiana deve sua fortuna pública, bem ou mal, à conjunção singular de quadros sociais de recepção mais ou menos favoráveis e de um esforço mais ou menos consciente de autopromoção”¹⁴ (KARADY, 1979: 49).

Émile Durkheim, em meados de 1895, enviou uma carta a Célestin Bouglé relatando as dificuldades nas negociações com a editora Alcan para a criação de uma nova revista. Este ficou responsável por continuar com as conversas com a editora acerca do novo empreendimento. O papel de Bouglé iniciou quando ele era o diretor da rubrica *l'Année sociologique* (doravante, AS) dentro da *Revue de métaphysique et de morale*. Essa seção sociológica, após a passagem de Bouglé e de Paul Lapie (1869 – 1927), ficou nas mãos de François Simiand (1873 – 1935), até 1898 (BESNARD, 1979).

Em fins de 1896 e início de 1897, quando a empreitada recebeu o aval da editora Alcan, iniciou-se então o processo de recrutamento de novos colaboradores, a repartição de tarefas e a elaboração do modelo que a revista iria adotar. Dos que participaram do primeiro volume da AS, contou-se um total de 12 nomes que estariam mais envolvidos com o projeto. Estes eram *agrégés* e 6 ainda eram normalianos, havendo estudado na *École normale supérieure*. Destes, 8 eram *agrégés* de filosofia, Émile Durkheim, Gaston Richard (1860 – 1945), Paul Lapie, Célestin Bouglé, Dominique Parodi (1870 – 1955), Marcel Mauss, François Simiand

¹⁴ No original: “Comme toute innovation épistémologique majeure, la sociologie durkheimienne doit sa fortune publique bonne ou mauvaise à la conjonction singulière de cadres sociaux de réception plus ou moins favorables et d'un effort plus ou moins conscient d'auto-promotion.”. (Tradução nossa).

e Paul Fauconnet (1874 – 1938); 2 eram *agrégés* de história e geografia, Henri Hubert e Albert Milhaud (1871 – 1955); 1 de gramática, Henri Muffang (1864 - ?); e 1 em direito, Emmanuel Lévy. Houve um segundo momento da revista, caracterizado pelos últimos volumes da AS, entre o 7 e o 13 (1904 – 1913), quando a revista entrou em um hiato por conta de problemas financeiros e da 1ª Guerra Mundial. A característica dominante de recrutamento, contudo, permaneceu sendo o de jovens *agrégés* e/ou normalianos. Dentre estes, encontramos nomes como de Maurice Halbwachs (1877 – 1945), Robert Hertz (1881 – 1915), Georges Davy (1883 – 1976), *agrégés* de filosofia, Albert Demangeon (1872 – 1940), *agrégé* de história e geografia, Louis Gernet (1882 – 1962), *agrégé* de gramática, entre outros.

A unidade do grupo durkheimiana era relativa, havendo estratificações entre os membros. Por conta da própria forma com que o recrutamento ocorreu, formou-se o que Philippe Besnard (1979) identificou como subgrupos. Um primeiro era formado por Henri Hubert, Marcel Mauss e Émile Durkheim, espécie de subgrupo principal, por conta do peso de suas publicações, já que o trio contava com metade dos artigos publicados e 44% das resenhas com mais de 25 linhas publicadas na AS. Um segundo subgrupo era encabeçado por François Simiand, Maurice Halbwachs e os irmãos Bourgin, Henri e Georges. Por fim, um terceiro subgrupo orbitava ao redor de Célestin Bouglé, Paul Lapie e Dominique Parodi. Essas estratificações internas, conquanto, não geraram nenhuma ruptura entre os durkheimianos, havendo também uma espécie de “estado-maior”, responsável por gerenciar as crises que apareciam (BESNARD, 1979).

A principal forma com que a equipe durkheimiana buscou se legitimar cientificamente foi através de *l'Année sociologique*. A dupla função ocupada pelo periódico foi a de demonstrar, no campo científico francês, que a Sociologia científica existia, sendo a sociologia durkheimiana. Mais especificamente, eles apresentaram suas propostas teórico-metodológicas de maneira que as outras disciplinas clássicas, como a História e a Geografia, pudessem utilizá-las e entender que essa era uma inovação legítima no campo intelectual (KARADY, 1979). Além disso, os sociólogos, por conta dessa dupla especialidade, formação em uma disciplina e reconversão, posteriormente, para a Sociologia, também circularam em revistas de outras áreas, como a *Revue de métaphysique et morale* e a própria *Revue de synthèse historique*. Nesse mesmo sentido, a disciplina de História

também estava passando por mudanças, como a proposição de novos objetos de estudo e os debates teórico-metodológicos.

1.2.4 OS DURKHEIMIANOS NA RSH

Vemos, então, que apesar de uma recusa inicial em participarem do projeto da RSH, os sociólogos durkheimianos acabaram frequentando esse periódico. Tal relação se deveu por conta do interesse que Berr tinha nesses sociólogos, explicitando tanto de forma elogiosa, pelo método sociológico, quanto com críticas sobre alguns aspectos teóricos da obra desses pesquisadores. Encontramos duas formas de relacionamentos entre estes pesquisadores. Uma primeira, de aspecto familiar¹⁵. Henri Berr se casou com Cécile Halphen, pertencente a uma rica família de homens de negócios e engenheiros. O cunhado de Berr, Jacques Halphen, engenheiro ligado ao mundo intelectual, casou-se com a filha de Émile Durkheim, Marie Belle. Assim, Berr e Durkheim possuíam uma relação familiar, ainda que longínqua, com eventuais menções em cartas (GEMELLI, 1987; MERLLIÉ, 2017).

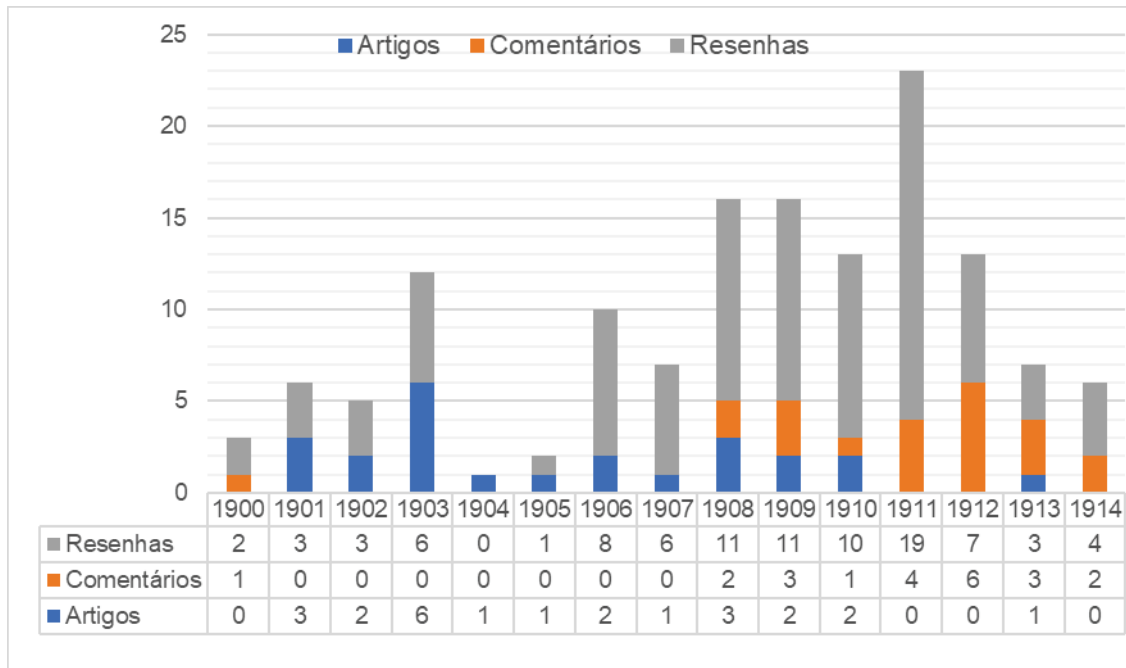
Porém, sabemos que os durkheimianos foram convidados a participar do projeto de Henri Berr. Em um primeiro momento, eles ficaram reticentes com o convite, cogitando mesmo a recusa. Émile Durkheim enviou uma missiva para Henri Hubert negando a colaboração e criticando a abordagem que Henri Berr fazia da sociologia. Contudo, em 1900, em outra carta, desta vez para Célestin Bouglé, comentou que aceitou o convite. Assim, notamos como Durkheim, e os durkheimianos, após um primeiro momento de recusa na participação do projeto de Henri Berr, aceitaram-na, ainda que desconfiados da síntese histórica e de seu criador. Contudo, até que ponto houve essa colaboração?

Em uma análise quantitativa é possível notar o quanto houve de envolvimento da equipe com a RSH, além de vermos quais membros contribuíram com o periódico. O historiador francês Christophe Prochasson (1996), em um artigo sobre a relação entre os sociólogos durkheimianos e a RSH, acertou ao apontar essa inconstância na participação dos sociólogos. Contudo, errou em diminuir e não contabilizar a total presença daqueles na revista de história. Ele contabilizou somente 4 resenhas – de Hubert, Durkheim e Bourgin – e somente dois artigos – de

¹⁵ Sobre a trajetória de Henri Berr, conferir o capítulo 2.

Durkheim e Simiand (PROCHASSON, 1996). Entretanto, em uma análise quantitativa dessa participação, podemos constatar outros dados, conforme o Gráfico 1.

Gráfico 1 - PUBLICAÇÕES DOS SOCIÓLOGOS DURKHEIMIANOS NA RSH (1900 – 1914)



Fonte: o autor (2019).

Entre 1900 e 1914, período analisado, os membros da Escola Sociológica Francesa que publicaram no periódico de Berr foram: Henri Beuchat, Célestin Bouglé, Hubert Bourgin, Georges Bourgin, Georges Davy, Paul Fauconnet, Henri Hubert, Paul Huvelin, Jean-Paul Lafitte, Isidore Lévy, Albert Milhaud, Dominique Parodi, Gaston Richard¹⁶, François Simiand e Émile Durkheim. Estes contribuíram com 140 textos, sendo: 24 artigos, 94 resenhas e 22 comentários. Contudo, a participação esteve longe de ser igualitária, já que a maior parte deles publicou poucos textos, como o próprio Durkheim, com somente dois. Um era um novo prefácio à segunda edição do livro *As Regras do Método Sociológico*, intitulado *De la méthode objective en sociologie* (DURKHEIM, 1901), e o outro foi uma resenha de uma página sobre o livro *Précis de sociologie*, de Georges Palante (DURKHEIM, 1902). O durkheimiano mais prolífico foi Georges Bourgin, com 5 artigos, 15

¹⁶ Gaston Richard rompeu com a Escola Sociológica Francesa em 1907. Assim, seus textos publicados na RSH após isso, não entraram na contagem. Cf. Pickering (1979).

comentários e 80 resenhas. Ele estudou na *École de Chartes*, onde formou-se arquivista, também foi membro da *École française de Rome* e trabalhou, durante grande parte de sua vida, no *Archives Nationales*, entre 1904 e 1944. Além disso, foi cofundador e diretor do *Institut français d'histoire sociale* (FRANÇOIS, 1959).

A maior parte das publicações destes pesquisadores estava relacionada à suas áreas de origem, ou seja, às disciplinas em que haviam feito suas formações universitárias e/ou realizado o concurso de *agrégation*. No próprio caso de Georges Bourgin, seus artigos versavam principalmente sobre o período do *Risorgimento* na Itália. Da mesma forma que suas resenhas eram, em sua maioria, sobre três grandes temas, a saber, a história de Roma, história econômica e política da Itália e, também, sobre a Comuna de Paris. Estes temas estão próximos de sua atuação política, já que participou de movimentos socialistas e cooperativistas junto de outros durkheimianos, como Marcel Mauss e seu irmão Hubert Bourgin (FOURNIER, 2006). Outro exemplo dessas publicações híbridas entre área de origem com a Sociologia é o de Paul Huvelin, doutor em Direito e professor de História do Direito Romano na Faculdade de Direito de Lille (1901 – 1924), o qual publicou artigos sobre a história do direito comercial (AUDREN, 2001).

Nesse sentido, é importante ressaltar que o grupo durkheimiano marcou presença ao longo dos anos na *Revue de synthèse historique*, ainda que de forma relativamente baixa em termos quantitativos, tendo anos, como o de 1904, com apenas uma contribuição. Contudo, houve também textos significativos ali publicados, como o artigo, em duas partes, de François Simiand (1903), intitulado *Méthode Historique et Science Sociale – Étude critique d'après les ouvrages récents de M. Lacombe et M. Seignobos*, o qual gerou debates que repercutiram em outros espaços, como na *Société Française de Philosophie*. Além deste, outros textos dos sociólogos durkheimianos foram comentados por Henri Berr em dois momentos: um primeiro com o artigo *Les progrès de la Sociologie religieuse*; e o segundo em seu livro *A Síntese em História* (BERR, 1906; BERR 1946 [1911]). Tais textos não ficaram sem respostas, o primeiro foi comentado por Marcel Mauss e Henri Hubert na Introdução do livro *Mélanges d'histoire des religions* e a obra de Berr foi resenhada por Émile Durkheim (1911) em *l'Année sociologique*.

A proposta teórico-metodológica de Henri Berr¹⁷ – a síntese histórica – tentou apresentar de que forma outras ciências poderiam auxiliar a História na sua realização de uma síntese científica (BERR, 1946 [1911]). Assim, ele procurou indicar quais aspectos teóricos da obra dos sociólogos durkheimianos eram passíveis de serem aproveitados e que poderia contribuir para a História, mas também apontou onde eles exageravam em seus textos, principalmente na questão da relação entre o indivíduo e a sociedade. Ao longo de seu livro, Berr discorreu acerca dos textos de diversos sociólogos durkheimianos, mas também com outros pesquisadores de outras áreas, como a Filosofia, a Psicologia, a Geografia, entre outras. Tal ideia, da síntese histórica, teve uma importância crucial em sua vida, influenciando também seus empreendimentos futuros. Ela foi apresentada de forma mais extensa, pela primeira vez, em 1911, com a publicação da obra *A Síntese em História* (1946 [1911]).

1.2.5 Por novos caminhos na História

No caso da História, a profissionalização do historiador também esteve próxima das Universidades e das conseqüentes reformas no sistema de ensino e pesquisa francês, além da criação de revistas científicas. Foi na Terceira República que esse movimento se aprofundou. Nesse contexto pré-profissionalização, as sociedades eruditas, subvencionadas pelo *Comité des travaux historique et scientifique*, funcionavam mais como locais de sociabilidade de nobres e burgueses eruditos do que de produtores de trabalhos científicos (NOIRIEL, 1990). A única instituição francesa que provia um treinamento em técnicas de trabalho histórico, a *École de Chartes*, formadora de arquivistas-paleógrafos, era povoada por aristocratas. Um jovem *chartista*¹⁸, Gaston du Fresne de Beaucourt (1833 – 1902), fundou em 1866 uma das primeiras revistas históricas de caráter científico, a *Revue des questions historiques* (doravante, RQH). Esta tinha como uma de suas preocupações o trabalho com as fontes históricas, e objetivou realizar uma grande revisão histórica. Porém, esse periódico foi acusado de defender um posicionamento

¹⁷ Conferir o capítulo 2, subitem 2.2.

¹⁸ Denominação para aqueles que estudaram na *École de chartes*.

partidário, ligado aos monarquistas, e religioso, próximo ao movimento católico (MUCCHIELLI, 1995).

Contudo, havia alguns historiadores que praticavam, nesse momento, uma História que se pretendia científica, a tal ponto que o século XIX na França ficou conhecido como o século da História. Entre estes, encontravam-se historiadores, ou autores que escreveram textos de caráter historiográfico, como Augustin Thierry (1795 – 1856), François Guizot (1787 – 1874), Jules Michelet (1798 – 1874) e, posteriormente, Fustel de Coulanges (1830 – 1889) e Hippolyte Taine (1828 – 1893). Apesar de terem defendidos proposições para as análises históricas, esses tinham como base comum a crença da História como uma ciência. Guizot recorreu a uma metáfora do historiador-médico, na qual seria preciso percorrer três tarefas em busca de uma cientificidade. Primeiro, a pesquisa dos fatos, que seriam o “corpo” da História e cuja descrição forma a “anatomia histórica”. Em segundo lugar, a organização dos fatos, do indivíduo e da sociedade, o que ele denominou de “fisiologia histórica”. Por fim, a terceira etapa, a “verdade poética”, que não é descrita com precisão. (HARTOG, 2003). Por sua vez, Taine definiu o que seria a palavra de ordem do momento, a *análise*. Essa estaria situada entre a síntese primitiva, entendida como a confusão, e a síntese verdadeira, a qual ainda estaria por ser feita devido à falta de conhecimento perfeito das partes. Nesse meio termo haveria a análise, isto é, uma visão parcial. Taine acreditava que era preciso renunciar aos resultados gerais para que as próximas gerações de historiadores pudessem efetuar as sínteses corretas (HARTOG, 2003). Esses historiadores se viam como “homens da análise”. Com a decorrente profissionalização do historiador, a modernização do sistema de ensino e pesquisa francês e a especialização das pesquisas, esse cenário de História como ciência se aprofunda, desenvolvendo-se novas técnicas e formas de pesquisa, além de se explorar novas áreas.

Com a criação de novos postos de trabalho e a inspiração em pesquisas científicas a partir do modelo alemão de universidade, iniciou-se um movimento de profissionalização dos historiadores no contexto da Terceira República. Uma primeira característica desse novo empreendimento foi o local de trabalho, pois a maior parte desses profissionais era funcionário do Estado republicano em Universidades (como *chargés de cours*, *maîtres de conférences*) ou, também, como bolsistas, o que reforçou o caráter de pesquisador. Além disso, uma geração de historiadores-pesquisadores formada pela *École normale supérieure*, a partir da

década de 1870, passou a ganhar força, em um movimento de rivalidade com os arquivistas-*chartistas* (NOIRIEL, 1990). A própria *agrégation* tornou-se uma forma de iniciação à pesquisa científica.

Outro ponto importante para a profissionalização do historiador foi o fortalecimento de um *método* próprio da História. De acordo com Gérard Noiriel, “para justificar a superioridade dos profissionais sobre os amadores, é preciso [...] provar a necessidade de uma técnica codificada em um corpo de regras, inacessível sem uma longa formação específica”¹⁹ (NOIRIEL, 1990: 65-66). É nesse contexto que, com a influência do modelo alemão de pesquisa e a influência positivista de um “método crítico”, os historiadores iniciaram uma maior relação com disciplinas consideradas auxiliares para a História, como a filologia e a paleografia.

Breve caminho da História na Alemanha²⁰

Por volta de 1800, ocorreu uma reformulação educacional nos Estados Alemães, como a emergência de um imperativo de pesquisas originais por parte dos professores universitários e a preparação dos alunos para seguir o mesmo caminho, assim como a exigência de qualificações profissionais para os professores do ensino secundário (RINGER, 2004). Esse movimento reformista alemão deu um lugar de destaque para as Faculdades de Artes e Ciências, inspirando-se no ideal da *Bildung*²¹. Este significava uma educação no sentido de cultivo e autodesenvolvimento pessoal através de uma relação interpretativa com os textos clássicos. Esse conceito ajudou a moldar uma tradição histórica alemã em dois elementos. Um primeiro, seria o princípio de empatia, o qual postulava que os historiadores se colocassem no lugar dos agentes históricos que procuravam entender. O outro, seria o princípio de individualidade, no qual o indivíduo era sempre descrito como único, imbuído de um potencial para a realização pessoal (RINGER, 2004).

Podemos encontrar exemplos das tradições historiográficas alemãs na *Historische Zeitschrift* (Revista Histórica, doravante HZ), um fenômeno da modernização das universidades alemãs e de uma maior preocupação com a cientificidade da História. Tal periódico, criado em 1859 por Heinrich von Sybel (1817 – 1895), aluno de Leopold von Ranke (1795 – 1886), dedicou-se à

¹⁹ No original: “Pour justifier la supériorité des professionnels sur les amateurs il faut [...] prouver la nécessité d'une technique codifiée dans un corps de règles, inaccessible sans une longue formation spécifique”. (Tradução nossa).

²⁰ Entendemos que a unificação alemã se finalizou em 1871, porém, para facilitar a compreensão no texto, utilizaremos a palavra Alemanha para nos referirmos aos diferentes Estados que a comporão.

²¹ Para compreender de forma mais abrangente como ocorreu a reforma no sistema educacional dos Estados alemães e de como o conceito de *Bildung* foi moldado e ajudou a moldar tal sistema, conferir outros trabalhos de Fritz Ringer. Cf. RINGER (2000).

divulgação da ciência histórica alemã (BENTIVOGLIO, 2011). Uma primeira tradição historiográfica se constituiu ao redor de Ranke na Universidade de Berlim. Tendo um foco maior no estudo da história moderna, privilegiando o enfoque político (BENTIVOGLIO, 2011). Além disso, também atribuiu-se a Ranke a criação de um rigoroso método de crítica de fontes, a partir da filologia, no qual ele recomendava uma retroatividade que se assemelhava ao princípio de empatia e, também, o princípio de individualidade, no qual acreditava que grandes estadistas e pensadores guiavam suas nações (RINGER, 2004).

Outro exemplo de escola histórica foi a prussiana, tendo como expoentes Johann Droysen (1808 – 1884), Lüdwig Häusser (1818 – 1867) e Max Duncker (1811 – 1886). Com pesquisas com um maior enfoque na história contemporânea, principalmente na história da Prússia, envolveram-se politicamente na defesa da unificação dos Estados alemães. As propostas de Droysen “baseavam-se num agudo contraste entre explicação e compreensão interpretativa (*Verstehen*), mas também à recuperação das ações e crenças antigas do homem com base nos ‘traços’ que nos deixaram” (RINGER, 2004: 23).

Ademais, as revistas científicas passaram a ter um importante papel de divulgação desse novo método historiográfico, através de artigos científicos, resenhas críticas de obras e publicações de estudos originais. Estes auxiliaram a definir a imagem do historiador profissional, a saber, aquele que possuía uma formação universitária, que utilizava métodos próprios da História, realizava uma análise crítica das fontes históricas e que era objetivo, focando em uma temática de trabalho. Assim, diferenciavam-se dos eruditos não-profissionais, os quais não tinham método científico de análise e publicavam grandes sínteses históricas (NOIRIEL, 1990). Com isso,

a institucionalização da história, a conquista de um objeto e de um método específico, [e] a elaboração de um sistema de valores coletivos contribuíram fortemente para criar, pela primeira vez entre os historiadores, um sentimento de pertencimento a uma mesma “comunidade” profissional. A virada do século é certamente o momento onde, entre eles, o consenso sobre as normas da profissão está em seu apogeu. Numerosos esforços visando consolidar a sociabilidade, formal ou informal, do grupo, são implantados nesse momento para acentuar mais sua integração e para ajudá-los a fazer frente a seus adversários (NOIRIEL, 1990: 76)²².

²² No original: “L'institutionnalisation de l'histoire, la conquête d'un objet et d'une méthode spécifiques, l'élaboration d'un système de valeurs collectives contribuent puissamment à créer pour la première fois parmi les historiens, un sentiment d'appartenance à une même « communauté » professionnelle. Le tournant du siècle est certainement le moment où le consensus sur les normes du métier est à son apogée parmi eux. De nombreux efforts visant à consolider la sociabilité, formelle ou informelle, du groupe sont déployés à ce moment-là, pour accentuer encore son intégration, l'aider à faire front contre ses adversaires”. (Tradução nossa).

Essa comunidade profissional possuía uma forte homogeneidade, tanto em sua trajetória de formação intelectual como os espaços de sociabilidades que frequentavam. O percurso *École normale supérieure, agrégation* em História e doutorado (geralmente defendido na *Sorbonne*) era acompanhado, posteriormente, de encontros em bancas de *agrégation* e de tese, sociedades eruditas, arquivos e revistas científicas. Nestas, participavam desde estudantes universitários, passando por professores de liceu, até professores universitários e pesquisadores (NOIRIEL, 1990).

Gabriel Monod (1845 – 1912), professor na *École pratique des Hautes Études*, e Gustave Fagniez (1842 – 1927), fundaram a *Revue historique* (RH), a qual, diferentemente da *Revue des questions historiques*, tinha a preocupação de se manter laica e sem uma definição partidária. Monod defendeu, desde o primeiro número da revista, ideias de progresso e ciência (MUCCHIELLI, 1995). Contudo, é importante aprofundarmos a análise sobre esse rótulo de positivista que lhe foi conferido, juntamente a outros historiadores de sua época, já que Monod nunca afirmou ser um. Em seu número de abertura da RH, apresentou um manifesto em que discursou sobre uma ética da prática historiadora, onde exortava o “bom método” e rejeitava a falta de rigor e de objetividade. Críticas direcionadas, sobretudo, ao grupo da RQH, próximos de uma movimentação católica e monarquista. Por esse motivo, Gabriel Monod defendia uma história positiva livre de paixões religiosas e políticas que afastavam a História de uma verdadeira ciência (CARBONELL, 1978). Os criadores da *Revue historique* contribuíram para que uma nova escola histórica tomasse corpo, uma que foi metódica, liberal, republicana, laica e aberta ao livre pensar, em contraposição ao que os estavam próximos da RQH representavam. Contudo, da mesma forma com que Monod e Fagniez acusavam a RQH de ter uma posição religiosa e partidária, Charles-Olivier Carbonell (1976) defendeu que a RH também teria tal posicionamento, não sendo neutra como gostariam seus criadores. Para Carbonell (1976), a RH estaria próxima de pesquisadores protestantes e republicanos.

Os criadores da RH, posteriormente, foram vistos como historiadores positivistas, principalmente pelos historiadores próximos da revista dos *Annales* (CARBONELL, 1978). Porém, tal pecha de positivista na historiografia precisa ser revisitada. Utilizada como uma maneira de colocar como datado o trabalho de certos historiadores, tal alcunha serviu para diferenciar os historiadores que supostamente

estariam fazendo uma nova História, como o da “Escola dos *Annales*”, dos que utilizariam métodos “ultrapassados”, como os historiadores metódicos da geração de Seignobos, Langlois e Monod. Estes, não estavam preocupados em escrever uma História positivista, mas sim positiva, defendendo essa disciplina como científica, contando com métodos e objetos próprios.

Afora Monod, os historiadores Charles-Victor Langlois (1863 – 1929) e Charles Seignobos (1854 – 1942), também eram vistos como positivistas. Langlois e Seignobos, difundiram uma nova prática historiográfica através de seu livro, *Introduction aux études historiques* (1898), o qual logo tornou-se uma leitura quase que obrigatória para os historiadores franceses. Eles incentivaram uma maior preocupação com questões práticas na produção de textos científicos, como instrumentos bibliográficos e inventários de arquivos (NOIRIEL, 1990). Nesta obra, também defenderam um método do historiador dividido em quatro etapas, quais sejam, juntar os documentos; tratá-los, através de uma série de operações críticas; separar os fatos por meio de uma operação denominada construção história; e, por fim, estabelecer uma relação entre os fatos. Esse conjunto de operações podem ser caracterizados como traços dominantes da historiografia francesa entre final do século XIX e início do XX. Entre outros, também é possível indicar a confecção de monografias que buscavam esgotar os documentos relativos a um tema e uma maior preocupação dos historiadores a se limitar aos domínios de uma história institucional, política, diplomática e militar. (CARBONELL, 1978). Essas são características do que Gérard Noiriel (1990) indicou como a profissionalização da disciplina histórica.

Para efeitos de comparação, como um contraponto do que seria uma historiografia positivista, Charles-Olivier Carbonell (1978) apresentou as proposições que um positivista discípulo de Comte fez para que, na sua visão, a História fosse científica. Em 1888, Louis Bourdeau publicou um livro intitulado *L'Histoire et les historiens, essai critique sur l'histoire considérée comme une science positive*. Apesar de ser lançada quase dez anos antes do manual de Seignobos e Langlois, Carbonell afirma que ela seria uma espécie de obra anti-Langlois e Seignobos. Nela, Bourdeau defendia que a História como ciência estava concebida dentro de uma perspectiva de evolução do mundo, na qual a mola para o progresso seria a utilização da razão humana. Portanto, o objetivo da História seria o de estabelecer leis, as quais ele dividiu em três grupos: as “leis de ordem”, que mostram a similitude

das coisas; as “leis de relação”, que explica como as mesmas causas acarretam nos mesmos efeitos; e a “lei suprema que regra o curso da história”. Uma vez definidas, o historiador poderia reconstituir o passado e prever o futuro (CARBONELL, 1978). Além disso, Carbonell (1978) também recorreu ao *Dictionnaire de la langue française*, organizado pelo comteano Émile Littré (1801-1881), para compreender com o sentido do conceito de *positivo* e *positivista* naquele contexto. *Positivo*, segundo o dicionário, seria aquele que se apoiaria sobre fatos contra as noções *a priori*, e *positivista*, aquele que se relacionaria com a filosofia positivista. Assim, os historiadores tidos como positivistas, nesse momento, mais se aproximavam da busca por uma ciência positiva do que da filosofia positivista defendida por Auguste Comte.

Nesse contexto de trocas entre diferentes disciplinas, além das preocupações metodológicas dos historiadores, novas questões começaram a despertar o interesse, como os aspectos sociais e econômicos. Juntamente a isso, o papel da sociedade, tratada principalmente pelos sociólogos, também abriu diversas frentes de pesquisas na História. Essa relação, entre estes dois grupos de pesquisadores, foi apresentada em diversos momentos. Durkheim procurou: “estimular os historiadores a verem os fatos históricos de uma perspectiva sociológica ou, o que dá no mesmo, os sociólogos a possuírem toda a técnica da história” (DURKHEIM, 2007 [1898]: 9)²³. Essa nova perspectiva gerou debates e embates em diversas plataformas, como o já citado livro de Seignobos, a obra *A Síntese em História* (1946 [1911]) de Henri Berr e o clássico artigo de François Simiand, *Méthode historique et Science Sociale* (1903), publicado na *Revue de synthèse historique*, para apontar alguns.

História Econômica e a Estatística

A história econômica ganhou novos ares com a utilização de instrumentos inovadores de análises de fontes, como a estatística. Foram diversos os pesquisadores que fizeram e/ou teorizaram sobre o uso dessa abordagem. Dentre os sociólogos, podemos citar Émile Durkheim e a sua obra *O Suicídio* (1897), e dentre os historiadores, o trabalho de Charles Seignobos e o seu livro *La méthode historique appliquée aux sciences sociales* (1901) (MUCCHIELLI, 1995). Ainda, desde o final do século XIX, outros historiadores passam a trabalhar com essas

²³ Extrato traduzido por Rafael Faraco Benthien. Cf. BENTHIEN (2007).

perspectivas, da economia e da estatística. Entre eles, o francês Prosper Boissonade (1862 – 1935), *agrégé* de história, mas que também possuía uma formação em economia, membro do *Comité des travaux historiques* e da *Commission d'histoire économique de la Révolution française*. Suas obras versaram principalmente sobre a relação entre história regional e história econômica. Ademais, o trabalho de Paul Mantoux (1877 – 1956), *agrégé* de história, o qual publicou diversos trabalhos sobre história econômica, sendo sua tese sobre a revolução industrial na Inglaterra bastante divulgada. Ou ainda, Henri Sée (1864 – 1936), *agrégé* de história e professor na Faculdade de Rennes, prolífico pesquisador sobre temas de história econômica. Estes três autores mencionados também circularam na RSH, utilizando a revista como uma plataforma para a publicação de seus textos nessas novas áreas. Outros periódicos também abrigaram discussões a partir desse enfoque. Em 1908, Auguste Deschamps (1863-1935) e Auguste Dubois (1866-1927), dois professores de economia política em Faculdades de Direito, fundaram a *Revue d'histoire des doctrines économiques et sociales* a qual, alguns anos depois, mudou seu nome para *Revue d'histoire économique et sociale* (MUCCHIELLI, 1995). Essa revista, como apontada em seu título, tinha como preocupação esses novos objetos de pesquisa entre os historiadores.

Então, é interessante notarmos como as revistas científicas fazem parte e se relacionam nesse campo intelectual francês, tanto como agente transformador do campo quanto plataforma para as publicações. Nesse caso, percebemos como a *Revue de synthèse historique* começou a se delinear como uma publicação de peso, onde buscada por diversos intelectuais para a publicação de seus textos, seja na história econômica, como Boissonade e Sée, na história intelectual, como Paul Lacombe, ou também em outras disciplinas científicas, como Émile Durkheim e a equipe de sociólogos que o cercou. Tal movimento não ocorreu somente na França, de forma similar, as escolas históricas alemãs privilegiavam o uso de fontes manuscritas, impressas e, por vezes, até relatos orais. Além disso, na HZ, assim como na RSH, também existiu uma preocupação com a Teoria e Metodologia da História, revelando, assim, uma ênfase na defesa da história enquanto ciência.

Alguns desses historiadores alemães, como Karl Lamprecht, Ernst Bernheim, Heinrich Rickert, Leopold von Ranke, Theodor Mommsen e Johann Droysen, publicaram ou foram alvos de análises na RSH, revelando-se assim uma presença da historiografia alemã no periódico francês. Similarmente à historiografia francesa, notamos, na Alemanha, preocupações com a cientificidade da História e sólidas propostas teórico-metodológicas para o estudo dessa disciplina. Houve, já

nesse momento, uma diversidade de objetos sendo analisados por diferentes enfoques, como a história econômica, social e cultural. Tais discussões e novos enfoques contribuíram para que a profissionalização do historiador-pesquisador se consolidasse na França.

* * *

Com a modernização e reformulação do sistema de pesquisa e ensino francês, principalmente o ocorrido a partir da Terceira República, diferentes disciplinas, entre elas a História, a Filosofia e a Sociologia, passaram por processos similares: busca por uma profissionalização de seus pesquisadores; investigações focadas em objetos mais especializados; propostas teórico-metodológicas mais sólidas. Elas tinham como espaço de divulgação as revistas científicas, as quais também pulularam nesse contexto. Nessas diferentes áreas é possível citar exemplos desse processo, como a *Revue philosophique*, de Théodule Ribot, a *Revue de métaphysique et de morale*, de Élie Halévy e Xavier Léon; *l'Année sociologique*, da Escola Sociológica Francesa; a *Revue historique*, de Gabriel Monod e Gustave Fagniez, e a *Revue de synthèse historique*, de Henri Berr.

No caso específico da RSH, tais características são determinantes, já que se propôs como o primeiro periódico francês a ter como objeto a Teoria e Metodologia da História. As discussões que ali ocorreram tinham como base comum a defesa da História como ciência, entre os diferentes historiadores, filósofos, arquivistas, entre outros, que se dedicaram a escrever textos sobre com tal temática. Fruto desse campo intelectual em constante renovação, tais discussões foram influenciadas por esse processo de profissionalização do pesquisador e professor universitário. Cada qual propondo suas visões teóricas e metodológicas para a História, visando a busca por uma *autoridade científica*. Como veremos a seguir, estes intelectuais utilizaram a RSH como palco para a divulgação de suas pesquisas, gerando debates, comentários e críticas que ajudaram a dar vida ao projeto de Henri Berr.

Assim, após conhecermos o processo de profissionalização e algumas das publicações científicas mais importantes destas três disciplinas, a saber, a Filosofia, a Sociologia e a História, se faz necessário que analisemos quantitativa e qualitativamente a *Revue de synthèse historique*, criação de Henri Berr. Para tanto, fizemos um levantamento bibliográfico do periódico e dos autores que ali publicaram,

entre 1900 e 1914. Apresentamos, a seguir, alguns pontos que entendemos ser importantes para entendermos a revista e os pesquisadores.

1.3 UM PERFIL DA REVUE DE SYNTHÈSE HISTORIQUE

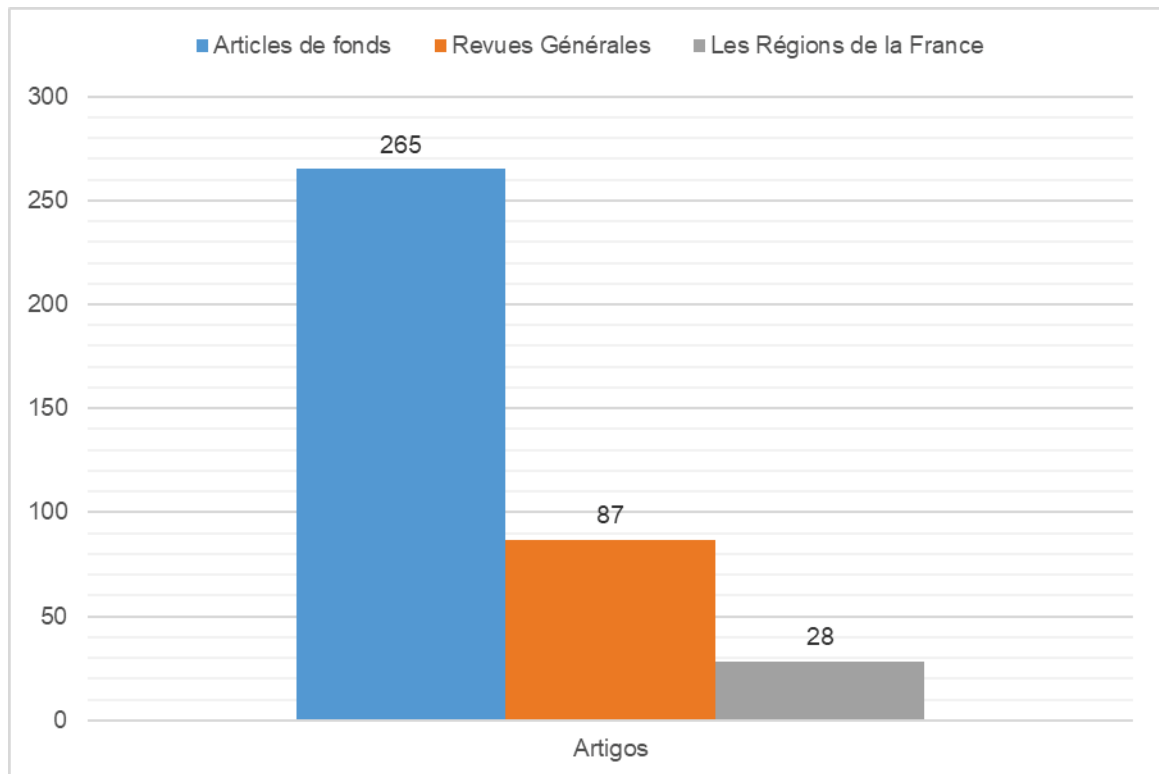
A *Revue de synthèse historique*, teve seu primeiro número publicado em agosto de 1900, com uma estrutura interna que se manteve relativamente estável até o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914, quando foi interrompida pela primeira vez. A contagem da revista também manteve um padrão: a cada três número de publicação se formava um tomo. Dessa forma, no período de um ano, eram lançadas seis edições, contabilizando dois tomos. Com algumas exceções, essa contagem se manteve estável ao longo do período analisado. A revista teve uma periodicidade bimestral, excetuando-se os anos de 1900, quando o lançamento do periódico ocorreu no meio do ano, e entre 1913 e 1914, consequência de mudanças na revista e do lançamento de outros projetos editoriais de Henri Berr. Entre 1900 e 1914, foram lançados 84 números da revista, divididos em 28 tomos. Há autores que trataram de aspectos quantitativos acerca da revista, como Siegel (1970), Fugler (1996), Cole (2005), Borges (2013) e, particularmente em relação aos durkheimianos, Prochasson (1996). Porém, como encontramos informações diferentes em cada um desses trabalhos, optamos por fazer uma análise quantitativa própria.

Internamente, a revista manteve uma estrutura básica, com algumas adições ao longo do período, publicando artigos, resenhas e comentários. Na apresentação da revista, Henri Berr delineou em linhas gerais a divisão do seu periódico. Os artigos eram publicados em diferentes seções, com diferentes objetivos. A primeira seção, *Articles de fonds* (Artigos de fundo), buscou publicar artigos relacionados com Teoria da História e psicologia histórica. Na segunda seção, *Revue générale* (Revistas gerais), seria realizado o inventário do trabalho feito e a ser feito. Essa seção contou com subdivisões, como História geral, literária, econômica, das ideias políticas, da arte, da filosofia, religiosa, entre outras. Por fim, criada na edição de número 17, parte do Tomo 6, em 1903, a seção intitulada *Les régions de la France* teve como foco publicar artigos sobre regiões específicas da França a partir de uma perspectiva da psicologia histórica, da qual Henri Berr era um entusiasta e promotor. Contudo, ao longo do projeto, nota-se que tal abordagem não foi imposta aos

autores, os quais ficaram livres para utilizar outras visões teórico-metodológicas, característica dos projetos berrianos. Em relação aos comentários, notícias, cartas, congressos, entre outros, a seção designada para abrigar tal espaço foi a *Notes, questions et discussions* (Notas, questões e discussões). Essa seção teve como objetivo ser um intermediário entre historiadores, filósofos e sociólogos. Por fim, em relação às resenhas, havia duas seções. A primeira, existente desde o número inicial, era a *Bibliographie* (Bibliografia), na qual eram publicadas resenhas menores, variando entre algumas linhas até 3 páginas de extensão. Nessa, havia também subdivisões, entre *Analyses* (Análises) e *Bulletin critique* (Boletim crítico). Nesta última, havia ainda mais subdivisões, como História das instituições, religiosa, geral, literária, entre diversas outras. A outra seção, criada também em 1903, mas na edição de 19, Tomo 7, era a de *Revue critiques* (Revistas críticas), espaço destinado para resenhas de maior fôlego, com análises mais profundas e que, geralmente, relacionavam uma ou mais obras. Tal divisão não foi totalmente respeitada ao longo desse período, como no caso da seção de *Articles de fonds*, onde inicialmente se publicariam textos com foco em Teoria e Metodologia da História. Esse foco permaneceu mais nos primeiros anos da revista, depois, artigos com outras temáticas também foram sendo publicados ali.

Conforme Rocha (2018), a revistas nesse momento seguiam um padrão similar, a divisão entre artigos, comentários e resenhas. Esse modelo também foi adotado pela *Revue historique*, como apontou Carbonell (1976). Vemos, então, que Henri Berr se inspirou nesse modelo para formatar, de forma geral, sua revista. Contudo, também percebemos algumas especificidades da RSH, como uma parte voltada prioritariamente para os textos de Teoria da História, os *Articles de fonds*, e outra voltada para um interesse de Berr, a psicologia histórica, a qual ganhou vida na seção *Les régions de la France*.

Gráfico 2 - QUANTIDADE DE ARTIGOS PUBLICADOS NA REVUE DE SYNTHÈSE HISTORIQUE (1900 - 1914)



Fonte: o autor (2019)

Entre 1900 e 1914, foram publicados um total de 1688 textos, entre artigos e resenhas²⁴, por 232 autores diferentes. Em relação aos artigos, foram 380 textos publicados nesse período, conforme o Gráfico 2. Eles se dividiam em 265 nos *Articles de fonds*, 87 nas *Revue générale* e 28 nas *Les Régions de la France*. Conforme já afirmado, os primeiros tinham como foco textos na área de Teoria e Metodologia da História, havendo, contudo, ao longo desse período outras temáticas de publicação. Henri Berr previra, em seu texto de abertura, esse movimento. Segundo ele, “os estudos teóricos serão, talvez, numerosos no começo”²⁵ (BERR, 1900: 1). As *Revue générale* seriam os artigos de temáticas específicas, como História geral, literária, religiosa, da arte, entre outras. Nessa, por vezes, foram publicados artigos divididos em diferentes números da revista. Apesar destes fazerem parte de um mesmo texto maior, optamos por contabilizar cada publicação como um artigo diferente. O mesmo ocorreu com a seção *Les Régions de la France*,

²⁴ Optamos por deixar de fora a seção de comentários dessa análise quantitativa por conta de seu caráter mais informal da revista. Há diversos textos e contribuições, nessa seção, que não indicam os autores ou somente as iniciais. Assim, não foi possível identificar parte desses textos.

²⁵ No original: “Les études théoriques seront peut-être nombreuses au début”. (Tradução nossa).

onde em cada período era publicado acerca de uma região. No total, os pesquisadores analisaram 9 regiões diferentes: *Gascogne*; *Lyonnais*; *Bourgogne*; *Franche-Comté*; *Velay*; *Roussilon*; *Normandie*; *Lorraine*, *Barrois* e *Trois-évêchés*; e, *Île-de-France*.

Essa última seção, conforme mencionado anteriormente, foi parte de um interesse de Henri Berr. No texto de abertura da revista, Berr já declarava sua proximidade com a psicologia histórica. Para ele, “mais que a parte teórica do programa, essa da psicologia histórica parece destinada a se enriquecer pouco a pouco. [...]. Trazer para a história a psicologia, isso que é necessário, mas que é infinitamente delicado”²⁶ (BERR, 1900: 2). Contudo, apesar de seu desejo, tal frente de pesquisa não foi bem-sucedida e logo foi abandonada, ou nuançada, em seus trabalhos futuros, como em seu livro de 1911, *A Síntese em História*. Não prevendo especificamente a falha dessa empreitada, mas aberto à possibilidade de mudanças em suas propostas, Berr reconheceu que “é pelo desenvolvimento da Revista que veremos o que está destinado a prosperar e o que não tem futuro. Nada de rígido aqui, mas a elasticidade mesma da vida: é possível que o interesse de tal parte do programa se esgote em um dado momento [...]”²⁷ (BERR, 1900: 1).

Esse interesse por uma psicologia histórica veio da influência da *Völkerpsychologie* alemã, a qual considerava frequentemente vaga, porque essa tinha objetos muito vastos de análise (BERR, 1900). Do lado francês, Gabriel Tarde (1843 – 1904), Alfred Fouillée (1838 – 1912) e Gustave Le Bon (1841 – 1931), foram uns dos primeiros pesquisadores a estudar o aspecto psicológico da multidão (MUCCHIELLI, 1996). Porém, os trabalhos desses autores estavam marcados por um determinismo racial e/ou social. Querendo fugir disso, Henri Berr propôs a psicologia histórica, a qual também se baseava, mas em sua visão superava, a sociologia durkheimiana, pois também levava em conta os indivíduos²⁸. Não só da Psicologia veio a influência para o trabalho de Berr, mas também da Geografia. Dessa, a principal fonte foram os trabalhos de Paul Vidal de La Blache (1845 –

²⁶ No original: “Plus que la partie théorique du programme, celle de psychologie historique semble destinée à s’enrichir peu à peu. [...]. Aboutir en histoire à la psychologie, voilà qui est tout à fait nécessaire, mais qui est infiniment délicat”. (Tradução nossa).

²⁷ No original: “C’est par le développement de la *Revue* qu’on verra ce qui est destiné à prospérer et ce qui n’a point d’avenir. Rien ici de rigide, mais la souplesse même de la vie : il est possible que l’intérêt de telle partie du programme s’épuise à un moment donné [...]”. (Tradução nossa).

²⁸ A análise sobre a obra de Berr é desenvolvida no capítulo 2.

1918), principalmente na crítica a uma Geografia demasiado naturalista, que não levava em conta a sociedade. Além dessas, a etologia coletiva também influenciou a psicologia histórica. Conceito introduzido pelo filósofo John Stuart Mill (1806 – 1873) e resgatado, na França, por Gustave Belot (1859 – 1929), referia-se ao processo de formação do caráter coletivo e/ou individual (MUCCHIELLI, 1996). Porém, foi através de Paul Lapie (1869 – 1927), durkheimiano próximo de Célestin Bouglé, que o termo ficou conhecido, inspirando Henri Berr. Por fim, o criador da revista também se guiou por um artigo publicado no primeiro número da RSH. De autoria de Pierre Foncin (1841 – 1916) e intitulado *Introduction à l'étude des régions et pays de France* (1900), o texto versou sobre a necessidade de uma síntese dos estudos sobre a *região*, para ultrapassar as pesquisas puramente locais. Segundo Foncin (1900), para estudar as regiões naturais da França seria necessário

combinar dados esparsos e bastante diversos - uns fornecidos pelo estudo da natureza: geologia, terreno, clima, hidrografia, flora e fauna; - outros de ordem econômica: produções agrícolas e industriais, correntes comerciais e vias de comunicação; - outros emprestados da história: estações pré-históricas, grupamentos galo-romanos, divisões eclesiásticas, estados feudais, circunscrições administrativas da Monarquia e da Revolução, parlamentos, universidades, etc.; - outros, enfim, que podemos agrupar sob o título de dados sociais: língua, raça, instituições, usos, leis, tradições, literatura, arte, crescimento, homens notáveis²⁹ (FONCIN, 1900: 15-16).

Mas não só, também seria preciso “mostrar como a natureza influenciou o homem, como o homem reagiu sobre a natureza com sua inteligência e por seu trabalho, desemaranhar as ações combinadas da história geral e dos eventos locais, das relações econômicas, da educação e da cultura”³⁰ (FONCIN, 1900: 16). Assim, seria nessa intersecção de ciências que se buscaria estudar uma região. Porém, além da parte científica, o pesquisador também deveria, segundo Foncin (1900), amar a região, pois amar é compreender. Foi também influenciado por esse texto que, em 1903, Henri Berr propôs uma nova seção na revista, *Les Régions de la*

²⁹ No original: “[...] combiner des données éparses et très diverses : - les unes fournies par l'étude de la nature : géologie, relief, climat, hydrographie, flore et faune ; - les autres d'ordre économique : productions agricoles et industrielles, courants commerciaux et voies de communication ; - d'autres empruntées à l'histoire : stations préhistoriques, groupements gallo-romains, divisions ecclésiastiques, états féodaux, circonscriptions administratives de la Monarchie et de la Révolution, parlements, universités, etc. ; - d'autres enfin qu'on peut grouper sous le titre de données sociales : langue, race, institutions, usages, lois, traditions, littérature, art, croyances, hommes remarquables”. (Tradução nossa).

³⁰ No original: “[...] montrer comment la nature y a influé sur l'homme, comment l'homme y a réagi sur la nature par son intelligence et par son travail démêler les actions combinées de l'histoire générale et des événements locaux, des relations économiques, de l'éducation et de la culture”. (Tradução nossa).

France. No início de seu artigo, *Introduction générale – La synthèse des études relatives aux régions de la France* (1903), Berr elogiou os eruditos das províncias pelos trabalhos, mas, segundo defendeu, esses deveriam focar em organizar e quantificar as fontes, pois a maior parte não utilizava método histórico em suas pesquisas (BERR, 1903). Inspirando-se nos trabalhos de La Blache, Berr definiu o conceito de *pays* como

uma pequena unidade geográfica formada pelo terreno e pelo clima. Ora, os espaços geográficos, nem sempre, mas recorrentemente, coincidem, desde a época gaulesa, com os espaços político: em todo caso, há uma relação constante entre o espaço geográfico e seus habitantes, entre o solo e a vida³¹ (BERR, 1903: 174).

No seguimento desse texto, Berr (1903a) criticou Alfred Fouillée por ser demasiado literário e pouco científico em sua obra sobre a psicologia dos povos europeus, e elogiou Jules Michelet (1798 – 1874) pelo seu trabalho sobre as províncias da França. Após isso, delineou o que ele entendia que seria essa seção da revista. Nesse momento, notamos algumas características do projeto berriano. Primeiro, deixou livres os pesquisadores, pois segundo ele, “cabe a cada um de nossos colaboradores, por seu próprio trabalho, justificar a determinação de seu tema”³² (BERR, 1903: 180). Segundo, atentou para a busca por uma integração das ciências, o que Gemelli (1987) chamou de *interciência*, ou o que podemos denominar uma interdisciplinaridade. Para Berr (1903a), “os autores dessas diversas monografias terão origens diversas. Serão historiadores, sem epítetos; serão historiadores da literatura ou da arte; serão geógrafos. Essa diversidade tornará vantajosa a ciência”³³ (BERR, 1903: 180). E, por fim, a realização desses trabalhos visava contribuir com a síntese histórica berriana, através da utilização do que ele chamou do bom método (BERR, 1903).

No que se referiu a psicologia dos povos, ou psicologia histórica, Henri Berr não logrou difundir tal abordagem, pois, como aponta Mucchielli (1996), não houve um espaço institucional para ela se alastrar, havendo outras abordagens

³¹ No original: “Le pays est une petite unité géographique que constituent le terrain et le climat. Or les pays géographiques, non pas toujours, mais souvent, coïncident, dès l’époque gauloise, avec les pays politiques : dans tout le cas, il y a un rapport constant entre le pays et ses habitants, entre le sol et la vie”. (Tradução nossa).

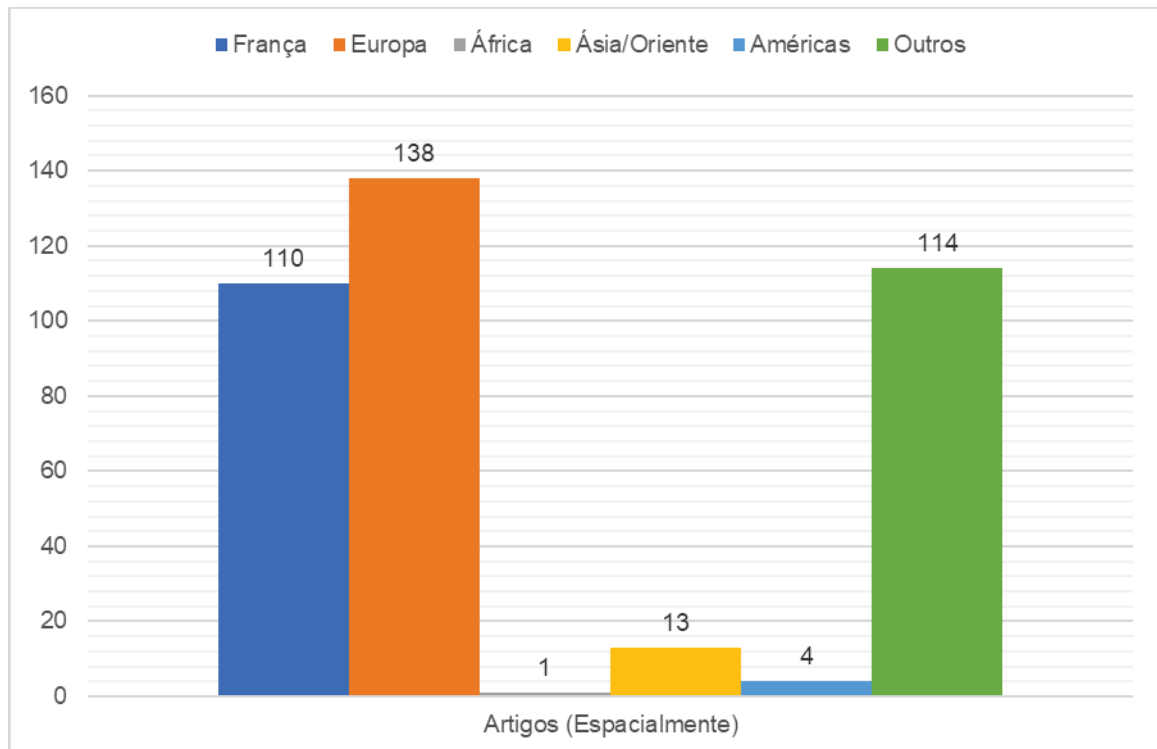
³² No original: “C’est à chacun de nos collaborateurs, par son travail même, à justifier la détermination de son sujet”. (Tradução nossa).

³³ No original: “Les auteurs de ces diverses monographies auront des origines diverses. Ils seront historiens, sans épithète ; ils seront historiens de la littérature ou de l’art ; ils seront géographes. Cette diversité tournera à l’avantage de la science”. (Tradução nossa).

psicológicas com mais adeptos – como a de Pierre Janet (1859 – 1947) ou a de Alfred Binet (1857 – 1911). Também, por conta das posições marginais dos poucos que seguiram aquela proposta. Mucchielli (1996) também sugeriu que a seção *Les Régions de la France* foi de certa forma bem-sucedida, por conta da diversidade de trabalhos ali publicados, mas que Henri Berr, em sua obra de 1911, reconheceu um certo fracasso da sua problemática regionalista. Se entendermos os projetos berrianos através de suas constantes adaptações para melhor propor uma síntese histórica, então seria preciso nuançar até que ponto essa empreitada teria sido um fracasso. Para Mucchielli (1996), Berr não teria sido capaz de reconhecer novos caminhos tomados pelos geógrafos, como a Geografia urbana, e não os teria incorporado em sua obra. Porém, para além de buscar realizar sua síntese histórica, Berr entendia que a publicação de trabalhos de pesquisadores sérios, que utilizavam abordagens teórico-metodológicas em suas análises, contribuiriam para chegar mais próximo, aos poucos e de forma coletiva, de sua síntese científica.

Juntamente a essa análise mais interna das seções da RSH, também é interessante que façamos uma abordagem quantitativa dela, para compreendermos as tendências do periódico ao longo desses quatorze anos iniciais de sua publicação. Além das divisões da revista, também podemos utilizar outras categorias para separar os artigos. Em nossa pesquisa, acreditamos ser importante também os dividir espacial e tematicamente, ou seja, através do recorte espacial adotado nos textos – por exemplo, História da Europa, da França, etc. – e pelo tema abordado nos artigos – por exemplo, Teoria da História, História Literária, etc. Assim, conforme os Gráficos 3 e 4, notamos a diversidade de temas abordados na RSH.

Gráfico 3 - RECORTE ESPACIAL DOS ARTIGOS PUBLICADOS NA RSH (1900 - 1914)



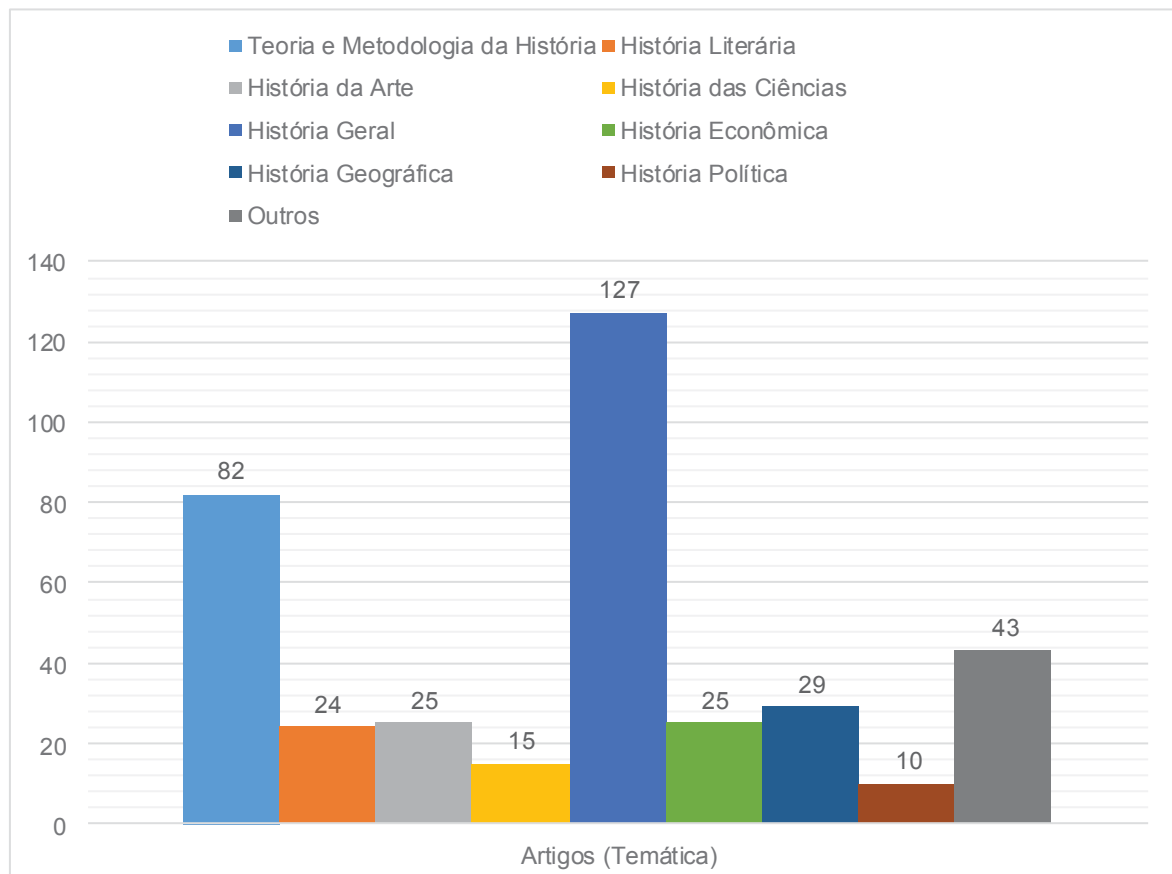
Fonte: o autor (2019).

A maior parte dos artigos, 138 deles, tratavam de algum país europeu, excluindo-se nessa contagem os sobre a França, que chegam ao expressivo número de 110 contribuições. Havia, então, um grande foco na história europeia e, principalmente, francesa. Sendo a maior parte dos que contribuíram para a RSH de origem francesa³⁴, não é de se estranhar que esse recorte espacial fosse o mais privilegiado. Nesse mesmo sentido, houve pouca contribuição acerca de outras espacialidades, como História da África, com somente 1 artigo, ou como da História das Américas, com 4 textos. Sobre o continente africano, a única publicação foi do arqueólogo francês, Adolphe Reinach (1887 – 1914), o qual escreveu sobre a egiptologia e a História das religiões. Acerca do continente americano, os 4 textos versavam exclusivamente sobre alguma questão dos Estados Unidos, não havendo análises sobre o restante dos países. Os 13 artigos sobre História da Ásia e/ou Oriente, são em sua grande maioria fruto de uma edição temática da revista, número 71, tomo 24, que foi dedicada exclusivamente à Rússia. Assim, desses textos, 12 eram artigos especificamente sobre a História desse país, com diferentes focos, como História da Arte, da Economia, do teatro e do romance, entre outros. O outro

³⁴ Conferir Quadro 3, no subitem 1.6.

artigo que contempla essa região espacial, é do sinólogo Édouard Chavannes (1865 – 1918) sobre a questão da religião na China, antes da era cristã. Os artigos classificados sobre a categoria “Outros”, referem-se aos textos que tiveram como foco a discussão acerca de questões teórico-metodológicas das Ciências Humanas ou, ainda, de História da Ciência, em que o foco era sobre a Física ou a Química, por exemplo. Nisso, podemos notar que o objetivo de criar uma revista com foco em Teoria e Metodologia da História foi, de certa forma, bem-sucedido, como também vemos através do gráfico abaixo.

Gráfico 4 - RECORTE TEMÁTICO DOS ARTIGOS PUBLICADOS NA RSH (1900 - 1914)



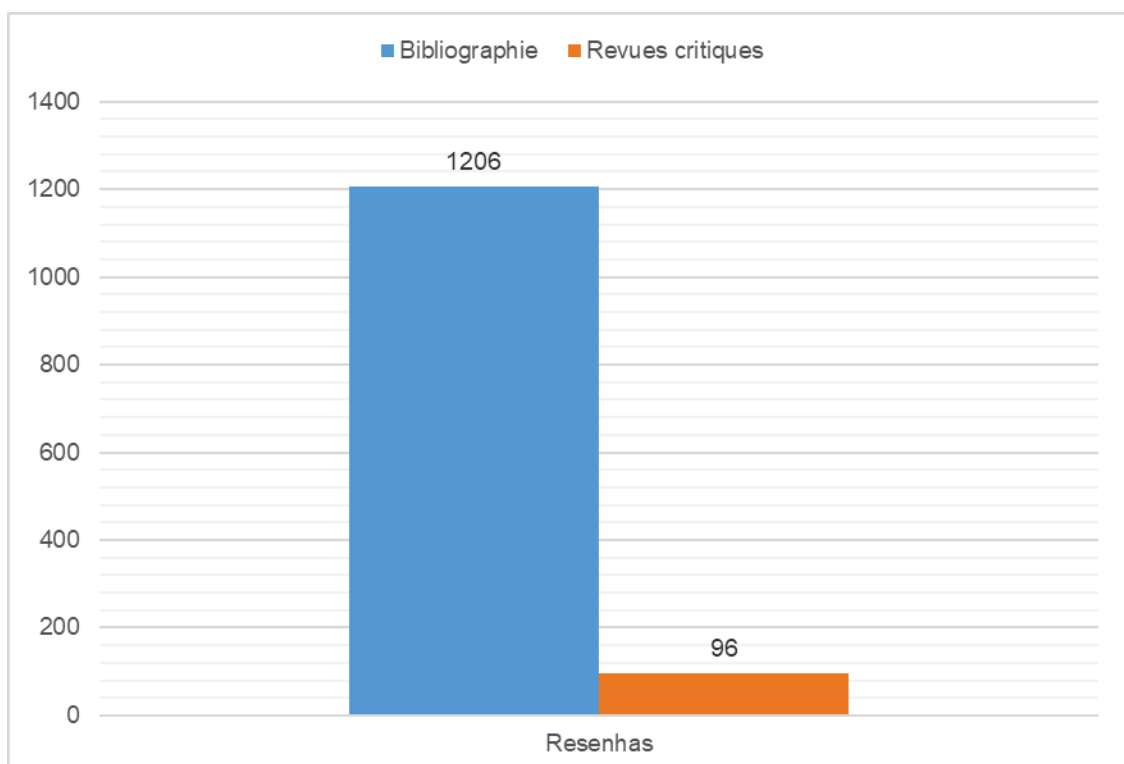
Fonte: o autor (2019).

No Gráfico 4, utilizamos algumas categorias nativas da própria RSH, já que na seção *Revue générale* os artigos eram divididos em algumas subseções existentes, a saber, História Literária, História da Arte, História das Ciências e História Geral. Havia outras, como História das ideias políticas, mas que foram aglutinadas em outras categorias. Notamos, então, uma quantidade expressiva de

artigos acerca da Teoria e Metodologia da História, objetivo com o qual a própria RSH havia sido criada em 1900. Na parte de História Geográfica, foram alocados os textos da seção *Les Régions de la France*, por conta dessa aproximação, como Foncin (1900) havia proposto em seu artigo. Em “Outros”, optamos por colocar artigos de Sociologia, como as discussões sobre teorias sociológicas, resumos e análises sobre congressos de História que ocorreram em 1900, uma subseção que não continuou nos anos subsequentes da revista. Assim, à parte das categorias de História Geral, Teoria da História e Outros, vemos uma relativa média de publicações de temas variados.

No que tange as resenhas, contabilizamos um total de 1302 textos no período analisado, dividindo-se, como mostra o Gráfico 5, entre as seções de *Bibliographie* (1206) e *Revue critiques* (96). Tal diferença se deve pelo modelo adotado em cada seção. Na primeira, elas eram, como já dito, resenhas menores, normalmente indicando e resumindo brevemente o lançamento de uma obra. Na outra seção, eram textos com um maior fôlego de análise, não sendo somente um resumo. Por vezes, mais do que a resenha de um livro, analisavam-se duas ou mais obras com a mesma temática, indicando-se aproximações ou afastamentos entre elas.

Gráfico 5 - QUANTIDADE DE RESENHAS PUBLICADAS NA RSH (1900 - 1914)



Fonte: o autor (2019).

Para melhor compreender as temáticas propostas em cada artigo ou resenha é necessário, então, que analisemos os autores responsáveis pelos textos publicados na RSH. Suas diferentes trajetórias sócio-intelectuais, como formação, onde estudou, país de nascimento, ano de nascimento, entre outros, influenciam nas suas propostas de pesquisas, aproximando-os de certas visões disciplinares e afastando-os de outras. Alguns tinham laços sociais mais próximos por conta de seus períodos escolares, outros, de países diferentes, se aproximavam por questões teóricas. Assim, é importante que se conheça alguns traços dessa população.

1.4 PERFIL DOS AUTORES QUE PUBLICARAM NA RSH (1900 – 1914)

Além dos textos publicados na RSH, os autores que publicavam também eram responsáveis por darem vida ao periódico. No período analisado, e selecionando somente os pesquisadores que publicaram artigos e/ou resenhas³⁵, 232 autores passaram pela revista³⁶. Em última instância, eram esses pesquisadores que faziam a revista circular entre os meios intelectuais, publicando ali seus textos. Em uma abordagem de caráter quantitativo é possível perceber algumas tendências ou recorrências entre os frequentadores desse periódico científico.

Um primeiro dado importante a ser tratado sobre estes autores é o do período de nascimento, já que nascer em determinada época influenciava em questões similares vividas por esses agentes, como a existência ou não de uma instituição de ensino, a participação em algum conflito – como a Guerra Franco-Prussiana, entre 1870 e 1871 –, determinados temas de pesquisa estarem mais em voga em tal momento, entre outras possibilidades. De todos os que publicaram artigos e/ou resenhas na RSH, temos informações de nascimento de 190 deles, ou seja, 81%. O autor mais idoso a publicar na RSH foi o italiano Pasquale Villari (1827 – 1917), com 74 anos. Este questionou, em uma sequência de três artigos entre o final de 1901 e

³⁵ Optamos por não selecionar a seção de comentários da revista, já que muitas vezes não indicavam os autores dos textos.

³⁶ Em Anexo, trazemos uma tabela com dados referentes a esses 232 autores. Nela, há informações sobre: Nome (Nascimento/Morte/Nacionalidade); Educação secundária e superior; Cargos ocupados; Quantidade de publicações na RSH; Número de artigos; Número de resenhas (*Revue critiques* e/ou *Bibliographie*); e outras informações.

início de 1902, se a História era uma ciência. Por sua vez, o autor mais jovem foi o filósofo Gabriel Marcel (1889 – 1973), em 1913, quando tinha 24 anos de idade. Conforme o Quadro 1, podemos perceber que a maior porcentagem dos autores que circularam na revista é próxima do período de nascimento de Henri Berr, a saber, entre 1860 e 1870. Isso pode indicar um recrutamento, ou convite para publicação, de pessoas próximas, possivelmente contemporâneos de promoção na ENS e *agrégation* e colegas de trabalho em liceus e universidades parisienses.

Quadro 1 - RECORTE DO PERÍODO DE NASCIMENTO DOS AUTORES QUE PUBLICARAM NA RSH (1900 – 1914)

Período de Nascimento	Quantidade	Porcentagem
1820 – 1829	2	0,8%
1830 – 1839	3	1,2%
1840 – 1849	14	6%
1850 – 1859	25	10%
1860 – 1869	58	25%
1870 – 1879	54	23%
1880 – 1890	34	14%
Total	190	80%

Fonte: o autor (2019).

Símbolo de distinção no sistema de ensino e pesquisa francês, o concurso de *agrégation* dava acesso a boas posições tanto no ensino secundário, nos liceus, quanto em algumas universidades de província. Ser bem-sucedido nesse exame provia os pesquisadores de um capital científico importante além, também, de um capital social que poderiam levar por toda a vida (RINGER, 1992). Normalmente, o caminho a ser seguido, para ser bem-sucedido no certame, era um período de estudos na *École normale supérieure*. Tal sucesso ajuda a explicar a super-representação de normalianos e *agrégés* nas posições de ensino em Paris, centro da vida intelectual francesa (CHARLE, 1983). Com isso, é importante saber como essa população específica circulou pela RSH. Dos 232 autores, 75 realizaram seus estudos na ENS, aproximadamente 32% do total. Assim, um terço dos autores que por ali passaram faziam parte de uma elite intelectual francesa. Porém, possuir a *agrégation* não era sinônimo de ter frequentado a ENS, como vemos pelos próprios autores da RSH. Destes, 128 eram *agrégés*, representando um total de 55% da

população da revista³⁷. Dentre as possibilidades de caminhos a se seguir no concurso, notamos algumas tendências no periódico, conforme o Quadro 2.

Quadro 2 - ÁREA DA *AGRÉGATION* DOS AUTORES DA RSH (1900 – 1914)

Agrégation	Quantidade	Porcentagem
Histoire et géographie	58	46%
Philosophie	26	21%
Lettres	23	18%
Allemand	7	5%
Anglais	5	4%
Grammaire	4	3%
Droit	3	2%
Italien	2	1%
Total	128	100%

Fonte: o autor (2018).

Sendo, então, uma revista que objetivou ocupar uma posição de destaque nas discussões acerca de Teoria e Metodologia da História, uma maior presença de pesquisadores com *agrégation* na área era de se esperar, mesmo o seu criador tendo uma formação em Letras. Em segundo lugar, a *agrégation* em Filosofia também era indicativo de uma presença da elite intelectual francesa. Essa presença se faz importante por conta da posição de destaque que a disciplina tinha no sistema de ensino e pesquisa no final do século XIX (FABIANI, 1988). Além disso, diversos sociólogos durkheimianos faziam parte desse grupo, realizando um processo de reconversão posteriormente. Houve uma presença importante de pesquisadores das áreas que envolviam o estudo de uma língua estrangeira e/ou Letras e gramática. A RSH, por quatro vezes, publicou números temáticos sobre um determinado país, sendo eles a Alemanha (nº44), a Inglaterra (nº49), a Itália (nº 57) e a Rússia (nº71). Não só pesquisadores franceses publicaram nessas edições especiais, mas muitos estrangeiros. Esses também tiveram uma certa presença na RSH ao longo dos anos iniciais, como mostra o Quadro 3.

³⁷ Para confirmarmos as informações sobre a *agrégation* utilizamos o banco de dados disponibilizado online por André Chervel e que abrange o período de 1809 até 1960. Disponível em: http://rhe.ishlyon.cnrs.fr/?q=agregseconde_laureats.

Quadro 3 - NACIONALIDADE DOS AUTORES QUE PUBLICARAM NA RSH (1900 – 1914)

Nacionalidade	Quantidade
Francês	168
Alemão	8
Italiano	6
Suíço	3
Russo	3
Romeno	2
Austro-Húngaro	4
Grego	1
Belga	1
Escocês	1
Total	197

Fonte: o autor (2018).

Constatamos, assim, uma presença internacional, mas restrita ao âmbito da Europa. Apesar da Rússia estar localizada tanto no espaço geográfico da Europa e da Ásia, dos três russos que publicaram na RSH, dois residiam em Paris, Samuel Jankélevitch e Myrrha Lot-Borodine. Aliás, é significativo apontar que somente duas mulheres estavam presentes nesse grupo de 232 autores, dentre elas Lot-Borodine, a qual realizou seus estudos formais na Rússia, filha de um botânico membro da Academia de Ciências da Rússia, e que se casou com um importante medievalista francês, Ferdinand Lot. A outra, Jules Delvaille, era *agrégé* em filosofia e professora do liceu de *Mans*.

Nesse contexto da Terceira República Francesa, havia uma dualidade no sistema de educação e pesquisa entre Paris e província. Isso ocorria desde o ensino secundário, passando pelo local de trabalho para os que optassem por seguir a carreira de docência. Paris era um polo de atração para os que desejavam um caminho bem-sucedido, influenciando nas decisões desses pesquisadores. Segundo Christophe Charle,

os estudos em Paris, mesmo se eles são mais custosos para os provincianos, asseguram uma série de vantagens decisivas para a carreira posterior: a frequência nas aulas de grandes professores, a possibilidade de ocupar empregos remunerados na periferia da Universidade (preparador em laboratórios, repetidores para as disciplinas literárias, internato em medicina ou em farmácia), aproveitar da vasta clientela de lições particulares e, sobretudo, criar uma rede de camaradagem e de patrocínio. Essa escolha não tem somente virtudes intelectuais. Ela não apenas contribui para orientar em direção a uma carreira de pesquisa ou de erudição, a qual

somente Paris pode dar o exemplo na época, dada a atonia das faculdades provinciais, mas, para aqueles que as carreiras os exilavam na província, ela incita a perseguir essa via para chegar ao lugar onde se manifesta sua vocação. Ao contrário, um universitário que jamais saiu de sua região de origem sente menos a necessidade de perseguir ambições profissionais tão altas, pois ele jamais conheceu a atmosfera de emulação que o grande número de estudantes cria em Paris. Salvo em direito, quase todos os universitários parisienses são parisienses de adoção desde antes de sua conquista³⁸ (CHARLE, 1983: 83-84).

Assim, Paris era um grande atrativo para os jovens e os mais velhos, principalmente para aqueles que desejavam seguir uma carreira como professores, em Universidades ou nos liceus mais importantes – os localizados na capital –, e como pesquisadores. No caso específico dos professores de Filosofia, Jean-Louis Fabiani (1988) também mencionou que o coroamento da carreira dos professores-filósofos se encontrava em Paris no início do século XX. Por vezes, segundo ele, era preferível que os filósofos assumissem postos no ensino secundário parisiense do que em uma Faculdade de província. A proximidade com os pares e o peso que as instituições da capital tinham no campo científico tornavam Paris essencial para esses pesquisadores. Nesse sentido, é interessante observar onde estavam alocados os pesquisadores que publicaram na RSH. Para tanto, selecionamos três momentos da revista, a segunda metade de 1900 e 1907 e a primeira metade de 1914³⁹, e analisamos qual a média de idade dos autores e onde eles estavam atuando profissionalmente. Em 1900, a idade média de publicação foi de 44 anos, já em 1907 foi de 42 e, em 1914, essa diminuiu para 39. Esse declínio pode ser visto como uma tentativa de Henri Berr de lançar a revista com nomes de peso dentro do campo científico, convidando pesquisadores com carreiras mais consolidadas e,

³⁸ No original: “Les études à Paris, même si elles sont plus coûteuses pour les provinciaux, assurent une série d'avantages décisifs pour la carrière ultérieure : la fréquentation des grands maîtres, la possibilité d'occuper des emplois rémunérés à la périphérie de l'Université (préparateur dans les laboratoires, répétiteur pour les disciplines littéraires, internat en médecine ou en pharmacie), de profiter de la vaste clientèle des leçons particulières, et surtout de se créer un réseau de camaraderie et de patronage. Ce choix n'a pas que des vertus intellectuelles. Non seulement il contribue à orienter vers une carrière de recherche ou d'érudition, dont seul Paris peut donner l'exemple à l'époque étant donné l'atonie des facultés provinciales, mais, pour ceux que leur carrière exile en province, il incite à poursuivre dans cette voie pour revenir sur le lieu où s'est manifestée leur vocation. En revanche, un universitaire qui n'a jamais quitté sa région d'origine ressent moins la nécessité de pousser ses ambitions professionnelles aussi haut car il n'a jamais connu l'atmosphère d'émulation que crée à Paris le grand nombre d'étudiants. Sauf en droit, presque tous les universitaires parisiens sont des parisiens d'adoption dès avant leur réussite”. (Tradução nossa).

³⁹ Os números analisados da revista são: nº 1, 2 e 3 (1900); nº 40, 41 e 42 (1907); e, nº 82, 83 e 84 (1914). A escolha da primeira metade de 1914 se deve a interrupção da publicação da RSH por conta da Primeira Guerra Mundial.

portanto, mais velhos. Após esse forte início, Berr abriu caminho para que pesquisadores mais jovens, ainda em início de carreira, publicassem na revista. A diminuição da idade média também representa uma renovação da população do periódico, mostrando a importância da RSH em se manter atrativa para pesquisadores iniciantes em suas carreiras.

Vemos também uma mudança, ao longo dos anos, em relação aos locais de atuação dos pesquisadores que circularam pela revista nesses três momentos. Em 1900, dos 25 autores, dos quais temos informações de 24, 6 trabalhavam em liceus, sendo 2 em província e 4 em Paris. Esse maior número de professores de liceus parisienses pode estar ligado ao fato de Henri Berr ser professor no liceu Henri IV, em Paris, e ter um maior contato com outros professores dessa localidade. Ainda, 10 trabalhavam em universidades ou instituições de ensino e pesquisa na França. Sendo 2 em universidades de província, em Nancy e Caen, e 8 em universidades e/ou instituições de pesquisa em Paris, como na *Sorbonne*, na EPHE e no *Collège de France*. Esse convite de Henri Berr para professores e pesquisadores já consolidados no sistema de ensino e pesquisa francês poderia revelar um esforço em fortalecer a revista desde o seu lançamento. Havia, ainda, 7 autores que atuavam em outras áreas, como na indústria, estudantes de doutorado, professores aposentados e professores em universidades estrangeiras.

Dos números da RSH publicados na segunda metade de 1907, temos informações de 17 dos 21 autores. Destes, 7 eram professores de liceus, sendo 2 de província e 5 de Paris. Dos que atuavam em universidades, 3 estavam na província, em Nancy, Caen e Lyon, e 2 em Paris. Vemos, então, uma diminuição dos professores de universidades parisienses, podendo ser um indicativo desse rejuvenescimento dos autores que ainda estariam buscando posições mais consolidadas em suas carreiras. Ainda, outros 5 autores atuavam em diferentes cargos, como em universidades estrangeiras, no Arquivo Nacional ou como aposentados. Por fim, das edições de 1914, 38 autores publicaram na RSH, dos quais temos informações de 28. Destes, 10 atuavam como professores de liceus, 4 em província e 6 em Paris. Essa constante presença de professores de liceus e, principalmente de Paris, mostra uma forte atuação de pesquisadores buscando consolidar suas posições também como pesquisadores. Dos que atuavam em universidades, a diferença aumenta. De 8 professores universitários, 7 estavam em

universidades provinciais, como Caen, Lille, Toulouse, Bordeaux, entre outras e, somente 1 na Faculdade de Letras de Paris.

Nesse sentido, notamos algumas mudanças no perfil dos autores que publicaram na revista entre 1900 e 1914. Enquanto no início houve uma grande presença de pesquisadores consolidados, em universidades parisienses e outras instituições renomadas como o *Collège de France*, com o passar dos anos essa presença vai se alterando. Houve um crescimento na presença de professores universitários de províncias e uma diminuição dos parisienses. De toda forma, uma constante é a presença de professores de liceus, tanto de províncias quanto parisienses, o que pode ser parte da rede de relações cultivadas por Henri Berr. Entendemos ter ocorrido um rejuvenescimento na revista pela maior participação de jovens pesquisadores que enxergavam na RSH um local de certa forma consolidado para apresentarem suas pesquisas. Próximo da pausa que houve na RSH com a aproximação e o início da Primeira Guerra Mundial, Henri Berr lançou um outro empreendimento científico, a coleção *L'Évolution de l'Humanité*. Acreditamos que o foco do criador da RSH foi sendo dividido com essa nova empreitada, nesses anos finais do recorte adotado. Como vemos no capítulo a seguir, Henri Berr teve um papel ativo na criação de diversos empreendimentos intelectuais que contaram com a presença de importantes pesquisadores do período.

Com isso, entender as discussões acerca da Teoria e Metodologia da História e a defesa da História como uma ciência, passa por compreender que esses pesquisadores, para além de estarem defendendo uma posição intelectual, também estavam agindo dentro de um campo científico. Porém, também é importante que se conheça as propostas destes, já que havia uma disputa pela autoridade científica em que os pesquisadores debatiam sobre qual a melhor forma de se estudar a História e que tipo de ciência ela era. O criador da revista, desde sua tese, já defendia que a História tinha um lugar diferente em relação as outras ciências, posição que de certa forma se manteve em seus outros trabalhos. A síntese histórica era o mote de sua pesquisa e de seus empreendimentos, imprescindível então que se entenda o que Berr propunha em sua abordagem teórico-metodológica.

2 A SÍNTESE HISTÓRICA: UM PROJETO DE VIDA

Presente durante a maior parte da vida Henri Berr, o seu projeto de uma síntese histórica o moveu nas suas diversas criações de empreendimentos intelectuais, de sociabilidade e de promoção da ciência. Essa forma de reconversão, saindo de uma área inicial ligada aos estudos de letras e indo para a Filosofia e, posteriormente, para a História, marcou-o como uma figura híbrida. Para os historiadores da primeira e segunda geração dos *Annales*, como Fernand Braudel (1972) e Lucien Febvre (1952; 1955), ele era mais um filósofo com alguma contribuição para a História, do que propriamente um historiador. Contudo, essa pecha, posta pelos membros de tal revista, para além de fazer referência a tese de doutoramento na área da Filosofia, também buscou colocá-lo como um *outsider* do campo historiográfico. Esse discurso, de Henri Berr ter iniciado um movimento de renovação histórica, mesmo como um filósofo, e sendo um dos responsáveis por abrir caminho para as gerações de futuros historiadores, também estava ligado a uma disputa da autoridade científica dentro de um campo científico. Nos termos do sociólogo francês, Pierre Bourdieu, o campo científico se caracteriza

enquanto sistema de relações objetivas entre posições adquiridas (em lutas anteriores), é o lugar, o espaço de jogo de uma luta concorrencial. O que está em jogo especificamente nessa luta é o monopólio da *autoridade científica* definida, de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder social: ou, se quisermos, o monopólio da *competência científica*, compreendida enquanto capacidade de falar e agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade), que é socialmente outorgada a um agente determinado (BOURDIEU, 1983: 122-123).

Os discursos de Braudel e Febvre, mesmo sendo futuros ao recorte cronológico adotado em nossa pesquisa, servem para demonstrar o processo de luta que ocorreu dentro desse campo científico. Isto é, ainda que prestassem homenagem a Henri Berr, acabavam por colocá-lo como uma figura do passado. Tal posição ocupada por Berr na historiografia resultou pela recorrência com que se colocou a RSH como uma predecessora do periódico *Annales d'histoire économique et sociale*, por historiadores como Guy Bourdé e Hervé Martin (1990), François Dosse (1992) e Carlos Antonio Aguirre Rojas (2000), para citar alguns. Os autores de *As Escolas Históricas* (1990), Guy Bourdé e Hervé Martin, trataram brevemente de Henri Berr. Colocando-o como um filósofo, e sendo sua revista demasiada teórica, eles defenderam que ela foi ultrapassada pelos *Annales*, mas que a RSH foi

uma das primeiras a se insurgir contra uma história “positivista”. François Dosse, em seu livro *História em Migalhas* (1992), considerou a síntese berriana como uma tentativa fracassada de realizar uma ciência social unificada e situa a criação da revista dos *Annales*, pelo duo de Estrasburgo (Febvre e Bloch), como vitoriosa onde Berr fracassou, a saber, em não formar uma escola ao seu redor. Apesar de Dosse (1992) reconhecer a importância das empreitadas de Henri Berr, como seu ecumenismo e a abertura para outras ciências humanas, continuou com o discurso de que ele preparou o terreno para o que viria depois. Por sua vez, Aguirre Rojas (2000), imputou a revista dos *Annales* e seus criadores como herdeiros que retomaram e superaram, qualitativamente, o legado do projeto de “síntese” animado por Henri Berr. Da mesma forma, situou Berr como um filósofo e um dos principais antecedentes intelectuais de Febvre e Bloch (ROJAS, 2000).

Contudo, há autores que discordam dessa visão da RSH como uma simples predecessora dos *Annales*⁴⁰, como Laurent Mucchielli (1996) e Enrico Gattinara (1996). Aquele, em um artigo sobre as diversas correntes disciplinares que influenciaram a obra de Henri Berr, reconheceu que os historiadores dos *Annales* por muito tempo o subestimaram. Para Mucchielli (1996), Berr foi um dos primeiros a propor a “história-problema” e por proporcionar os primeiros espaços para Febvre e Bloch. Enrico Gattinara (1996), por sua vez, afirmou que Berr defendeu uma ideia filosófica, a noção de *síntese*, mas propôs a partir disso uma espécie de epistemologia da História. Além disso, que ele teve uma atuação relevante na apresentação e na defesa de uma história-ciência. Essas seriam visões diferentes à da historiografia mais recorrente. Mucchielli (1996) e Gattinara (1996) dão um maior peso ao projeto berriano em suas qualidades transformadoras e na sua disposição de renovação de um campo científico.

Por conta de uma certa permanência dessa visão historiográfica acerca de Henri Berr, produziu-se uma historiografia que o situa como antecessor dos *Annales*, alguém que ajudou a abrir os caminhos para essa renovação nos estudos históricos, mas que não passou disso, pois permaneceu muito próximo da filosofia (FEBVRE,

⁴⁰ Na historiografia brasileira, José João Reis (2010), também segue a linha de que Henri Berr teve mais contribuições para o campo historiográfico do que o apresentado por uma corrente de historiador mais próxima dos *Annales*. Para Reis, Henri Berr, entre outras coisas, foi o primeiro a formular uma forma de “história-problema”, também teve uma importância na crítica aos historiadores positivistas (historicizantes), e possuiu um papel importante na defesa de uma interdisciplinariedade.

1955). Em nosso trabalho, buscamos abordar as diversas contribuições que Henri Berr alcançou a partir de seus empreendimentos científicos. Isto é, não o situamos como um mero precursor dos *Annales*, que serviu somente para dar um primeiro espaço para historiadores como Lucien Febvre e Marc Bloch, ou como um historiador, não de formação, mas de prática, demasiadamente próximo da Filosofia. Defendemos uma perspectiva que leve em conta a importância e a abrangência de suas empreitadas intelectuais, que serviram para dar espaço para inúmeros pesquisadores, responsáveis por diversas abordagens teórico-metodológicas em diferentes áreas do conhecimento. Procuramos ressaltar a agência de um pesquisador que não só propôs uma epistemologia da História, a *síntese histórica*, mas que também buscou relacionar-se com outras disciplinas.

Assim, nesse capítulo buscamos apresentar como esse mote se manifestou em diferentes momentos de sua trajetória. Primeiro, na defesa de sua tese de doutorado em Filosofia, depois em seu periódico científico *Revue de synthèse historique* e, por fim, nas criações da coleção editorial *L'Évolution de l'Humanité* e do *Centre international de synthèse*.

2.1 HENRI BERR, “ADMINISTRADOR DE HERESIAS”

Para melhor compreender a *Revue de synthèse historique* é importante que se conheça a trajetória de seu criador, Henri Berr. Nascido em 31 de janeiro de 1863, em Lorena, na França, filho de um artesão de Vosges, Berr destacou-se em seus estudos secundários (DELORME, 1952). Aluno do renomado liceu *Charlemagne*, em Paris, por três vezes venceu o Concurso Geral⁴¹. Ganhou o Prêmio de Honra em Retórica (Composição Latina), depois em Composição Francesa e, também, em Filosofia. Tais prêmios deram destaque nacional ao jovem estudante (BRAUDEL, 1972). Em 1881, entrou para *École normale supérieure*, local onde estudou, além de conhecer e cultivar relações de amizade. Foi ali, portanto, que Berr enveredou para o caminho das ciências humanas. Após três anos de estudos, em 1884, foi bem-sucedido no concurso de *agrégation des lettres*, logrando um quarto lugar. Iniciou sua atuação como professor na província, nos liceus de Douai e Tours, quando, em

⁴¹ Criado em 1747, o Concurso Geral é um concurso que premia os melhores estudantes dos liceus em diversas categorias, como História, Filosofia, Latim, Grego, entre outros.

1896, tornou-se professor de Filosofia no importante liceu *Henri-IV*, em Paris, onde permaneceu durante trinta anos, até sua aposentadoria. A colocação de Berr não era marginal no sistema de educação e pesquisa francês. Como professor do liceu *Henri-IV*, o qual abrigava uma *khâgne*⁴² parisiense, sua posição era estratégica em Paris. Também buscou remediar esse *handicap* através de suas diversas empreitadas, relativamente bem-sucedidas, como veremos ao longo desse capítulo, a RSH, a coleção *L'Évolution de l'Humanité* (A Evolução da Humanidade) e o *Centre International de Synthèse* (Centro Internacional de Síntese, CIS) (GEMELLI, 1987).

Em 1899, Henri Berr defendeu, na Faculdade de Letras de Paris, as duas teses necessárias para conquistar o grau de doutor. Sua tese latina versou sobre a filosofia de Pierre Gassendi (1592 – 1655), enquanto sua tese francesa teve como título: “*La synthèse des connaissances et l'histoire – Essai sur l'avenir de la philosophie*” (A Síntese dos Conhecimentos e a História – Ensaio sobre o futuro da Filosofia, em tradução livre), com foco na área de história da filosofia. A partir da transcrição de trechos de sua defesa, podemos compreender melhor alguns dos assuntos tratados nesses trabalhos⁴³. Em sua tese latina, Berr argumentou que Gassendi merecia ser estudado por conta do lugar que ocupava entre os libertinos, no século XVII. O mote central de seu estudo se deu sobre a teoria do conhecimento e a evolução das ideias de Gassendi acerca dessa teoria. Questionado por Maurice Croiset (1846 – 1935) sobre a validade do tema, Berr se defendeu afirmando que poucos filósofos libertinos sérios haviam sido estudados (BERR, 1899).

Na sua defesa de tese francesa, que teve como tema a história da Filosofia e a delimitação do conceito de síntese histórica, Henri Berr enfrentou alguns questionamentos por parte dos membros da banca, o que o levou a apresentar algumas visões sobre a ciência. A questão central de sua tese foi: “A história do pensamento foi em vão ou ela pode nos dar indicações para nossos esforços pessoais?”⁴⁴ (BERR, 1899: 10). Para respondê-la, analisou a história do pensamento dos séculos XVIII e XIX dos mais diferentes sistemas filosóficos, como: ceticismo,

⁴² A *Khâgne* é uma classe preparatória, com foco principalmente na aula de Retórica, para os concursos de admissão em algumas *grandes écoles* voltadas para a área de *lettres*.

⁴³ Não foi possível encontrar as teses disponíveis online. Os trechos da transcrição da defesa de Henri Berr estão nos anexos da *Revue de métaphysique et de morale*. Tal revista tinha como costume publicar as transcrições de defesas que versavam sobre a Filosofia.

⁴⁴ No original: “[...]. L'histoire de la pensée a-t-elle été vaine ou peut-elle nous donner des indications pour nos efforts personnels ?” (Tradução nossa).

materialismo, idealismo, dogmatismo e o monismo. Émile Boutroux (1845- 1921), criticou a tese de Berr afirmando que não havia uma ideia central em seu texto, mas sim três ideias difusas. Uma primeira de que a unidade é idêntica à verdade do ser; a segunda, de que a unidade se encontra por meio da síntese; e a terceira, de que é através da História que obteremos a síntese mais perfeita. Henri Berr se defendeu dessa crítica dizendo que sua intenção era simplesmente mostrar como nos sistemas a preocupação com a unidade é cada vez mais presente, enquanto a diversidade diminui. Boutroux fez outra crítica a Berr, afirmando que ele ligou a História à ciência por um caminho artificial, ao alegar que a História descobre leis, mas sem explicitar como o faz. Para Boutroux, a História somente buscaria a cronologia e a exterioridade das coisas e, para revelar o encadeamento dos fatos, deveria introduzir a psicologia ou a metafísica. Henri Berr, como resposta a essa crítica, afirmou que

a ciência é o agente do progresso do pensamento. [...]. A histórica – termo que eu pensei que deveria substituir o de história – é uma ciência muito vasta tendo sua função própria, ela repousa sobre o princípio de unificação, como a matemática, a qual se opõe, repousa sobre o princípio de identidade. A matemática é a ciência da unidade estática, ela considera o todo como um; a histórica é a ciência da unidade dinâmica, ela considera o todo como tendendo à unidade; ela reconhece a multiplicidade, e procura somente conciliá-la com a unidade. A ciência é dupla; a ideia de lei completa necessita de intervenção da matemática e da histórica, mas a histórica é o que há de mais importante, pois leva à prática e à moralidade; ela reúne elementos que pode incorporar à história humana⁴⁵ (BERR, 1899: 13).

Destas defesas, é possível depreender duas características essenciais de Berr. Primeiro, a preocupação com relação à síntese, que esteve próxima dele durante toda sua vida e a História, a qual chamou na tese de histórica (*historique*)⁴⁶. Segundo, percebemos um primeiro passo em direção à reconversão para as áreas de Filosofia e, principalmente, de História, aspecto interdisciplinar perceptível em todos os seus empreendimentos. Notável também pelos professores que

⁴⁵ No original: “La science est l’agent des progrès de la pensée. [...]. L’historique – terme que j’ai cru devoir substituer à celui d’histoire – est une science très vaste ayant son fondement propre, elle repose sur le principe d’unification, comme la mathématique, à laquelle elle s’oppose, repose sur le principe d’identité. La mathématique est la science de l’unité statique, elle considère le tout comme un ; l’historique est la science de l’unité dynamique, elle considère le tout comme tendant à l’unité ; elle reconnaît la multiplicité, et cherche seulement à la concilier avec l’unité. La science est double ; l’idée de loi complète nécessite l’intervention de la mathématique et de l’historique, mais l’historique est ce qu’il y a plus important, car elle aboutit à la pratique et à la moralité ; elle rassemble des éléments qu’elle peut incorporer à l’histoire humaine”. (Tradução nossa).

⁴⁶ Vale ressaltar, que Henri Berr abandonou esse conceito de *historique* em seus trabalhos futuros.

compuseram sua banca, entre eles Maurice Croiset⁴⁷ (1846 – 1935), Émile Boutroux⁴⁸ (1845 – 1921) Gabriel Séailles⁴⁹ (1852 – 1922) e Alfred Espinas⁵⁰ (1844 – 1922), um helenista e três filósofos, respectivamente. O tema da ciência também foi caro a Henri Berr durante sua vida, aparecendo na *Revue de synthèse historique*, onde abriu espaço para historiadores da ciência, no Centro Internacional de Síntese, e sendo alvo de discussões-chaves nas Semanas de Síntese.

Nesse momento, cabe destacar um de seus primeiros projetos que ocorreu logo em 1900, quando lançou o seu periódico científico. Esse, contudo, não foi sua única empreitada a ter como mote principal a ideia de síntese. Em 1903, ele publicou um anexo na RSH intitulado “*Répertoire méthodique pour la synthèse historique*” (Repertório metódico para a síntese histórica). Nesse texto, relatou a intenção de fornecer uma bibliografia histórica integral que auxiliasse na realização da síntese histórica, para que se avançasse no fazer histórico de forma científica. Para tanto, contou com o auxílio de François Simiand⁵¹ (1873 – 1935) e Pierre Caron⁵² (1875 – 1952). O repertório foi dividido em quatro partes, havendo diversas subdivisões: Teoria; Metodologia; História da História; e Ensino de História. Tal texto foi um apanhado bibliográfico de obras publicadas até o momento e que versavam sobre tais temas (BERR, 1903b). Vemos, nesse anexo, uma primeira movimentação de Berr na publicação de um trabalho maior e mais consistente, algo que ele buscou realizar com a sua coleção *L'Évolution de l'Humanité* (A Evolução da Humanidade).

⁴⁷ Estudou na ENS, *agrégé des lettres* (1875 – 1º lugar), atuou como *Maître de conférences* na ENS (1891 – 1930) e, também, como professor de Língua e Literatura Grega no Collège de France (1893- 1930). Suas pesquisas versaram principalmente sobre filologia grega (LEFRANC, 1935).

⁴⁸ Estudou na ENS, *agrégé en philosophie* (1868 – 3º lugar), atuou como *Maître de conférences* de Filosofia na ENS e como *Chargé de cours* na Faculdade de Letras de Paris (1885 – 1907) (CHARLE, 1985).

⁴⁹ Estudou na ENS, *agrégé en philosophie* (1875 – 1º lugar), atuou como *Maître de conférences*, depois como professor titular de História da Filosofia na Sorbonne (1898 – 1913). (BOUGLÉ, 1925).

⁵⁰ Estudou na ENS, *agrégé en philosophie* (1871 – 1º lugar), atuou como *Chargé de cours*, depois como Reitor, na Faculdade de Bordeaux (1882 – 1890). Foi *Chargé de cours*, depois professor, de História da Economia Social na Faculdade de Letras de Paris (1894 – 1912). (CHARLE, 1985).

⁵¹ François Simiand estudou no liceu Henri IV antes de ir para a *École normale supérieure*. Conquistou o primeiro lugar na *agrégation* em Filosofia (1896). Passou por locais de ensino como a *London School of Economics*, a *École Pratique des Hautes Études*, a Faculdade de Direito de Estrasburgo e, por fim, logrou uma cátedra no *Collège de France*, como professor de História do Trabalho.

⁵² Pierre Caron estudou na *École des chartes* (1898), formando-se como arquivista-paleógrafo. Trabalhou como arquivista nos Arquivos Nacionais (1898) e, depois, tornou-se Diretor Geral dos Arquivos da França (1937).

Nesse meio tempo, por duas vezes Henri Berr tentou lograr uma eleição ao prestigioso *Collège de France*⁵³, uma primeira tentativa em 1903, e outra, em 1911. Em ambas, Berr não foi bem-sucedido. Na primeira vez, a cátedra de História Geral acabou ficando com o historiador francês, Gabriel Monod. Em 1911, em uma outra tentativa, mesmo contando com o apoio de Henri Bergson, Berr não conseguiu adentrar no CF (GEMELLI, 1987). Porém, isso não fez com que ele deixasse de criar empreendimentos científicos.

Um outro passo foi dado em 1914, quando publicou um pequeno comentário na RSH onde anunciava a “Biblioteca da síntese histórica”, a qual seria “uma síntese coletiva, em cem volumes, que abarcará a *Evolução da Humanidade* – o qual será o título”⁵⁴ (BERR, 1914: 337). Henri Berr ficou como responsável geral. No prospecto, a obra teria como objetivo resumir, em uma grande síntese, “o imenso trabalho realizado por antropólogos, historiadores, sociólogos, arqueólogos, por todos aqueles que estudaram o passado histórico e por todos aqueles que refletiram sobre a natureza da história; renovar a História Universal [...]”⁵⁵ (BERR, 1914: 337). Essa coleção seria dividida em quatro seções: 1º - Introdução (Pré-história) e Antiguidade, com 26 volumes; 2º - Origens do Cristianismo e Idade Média, 25 volumes; 3º - Época Moderna, 25 volumes; 4º - Época Contemporânea, 24 volumes. Henri Berr, nesse comentário de 1914, já proveu uma lista com o título das 100 obras, os autores que as escreveriam e suas titulações profissionais e acadêmicas. Contudo, com o início da 1ª Guerra Mundial, o projeto foi interrompido momentaneamente, assim como a publicação da RSH, retomados após o final do conflito.

Com a publicação, em 1920, do primeiro volume da coleção, *La Terre avant l'Histoire - Les Origines de la vie et de l'homme*, do zoologista Edmond Perrier (1844 – 1921) foi possível conhecer melhor a proposta de Henri Berr para essa coleção. A *Evolução da Humanidade* não se pretendia como uma obra enciclopédica fechada ou uma coleção de livros, mas como algo móvel, por conta do próprio caráter da História, que na visão de Berr se desenvolvia continuamente (PLUET-DESPATIN,

⁵³ Para saber mais sobre a importância, no sistema de ensino e pesquisa francês, do *Collège de France* e seu processo singular de eleição. Cf. Almeida (2001); Benthien (2011); Fournier (1996); Ringer (1992).

⁵⁴ No original: “[...] une synthèse collective, en cent volumes, qui embrassera *l'Évolution de l'Humanité*, - et dont tel sera le titre”. (Tradução nossa).

⁵⁵ No original: “le travail immense accompli par les anthropologistes, les historiens, les archéologues, les sociologues, par tous ceux qui ont étudié le passé humain et par tous ceux que ont réfléchi sur la nature de la histoire ; renouveler l'Histoire Universelle [...]”. (Tradução nossa).

1996). Através disso, ele procurou fazer uma “divisão orgânica” das obras, com pedaços que se juntavam lógica, geográfica e cronologicamente. Dessa forma, os autores se mantiveram livres para enviar seus trabalhos. Lucien Febvre (1878 – 1956), a quem Berr considerava um pupilo seu, elogiou, em uma carta para Henri Pirenne (1862 – 1935), o fato de que apesar de ser uma coleção, não se tratou de uma empreitada coletiva (PLUET-DESPATIN, 1996). Cada volume, apesar de fazer parte de um todo, mantinha o olhar de seu autor. Essa foi uma característica dos projetos berrianos, na RSH, na coleção, e outros. Ele, apesar de defender seu projeto teórico-metodológico da síntese histórica, não o impunha aos outros pesquisadores. Talvez esse tenha sido um dos motivos do sucesso de suas empreitadas, ao mesmo tempo em que ele não conseguiu impor sua visão na historiografia francesa de sua época. Além disso, é capaz que, até esse momento, Henri Berr não tivesse o capital científico suficiente para impor, ou pelo menos propor com uma maior aceitação, suas visões teóricas acerca das ciências humanas. De qualquer forma, ele continuou com seus empreendimentos científicos, servindo de abrigo para outros pesquisadores.

Com a coleção Henri Berr ambicionou satisfazer tanto os espíritos científicos, ou seja, os pesquisadores, quanto o público cultivado e curioso. A ciência, acreditava, tinha mais capacidade de mudar o mundo do que outros projetos políticos. Para tanto, as obras tinham uma formatação mais limpa, para o leitor em geral, com a parte bibliográfica ao final do livro, para o historiador, objetivando-se estimular a pesquisa (PLUET-DESPATIN, 1996). Também por isso a escolha da *La Renaissance du Livre* como editora da coleção. Especializada em romances e folhetins de grande circulação com baixo custo, Berr quis que a editora fosse capaz de irradiar a *Evolução da Humanidade*.

Para que tal coleção contasse com uma legitimidade científica, buscou reunir a elite dos *savants* franceses, “professores de universidades e de grandes estabelecimentos científicos, conservadores de museus, de bibliotecas, de arquivos, especialistas de competência reconhecida, mas também de inteligência brilhante e flexível”⁵⁶ (BERR, 1914: 337). Em levantamento das trajetórias dos autores, Jacqueline Pluet-Despatin (1996) identificou algumas características deles. A maior

⁵⁶ No original: “professeurs des Universités et des grands établissements scientifiques, conservateurs des Musées, des Bibliothèques, des Archives, spécialistes de compétence éprouvée, mais aussi de lumineuse et souple intelligence”. (Tradução nossa).

parte, cerca de 70%, era *agrégé*, sendo metade de história e geografia, 22% de letras e 17% de filosofia. Esses atuavam, aproximadamente 55%, em Paris, principalmente na EPHE e na Faculdade de Letras de Paris. Além disso, cerca de 33% dos autores haviam frequentado a ENS. Henri Berr utilizou de sua rede normaliana para agregar autores, para as suas diferentes empreitadas, a RSH, a coleção, o Centro Internacional de Síntese. Quando frequentou a ENS, ele adquiriu capital cultural e social. Para Pierre Bourdieu e Monique Saint-Martin (2001), a participação de tal ambiente era importante para um indivíduo. Segundo eles,

todo *normalien* participa, em graus diferentes, desse universo de virtudes que os *normaliens* reúnem naturalmente sob o adjetivo *normalien* (“humor *normalien*”): nessa combinação única de virtudes intelectuais e morais que “a elite” do corpo professoral se reconhece e que fundam sua convicção de constituir uma elite simultaneamente intelectual e moral, se exprime toda a posição desse corpo na estrutura das relações de classe. (BOURDIEU, SAINT-MARTIN, 2001: 209).

Além disso, a base da fortuna social e econômica de Henri Berr foi o seu “belo casamento” com Cécile Halphen, herdeira de uma rica família judia de negócios e de engenheiros: os Halphen (GEMELLI, 1987). O sucesso social da família também era importante. Jacques Halphen, engenheiro de artes e manufaturas, casou-se com a filha de Émile Durkheim, Marie Belle. Émile Halphen, por sua vez, era um médico e professor da Faculdade de Medicina de Paris. A família mantinha uma rede de relações sociais coerente, no entrecruzamento do universo dos negócios, no campo econômico, e do mundo intelectual normaliano, no campo intelectual e social, e do mundo judaico francês, no campo religioso. Através do salão mantido por sua esposa, Berr “estabeleceu uma série de relações importantes, não somente com o mundo universitário – que não lhe era de todo estranho – mas, sobretudo, com o mundo da política, dos banqueiros e da grande editoração”⁵⁷ (GEMELLI, 1987: 238). Ele, então, usou de seus capitais econômicos e sociais para reconvertê-los em capital científico, para agir na busca de um espaço dentro desse campo científico. Através da criação de empreendimentos científicos que demandavam capital econômico e social para a sua elaboração, Berr utilizou sua rede de contatos e de capitais para tais investimentos. Além disso, também podemos enxergar a parte negativa desse contato maior de Berr com os capitais sociais e econômicos. A

⁵⁷ No original: “[...] dut d’établir une série de relations importantes, non seulement avec le monde universitaire — qui ne lui était certainement pas étranger — mais surtout avec celui de la politique, de la banque et de la grande édition”. (Tradução nossa).

reconversão destes para a forma de capital científico, através de seus empreendimentos diversos, abria caminho para ser recebido por outros pesquisadores que utilizavam dessas plataformas, mas que não seguiam suas indicações teórico-metodológicas, por conta de sua posição frágil, como pesquisador, no campo científico.

Assim, além dessa rede de relações construídas através de sua esposa e de seu período na ENS, também convidou para a coleção autores que circularam na RSH, contabilizando cerca de metade dos que escreveram para a *Evolução da Humanidade*. Esse é o caso de Lucien Febvre, que, além de publicar na RSH, também era próximo de Henri Berr, tanto que o auxiliou a conseguir outros autores. Por conta da 1ª Guerra Mundial e das difíceis condições do pós-guerra, a coleção tardou em ser lançada e não conseguiu manter o ritmo previsto de uma publicação por mês. Contudo, entre 1920 e 1928, foram publicados 22 dos 26 volumes previstos para a primeira seção. Diferente da segunda seção, que recobria o período da Idade Média e que enfrentou dificuldades envolvendo troca de autores, como Georges Bourgin que desistiu de seu contrato e foi substituído por Marc Bloch, (PLUET-DESPATIN, 1996). Nesse momento, também, a editora *La Renaissance du livre* enfrentava dificuldades financeiras e a coleção acabou sendo comprada pela editora *Albin Michel*, juntamente com a RSH. Com a 2ª Guerra Mundial, os trabalhos planejados para as duas últimas fases do projeto também se encontravam atrasados, com somente 4 lançamentos dos 52 títulos planejados. Mesmo com Paris estando sob a ocupação dos nazistas, Henri Berr conseguiu lançar mais quatro volumes. Após o fim do conflito, entre 1947 e 1954, foram lançados mais alguns livros. Com a morte de Henri Berr, em 1954, a coleção sofreu dificuldades para continuar. Ao todo, foram publicados 52 volumes dos 100 inicialmente planejados. Para Jacqueline Pluet-Despatin (1996),

malgrado as duas guerras mundiais que atravessou e uma publicação muito espaçada no tempo, que será acompanhada de uma larga renovação dos autores, *A Evolução da Humanidade* terá sido um dos eventos científicos mais estimulantes da edição durante essa primeira metade do século⁵⁸ (PLUET-DESPATIN, 1996: 267).

⁵⁸ No original: "Malgré les deux guerres mondiales qui l'auront traversée et une publication très espacée dans le temps qui se sera accompagnée d'un large renouvellement des titulaires, «L'Évolution de l'humanité » aura été l'un des événements scientifiques les plus stimulants de l'édition durant cette première moitié du siècle". (Tradução nossa).

Ao mesmo tempo em que organizou a publicação dessa coleção, Berr também criou e dirigiu outros empreendimentos, como o *Centre International de Synthèse*. Com sua proposta de síntese científica, Berr procurou criar “um movimento intelectual que visava organizar uma interciência nas fronteiras disciplinares flexíveis, e cuja aposta era, como se sabe, a unificação da ciência através da definição de uma metodologia integradora fundada sobre a história” (GEMELLI, 1987: 228)⁵⁹. Para além disso, ele buscou construir um espaço de sociabilidade onde diferentes agentes, de diferentes áreas do conhecimento pudessem se reunir e trocar experiências, debater novas teorias e metodologias. Antes mesmo de criar o CIS, sua casa em Paris já funcionava, e continuou funcionando durante toda sua vida, como local de encontro de pesquisadores. Esse espaço de sociabilidades é importante na medida em que permite pensar esses diferentes agentes relacionalmente, buscando enxergá-los dentro de um campo científico, não como partículas isoladas, mas como pesquisadores que se relacionam, que disputam espaços, que traçam estratégias, enfim, que existiram e que agiram dentro de suas possibilidades. Fernand Braudel (1972) relatou como Henri Berr construiu um espaço onde permitiu que diferentes pesquisadores se relacionassem,

na rua St. Anne número 14, “entrava-se”, como Lucien Febvre, que estava entre os primeiros visitantes, relembrou, “em uma pequena sala de estudo, bastante estreita, depressiva e escura, encontrava-se atrás de uma mesa um jovem, esbelto, sóbrio, mas elegante... Diversas visitas, sempre na pequena sala de estudo. Jovens e velhos. Na esquerda, ainda posso ver Paul Lacombe, por vezes com sono e silencioso, e subitamente desperto, alerta, petulante, o *habitué* dos *habitués*, uma mente original que com autoridade cumpriu o seu papel em seus primeiros contatos com a Síntese”. Outros nomes devem obviamente ser mencionados: Henri Hauser, François Simiand, Abel Rey, Lucien Febvre, Paul Mantoux, e mais tarde, Marc Bloch. Se Henri Berr pouco escreveu, e quando o fez talvez deixasse sua caneta mover-se muito facilmente, o fato é que sua principal contribuição foi convocar, falar, instruir, discutir, escutar, trazer junto e se perder em diálogos e inúmeras pequenas reuniões. Após 17h, todo dia, ou quase, ele abria sua porta para os visitantes, preferivelmente em seu escritório na rua Villebois-Mareuil número 2. Ele era, acima de tudo, boa companhia, um homem de inteligência, preparado e habilidoso na fala⁶⁰. (BRAUDEL, 1972: 459).

⁵⁹ No original: “un mouvement intellectuel qui visait à organiser une interscience, aux frontières disciplinaires souples, et dont l'enjeu était, comme on le sait, l'unification de la science à travers la définition d'une méthodologie intégratrice fondée sur l'histoire”. (Tradução nossa).

⁶⁰ No original: “At 14 rue de St. Anne, “one entered,” as Lucien Febvre, who was among the first visitors, reminisced, “and in a small study, rather narrow, depressing and dark, one found behind a desk a young man, svelte, sober but elegant in manner.... Many visits, always in the small study. Young and old. On the left, I still can see Paul Lacombe, sometimes sleepy and silent, then suddenly awake, alert, petulant, the *habitué* of *habitués*, an original mind that played its part with

Assim, com a criação do CIS em 1925, Berr procurou organizar um outro espaço de sociabilidade entre os diferentes pesquisadores, um que tinha como foco o desenvolvimento científico de suas disciplinas e, ao mesmo tempo, funcionasse como uma outra esfera de institucionalização da ideia de síntese científica. Para a criação desse centro, ativou sua rede de contatos, assim como os de sua esposa e da família dela. Dentre esses nomes encontramos: Georges Huismans (1889 – 1957), secretário do presidente do Senado e, mais tarde, secretário da Presidência, entre 1927 e 1932; Paul Doumer (1857 – 1932), presidente da França entre 1931 e 1932, quando foi assassinado; Alfred Coville (1860 – 1942), Diretor do Ensino Secundário e, depois, Diretor do Ensino Superior, entre outros (GEMELLI, 1987). No mesmo ano de sua criação, o CIS ganhou o estatuto de Fundação, conhecida como *Fondation "Pour la Science"* e, assim, passou a receber uma subvenção pública da Direção do Ensino Superior, em uma média de 100 mil francos. Além dessa subvenção estatal, também recebeu dinheiro de fontes privadas, como dos banqueiros judeus Rothschild, que contribuíram com 50 mil francos. Além dessas doações em dinheiro, e por conta de seu capital social, Berr recebeu uma doação da presidência da França de um edifício conhecido como *Hôtel de Nevers*, além de um capital para reformá-lo. O CIS mudou para esse local em 1929 (GEMELLI, 1987). Assim, novamente, percebemos como Henri Berr utilizou de seus capitais econômicos, sociais, políticos e religiosos, principalmente através da família de sua esposa – industriais judeus –, para fazer investimentos no campo científico.

Com isso, o CIS conseguiu realizar diversas atividades ao longo de seu funcionamento. O Centro era composto por quatro seções diferentes. A primeira, intitulada Seção de Síntese Histórica foi coordenada por Henri Berr e Lucien Febvre, dividindo-se em algumas subcomissões: História e ciências auxiliares; Teoria da História e Metodologia; Sociologia, Etnologia, Demografia e Psicologia em suas relações com a História; Geografia Histórica, Antropologia e Etnográfica; História das ideias. A segunda seção era a das Ciências da Natureza, coordenada pelo filósofo

authority in the first contacts of the Synthèse." Other names should obviously be mentioned: Henri Hauser, François Simiand, Abel Rey, Lucien Febvre, Paul Mantoux, and later Marc Bloch. If Henri Berr wrote little, and when he did write perhaps let his pen move too facilely, the fact is that his main contribution was to summon, speak, instruct, discuss, listen, bring together, and lose himself in dialogues and innumerable small councils. After 5 P.M. every day, or nearly, he opened his doors to visitors, preferably at his office at 2 rue Villebois-Mareuil. He was above all good company, a man of intelligence, prepared and skillful in talk". (Tradução nossa).

Abel Rey (1873 – 1940). Mais tarde, quando essa se transformou na Seção de Síntese Geral, seu diretor foi o físico Paul Langevin (1872 – 1946). As outras duas seções eram a de Filosofia das Ciências e a de História das Ciências. Essa última, foi considerada por Berr com uma importância decisiva, tendo um lugar de destaque também na RSH. Sua diretora, Hélène Metzger (1889 – 1944), sobrinha de Lucien Lévy-Bruhl (1857 – 1939), foi uma das principais instigadoras das pesquisas nessa área⁶¹ (BLAY, 1996).

Contudo, uma das principais realizações do CIS foram as *Semanas de Síntese*, influenciadas pela teoria berriana da síntese histórica. Assim, os temas das Semanas gravitavam ao redor de um dos três grandes estágios da teoria de síntese. Por exemplo,

a *contingência* (é o caso das Semanas sobre a Loucura e o Azar); a *necessidade* (no domínio no qual entraram, por exemplo, a Semana sobre a Civilização e as Jornadas sobre a Povoação da Europa) e, enfim, a *lógica*, que tinha um papel particularmente importante na perspectiva de Berr e a qual foram consagradas, por exemplo, as Semanas sobre Lei e Ciência e Ciência e Vida. O interesse que Berr dava a esses encontros derivava do fato que ele ali via o principal terreno de construção de uma interciência elaborada rigorosamente nos cruzamentos conceituais de diferentes disciplinas⁶². (GEMELLI, 1987: 245).

Dessas Semanas participaram importantes pesquisadores das diversas áreas, como Albert Einstein, Paul Langevin, Marcel Mauss, François Simiand, Lucien Febvre, Marcel Bloch e Fernand Braudel, entre outros. Notamos, assim, um esforço também institucional de Henri Berr para divulgar sua epistemologia da História. Não só com a escrita de artigos e livros, mas também através da criação do Centro Internacional de Síntese, da coleção *A Evolução da Humanidade*, da *Revue de synthèse historique* e das Semanas de Síntese. Contudo, como característica do espírito científico de Berr, ele nunca buscou, ou conseguiu, impor que outros autores fizessem uso de sua teoria, preocupou-se, antes, em criar e coordenar espaços de sociabilidade que tinham a ciência como foco principal. Por conta disso optamos

⁶¹ Hélène Metzger foi considerada por Thomas Kuhn como uma de suas principais inspirações. Ela realizou diversas pesquisas na área da História das Ciências, mantendo diálogo com diversos intelectuais desse meio como Abel Rey, Léon Brunschvicg e Emile Meyerson. Cf. Chimisso (2001).

⁶² No original: “la *contingence* (c'est le cas des Semaines sur la Foule et le Hasard) ; la *nécessite* (dans le domaine de laquelle rentrent, par exemple, la Semaine sur la Civilisation et les Journées sur le Peuplement de l'Europe), et enfin la *logique* qui avait un rôle particulièrement important dans la perspective de Berr et à laquelle furent consacrées, par exemple, les Semaines sur Loi et Science et Science et Vie. L'intérêt que Berr portait à ces rencontres dérivait du fait qu'il y voyait le principal terrain de construction d'une interscience élaborée rigoureusement aux carrefours conceptuels des différentes disciplines”. (Tradução nossa; Grifos no original).

pelo título do subitem, “administrador de heresias”. Alcinha dada por Fernand Braudel (1972), em um texto memorialístico, acreditamos que ela é interessante na medida em que as diversas empreitadas de Henri Berr tiveram esse caráter plástico e diverso. Ao mesmo tempo em que perseguiu a ideia da síntese histórica, colocando-a nos títulos de suas empreitadas, não impôs, ou talvez não tenha conseguido impor, sua aplicação para um número expressivo de pesquisadores, mas deixou-os livres para defender, não sem críticas, suas próprias teorias científicas. Exemplo disso, como veremos, foi o caso da RSH, em que diversas abordagens teórico-metodológicas foram propostas, principalmente para a História. Contudo, o que Berr não conseguiu lograr com seus trabalhos teórico-metodológicos, logrou com suas empreitadas científicas-institucionais, como a RSH, a coleção e o Centro, todos bem-sucedidos.

Não só por esse motivo essa alcunha lhe foi dada por Fernand Braudel. Como parte do projeto dos *Annales*, ele, assim como Lucien Febvre, defendeu a superioridade e a inovação de sua proposta, relegando Henri Berr para o campo filosófico. Apesar dos textos memorialísticos de Febvre e Braudel serem posteriores ao recorte cronológico adotado em nossa pesquisa, eles são interessantes pois trazem indícios das lutas que ocorriam dentro do campo científico da História. Como agentes mais jovens que Henri Berr que também estavam buscando se colocar como *autoridades científicas* dentro desse campo, uma das formas era relegar Berr ao passado. Essa ânsia de se colocar como novo, como a renovação de uma historiografia, transparece no discurso de Fernand Braudel, quando afirma que

certamente, colaboradores da *Revue de synthèse* participaram na criação dos *Annales*; mas, mudando de morada, mudaram de atitude e de tom. A casa do filho – era a alegria da vida, do entendimento e do ataque, da argumentação; era a casa da juventude. Junto também do excepcional talento dos dois editores, além e acima da maioria de nós, e que podem ser comparados somente com os maiores historiadores escrevendo em francês – com Henri Pirenne, Fustel de Coulanges, Michelet⁶³ (BRAUDEL, 1972: 461).

Essa característica de ser a casa dos jovens, de colocar Febvre e Bloch no panteão dos historiadores franceses, revela a construção de um discurso em que

⁶³ No original: “Certainly, collaborators of the *Revue de synthèse* took part in creating the *Annales*; but in changing abodes they changed demeanour and tone. The house of the son - it was the joy of life, of understanding, and also of attacking, arguing; it was the house of youth. Add the exceptional talent of the two editors, far and above most of us, and who can be compared only with the greatest historians writing in French - with Henri Pirenne, Fustel de Coulanges, Michelet”. (Tradução nossa).

joga para o passado Henri Berr, porém sem esquecer de sua colaboração e importância, e indica os *Annales* como movimento intelectual novo e, portanto, mais interessante. Pierre Bourdieu, ao analisar a história do campo artístico francês, conceitua o que ele chamou de *marcar época*. Para ele,

não é suficiente dizer que a história do campo é a história da *luta* pelo monopólio da imposição das categorias de percepção e de apreciação legítimas; é a própria luta que faz a história do campo; é pela luta que ele se temporaliza. O envelhecimento dos autores, das obras ou das escolas é coisa muito diferente do produto de um deslizamento mecânico para o passado: engendra-se no combate entre aqueles que marcaram época e que lutam para perdurar e aqueles que não podem marcar época por sua vez sem expulsar para o passado aqueles que têm interesse em deter o tempo, em eternizar o estado presente; entre os dominantes que pactuam com a continuidade, a identidade, a reprodução, e os dominados, os recém-chegados, que tem interesse na descontinuidade, na ruptura, na diferença, na revolução. *Marcar época* é, inseparavelmente, fazer existir uma nova posição para além das posições estabelecidas, na *dianteira* dessas posições, na *vanguarda*, e, introduzindo a diferença, produzir o tempo (BOURDIEU, 1996b: 181).

Assim, tais discursos acerca de Henri Berr e de seu papel como precursor dos *Annales* já era explicitado desde o surgimento dessa nova revista francesa. Tal ideia foi seguida pela historiografia acerca dos *Annales*, como visto alhures. Dentro de um contexto de luta pelo monopólio da autoridade científica, tal forma de anunciar os que já ficaram no passado é justificado e até esperado. Contudo, foi possível ver como a atuação de Berr foi muito mais diversificada do que simples iniciador de um movimento de renovação histórica. Suas diversas empreitadas já demonstravam seu caráter plural no tratamento das diferentes áreas da ciência. Tal característica estava presente desde seu primeiro empreendimento científico, a criação da *Revue de synthèse historique*, a qual, como veremos, foi palco e abrigou diversos debates acerca da teoria e metodologia da História, abriu novas frentes de trabalho, como a história das ciências, entre outras novidades.

Com a publicação da obra *A Síntese em História* (1946 [1911]), Henri Berr buscou condensar suas ideias e apresentar, na forma de livro, sua abordagem teórico-metodológica do que chamou de *síntese histórica*, termo utilizado nos seus mais diversos empreendimentos. Com isso, apresentou o que entendia por ciência histórica e quais elementos deveriam ser analisados em uma pesquisa nessa área.

E há mais, defendeu, ao longo de toda sua obra, a História como uma ciência, não menos importante que as ciências exatas e não mais que as outras ciências humanas, mas com uma dignidade própria.

2.2 A PROPOSIÇÃO DA SÍNTESE HISTÓRIA

Desde sua tese, defendida em 1899, Henri Berr já havia se voltado para a área da História. A versão francesa de sua tese versou sobre a História da Filosofia, onde apresentou algumas concepções acerca da ciência histórica e sobre a síntese. Tal movimento se aprofundou com a criação da *Revue de synthèse historique*, em 1900, que, como visto, tinha como objetivo principal ser um espaço que acolhesse trabalhos sobre Teoria e Metodologia da História. Em um artigo publicado em 1910, intitulado *Aux bout de dix ans (Depois de dez anos)*, Berr fez o que ele chamou de “exame de consciência”. Sua tarefa, segundo ele, foi a de reagir contra uma especialização extremada na área da História e contra um retorno das Filosofias da História (BERR, 1910). Para tanto, considerou bem-sucedida a forma com que a RSH estava recebendo diversas contribuições nas mais diversas áreas da História. É isso que indica o prefácio de seu livro, uma espécie de adensamento de sua proposta da síntese histórica até o momento, quando afirmou que desejava “condensar a doutrina difundida na *Revue de synthèse historique* e dar à história, se fosse possível, o estatuto de que ela tem necessidade” (BERR, 1946 [1911]: 7). Esse estatuto era o da história-ciência, ou seja, elevar a História para a condição de uma ciência plenamente realizável. A defesa da História como uma ciência e de sua relação com a vida, esteve presente, também, desde a tese de Henri Berr (1899). Em seu livro, esse foi um dos pontos centrais para ele,

do ponto de vista de pura ciência, não há problema mais urgente e mais central que o da organização da história – organização interna e lógica, organização externa e prática. Resolvendo-o, fica resolvido, do mesmo passo, o problema da concordância da história com a vida (BERR, 1946 [1911]: 6).

Como resolver, então, esse problema da organização da História e de sua relação com a ciência? Para Henri Berr, a resposta estava localizada em sua proposta de síntese histórica, ou também dita, síntese científica. Assim, segundo ele, não buscou construir nenhuma teoria nova, mas sim um livro técnico, ou ainda, um tratado de lógica especial, destinado para a aplicação. Partindo disso, lançou o

livro *A Síntese em História* (1946 [1911]), em que se baseou principalmente nos trabalhos publicados na RSH, ao longo desses dez anos iniciais, para organizar metodologicamente uma forma de trabalho em História. Nesse sentido, Berr apresentou sua definição de História,

uma disciplina que convém definir, de modo puramente empírico, como o estudo dos fatos humanos do passado. Qualquer outra definição é eliminada como tendenciosa. Assim, parece desnecessário introduzir o vocábulo “Sociedade” na definição preliminar de história. Isto poderia implicar prevenção em favor do ponto de vista sociológico (BERR, 1946 [1911]: 13).

Com essa definição, procurou se afastar tanto das antigas Filosofias da História – as quais, em sua visão, falseavam a História - quanto da Sociologia, ciência que estava ganhando força e espaço no início do século XX (MUCCHIELLI, 1995). Esse afastamento parcial da Sociologia seria uma forma de Henri Berr demarcar o lugar da História como uma ciência capaz de realizar análises e sínteses com a ajuda daquela. Émile Durkheim, da mesma forma, elogiou os historiadores que se aproximavam dos métodos sociológicos, principalmente aqueles divulgados pelo grupo durkheimiano, ao mesmo tempo em que defendia que a História necessitava da Sociologia para se tornar mais completa. Durkheim apontou, no prefácio de abertura de *l'Année sociologique*, qual sua visão acerca da relação entre historiadores e sociólogos. Segundo ele, seria preciso

estimular os historiadores a verem os fatos históricos de uma perspectiva sociológica ou, o que dá no mesmo, os sociólogos a possuírem toda a técnica da história, eis aí o objetivo a ser perseguido pelas duas partes. Sob esta condição, as fórmulas explicativas da ciência poderão progressivamente dar conta de toda a complexidade dos fatos sociais, ao invés de reproduzir a seu respeito apenas os contornos mais gerais. Além disto, ao mesmo tempo, a erudição histórica ganhará um sentido, pois ela será empregada para resolver os mais graves problemas que a humanidade se coloca. Fustel de Coulanges amava repetir que a verdadeira sociologia é a história; nada mais incontestado, contanto que a história seja feita sociologicamente (DURKHEIM, 2007 [1898]: 9).

Na visão de Berr, a Sociologia auxiliaria a História tornando-a mais complexa, principalmente do ponto de vista social. Porém, a síntese seria a operação a ser realizada, principalmente para sair do problema causada pela análise excessiva e erudição. Nesse sentido, afirmou que “a síntese verdadeira deve se distinguir das operações construtivas ou, para ser mais claro, que é necessário distinguir uma síntese erudita de uma síntese propriamente científica” (BERR, 1946 [1911]: 14). Isso, então, foi o objetivo do livro de Berr, “precisar os problemas da síntese

científica e opor tal síntese à filosofia da história” (BERR, 1946 [1911]: 15). Para tanto, ele separou o livro em duas partes. Na primeira, explicitou sua visão sobre os procedimentos das duas operações sintéticas, a saber, a síntese erudita e a científica. Na segunda, analisou o problema da *causalidade* em História, pois “buscar a causa é buscar compreender a mudança e dela se dar conta. Não há verdadeiramente senão um modo de se dar conta; é achar o porquê” (BERR, 1946 [1911]: 49). Estas, ele dividiu em três diferentes: a *contingência*; a *necessidade*; e a *lógica*.

Para definir o que entendia por síntese, Berr se valeu de uma definição de Charles Seignobos. Para este, síntese era um trabalho que agrupava os fatos conhecidos em um campo mais ou menos delimitado, implicando em um trabalho de arranjo, que conduziria a uma ou mais fórmulas de conjunto, havendo diversos graus de sínteses. Toda síntese, então, seria provisória na medida em que revelaria falhas no conhecimento, variações no grau de certeza. Porém, toda síntese bem-feita contribuiria para o avançar do trabalho histórico, pois ao mesmo tempo seria um inventário e um programa, não podendo ser desprezada (BERR, 1946 [1911]).

Mas qual seria a definição de ciência para Henri Berr? De modo geral, continuou com a que já havia dado em sua tese de 1899, porém, aprofundou-a em seu livro. Para ele, a ciência tinha como foco o geral, e não os fatos particulares, como defendiam alguns historiadores e pesquisadores. Porém, uma coleção de fatos, sem um método, “não tem mais valor científico que uma coleção de selos ou de conchas” (BERR, 1946 [1911]: 27). Por isso a importância da realização das duas sínteses para chegar ao patamar científico da História. Assim, “ao mesmo tempo que a síntese erudita acumula os materiais, reúne os fatos, a síntese científica deve cuidar de os unificar, deve conduzi-los a princípios explicativos” (BERR, 1946 [1911]: 27). A síntese, então, teria um papel central em sua obra, sendo considerada como a verdadeira ciência, pois ultrapassaria a análise.

Para demarcar tal posição, Henri Berr se diferenciou de outros historiadores e filósofos do período, como de A.-D. Xénopol⁶⁴, para o qual a História era o estudo dos *fatos de sucessão*, ou de Heinrich Rickert⁶⁵, o qual focava no universal. Para ele, o terreno da História seria o mesmo terreno das leis, sendo a expressão “lei

⁶⁴ Sobre a definição de História para A.-D. Xénopol, conferir o capítulo 3.

⁶⁵ Sobre a definição de História para Heinrich Rickert, conferir o capítulo 4, subitem 4.1.

histórica” aceitável, na medida em que “se a considera como designando fatos humanos de um caráter geral, em estreita ligação com os fatos singulares” (BERR, 1946 [1911]: 33). É dessa forma que ciência e História se relacionam, nessa busca pelas leis, através do entendimento do *desenvolvimento* humano, que nada mais é que mudança na duração, uma espécie de recorrência. Porém, tal ideia não deve ser confundida com a noção de um finalismo, similar aos propostos nas Filosofias da História. A ciência, e a História incluída nessa definição, constitui-se na eliminação de teorias arbitrárias, ou seja, de concepções *a priori*, e na coordenação dos resultados adquiridos (BERR, 1946 [1911]).

Dessa forma, o problema capital da síntese histórica seria achar a forma em que as generalizações hipotéticas poderiam ser separadas, confirmadas e coordenadas. Objetivando escrever uma obra de caráter mais prático, Henri Berr focou no problema da *causalidade* em História, através do qual realizar-se-ia a síntese científica. Assim, ele defendeu que

a pesquisa das causas, em história, foi sempre feita aos tateios pelos empiristas, foi sempre concebida de modo simplista pelos filósofos e não foi organizada definitivamente pelos lógicos. Trata-se, pois, hoje, de se ligar ao estudo da causalidade, para discernir os pontos de vista realmente explicativos. É esta tarefa, que consiste em determinar as articulações da síntese em história, que queremos, ao menos, esboçar (BERR, 1946 [1911]: 45-46).

A *causalidade*, então, possuía uma centralidade na epistemologia berriana. Apesar de afirmar que não buscou construir uma nova teoria, mas organizou as já existentes, Henri Berr propôs uma metodologia de trabalho para os historiadores, ao mesmo tempo que discutiu sobre teoria do conhecimento, como analisar os fatos históricos. Esse é o que Enrico Gattinara (1996) chamou de “paradoxo de Berr”, o de ter criado

uma epistemologia da história (pois por sua concepção da síntese histórica, ele elabora uma verdadeira epistemologia da qual podemos indicar os conceitos fundamentais) que jamais chega a se impor sobre o plano em que lhe é próprio: o plano do método e da filosofia⁶⁶ (GATTINARA, 1996: 22).

As tomadas de posição sobre as causas em História ocorriam desde o início do século XX, com diferentes pesquisadores entendendo que essa poderia ser uma

⁶⁶ No original: “une épistémologie de l'histoire (car par sa conception de la synthèse historique, il élabore une véritable épistémologie dont on peut indiquer les concepts fondamentaux) qui ne réussit jamais à s'imposer sur le plan qui lui est propre: le plan de la méthode et de la philosophie”. (Tradução nossa).

forma de organizar essa ciência. Para Berr, buscar a *causa* seria compreender a mudança, achar o porquê, já que não há fato sem causa, o que significa que todo fato seria resultado de um conjunto de condições. Porém, tal concepção de causa não recairia em um determinismo, pois através da *causalidade científica*, e da relação entre essas diferentes causalidades, tornar-se-ia possível uma tomada de posse da natureza (BERR, 1946 [1911]). No entendimento de Henri Berr, todo fato possuiria uma causa, e um mesmo grupamento de fatos teria uma causa em comum. Assim, a repetição das causas determinaria a repetição dos efeitos causados. É nesse sentido que ele enxergou sentido da ciência história, pois,

em consequência da natureza das coisas, a causalidade aqui aparece com uma complexidade especial e o seu estudo pode ser proveitoso para a compreensão da causalidade universal. Aí está o próprio caráter da verdadeira ciência em história – comportar, para a explicação integral, a pesquisa de causalidades diversas e da relação que entre si mantêm essas causalidades. Do discernimento dessas causalidades diversas resulta a articulação natural orgânica da síntese histórica (BERR, 1946 [1911]: 55).

A relação dessas diferentes causalidades em História consistiria no problema capital da síntese histórica. Henri Berr, então, reforçou sua ideia de pesquisar *leis históricas*, que seriam passíveis de generalizações, sempre feitas através de um método científico para terem validades. Segundo ele, “recolher os fatos contingentes nada tem que ver com a ciência; mas procurar a ação que a contingência exerce, a relação em que se ache com os outros gêneros de causa, eis que é científico” (BERR, 1946 [1911]: 55). A primeira causalidade que foi explicitada no programa berriano foi a *contingência*.

Essa categoria da *contingência* seria a ausência de ordem, “é o que resulta do encontro, da intersecção de séries de fenômenos independentes” (BERR, 1946 [1911]: 60). Porém, o acaso difere de *acontecimento*, este sendo definido pela multiplicidade e a duração dos efeitos produzidos no tempo e espaço. Assim, o papel da História seria estudar o *acaso histórico*, que ocorreria em duas ordens. Uma primeira, quando agisse sobre uma coletividade sem o intermédio de um ou mais indivíduos, seriam os desastres naturais. O segundo seria quando houvesse uma intermediação através dos indivíduos. Por conta disso, não seria possível, segundo Berr, formular uma lei do acaso. Porém, o essencial seria entender a relação que o acaso mantém com a ordem, com as leis históricas. Essas relações ocorreriam através desses indivíduos, ou também tomadas como individualidades, pois haveria mais de um tipo dela. “A individualidade é algo de intermediário entre o

puro acaso e a necessidade” (BERR, 1946 [1911]: 67). A *necessidade*, segunda espécie de contingência que foi analisada por Henri Berr, seria os fenômenos coletivos, como apontado adiante.

Haveria, então, alguns tipos de individualidades, na forma com que estas se relacionariam entre o *acaso* e a *necessidade*, ou seja, entre algo que não poderia ser previsto em forma de lei histórica e as influências da coletividade. As formas com que elas ocorreriam na História seriam: a *singular*; a *coletiva*; a *geográfica* – relacionada com a individualidade coletiva –; a *temporária*; e a *momentânea*. Sendo essas duas últimas manifestações dinâmicas da *coletiva* (BERR, 1946 [1911]). Henri Berr trabalhou com essas diversas formas do que ele chamou de *individualidade* por conta de suas críticas aos historiadores que davam atenção demasiadas aos indivíduos.

A chamada *individualidade singular* entenderia que um indivíduo seria plástico com diferentes fases de um desenvolvimento. Para tal análise, Berr se inspirou em diferentes ciências, algumas em formação, outras já formadas, segundo ele, como a Psicologia e a Etologia. Essa última, ainda em vias de formação na época, poderia auxiliar o estudo da História ao buscar entender certos elementos psíquicos de um indivíduo e classificá-lo em alguma família psíquica. Juntamente a esse isso, a Psicologia, principalmente o que ele denominou de psicologia do gênio, ajudaria a determinar e separar indivíduos comuns dos excepcionais (BERR, 1946 [1911]). Porém, tal proposta de uma psicologia do gênio, presente no pensamento de Henri Berr desde 1904, quando apresentou essa concepção, estaria incompleta ainda por conta da pouca interação entre os historiadores e os psicólogos. Em seu artigo de 1904, Berr escreveu brevemente sobre a ação desses indivíduos considerados gênios e a sua ingerência em uma sociedade. Desde esse primeiro momento de apresentação de sua proposta metodológica, Berr já dava pistas de como entendia a relação entre diferentes ciências.

Antes de Henri Berr adentrar em sua explicação sobre a *individualidade coletiva*, ele discutiu o problema da raça nas análises históricas. Para ele, a raça seria a expressão do meio, sendo essa relação meio e raça indissociável. Com as mudanças do meio geográfico, as raças também mudariam ao se misturarem e se amalgamarem e esses grupos dariam origem a povos e nações. Assim, o meio geográfico seria relativamente estável, enquanto a raça mais instável (BERR, 1946 [1911]). Berr, ao criticar teóricos alemães e franceses, principalmente Arthur de

Gobineau (1816 – 1882), e suas visões racialistas, não acreditava que haveria a superioridade de uma sobre outra.

Algumas ciências, então, poderiam servir como auxiliares da História no estudo dessa relação entre meio, raça e História. Primeiramente, a Antropologia, ciência natural e não histórica na visão de Berr, que estudaria o gênero *homos* e não a humanidade em si. Esta estaria ligada mais à Zoologia e à Paleontologia. Em segundo lugar, a Etnologia, ciência que determinaria as sub-raças, ou seja, as famílias étnicas, grupos mais ou menos diversificado e misturado onde a hereditariedade teria um papel importante. Haveria, também, a Etologia coletiva, “que estuda o caráter dos grupos históricos dados, determinados, tangíveis de algum modo – povos antigos e nações modernas – organizados em sociedades políticas, ligados ao solo” (BERR, 1946 [1911]): 76-77). Porém, como ciência ainda em formação, seria preciso tomar certos cuidados ao utilizar da Etologia coletiva para as análises históricas. Essa espécie de interdisciplinaridade esteve presente de forma significativa no pensamento berriano. Seria preciso relacionar diversas disciplinas para uma melhor realização da síntese histórica. Segundo Berr,

esse ponto de vista particular dos estudos etológicos implica um emprego combinado da etologia, da geografia e da história. A etnologia faz ou tenta fazer abstração dos meios diversos em que se estabeleceu uma sub-raça, para lhe fixar os traços; a geografia precisa a ação etológica de um dado meio – por comparação das raças que aí se sucederam e por comparação dos efeitos produzidos em meios análogos; a história indica as variadas contingências que aproximaram, amalgamaram ou, ao contrário, esfacelaram os grupos humanos, que modificaram a composição étnica o jogo das influências territoriais (BERR, 1946 [1911]): 82).

Com relação à Geografia, entraria a terceira forma de individualidade, a *geográfica*, em relação direta com a individualidade *coletiva*. Assim como a questão da raça, Berr também iniciou essa parte criticando o determinismo geográfico com que certos pesquisadores olhavam para esse ponto. O meio, para ele, exerceria uma atividade social mais direta, através de uma dupla ação, “pelo clima, pela natureza do solo, pelo relevo e pela hidrografia, ele age sobre o modo de grupamento, sobre a densidade de população, sobre a vida material, e, assim, sobre as instituições política e sobre a organização econômica” (BERR, 1946 [1911]: 84). Nesse ponto, a seção *Les Régions de la France*, na RSH, foi elogiada pelo criador da revista como um importante passo para se compreender a ação do meio na ciência histórica, sendo esses um dos objetivos principais dessa seção.

Por fim, as duas últimas individualidades do acaso eram as que Berr chamou de dinâmicas, por seu caráter volátil. A individualidade *temporária* seria uma propriedade psicológica do indivíduo, capaz de engendrar modificações temporárias na sociedade. Para esse acaso mais específico, Henri Berr entendeu que o estudo dela estaria a cargo da *interpsicologia*, proposta de Gabriel Tarde. Apesar de interessante, essa proposição teria seus limites de acordo com Berr, não sendo essa psicologia indivíduo-coletiva ser capaz de absorver a Sociologia. De forma resumida, ele definiu o que seria a sociedade através de dois pesquisadores, para o primeiro – Gabriel Tarde – ela seria a imitação, enquanto para o segundo – Émile Durkheim – ela seria a solidariedade (BERR, 1946 [1911]). Porém, isoladas, as duas definições seriam incompletas, necessitando relacionarem-se entre si para se tornarem mais abrangentes. Esse fenômeno da imitação marcaria certos grupos de indivíduos gerando espécies de subindividualidades temporárias que poderiam agir sobre o resto da sociedade (BERR, 1946 [1911]).

Henri Berr buscou se posicionar, e de certa forma resolver, o debate entre Émile Durkheim e Gabriel Tarde, que ocorria desde cerca 1893 e que perdurou até por volta de 1904, quando ambos respondiam, criticavam e faziam concessões um ao outro. Tarde, da mesma forma que Berr, criticou Durkheim por conta de sua forma de análise histórica que não levava em conta o indivíduo, dando um peso maior à sociedade (CONSOLIM, 2010). Essa visão tinha base em suas teorias voltadas mais para uma psicologia social, no qual enxergou no fenômeno da *imitação* um processo que no seu entender explicava melhor a sociedade que o *fato social* durkheimiano. Durkheim, por sua vez, procurou se posicionar no nascente campo das Ciências Sociais da época, defendendo a Sociologia e a primazia de um estudo científico voltado para a sociedade e para os fenômenos sociais. Tarde propôs sua análise de psicologia social e das multidões (CONSOLIM, 2010). Henri Berr, como fica patente no restante de sua obra, quis corrigir as imprecisões teóricas dos durkheimianos, a saber, uma suposta falta dos indivíduos em suas análises, através da teoria tardeana do processo de imitação gerado por indivíduos considerados diferentes do restante da massa social. Esses seriam o que Tarde denominou de gênios, grandes homens com atributos como criatividade e inventividade mais desenvolvidos capazes de realizar alterações no decorrer da História, já que os outros indivíduos começariam a imitar o comportamento

daqueles. Contudo, Berr criticou Gabriel Tarde por exagerar em sua análise sobre a imitação, enxergando-a em diversos aspectos da sociedade (BERR, 1946 [1911]).

Por fim, o último tipo de individualidade, nessa causalidade da *contingência*, seria a *momentânea*, a saber, ligada aos fenômenos das multidões. Para tal estudo, uma nova ciência que estava em vias de formação na Itália seria uma possível resposta para analisar tal fenômeno, no qual o pensamento individual seria eliminado momentaneamente em detrimento de um sentimento coletivo. Contudo, “a ‘psicologia coletiva’ dos Italianos é, pois, precisamente, uma disciplina limitada, auxiliar, mas rica de aplicações e que em história abre perspectivas variadas do lado da contingência e do lado da necessidade” (BERR, 1946 [1911]: 98). Interessante observar que nesse momento, apesar de apontar as limitações dessa psicologia coletiva, Henri Berr também fez críticas a *Völkerpsychologie*, ou psicologia dos povos, dos teóricos alemães, afirmando que ela abarcaria um domínio vago e indeterminado. Essa, em um primeiro momento de sua carreira, mais especificamente no texto de abertura da RSH, em 1900, teria um papel importante na realização da síntese histórica (BERR, 1900).

Assim, esses cinco tipos de individualidades diferentes auxiliariam a melhor compreender o *acaso*, um dos aspectos contingentes no estudo da História. Após isso, ele procurou explicitar outras duas formas de causalidades, a *necessidade* e a *lógica*. “Depois de ter isolado a contingência, vamos procurar isolar e determinar outros elementos da história – o que há de específico na organização coletiva [...]. Ver-se-á que a seguir daremos lugar ao esforço dos sociólogos e dos filósofos idealistas da história” (BERR, 1946 [1911]: 102). Nessa segunda causalidade, Henri Berr aprofundou o debate com a Sociologia, principalmente a corrente durkheimiana, considerada por ele como a mais científica.

A *necessidade*, categoria na obra de Henri Berr, seria o estudo da sociedade como sociedade. Segundo ele, “trata-se sobretudo de definir a sociologia e precisar o seu conceito em relação aos outros elementos da ciência histórica inteira” (BERR, 1946 [1911]: 102). Ademais, Berr buscou resolver algumas questões metodológicas que ele considerou problemáticas na abordagem puramente sociológica. Primeiro, então, diferenciou sistemas sociológicos de uma sociologia científica. Em sua visão, a diferença entre sistema e teoria era de que o primeiro procedia demasiadamente de uma interpretação filosófica, enquanto a outra procederia mais do trabalho

erudito. Assim, os historiadores não deveriam ignorar ou tratar a Sociologia como um conceito difuso e arbitrário.

Essa disciplina ainda estaria em um período pré-científico, por conta de um excesso de sistematizações, obras de introdução, manuais diversos e por ter havido uma tentativa, por parte de alguns pesquisadores, de a constituir a partir de modelos de outras ciências ou por privilegiar certos fenômenos sociais (BERR, 1946 [1911]). Contudo, tal situação estava mudando por conta de:

um grupo de bons trabalhadores cujo esforço prudente e metódico contrasta com a atividade temerária e confusa de que acabamos de dar um exemplo. Ao passo que alguns se reúnem sem realmente colaborar, discutem sem persuadir, em torno de Durkheim constitui-se uma equipe cooperadora e quase uma escola; e, ao passo que alhures os espíritos diversos que se encontram, não só não tratam suficientemente de se despersonalizar, mas chegam, por vezes, a afetar originalidade, lá se quer fazer obra realmente científica, isto é, impessoal (BERR, 1946 [1911]: 109).

O esforço dessa equipe durkheimiana foi no sentido de aperfeiçoar, aos poucos, a teoria sociológica e a criação de um método rigoroso de trabalho, ao discutir, debater e criticar as mais diversas concepções consideradas defeituosas. Tal trabalho, segundo Berr, foi fruto especialmente da revista científica *l'Année sociologique*, por onde circulou esse grupo de bons trabalhadores em Sociologia. A relação que Berr buscou construir com esse grupo foi dupla: “ligar-nos-emos a ele [o grupo durkheimiano] na medida precisa em que nos parece que ele faz ciência verdadeira; dele nos afastaremos quando se nos afigure tornar-se sistemático e, ele também, tender para constituir uma doutrina” (BERR, 1946 [1911]: 110). Se aproximar deles seria estudar um *grupo como grupo*, que apesar de composto de indivíduos, se sobrepõe e se impõem a eles. Contudo, “quando lhes acontece exagerar o papel deste objeto que é a sociedade, por não se contentarem em lhe precisar a natureza; quando tendem a dar da história uma interpretação puramente sociológica, não têm razão, por seu termo” (BERR, 1946 [1911]: 112).

Para Berr, um dos problemas de se trabalhar com o conceito de *sociedade* e com a ideia de social seria estabelecer o limite em até que ponto seria uma influência dessa abstração ou uma ação de um indivíduo. Ele utilizou esse termo por entender que a vivência em uma sociedade geraria *necessidades*. Houve, então, um período em que a sociedade teve que passar por uma fase destinada a fixar os instintos sociais e a criar uma organização definida, porém, sem acabar totalmente com o indivíduo (BERR, 1946 [1911]). Nesse sentido, o estudo da sociedade tornar-

se-ia restrito e, para o criador da RSH, “o que se produz *na* sociedade não é produzido exclusivamente *pela* sociedade” (BERR, 1946 [1911]: 114). A Sociologia, portanto, seria a ciência que isolaria o papel do elemento social na História, tendo uma grande importância para o estudo da causalidade. Essa ciência, isolada, não seria uma ciência integral dos fatos humanos nem formaria toda a síntese histórica, sendo apenas uma parte dela. Henri Berr, no entanto, não entendia que a Sociologia fosse uma ciência menor que a História, mas que ao se buscar chegar a uma síntese histórica, ou seja em um estudo histórico, aquela seria uma de suas auxiliares. Da mesma forma que se fosse realizado um estudo sociológico, a História seria uma de suas auxiliares.

Ao buscar entender a organização que define a sociedade não se deveria partir do indivíduo para o geral, mas dos resultados exteriores àquele, ou seja, das instituições pelas quais se realizariam as grandes funções da vida social e que manifestariam as necessidades primeiras desse ser social (BERR, 1946 [1911]). Mas quais seriam essas instituições? Segundo Berr, esse foi um problema tanto para a Sociologia quanto para a ciência histórica, no qual diversos pesquisadores se debruçaram e apresentaram suas propostas. Ele acreditava, então, que “a organização *social* é fundamentalmente *jurídico-política* e *econômica*, pouco a pouco se decompondo a função jurídico-política em funções *política*, *jurídica* e *moral*” (BERR, 1946 [1911]:116). Além disso, defendeu que os costumes e as tradições eram originalmente fenômenos coletivos, e não sociais, já que não corresponderiam a alguma função da sociedade. A religião, por sua vez, seria um fenômeno sócio-humano, participando da natureza do indivíduo e da essência da sociedade. Nesse sentido, Henri Berr buscou, diferentemente do durkheimianos segundo ele, incluir o indivíduo na análise da sociedade. Era importante, na sua análise, diferenciar o *institucional* do *social*. De acordo com Berr,

uma vez constituída a sociedade pode comunicar o seu caráter àquilo que não é essencialmente social; e não o pode comunicar senão momentaneamente. Ao passo que o social exprime as necessidades primárias da sociedade, o institucional muitas vezes não exprime senão necessidades secundárias, efêmeras ou fictícias. Do ponto de vista da síntese histórica, realmente explicativa, aqui está um ponto de partida a estabelecer, muito difícil, mas muito importante (BERR, 1946 [1911]:117).

Nisso reforçou seu distanciamento com a equipe durkheimiana. Criticou-os por cometerem o equívoco ou de enxergar um *a priori* quando afirmavam que a causa determinante de um fato social deveria ser procurada entre os fatos sociais

precedentes e não entre os estados de consciência individual (BERR, 1946 [1911]). Contudo, também apresentou ressalvas em sua hipótese, pois afirmou que o estudo da noção de *instituição* era recente e necessitava a acumulação e comparação de mais fenômenos para ser classificado com segurança. Juntamente a esse estudo, outro também deveria ser realizado, o de buscar entender a *estrutura das sociedades*, uma classificação para estabelecer os tipos sociais, relações entre as estruturas, os tipos morfológicos e o funcionamento das sociedades (BERR, 1946 [1911]). Nesse ponto, para Berr, os sociólogos durkheimianos tinham excelentes trabalhos. Seria importante, para ele, as análises conjuntas entre a *morfologia social* e as *instituições*, pois “quando se as compara e se as classifica, mesmo grosseiramente, formas e funções revelam tipos variados de sociedade, graus diversos de complicação social, uma evolução da sociedade que conduz àquilo que se convencionou chamar *civilização*” (BERR, 1946 [1911]: 120-121). O estudo das *necessidades*, assim como a própria sociologia científica – a realizada pela equipe durkheimiana – estava em vias de consolidação. Era importante, para Berr, entender o papel da sociedade nas análises históricas. Em sua proposição da última causalidade, a *lógica*, ficou mais evidente como ele buscou colocar o indivíduo nessa abordagem metodológica, algo que, para ele, os sociólogos pouco fizeram.

Outra instigação para essa causalidade veio através dos filósofos da História. Estes acreditavam que o motor do progresso humano era a *Ideia*, que o curso dos acontecimentos humanos não era em vão. Para Berr, não se poderia descartar toda essa noção, mas que, a título de hipótese, seria preciso tratá-la metodicamente. “Há na síntese uma teoria a constituir – da finalidade, ou antes do equivalente científico da finalidade: a lógica – que completará a teoria do acaso e da necessidade ou das leis” (BERR, 1946 [1911]: 127). Para tanto, primeiro seria necessário entender as características essenciais da finalidade. Assim, segundo o criador da RSH, “um *processus* de finalidade é um *processus* que tem uma *razão de ser*, cujo resultado é um valor em relação ao ser que pensa” (BERR, 1946 [1911]: 129). A lógica se preocuparia então em estudar as causas e efeitos de um *processus*, ou seja, os meios entre o primeiro e o último termo.

Seriam dois, portanto, os objetivos em se precisar a *lógica*; um primeiro em explicar a causa sobre a qual ela se funda e um segundo em compreender as modalidades da evolução dela. Em sua obra, Berr optou por focar nesses objetivos relacionados a História, ou seja, em uma lógica em História. Em um primeiro

momento, então, buscou entender de onde surgia a sociabilidade humana. A luta dos seres humanos contra o meio seria a causa geradora de associação e reciprocidade, esse seria um fator lógico da evolução. A sociabilidade teria criado, na sua concepção, a solidariedade, a organização social e, por fim, a própria sociedade. Isso teria gerado um problema nos estudos históricos, a saber, entender a relação entre sociedade e indivíduo e qual o seu papel na gênese da consciência. Para isso, seria preciso recorrer a uma ciência auxiliar da História, a Psicologia, para compreender o nascimento e desenvolvimento da *psique*. Porém, esse não foi o foco da obra de Berr, mas sim a questão que opôs psicólogos e sociólogos, qual seja, se a consciência humana seria exclusivamente social ou se seria individual também (BERR, 1946 [1911]).

A sociedade seria o meio termo entre a plena consciência e a natureza, ou seja, seria uma natureza social. Porém, tal abordagem não poderia ser exacerbada a ponto de se pensar que tudo derivaria da consciência social. O importante, para Berr, seria o de compreender o papel do indivíduo na formação da lógica social e no da lógica mental. A sociedade, mais do que uma mera soma de indivíduo, seria uma realidade objetiva. Porém, Berr não acreditava haver uma “consciência coletiva”, ou seja, uma realidade subjetiva. Para ele, haveria *estados de multidão*, de importância considerável, mas formada por um coletivo de indivíduos. A sociedade nasceu por uma evolução lógica do instinto social dos indivíduos que formaram essa organização social. Entender isso, seria entender a própria lógica social. Nesse ponto, os sociólogos durkheimianos estariam equivocados ao dar um peso excessivo à consciência coletiva e ignorar o papel dos indivíduos. “Durkheim fez da sociabilidade, para reproduzir expressões já citadas, um ‘produto da vida social’, em vez de um ‘instinto congênito do gênero humano’. O indivíduo é vazio, do ponto de vista social, é *tábula rasa: é associial*” (BERR, 1946 [1911]: 145). Segundo Berr, para existir a possibilidade da sociedade agir sobre os indivíduos, que são seres sociais, seria necessário primeiro que esses criassem a sociedade. Para ele,

pode-se estabelecer como princípio que a sociedade, que não pôde aparecer organizada, mesmo de forma rudimentar, nasceu gradativamente do instinto social a que deu seguimento, por um progresso lógico, ao desenvolvimento da vida: ela não se impõe nem se superpõe aos indivíduos, mas compõe o seu ser do próprio ser daqueles. E não cremos que sua força construtora tenha ido imediatamente ao máximo: foi talvez só quando a armadura social se solidificou, por um lado, e pelo outro quando a individualidade começou a despertar contraditoriamente, que o peso da sociedade se fez sentir pesadamente (BERR, 1946 [1911]: 146).

O problema dos sociólogos durkheimianos, na visão de Berr, era que eles fundavam sua concepção de sociedade baseando-se exclusivamente no estudo de sociedades primitivas, que não representavam nem as origens da sociedade, nem as suas formas mais desenvolvidas e mais próximas da contemporaneidade. Isso geraria uma visão enviesada quanto ao papel do indivíduo. Fora dos estados de multidão não seria possível ver de forma objetiva a consciência social, somente uma forma de representação da sociedade nas consciências individuais. Porém, a consciência social seria muito mais ampla que as individuais. Isso levou Berr a discorrer sobre o papel do indivíduo na lógica social, pois seria nas consciências individuais que a representação da sociedade se diferenciaria (BERR, 1946 [1911]). Esse papel seria cumprido pelo o que ele chamou de *agente social*, alguém que pode modificar a sociedade.

Precisamente porque o indivíduo é um ser social, porque a sociedade não lhe é exterior, mas de algum modo *passa por ele*, este pode elevar-se a um papel socialmente superior: em vez de ser simples elemento social, pode ser *agente social*, pode ser *inventor social* (BERR, 1946 [1911]: 147).

Haveria, então, alguns tipos desses agentes sociais, que foram apresentados por Berr. Um primeiro seria o de *condutor social*, como um indivíduo que não se distingue da multidão, que coopera mais que os outros, por isso uma representação mais patente do estado de multidão. “Quando o estado de multidão se prolonga, se exterioriza e se fixa em instituição, é o condutor, em quem a consciência social é mais operante, que preside à instituição” (BERR, 1946 [1911]: 147). Quanto mais a sociedade se complexifica, maior seria o poder do agente social. Henri Berr aconselhou que os sociólogos durkheimianos seguissem com prudência ao estudarem a origem das instituições. Para Berr, seria provável que as instituições jurídicas e religiosas se confundissem no início, mas não acreditava ser legítimo enxergar na religião a origem de todas as instituições. Uma vez que essas instituições tivessem uma maior estabilidade, outros papéis de agentes sociais surgiriam. Um indivíduo com poder que não representasse a sociedade, ou a sociedade atual, poderia usar seu poder para melhorá-la, para favorecer sua evolução lógica, esse seria o papel do *inventor social*. Assim, se enxergaria melhor o papel da relação entre indivíduo e sociedade, pois essa, fundada sobre as virtualidades humanas, as desenvolve nos indivíduos e por eles se desenvolveria, explicando-se então um pelo outro (BERR, 1946 [1911]).

Esse inventor social agiria tanto nas instituições jurídico-morais quanto na evolução econômica. Com o desenvolvimento dessas instituições, viria o desenvolvimento da sociedade e, com isso, uma tomada de consciência maior por parte dos indivíduos. Nesse sentido, Berr criticou novamente os sociólogos durkheimianos por apresentarem a moral como um dado que a sociedade imporia ao indivíduo, como algo exterior a ele. Com as críticas sofridas, Émile Durkheim teria feito concessões importantes em relação ao papel do indivíduo para melhorar a acolhida de suas teorias, porém o papel de maior peso sempre seria o da sociedade em relação aos indivíduos (BERR, 1946 [1911]). Não foram só os sociólogos durkheimianos que sofreram críticas de Henri Berr por não incluírem os indivíduos em suas análises, mas também os pesquisadores marxistas. Esses dariam um peso maior às instituições econômicas, enquanto os sociólogos à sociedade, porém ambos excluíam do indivíduo de suas análises. Para Berr, a necessidade lógica estaria na base da organização econômica de uma sociedade, seria a lógica que constituiria a evolução econômica. Porém, essa ideia deveria ser aplicada com cuidado e relacionada com outras formas de análise, como a estatística e a história econômica (BERR, 1946 [1911]).

Na segunda parte dessa causalidade da lógica, Berr quis compreender a origem própria do conhecimento, interesse que já estava presente desde sua tese latina sobre a teoria de Gassendi (BERR, 1899). Também aqui os sociólogos durkheimianos aparecem, já que esses defendiam que a origem do conhecimento estava ligada à religião, e essa sendo uma função social, logo o conhecimento tornar-se-ia inteiramente sociológico. Afirmou que esse seria um *parti pris* doutrinário dos sociólogos. Seu objetivo era o de compreender se a mentalidade pré-lógica era exclusivamente social e entender como nasceria e se desenvolveria o pensamento lógico (BERR, 1946 [1911]). Para Berr, uma primeira forma de resposta para esses questionamentos apareceu na obra *As funções mentais nas sociedades inferiores* de 1910, escrita por Lucien Lévy-Bruhl (1857 – 1939). Esse comentou como os indivíduos, e não só a sociedade, também tinham um papel na origem da lógica. Assim, o indivíduo, segundo Berr, seria ao mesmo tempo causa e efeito na questão da evolução mental da sociedade. “É causa porque é uma realidade, não qualquer coisa de vazio que a sociedade enche; porque é uma realidade, criadora e lógica. É efeito porque os progressos da lógica mental, do pensamento, se se não realizam pela sociedade, não se realizam senão na sociedade” (BERR, 1946 [1911]: 166). O

efeito da sociedade no indivíduo era múltiplo, pois era através das noções sentimentais, colocadas desde a mentalidade pré-lógica nos indivíduos, que os estados de multidão se manifestavam. Ao mesmo tempo, a sociedade fortificaria os aspectos lógicos em certos indivíduos, dando espaço para os *agentes lógicos*. Assim, é nesse sentido que Berr buscou corrigir a teoria dos sociólogos durkheimianos. Para além de ser o *sagrado*, como defendido por Marcel Mauss e Henri Hubert em 1899 no trabalho *Essai sur la nature et la fonction du sacrifice* (Ensaio sobre a natureza e a função do sacrifício), a ideia matriz da religião, seria a interferência da sociedade e do indivíduo do ponto de vista mental que traduziriam as instituições religiosas (BERR, 1946 [1911]). Para Berr, tal ideia ia mais além, segundo ele

a sociedade não pensa senão por procuração. É, pois, sobre o fundo da lógica individual que se desenvolvem as instituições religiosas; no curso de sua evolução o indivíduo, por mais imbuído que esteja da mentalidade social, nelas introduz constantemente algo de seu, ampliando-as. Acaba por se desembaraçar delas, por fazer reaparecimentos na sociedade. E a própria sociedade se transforma por força de tais conquistas (BERR, 1946 [1911]: 172).

Porém, nos trabalhos relacionados à magia, os sociólogos durkheimianos fariam concessões aos indivíduos. As críticas a esses sociólogos já estavam postas em um artigo de 1906 de Henri Berr intitulado *Le progrès de la sociologie religieuse* (O progresso da sociologia religiosa). Nesse, também defendeu o estudo da *lógica*, referida como mentalidade. Para Berr, “o sagrado é criado por uma pluralidade de cérebros e de espíritos: ele vem, não da psicologia individual, mas da psicologia social. É preciso, então, trabalhar em estabelecer *as leis de ideação coletiva*, em definir a *mentalidade social*”⁶⁷ (BERR, 1906: 31). Esse não foi o único momento em que Berr se referiu aos durkheimianos como realizadores de uma forma de psicologia, em outro momento do texto ele afirma que

um mérito capital da escola sociológica nos parece ser contribuir, seguindo os antropólogos ingleses, em criar uma psicologia dos espíritos primitivos e simples que reage contra as ideias tradicionais, de reconstituir uma mentalidade singular que não tem relação alguma com a lógica clássica, com os procedimentos discursivos de nossas mentes de europeus adultos⁶⁸ (BERR, 1906: 27).

⁶⁷ No original: “Le sacré est créé par une pluralité de cerveaux et d’esprits : il relève, non de la psychologie individuelle, mais de la psychologie sociale. Il faut donc travailler à établir *les lois de l’idéation collective*, à définir la *mentalité sociale*”. (Tradução nossa).

⁶⁸ No original: “Un mérite capital de l’école sociologique nous paraît être de contribuer, à la suite des anthropologues anglais, à créer une psychologie des esprits primitifs et simples qui réagit contre les

Porém, tal afirmação não passou despercebida entre os durkheimianos. Na Introdução da obra *Mélanges d'histoire des religions*, Mauss e Hubert defenderam-se da acusação de realizarem uma psicologia social e não uma Sociologia. Estes afirmaram que

nos dizem, vocês fazem psicologia social, e não sociologia. Pouco importa a etiqueta. Nós preferimos essa de sociólogos e vejamos por quê. É que nós jamais consideramos as ideias dos povos, abstração feita dos povos. Em sociologia, os fatos da psicologia social e os fatos da morfologia social estão ligados por laços íntimos e indissociáveis⁶⁹ (HUBERT & MAUSS, 1909: 28).

Esse, contudo, não foi o ponto principal do texto. A diferença entre o criador da RSH e a equipe durkheimiana, continuou sendo a questão do peso do indivíduo e da sociedade nas análises científicas. Henri Berr, no artigo de 1906, apresentou pela primeira vez qual sua visão de social, e quais as aproximações e afastamento da visão dos sociólogos, tratativa que continuou explicitando em sua obra de 1911. Segundo ele,

o social, propriamente dito, é, em definitivo, *isso que é fundado sobre as necessidades de um grupo permanente enquanto grupo*. Disso, esse caráter de autoridade, por vezes consentida e restringida, que lhe é inerente. A sociedade implica a sociabilidade humana, as faculdades humanas, mas ela constitui, sem dúvida, uma natureza *sui generis*. Aqui a escola durkheimiana tem razão, cem vezes razão. “A sociedade não é uma simples soma de indivíduos, mas o sistema formado por sua associação representa uma realidade específica que tem suas características próprias”; ela se dá e ela desenvolve pouco a pouco uma organização que responde a necessidades especiais. Todos os indivíduos que fazem parte dela, como seres sociais, sentem mais ou menos confusamente essas necessidades. Alguns as sentem mais. A iniciativa individual, a imitação, os estados de sensibilidade coletiva intervêm no desenvolvimento da sociedade; mas tudo isso, mesmo afetando a organização social, nem sempre atende às necessidades específicas da sociedade. O estudo dessas necessidades e disso que, entre as representações dos homens, responde a essas necessidades, é a psicologia social. E o estudo comparado das *instituições* apropriadas a essas necessidades, do desenvolvimento dessas instituições, em sua relação com as *formas* da sociedade, é a sociologia⁷⁰ (BERR, 1906: 42).

idées traditionnelles, de reconstituer une mentalité singulière qui n'a aucun rapport avec la logique classique, avec les procédés discursifs de nos entendements d'Européens adultes”. (Tradução nossa).

⁶⁹ No original: “[...] on nous dit : vous faites de la psychologie sociale, et non de la sociologie. Peu importe l'étiquette. Nous préférons celle de sociologues et voici pourquoi. C'est que nous ne considérons jamais les idées des peuples, abstraction faite des peuples. En sociologie, les faits de la psychologie sociale et les faits de la morphologie sociale sont liés par des liens intimes et indissolubles”. (Tradução nossa).

⁷⁰ No original: “Le social proprement dit, c'est, en définitive, *ce qui est fondé sur les besoins d'un groupe permanent en tant que groupe*. De là ce caractère d'autorité à la fois consentie et contraignante qui lui est inhérent. La société implique la sociabilité humaine, des facultés humaines ; mais elle constitue, à n'en pas douter, une nature *sui generis*. Ici l'école durkheimienne a raison, cent fois raison. « La société n'est pas une simple somme d'individus, mais le système formé par

Logo após a publicação desse artigo, Henri Berr enviou uma carta para Henri Hubert explicando alguns de seus posicionamentos. Da mesma forma que no artigo, elogiou o trabalho científico dos sociólogos durkheimianos e reiterou as suas críticas já feitas. Ele afirmou que “eu [Henri Berr] encontro nos vossos trabalhos um método que é excelente, mas também uma doutrina, que é defeituosa; eu digo doutrina científica, *parti pris*, espírito de sistema, uma doutrina filosófica”⁷¹ (BERR, 1906). Essa sua visão sobre por vezes os durkheimianos caírem em uma doutrina científica também foi abordada no livro, sua crítica era de que eles poderiam recair em uma espécie de Filosofia da História. Outra abordagem encontrada já no artigo de Henri Berr (1906), foi essa ideia do social ser fundado sobre as *necessidades* de um grupo, a qual foi aprofundada na obra de 1911, como já visto, em se tratando da segunda causalidade analisada por Henri Berr para a realização de uma síntese histórica. Contudo, essas reiteradas críticas aos sociólogos foram respondidas, de forma breve, por Émile Durkheim em uma resenha acerca do livro *A Síntese em História* (1911). Para ele, o sociólogo não teria as mesmas restrições que o historiador e poderia, entre outras, abstrair o papel do indivíduo em determinadas análises. Além disso, ele também defendeu que, em algumas análises sociológicas, o papel do indivíduo seria, sim, levado em conta. Segundo Durkheim,

o historiador não pode fazer abstração do variável, do individual que tem um papel no desenvolvimento histórico; e a principal crítica que ele nos dirige é a de negar esse papel. Contudo, em uma passagem que cita o Sr. Berr, nós reconhecemos que os personagens históricos eram fatores da história. Mas, além de acreditarmos que sua influência foi em grande medida exagerada, nós mostramos que eles mesmos têm causas e, em parte, sociais⁷² (DURKHEIM, 1911: 27).

leur association représente une réalité spécifique qui a ses caractères propres » ; elle se donne et elle développe peu à peu une organisation qui répond à des besoins spéciaux. Tous les individus qui en font partie, en tant qu'êtres sociaux, sentent plus ou moins confusément ces besoins. Certains les sentent davantage. L'initiative individuelle, l'imitation, les états de sensibilité collective interviennent dans le développement de la société ; mais tout cela, même en affectant l'organisation sociale, ne sert pas toujours les besoins spécifiques de la société. L'étude de ces besoins et de ce qui, parmi les représentations des hommes, répond à ces besoins, c'est la psychologie sociale. Et l'étude comparée des *institutions* appropriées à ces besoins, du développement de ces institutions dans son rapport avec les *formes* de la société, c'est la sociologie”. (Tradução nossa).

⁷¹ No original: “Je trouve dans vos travaux une méthode qui est excellente, mais aussi une doctrine, qui est défectueuse : j'ai dit doctrine scientifique, parti pris, esprit de système, une doctrine philosophique [...]”. (Tradução nossa).

⁷² No original: “l'historien ne peut faire abstraction du variable, de l'individuel qui joue un rôle dans le développement historique ; et le principal reproche qu'il nous adresse est de nier ce rôle. Cependant, dans un passage que cite d'ailleurs M. B., nous avons reconnu que les personnages historiques étaient des facteurs de l'histoire. Mais, outre que nous croyons que leur influence a été grandement exagérée, nous avons montré qu'ils ont eux-mêmes des causes, et, en partie, sociales”. (Tradução nossa).

Émile Durkheim, então, diferenciou o papel dos historiadores e dos sociólogos, buscando assim estabelecer uma área de pesquisa própria aos cientistas sociais. Esse foi o mesmo movimento realizado por Henri Berr ao criticar pontos dos trabalhos dos sociólogos, os diferenciar dos historiadores. Cada qual, então, defendeu sua área de atuação e um campo de pesquisa próprio, já que tal defesa pesava também nas relações institucionais mantidas entre as disciplinas, como cadeiras em Universidades, a criação e a subvenção de sociedades eruditas, surgimento de novos postos de trabalho entre outros.

Após tal abordagem sobre os durkheimianos, Berr deu sequência ao seu trabalho no livro acerca da mentalidade social e da origem da ideia. Ao buscar a origem do pensamento, Berr indicou que esse seria o problema capital da História. Tanto do ponto de vista teórico quanto do prático, a História deveria consistir em “buscar como a lógica se expande em pensamento e o pensamento em ciência da civilização” (BERR, 1946 [1911]: 175). A área da História das ideias, para Berr, teria o potencial de resolver parte desses problemas colocados pela busca da origem do pensamento. Porém, essa ainda se encontrava de modo pouco organizado. Tal trabalho também iria consistir em precisar em que medida o indivíduo exprimiria as necessidades sociais, isto é, a consciência da própria sociedade. Com isso, deveria ser realizado, segundo Berr, uma genealogia das ideias e buscar compreender o que haveria de autônomo em cada geração (BERR, 1946 [1911]). Tal objetivo de pesquisa estaria em relacionar a História com a vida em si. “Os progressos do pensamento, segundo uma fórmula conhecida, podem curar o mal que o pensamento começa a fazer. A razão profunda da história seria, pois, o desenvolvimento da vida pela ciência, na Razão” (BERR, 1946 [1911]: 190). Tal objetivo também já estava posto desde sua tese, em que queria relacionar a ciência com a vida, revelando uma certa continuidade nas proposições de Berr, assim como com o conceito de síntese.

Ao apresentar esse último item de sua obra, Berr indicou de que forma essas três causalidades se relacionam, a saber, a *contingência*, a *necessidade* e a *lógica*. A ação das causas entre si seria a própria problemática da síntese. A síntese científica estaria relacionada com a vida em si:

ver-se-á na síntese o nascimento e a vida, por assim dizer, das leis. Não se deve ser tentado a exagerar o papel dessas necessidades: elas aparecerão como algo de móvel, não de sólido, como estados de situações sempre

mais ou menos provisórios. É na lógica que se enraizará sua necessidade profunda. E a contingência aparecerá como um efeito da imperfeição lógica que trabalha constantemente e a lógica que se aperfeiçoa (BERR, 1946 [1911]: 191).

Alcançada a síntese, a pesquisa derivaria em resultados práticos, fazendo com que os seres humanos compreendessem melhor o sentido da ação e das possibilidades de ação, precisando o nosso papel na sociedade e, em última instância, no universo (BERR, 1946 [1911]). Tais proposições complexas desse filósofo-historiador estavam presentes, mais uma vez, desde sua tese e perduraram, como visto no capítulo anterior, em todos os seus empreendimentos. Seu objetivo principal, para além de propor uma epistemologia da História e/ou um método histórico, foi relacionar a história-ciência com a vida. O último capítulo de sua obra de 1911 intitula-se “O futuro da História” e tratou dessa relação entre a História e a ciência, entre a História e a vida. O questionamento se a História era uma ciência ou uma arte, para Berr, já estava resolvido. Segundo ele,

a tão debatida questão se a história é uma arte ou uma ciência, está definitivamente resolvida. A história é uma das formas de pesquisar a verdade: não é um gênero literário. Assim como um tratado de biologia ou de psicologia, uma obra de história não comporta preocupações estéticas. Se um livro que contribuiu para o estabelecimento da verdade é, por acréscimo, julgado belo, é uma chance feliz e uma espécie de luxo (BERR, 1946 [1911]: 193).

A ciência, então, tenderia para o universal, enquanto a arte seria relativa aos fenômenos, sendo um conhecimento mais individual. Na primeira metade do século XX, de acordo com o criador da RSH, a História não se distinguia do romance histórico, porém ela estava se tornando cada vez mais técnica, reservada para especialistas. Tal panorama desse fenômeno poderia indicar, como buscamos sustentar em nosso trabalho, para a movimentação de Henri Berr em uma direção, compreensível dentro de um campo científico, de defender seu ponto de vista teórico-metodológico, visando possivelmente se estabelecer como uma *autoridade científica*. A partir dessa obra, conseguimos identificar as diversas discussões que estavam em voga nesse contexto, por conta dele utilizar os debates que ocorreram dentro de sua revista, a qual reuniu uma gama de trabalhos de diferentes pesquisadores de diversas áreas. Notamos que, como pano de fundo, Berr buscou colocar a História como uma ciência privilegiada para o estudo das sociedades humanas e, em última instância, da vida. Contudo, Berr não defendeu a cientificidade da História em detrimento de outras ciências, mas a partir do auxílio

delas na formação de uma síntese científica. Não só a História seria uma ciência, para o filósofo-historiador, como também seria diferente das outras, por conta de não ser possível dissociar a prática da teoria. Tal relação se devia pela sua relação com a vida:

A história começou por ser a vida; a vida é a história que continua: na realidade o passado e o presente são indissolúveis. Também o homem não compreende bem o seu presente senão por seu passado, nem seu passado senão segundo o seu presente (BERR, 1946 [1911]: 202).

Além disso, para que o historiador melhor realizasse a síntese histórica, seria desejável que ele possuísse uma espécie de senso histórico, a saber, uma curiosidade pelas coisas humanas, a simpatia com o diferente, o mutável e com a vida em si. Essa espécie de aptidão, adquirida ou inata, que ele deveria possuir não estaria em conflito com uma ciência séria, pois cada uma exige uma disposição particular de espírito dos seus pesquisadores (BERR, 1946 [1911]). Ciência diferente das outras, porém sem estar acima ou subordinada a outras, assim também Berr definiu a História. Ele acreditava que cada uma possuía sua própria individualidade, assim como essa disposição particular para praticá-la, mas tendo que respeitar certas condições para que fosse considerada uma ciência. Com essa obra, defendeu estar definindo as condições para que a História fosse elevada ao grau de ciência. Para tanto, distinguiu os dois graus de síntese, a erudita e a científica (histórica). Mesmo a síntese erudita já tenderia para a ciência, pois:

a síntese que tende para a ciência se apresenta inteiramente de outro modo que nas obras de vulgarização estética ou prática. A síntese erudita é submetida a essas condições, que toda afirmação seja acompanhada de provas, que toda ignorância seja confessada, que toda dúvida seja formulada, que toda hipótese seja anunciada como hipótese. Com efeito há lugar, mesmo no trabalho de erudição, para a hipótese, desde que, fundada sobre um certo número de fatos ou de documentos, ela se apresente como tal ou requeira verificação (BERR, 1946 [1911]: 214-215).

Contudo, não se poderia encerrar o trabalho nesse primeiro grau da síntese, já que as meias-verdades seriam mais perigosas do que hipóteses, pois cobertas com uma névoa de autoridade, tornar-se-iam mais difíceis de modificá-las futuramente com a descoberta da verdade, ou seja, da lei histórica que explicaria determinado fenômeno (BERR, 1946 [1911]). Portanto, para resolver tal problema imposto por abordagens metodológicas que não abrangeriam uma diversidade de causalidades, Berr propôs sua síntese histórica. Nesse sentido, realizar a síntese científica “seria fazer a síntese da história estudar e precisar o papel dos diversos

elementos explicativos no conjunto do passado humano” (BERR, 1946 [1911]: 216). Esse foi o erro dos que praticaram ou propuseram as Filosofias da História, pois improvisavam tal obra por nem terem reunidos os fatos e experimentados em número suficiente, nem as ideias que guiavam suas teorias estavam maduras o suficiente para contribuírem com a construção de hipóteses.

Conforme afirmou em seu prefácio, Berr pediu para que seu livro fosse resenhado e que ele acolheria as críticas e as comentaria. Assim sendo, em um artigo de 1911, no mesmo ano de lançamento de seu livro, Henri Berr publicou um texto intitulado *Histoire traditionnelle et synthèse historique*, no qual a primeira parte era a reprodução de uma carta de Louis Halphen⁷³ (1880 – 1950), o qual teceu algumas críticas a proposição de síntese histórica, e a segunda parte era uma resposta de Berr sobre esses questionamentos. O criador da RSH definiu seu comentador como “chartista de origem, medievalista distinguido, crítico de uma inteligência aguda”⁷⁴ (BERR, 1911: 121). Louis Halphen, quando escreveu a carta estava trabalhando como *chargé de cours* na Faculdade de Letras de Bordeaux (CHARLE, 1986). É interessante que Berr tenha frisado a condição de Halphen como *chartista*, pois em seu artigo em comemoração aos dez anos da RSH ele criticou a forma com que os historiadores formados nessa instituição realizavam seu trabalho (BERR, 1910). Em sua carta, então, o *chartista* realizou duas críticas principais ao trabalho de Berr. A primeira, foi sobre a condição da História em analisar o encadeamento dos fatos. Para ele,

que uma tal preocupação seja legítima, que ela possa mesmo chegar aos resultados dos quais o historiador, no senso habitual da palavra, deverá fazer proveito, eu sou o primeiro a reconhecer, pensando que o lote de contingências é geralmente considerável demais em todo encadeamento de fatos para que tenhamos chance de ver uma situação se repetir identicamente. Mas, eu acreditei até agora que esse era o domínio de uma ciência distinta da história, a sociologia, e que a história tinha como papel somente explicar os fatos em suas particularidades. Em outros termos, o que você chama síntese histórica ou história científica difere, aos meus olhos, da história propriamente dita, como a paleontologia, por exemplo, difere da geologia com a qual ela está, contudo, em contato estreito⁷⁵ (HALPHEN apud BERR, 1911: 122).

⁷³ Apesar de possuir o mesmo sobrenome da família da esposa de Henri Berr, não foi possível identificar se ele pertencia a essa mesma família.

⁷⁴ No original: “chartiste d’origine, médiéviste distingué, critique d’une intelligence aiguë”. (Tradução nossa).

⁷⁵ No original: “Qu’une pareille préoccupation soit légitime, qu’elle puisse même aboutir à des résultats dont l’historien, au sens habituel du mot, devra faire son profit, je suis le premier à le reconnaître, tout en pensant que le lot des contingences est d’ordinaire trop considérable dans tout enchaînement de faits pour qu’on ait chance de voir une situation se répéter identique. Mais j’avais

Nesse sentido, notamos como a própria definição de História, nesse momento, estava constantemente sendo discutida, debatida, arregimentando novos adeptos para certas teses, enfrentando as críticas de pesquisadores de outras áreas. Esse é um indicativo dessa luta dentro do campo científico da História, em que cada agente propunha sua própria visão esperando que ela ganhasse força dentro de sua área. Henri Berr se defendeu dessa crítica de Halphen com algumas afirmações e apresentação de suas ideias,

nós dissemos que a síntese histórica comportava repetições idênticas, ou ainda que ela se interessava somente pelas repetições? Nós mostramos, ao contrário, que é preciso levar em conta a contingência, ou a mudança fortuita, e também determinar o papel da lógica, ou da mudança *orientada*; temos prestado especial atenção a determinar todas as modalidades da contingência e todos os aspectos da lógica. Mas nós não estimamos necessário, para que possamos alcançar o “geral”, que haja uma *identidade absoluta* dos fenômenos considerados. Não é suficiente que haja uma constância relativa nas combinações cambiáveis? Ora, os fatos humanos não somente incluem um elemento de constância – o fator social – mas qualquer constância se manifesta na própria ação dos fatores da mudança. Nós tentamos estabelecer que, a contingência se movendo em certos limites, o estudo do fato contingente possa ser conduzido de maneira a separar do “geral”, e que o estudo do fator lógico certamente o fornece, pois permite – e somente permite – alcançar as causas profundas, reais e permanente⁷⁶ (BERR, 1911: 125).

Para Berr, então, sua proposta da síntese histórica de analisar as diversas causalidades era mais ampla do que Louis Halphen fez parecer. Além da *contingência*, também deveriam ser consideradas a *necessidade* (o social) e a *lógica* (a mentalidade). Além disso, o entendimento de Halphen sobre o que seria a História e a Sociologia também foi rebatido por Berr. Para este,

cru jusqu'alors que c'était là le domaine d'une science distincte de l'histoire, la sociologie, et que l'histoire avait seulement pour rôle d'expliquer les faits dans leur particularité. En d'autres termes, ce que vous appelez synthèse historique ou histoire scientifique diffère, à mes yeux, de l'histoire proprement dite comme la paléontologie, par exemple, diffère de la géologie, avec laquelle elle est cependant en contact étroit". (Tradução nossa).

⁷⁶ No original: “Avons-nous dit que la synthèse historique comportait des répétitions identiques, ou encore qu'elle ne s'intéressait qu'aux répétitions ? Nous avons montré, au contraire, qu'il faut faire la part de la contingence, ou du changement fortuit, et aussi déterminer le rôle de la logique, ou du changement *orienté*; nous nous sommes attachés particulièrement à déterminer toutes les modalités de la contingence et tous les aspects de la logique. Mais nous n'estimons pas nécessaire, pour qu'on puisse atteindre du « général », qu'il y ait une *identité absolue* des phénomènes considérés. Ne suffit-il pas qu'il y ait une constance relative dans les combinaisons changeantes ? Or, non seulement les faits humains enferment un élément de constance, - le facteur social, - mais quelque constance se manifeste dans l'action même des facteurs du changement. Nous avons essayé d'établir que, la contingence se mouvant dans certaines limites, l'étude du facteur contingent peut être menée de façon à dégager du « général », et que l'étude du facteur logique en procure sûrement puisqu'elle permet – et permet seule – d'atteindre les causes profondes, réelles et permanentes”. (Tradução nossa).

sem insistir sobre sua primeira objeção, L. Halphen passa rapidamente à segunda. “Eu acreditei até o momento”, diz ele, que o estudo das repetições era o “domínio de uma ciência distinta da história, a sociologia, e que a história tinha somente como papel explicar os fatos em suas particularidades”. É a própria tese dos historiadores “historizantes”, quando eles querem reconhecer que há alguma coisa a fazer, a qual eles não fazem. Essa “qualquer coisa”, eles a afastam chamando a sociologia⁷⁷ (BERR, 1911: 126).

Henri Berr definiu o trabalho do historiador *historizante* como útil, mas tradicional, empírico e limitado a um papel prático que não deveria ser confundido com ciência. A História historizante ligaria os fatos entre si e analisaria as razões das mudanças políticas, sociais ou morais, mas não explicaria, segundo Berr, como ela os ligava e qual a natureza dessas razões que ela analisava. Assim, seria um trabalho incompleto e perigoso, como apontado em seu livro, pois por ser uma meia-verdade, poderia afastar o historiador do real trabalho científico a ser realizado, qual seja, a síntese histórica. Por isso, nesse texto de resposta as críticas de Halphen, Berr voltou a definir qual o lugar da Sociologia e qual a sua relação com a História. De acordo com ele,

[...] eu [Henri Berr] me preocupei em meu livro em circunscrever o domínio da sociologia. É minha culpa, certamente, se eu não me fiz entendível. Eu não quis “estudar as causas mais gerais dos *fenômenos sociais*”, mas determinar as causas as mais gerais que intervêm nos *fatos humanos*, dentre as quais figuram as *necessidades sociais*. Para mim, a sociologia, longe de ser colocada de lado, deve ser integrada na história-ciência, na síntese. Ela estuda um dos elementos constitutivos da história, o elemento propriamente social, o que resulta da necessidade que os homens têm de se associar as instituições onde se manifesta a sociedade como sociedade. Ela estuda as repetições, por consequência; mas as repetições que afetam a contingência, de um lado, sobre as quais age, de outro, a lógica⁷⁸ (BERR, 1911: 127).

⁷⁷ No original: “Sans insister sur sa première objection, L. Halphen passe aussitôt à la seconde. « J’avais crus jusqu’alors », dit-il, que l’étude des répétitions était le « domaine d’une science distincte de l’histoire, la sociologie, et que l’histoire avait seulement pour rôle d’expliquer les faits dans leur particularité ». C’est la thèse même des historiens « historisants », lorsqu’ils veulent bien reconnaître qu’il y a quelque chose à faire, qu’ils ne font pas. Ce « quelque chose », ils l’écartent en l’appelant sociologie”. (Tradução nossa).

⁷⁸ No original: “[...] je me suis attaché dans mon livre à circonscrire le domaine de la sociologie. C’est ma faute, certainement, si je ne me suis pas fait bien comprendre. Je n’ai pas voulu « étudier les causes les plus générales des *phénomènes sociaux* », mais déterminer les causes les plus générales qui interviennent dans les *faits humains*, - parmi lesquelles figurent les *nécessités sociales*. Pour moi, la sociologie, bien loin d’être mise à part, doit être intégrée dans l’histoire-science, dans la synthèse. Mais elle n’est qu’un des points de vue de la synthèse. Elle étudie un des éléments constitutifs de l’histoire, l’élément proprement social, ce qui résulte du besoin qu’ont les hommes de s’associer les institutions où se manifeste la société en tant que société. Elle étudie des répétitions, par conséquent ; mais des répétitions qu’affecte la contingence, d’une part, sur lesquelles agit, d’autre part, la logique”. (Tradução nossa).

Então, novamente, Berr buscou colocar a Sociologia, para a realização da síntese *histórica*, como uma ciência auxiliar, importante, mas como uma parte da história-ciência. Esse foi o segundo questionamento que Louis Halphen fez ao texto de Berr, sobre a História ser uma ciência ou uma arte e, se a primeira, de que tipo ela seria. Para o *chartista*,

temo que não nos enganamos, quando falamos de história *científica*, sobre o valor desse qualitativo colado na palavra história, e é talvez tempo de renunciar enfim a esse pueril debate: a história é uma ciência ou uma arte? A história, certamente, não é uma ciência da mesma ordem que a matemática ou mesmo que a física ou a biologia; o que quer que façamos, ela jamais terá o rigor; os dados com os quais ela procede a condenarão sempre a ser somente uma série de hipóteses sugeridas pela aleatoriedade dos documentos, e se a profissão do historiador não é inteiramente estéril, é que podemos esperar, por um método severo, restringir cada dia mais o campo das poucas hipóteses que esses documentos nos permitem formar. A história continua, então, a me aparecer como uma ciência particular. Não que ela deva deixar de confrontar os eventos e as instituições longínquas no tempo e nos espaço, pois eu sou desses que creem na utilidade da história comparada, desafiando assimilações precipitadas; mas, para o historiador, esse é somente um meio de se aproximar mais perto da verdade⁷⁹ (HALPHEN apud BERR: 1911: 122-123).

Apesar de Halphen entender a História como uma ciência, ele a colocava como específica do particular, ou seja, não passível de realizar generalizações, pois sempre estaria presa ao acaso das hipóteses possíveis de serem feitas a partir dos documentos utilizados. Contudo, a partir do livro e desse texto, notamos que Berr entendia a História como algo mais amplo, com mais possibilidades de pesquisa e análise, algo que deveria ser complexificado com o auxílio de outras ciências para se chegar a um nível de uma verdadeira ciência do geral. Berr se defendeu afirmando que,

está cada vez mais solidamente estabelecido que cada ciência tem seus procedimentos especiais – portanto, sua lógica – em relação com seu objeto próprio, ainda que existam condições gerais e uma *atitude* que se impõem ao erudito não importa em qual lugar da ciência. A história sofreu muito com

⁷⁹ No original: “Je crains qu’on ne s’abuse, quand on parle d’histoire *scientifique*, sur la valeur de ce qualificatif accolé au mot histoire, et il est peut-être temps de renoncer enfin à ce puéril débat : l’histoire est-elle une science ou un art ? L’histoire, certes, n’est pas une science du même ordre que la mathématique ou même que la physique ou la biologie ; quoi qu’on fasse, elle n’en aura jamais la rigueur ; les données d’après lesquelles elle procède la condamneront toujours à n’être qu’une suite d’hypothèses suggérées par le hasard des documents, et si le métier d’historien n’est pas entièrement stérile, c’est qu’on peut espérer, par une méthode sévère, restreindre chaque jour davantage le champ des quelques hypothèses que ces documents nous autorisent à former. L’histoire continue donc à m’apparaître comme une science du particulier. Non qu’elle doive s’interdire de confronter des événements et des institutions éloignés dans le temps et dans l’espace, car je suis de ceux qui croient à l’utilité de l’histoire comparée, tout en me défiant des assimilations hâtives ; mais ce n’est là pour l’historien qu’un moyen d’approcher de plus près la vérité”. (Tradução nossa).

o esforço que muitas vezes foi feito para assimilá-la arbitrariamente em tal ou tal disciplina heterogênea. Ela não tem as mesmas características que a matemática, que a física, que a biologia, porque ela é a história. Mas dizer que ela é uma “ciência do particular”, isso que é verdadeiramente abusar do termo de ciência e criar uma aliança de palavras contraditórias. Ela só será uma ciência do mesmo tipo que as outras na condição de procurar e estabelecer o geral. Ora, isso ela pode fazer; e é preciso que ela o faça metodicamente. [...]. É, então, bem verdadeiro que a questão: se a história é uma ciência ou uma arte, não deve mais ser colocada, mas porque a história deve ser definitivamente promovida à dignidade de ciência e tratada como tal. Da arte, se ela reteve qualquer coisa, seria uma intuição da vida, um certo dom de penetração psicológica, que pode ajudar o historiador, que pode fazer a vocação do historiador, mas que não substitui o método científico⁸⁰ (BERR, 1911: 128-129).

Com isso, Berr buscou tirá-la definitivamente do escopo das artes e defender a História como uma ciência diferente das outras, sem rebaixá-las. Seria proveitoso algo das artes, como um modo outro modo de escrevê-la e para dar um outro olhar ao ser humano. Por fim, o criador da RSH defendeu novamente sua síntese histórica. Conforme ele advogou,

eu não pretendo que a síntese histórica seja a “verdadeira” história, se isso significasse que ela é a única forma legítima do trabalho histórico. Mas ela é a única forma plenamente científica da história. A erudição, ou análise, representa o trabalho preparatório, de qualquer forma indispensável – nós não poderíamos repetir demasiadamente. A história “historizante” é um modo empírico de história: ela narra, ela descreve, ela expõe; algumas vezes ela explica em uma certa medida, mas essas explicações vão a tateio, não repousam sobre um método preciso, sobre a consciência clara dos problemas a resolver. Tal qual, a história “historizante” não é menos útil, eu diria mesmo que ela é provisoriamente necessária. É necessário que um povo se situe no tempo, que a juventude de um povo se enraíze, até um certo ponto, na tradição. Bem mais, é necessário que os trabalhadores tenham uma primeira noção empírica da realidade fugidia, para fundar sobre esse dado o estudo científico do passado⁸¹ (BERR, 1911: 129-130).

⁸⁰ No original: “Il est de plus en plus solidement établi que chaque science a ses procédés spéciaux – donc sa logique – en rapport avec son objet propre, bien qu’il y ait des conditions générales et une *attitude* qui s’imposent au savant dans n’importe quel canton de la science. L’histoire n’a que trop souffert de l’effort qui a été fait souvent pour l’assimiler arbitrairement à telle ou telle discipline hétérogène. Elle n’a pas les mêmes caractères que la mathématique, que la physique, que la biologie, parce qu’elle est l’histoire. Mais dire qu’elle est une « science du particulier », voilà qui est véritablement abuser du terme de science et créer une alliance de mots contradictoire. Elle ne sera une science au même titre que les autres qu’à condition de chercher et d’établir du général. Or, cella elle le peut faire ; et il s’agit qu’elle le fasse méthodiquement. [...]. Il est donc bien vrai que la question : si l’histoire est une science ou un art, ne doit plus se poser, mais parce que l’histoire doit être définitivement promue à la dignité de science et traitée comme telle. De l’art, si elle retenait quelque chose, ce serait une intuition de la vie, un certain don de pénétration psychologique, qui peut aider l’historien, qui peut faire la vocation d’historien, mais qui ne supplée pas à la méthode scientifique”. (Tradução nossa).

⁸¹ No original: “Je ne prétends pas que la synthèse historique soit la « vraie » histoire, si cela devait signifier qu’elle est la seule forme légitime du travail historique. Mais elle est la seule forme pleinement scientifique de l’histoire. L’érudition, ou l’analyse, représente le travail préparatoire, d’ailleurs indispensable, - nous ne saurions trop le répéter. L’histoire « historisante » est un mode empirique d’histoire : elle narre, elle décrit, elle expose ; quelquefois elle explique dans une certaine

Assim, essa forma de História historizante não deveria ser esquecida, mas colocada em seu lugar, não como uma ciência, mas como algo que poderia contribuir para o entendimento de um povo enquanto povo, como uma primeira noção da História. Para se chegar ao patamar de uma história-ciência, o caminho a ser seguido seria o da síntese histórica. Enrico Gattinara (1996) propôs que Berr estava se posicionando em uma complexa rede de crises que se entrecruzam, “de resistências, de inovações e reações, de nodos onde se condensam soluções ‘revolucionárias’ e de linhas que retornam à ideias muito tradicionais”⁸² (GATTINARA, 1996: 26). Essas ideias tradicionais que seriam retomadas, no caso de Berr, seria a concepção de síntese. Assim, Berr teria entendido essas diversas crises como uma só, a qual seria passível de resolução de uma só vez, ou seja, a partir da síntese científica. “O que é impressionante, de fato, é a forma cuja Berr elabora sua ideia de síntese em 1898 e permanece essencialmente a mesma durante mais de cinquenta anos: é o seu ‘ideal’, como ele diz, sua ideia-força, sua religião também”⁸³ (GATTINARA, 1996: 27). Como visto, essa ideia esteve presente nos mais diversos empreendimentos de Berr, desde sua revista, passando pela sua coleção de livro até seu Centro.

Nessa época, entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX, a ciência era tida como o caminho progressivo para a verdade, como a mais alta manifestação da inteligência humana, principalmente por uma corrente racionalista, a exemplo do filósofo Émile Boutroux, o qual era próximo de Berr e que possivelmente influenciou-o (GATTINARA, 1996). Nesse sentido, Berr não estava isolado quando propunha que a sua ideia de síntese histórica tinha uma relação com a ciência e a própria vida, pois estava inserido em um contexto de defesa da ciência.

mesure, mais ces explications vont à tâtons, ne reposent pas sur une méthode précise, sur la conscience claire des problèmes à résoudre. Telle quelle, l'histoire « historisante » n'en est pas moins utile, je dirai même qu'elle est provisoirement nécessaire. Il est nécessaire qu'un peuple se situe dans le temps, que la jeunesse d'un peuple s'enracine, jusqu'à un certain point, dans la tradition. Bien plus, il est nécessaire que les travailleurs aient une première notion empirique de la réalité évanouie, pour fonder sur cette donnée l'étude scientifique du passé”. (Tradução nossa).

⁸² No original: “de résistances, d'innovations et de réactions, de nœuds ou se condensent des solutions « révolutionnaires » et de lignes qui renvoient à des idées très traditionnelles”. (Tradução nossa).

⁸³ No original: “Ce qui est étonnant, en effet, c'est que la façon dont Berr élabore son idée de la synthèse en 1898 reste essentiellement la même durant plus de cinquante ans: c'est son « idéal », comme il le dit, son idée-force, sa religion aussi.”. (Tradução nossa).

Por isso sua defesa de uma história-ciência, uma disciplina capaz de se relacionar com a Vida e com a Verdade. Para tanto,

quando Berr trata da verdade científica no quadro da síntese (da síntese histórica notadamente), é fácil de reconhecer que tal é também sua convicção. A história tornou-se uma ciência que pode se aproximar da verdade se, e somente se, a noção de verdade muda de status e não se calca mais sobre o modelo clássico das ciências físicas e matemáticas (que está também em crise): seu poder explicativo depende do caráter muito particular de suas causas e de suas leis, que estão mais próximos do que é propriamente humano⁸⁴ (GATTINARA, 1996: 32).

Por isso da História como uma ciência diferente das outras, mas ainda assim uma ciência. Nesse sentido, Gattinara (1996) reconheceu em Berr que uma de suas propostas da síntese seria o esforço de em reconhecer a realidade total, esse seria o espírito verdadeiramente científico do projeto berriano. As leis propostas por Berr seriam como etapas de uma unificação que se realizaria segundo um princípio de ordem, ou seja, essas leis seriam níveis de síntese, que a ciência buscaria aperfeiçoar ao longo do tempo. Assim, a epistemologia berriana quis elevar a História ao mesmo patamar das outras ciências, recusando reduzi-la aos modelos científicos das ciências exatas, e aportando uma concepção maior do que seria a ciência (GATTINARA, 1996). Nesse sentido, não haveria uma hierarquia entre ciências, na qual a História estaria no topo, mas, conforme defendeu Gattinara (1996), uma federação das ciências, cada uma mantendo sua dignidade e importância próprias.

Se a vemos mais de perto, pode-se perceber que o papel dominante, esse lugar de primeiro plano e essa importância não se tornaram uma totalização e, sobretudo, não implicam em nenhuma sistematização hierarquizada. Se relemos a teoria do Berr à sua atividade e à tudo o que ele organizou, podemos verificar bem facilmente que sua hostilidade para com todo espírito de sistema e todo dogmatismo comporta uma concepção de conjunto do saber que, em primeiro lugar, não recai em reducionismos fáceis e, em segundo lugar, abre um tipo de “federação” das formas do saber científico, onde todas estão em um mesmo nível de dignidade científica, cada uma guardando sua própria especificidade epistemológica (de onde seu combate ininterrupto para dar à história uma dignidade científica à altura das outras ciências)⁸⁵ (GATTINARA, 1996: 37).

⁸⁴ No original: “lorsque Berr traite de la vérité scientifique dans le cadre de la synthèse (de la synthèse historique notamment), il est aisé de reconnaître que telle est aussi sa conviction. L'histoire devient une science qui peut se rapprocher de la vérité si, et seulement si, la notion de vérité change de statut et ne se calque plus sur le modèle classique des sciences physiques et mathématiques (qui est d'ailleurs en crise): son pouvoir explicatif dépend du caractère très particulier de ses causes et de ses lois, qui se rapprochent le plus de ce qui est proprement humain”. (Tradução nossa).

⁸⁵ No original: “si l'on regarde de plus près, on peut s'apercevoir que ce rôle dominant, cette place de premier plan et cette importance ne deviennent pas une totalisation et surtout n'impliquent aucune systématisation hiérarchisée. Si l'on relie la théorie de Berr à son activité et à tout ce qu'il a

Essa ideia de uma federação das ciências, ou posto de outra forma, que cada uma tinha seu papel e sua importância, estava presente no seu livro de 1911. Berr afirmou que “cada ciência tem sua individualidade; mas há condições fora das quais não se poderia encontrar ciência” (BERR, 1946 [1911]: 214). Assim, ele entendia que havia algumas condições que uma disciplina deveria cumprir para ser considerada uma ciência, mas não que uma era mais importante ou estava acima da outra. De acordo com Gattinara, “sua ideia de síntese, unitária, mas não hierarquizante, permitiu Berr de organizar no concreto um espaço muito livre de encontro intelectual, por que unir não quer dizer reduzir e a ordem não implica em uma hierarquia”⁸⁶ (GATTINARA, 1996: 38). Essa foi a forma que Berr buscou se posicionar dentro do campo científico da História, com sua defesa de uma história-ciência, propondo uma abordagem teórico-metodológica nova, calcada na ideia de síntese. Essa posição pode ser compreendida melhor à luz de sua formação científica variada, passando por diversos campos, como o das Letras, com a sua *agrégation*, e o da Filosofia, com seu doutorado, antes de se colocar no da História. Essa sua característica interdisciplinar foi uma de suas forças, ao conseguir relacionar as mais diversas áreas, mas também uma de suas fraquezas, já que sofreu diversas críticas por não ser um historiador de formação, sendo considerado demasiadamente filosófico por alguns de seus pares e pela historiografia.

Podemos entender que essa abertura a outras ciências, para além de seu projeto pessoal da síntese histórica, também estava relacionada com a falta de capital científico de Henri Berr, ou seja, em uma fraqueza sua dentro do campo científico da História para impor sua definição a outros agentes. Contudo, buscou remediar essa situação com a criação de diversos empreendimentos científicos bem-sucedidos, caso da RSH, do Centro e da coleção. Assim, a figura de Berr torna-se mais complexa do que aquela perpetrada por uma historiografia pós-*Annales*. Rico em capital social e econômico, mas fragilizado em seu capital científico, os

organisé, on peut vérifier assez aisément que son hostilité à l'égard de tout esprit de système et de tout dogmatisme comporte une conception de l'ensemble du savoir qui, en premier lieu, ne tombe pas dans des réductionnismes faciles, et, en deuxième lieu, ouvre une sorte de « fédération » des formes du savoir scientifique, où toutes sont sur un même niveau de dignité scientifique, chacune gardant sa propre spécificité épistémologique (d'où son combat ininterrompu pour donner à l'histoire une dignité scientifique à la hauteur des autres sciences).” (Tradução nossa).

⁸⁶ No original: “son idée de la synthèse, unitaire mais non hiérarchisante, a permis à Berr d'organiser dans le concret un espace très libre de rencontre intellectuel, parce que unir ne veut pas dire réduire et l'ordre n'implique pas une hiérarchie.”. (Tradução nossa).

empreendimentos de Berr tiveram essa característica de serem bem-sucedidos entre os pesquisadores, tanto sua revista quanto o Centro, mas nunca conseguindo fortalecer sua teoria própria da síntese histórica, essa ficando em segundo plano. Outra característica que fica notável em Berr é a de que ele foi um eclético, propondo um estudo geral da História, em um momento em que os historiadores caminhavam para uma especialização de suas pesquisas, conforme Noiriél (1990). Assim, percebemos a força de Henri Berr em criar empreendimentos intelectuais relativamente bem-sucedidos, mas tendo certa dificuldade em propagar sua ideia de uma síntese histórica/científica.

3 ENTRE POLÊMICAS E PROPOSTAS: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DE A.-D. XÉNOPOL NA RSH

Optamos em dedicar um capítulo para o debate historiográfico produzido por Alexandru Xénopol (1847 – 1920) não só por conta de sua prolífica contribuição para a RSH, tendo diversos textos de sua autoria, mas também por ter explicitado de forma detalhada sua proposta de Teoria da História, apresentando diversos conceitos. Sua frutífera produção, e os temas abordados em seus textos, permitem recuperar diversos aspectos dos grandes debates da época. Dentre esses, podemos citar a discussão acerca da cientificidade da História e o critério de classificação das ciências, as diferentes propostas sobre a causalidade e as diversas concepções de Teorias e Metodologias para a ciência histórica.

Esse historiador romeno estudou na Universidade de Viena durante sua graduação e realizou seu doutorado pela Universidade de Berlim. Atuou profissionalmente na Universidade de Iasi, na Romênia, tanto como professor quanto reitor (BORGES, 2013). Teve diversas publicações na RSH, com 14 artigos e 3 resenhas⁸⁷, além de 2 comentários. Seus artigos na revista versaram sobre temas relacionados com a Teoria da História, onde defendeu sua perspectiva de ciências dos fatos de sucessão e ciências dos fatos de repetição. Também publicou uma obra, em 1899, intitulada *Les principes fondamentaux de l'Histoire* (Os princípios fundamentais da História).

Para esse capítulo, selecionamos uma parte dos textos que Xénopol publicou na RSH, especialmente aqueles que tinham um foco maior na parte teórica. Essa escolha se deu por ser nessas contribuições que o historiador romeno mais apresentou suas aproximações e afastamentos de outros pesquisadores, principalmente os franceses. Apesar de ter tido uma carreira na Romênia, Xénopol se preocupou em se inserir no campo científico francês, publicando não só na RSH, mas também na *Revue historique* (BORGES, 2013). Acreditamos que tal forma de atuação esteve relacionada com o desenvolvimento do campo científico em História na França, com diversos agentes buscando impor ali suas ideias, suas definições de ciência, suas contribuições para a Teoria e Metodologia da História. Além disso, a escolha em publicar seus textos na França também esteve relacionada com a

⁸⁷ Para mais informações sobre o autor, conferir a Tabela Biográfica em Anexo.

centralidade no sistema universitário internacional, tornando esse país um importante local para a proposição de resoluções dos debates correntes do período. Xénopol procurou se inserir nas discussões através de um diálogo com autores franceses e alemães.

Nesse sentido, analisamos aqui seus textos referentes ao debate com o historiador francês Paul Lacombe (1834 – 1919), a saber, artigos que versaram sobre seus conceitos de *atos de repetição* e *atos de sucessão*; sua visão sobre a relação entre *meio* e *raça*; e, pondo fim a esse conjunto de textos, sua *classificação das ciências* e o lugar da História entre elas. Além disso, também comentamos seus artigos acerca da *causalidade* em História, temática que estava em voga no período.

3.1 AS INTERVENÇÕES DO HISTORIADOR ROMENO ALEXANDRU XÉNOPOL

3.1.1 A polêmica inicial entre Lacombe e Xénopol: entre repetição e sucessão

No número de lançamento da RSH, em 1900, um texto publicado por Paul Lacombe deu início a um debate entre ele e Alexandru Xénopol. Lacombe, francês, se formou primeiro em Direito, em 1854, pela Faculdade de Paris e, depois, integrou a *École des Chartes*, em 1859. Lacombe não iniciou sua carreira no sistema de ensino e pesquisa francês, em vez disso, atuou primeiramente como arquivista em *Corrèze*, departamento francês, e depois como subprefeito de *Figeac*. Tal trajetória é compreensível por conta de sua formação como arquivista. Por fim, trabalhou como Inspetor Geral de bibliotecas e arquivos (CORDEIRO JR, 2010). Foi um prolífico autor na RSH, onde contribuiu com 44 textos, sendo 39 artigos e 5 resenhas⁸⁸. Em 1894, publicou uma de suas obras mais conhecidas, *De l'histoire considérée comme science* (Da história considerada como ciência), na qual, conforme já indica seu título, defendeu a cientificidade da História, discussão presente em diversas obras entre finais do século XIX e início do século XX, conforme percebemos nas discussões que ocorreram na própria RSH.

Em agosto de 1900, publicou o artigo intitulado *La science de l'Histoire d'après M. Xénopol* (A ciência da História segundo o Sr. Xénopol), onde analisou e teceu críticas referentes à já mencionada obra do historiador romeno de 1899. Sua

⁸⁸ Para mais informações sobre o autor, conferir a Tabela Biográfica em Anexo.

crítica iniciou ao identificar A.-D. Xénopol como um historiador de práticas antiquadas, o qual estaria focado em uma história diplomática. Para ele, “o pensamento de M. Xénopol é o da história diplomática, contingente, eu diria mesmo que acontecimental, resta ainda – ao menos tal qual fizeram recentemente os senhores Mommsen, Ranke, Fustel e outros – a verdadeira história, a única história a fazer”⁸⁹ (LACOMBE, 1900: 28). O historiador romeno rebateu essa e outras críticas em seu texto publicado em 1900, no segundo número da revista, intitulado *Les faits de répétition et les faits de succession* (Os fatos de repetição e os fatos de sucessão). Nele, Xénopol afirmou que

o Sr. Lacombe contesta que, por exemplo, Ranke, Mommsen, Fustel de Coulanges tenham feito história científica; a obra deles é uma história literária; quanto à história científica, ela ainda não foi feita até o presente. Trabalhamos, no momento, em sua teoria; quando essa for concluída, só então saberemos como criá-la⁹⁰ (XÉNOPOL, 1900a: 121-122).

Além disso, também se defendeu da acusação de ter feito uma história diplomática. Segundo ele,

o Sr. Lacombe não observou os termos que nós empregamos quando nós dissemos ‘reconhecer no desenvolvimento *social* e político que constitui a vida do Estado, o elemento principal da história’ entre uma tal história, com centro *social* e político, e a história diplomática, há um abismo⁹¹ (XÉNOPOL, 1900a: 123).

Xénopol então argumentou estar preocupado com a parte social em um estudo histórico, logo, não estaria realizando uma história diplomática ou acontecimental. Lacombe criticou a forma com que Xénopol definiu a ciência, entre fatos de repetição e fatos de sucessão, e definiu o que ele entendia ser a matéria da ciência. O historiador francês afirmou que

certamente o Sr. Xénopol é livre em definir a ciência como ele bem entende; e, por outro lado, é claro que tendo definido a ciência como ele o faz, a história ordinária remonta ao estado de ciência. Somente os adversários que ele crê ter persuadido ou derrotado mantêm suas posições, pois toda a

⁸⁹ No original: “La pensée de M. Xénopol est bien que l’histoire diplomatique, éventuelle, je dirai volontiers événementielle, reste encore – au moins telle que l’ont faite récemment MM. Mommsen, Ranke, Fustel et autres – la véritable histoire, la seule et unique histoire à faire”. (Tradução nossa).

⁹⁰ No original: “M. Lacombe conteste que, par exemple, Ranke, Mommsen, Fustel de Coulanges aient fait de l’histoire scientifique ; leur œuvre n’est que de l’histoire littéraire ; quant à l’histoire scientifique, elle n’a pas même été essayée jusqu’à présente. On travaille maintenant à sa théorie ; quand cette dernière sera achevée, ce n’est qu’alors qu’on saura comment il faut s’y prendre pour la créer”. (Tradução nossa).

⁹¹ No original: “M. Lacombe n’a pas pris garde aux termes que nous employons lorsque nous disons « reconnaître dans le développement *social* et politique qui constitue la vie de l’État, l’élément principal de l’histoire ». Entre une pareille histoire, au centre *social* et politique, et l’histoire diplomatique, il y a un abîme”. (Tradução nossa).

argumentação do Sr. Xénopol passa ao largo deles, sem os tocar. Com ou sem razão, “os pensadores” continuarão a distinguir a realidade da verdade; eles continuarão a estimar que a realidade, por melhor provada, ainda não é ciência, mas somente sujeito à ciência, que a ciência é feita de similitudes mais ou menos estendidas, abstratas e extraídas da realidade, e de sucessões mais ou menos constantes, igualmente abstratas⁹² (LACOMBE, 1900: 29).

No ano seguinte a essa discussão, em 1901, Xénopol publicou um artigo intitulado *La classification des sciences et l'Histoire* (A classificação das ciências e a História), onde buscou apresentar de forma mais detalhada sua proposta original de classificar as ciências baseadas em dois conceitos centrais de seu pensamento, os fatos de repetição e os fatos de sucessão⁹³. Paul Lacombe, a partir do livro de 1899 de Xénopol, criticou esses conceitos próprios do historiador romeno por serem confusos e, em última instância, alterar o sentido das palavras.

Parece antes, Sr. Xénopol, que nós todos cometemos uma singular gafe; nós confundimos juntos os eventos ou fatos coexistentes e os eventos sucessivos. [...]. Sr. Xénopol tem definições próprias que não são comuns. Dois fatos que se assemelham, mesmo quando um se apresenta no ano mil antes de cristo e outro no ano mil depois, são, para o Sr. Xénopol, fatos coexistentes. Vemos que ele faz da palavra sucessivo sinônimo da palavra diferente. [...]. Os fatos sucessivos são esses sobre os quais o tempo opera modificações; e os fatos sucessivos são necessariamente diferentes. Onde vemos que o Sr. Xénopol faz da palavra sucessiva equivalente da palavra diferente. Só temos que nos habituar⁹⁴ (LACOMBE, 1900: 32).

Por conta dessa singularidade na definição de suas ideias, assim como Berr e sua proposta da síntese histórica, Xénopol sentiu a necessidade de explicar e aprofundar suas ideias de sucessão e repetição em seus outros textos. De forma

⁹² No original: “Certes M. Xénopol est libre de définir la science comme bon lui semble; et, d’autre part, il est clair qu’ayant défini la science comme il l’a fait, l’histoire ordinaire monte à l’état de science. Seulement les adversaires qu’il croit avoir persuadés ou battus gardent leurs positions, car toute l’argumentation de M. Xénopol passe à côté sans y toucher. À tort ou à raison « les penseurs » continueront à distinguer la réalité de la vérité ; ils continueront à estimer que la réalité la mieux prouvée n’est pas encore de la science, mais seulement matière à science, que la science est faite de similitudes plus ou moins étendues, abstraites et extraites de la réalité, et de successions plus ou moins constantes, également abstraites.”. (Tradução nossa).

⁹³ Tal discussão é analisada mais detidamente no subitem 4.2.

⁹⁴ No original: “Il paraît qu’avant M. Xénopol, nous commettions tous une singulière bévue; nous confondions ensemble les événements ou faits coexistants et les événements successifs [...]. Mais, c’est qu’ici et à d’autres endroits, M. Xénopol a des définitions à lui, que ne sont pas celles du commun. Deux faits qui se ressemblent, quand bien même l’un se présenterait l’an mille avant Jésus-Christ et l’autre l’an mille après, sont pour M. Xénopol des faits coexistants. On voit qu’il fait le mot coexistant synonyme de pareil [...]. Les faits successifs sont ceux sur qui le temps opère des modifications ; et ces faits successifs sont nécessairement dissemblables. Par où on voit que M. Xénopol fait du mot successif l’équivalent du mot dissemblable. Il n’y a qu’à s’y habituer.”. (Tradução nossa).

breve, em sua réplica, o historiador romeno procurou explicitar quais seus entendimentos sobre esses conceitos. Os fatos de repetição seriam os que

se repetem continuamente sem mudanças notórias, seja de uma maneira simultânea ([...] queda dos corpos e outros fenômenos físicos e químicos), seja na corrente do tempo (revolução e rotação da terra com suas consequências: marés, estações, alternância do dia e da noite). Esses fatos não têm absolutamente nada de histórico, a menos que pudéssemos notar que eles eram outros em uma época precedente e que eles mudaram depois. A reprodução de tais fatos na corrente do tempo não constitui uma sucessão, mas uma repetição do mesmo fenômeno. [...]. Esses fatos de repetição formam o objeto das ciências de leis. [...]. A ação que produz o fato, realizada por uma proposição única, constitui à lei à qual obedece a produção do fenômeno⁹⁵ (XÉNOPOL, 1900a: 125).

Esses fatos de repetição estariam relacionados com as ciências da natureza e seriam independentes da ação do tempo, ou seja, ocorrem no tempo, mas sem serem influenciados por ele. Por sua vez, os fatos sucessivos seriam fatos de repetição que sofreriam modificações ao longo de sua ocorrência.

o que é um fato sucessivo? É o que, como resultado de influências diversas, se modificam no tempo. [...]. Nós objetamos que também são repetições, pois as diversas batalhas são de fatos similares; os artistas e os eruditos, homens que praticam a mesma ocupação. De fato, é uma repetição, mas uma *repetição diferenciada* que não reproduz o mesmo fato, mas um fato diferente, embora de mesma natureza⁹⁶ (XÉNOPOL, 1900a: 126).

Por conta do seu período de doutoramento na Alemanha, é possível conjecturar que Xéropol tenha sido influenciado pelas ideias presentes nesse sistema de ensino. Com isso, é interessante observar a semelhança entre sua proposta de classificação das ciências, divididas em fatos de sucessão e de repetição, com as ideias de Wilhelm Windelband (1848 – 1915), ilustre pensador neokantiano e considerado um dos fundadores da Escola de Baden, juntamente com Heinrich Rickert (RINGER, 2000). Windelband propôs uma divisão metodológica das

⁹⁵ No original: “[...] se répètent continuellement sans changements notoires, soit d’une façon simultanée ([...] chute des corps et autres phénomènes physiques et chimiques), soit dans le courant du temps (révolution et rotation de la terre avec ses conséquences : marées, saisons, alternance du jour et de la nuit). Ces faits-là n’ont absolument rien d’historique, à moins que l’on ne puisse constater qu’ils étaient autres à une époque précédente et qu’ils ont changé depuis. La reproduction de pareils faits dans le courant du temps ne constitue pas une succession, mais bien une répétition du même phénomène. [...]. Ces faits de répétition forment l’objet des sciences de lois. [...]. L’action qui produit le fait, rendue par une proposition unique, constitue la loi à laquelle obéit la production du phénomène.”. (Tradução nossa).

⁹⁶ No original: “Qu’est-ce qu’un fait successif ? C’est celui qui, par suite d’influences diverses, se modifie dans le temps. [...]. On objecte que ce sont aussi des répétitions, car les diverses batailles sont de faits semblables ; les artistes et les savants, des hommes qui pratiquent la même occupation. En effet, c’est une répétition, mais une *répétition différenciée* qui ne reproduit plus le même fait, mais bien un fait différent, quoique de même nature.”. (Tradução nossa).

disciplinas empíricas, entre as *nomotéticas* e as *ideográficas*. A abordagem nomotética teria como objetivo explicar “objetos e eventos particulares por meio de seu ordenamento sobre regras gerais” (RINGER, 2000: 302). Por sua vez, a abordagem ideográfica se interessaria pela característica única do objeto em questão, buscando descrevê-lo de forma completa. Esta, seria mais apropriada para as áreas da biografia e da história (RINGER, 2000). Assim, o conhecimento nomotético se apresentaria em forma de leis, enquanto o ideográfico a partir de padrões ou eventos singulares. Contudo, apesar dessa proximidade entre a História e o método ideográfico, para Windelband, o mesmo conjunto de fenômenos poderia ser estudado por ambas as abordagens, não existindo uma fronteira absoluta entre eles (RINGER, 2004). A partir disso, encontramos semelhanças nas proposições de Windelband e de Xénopol, já que este também dividia as ciências entre fatos de sucessão, que estudaria fenômenos que não se repetiriam ao longo do tempo, e fatos de repetição, a qual pesquisaria fenômenos que se repetiriam ao longo do tempo⁹⁷. Por se tratar de uma discussão com ampla repercussão, essa de Windelband, entendemos que Xénopol possa ter sido influenciado pelas propostas desse pesquisador alemão. Outro indício dessa aproximação, foi um texto publicado por Xénopol, também na RSH, em 1902, no qual analisou uma obra do historiador alemão Heinrich Rickert, o qual, de acordo com Fritz Ringer (2000), também realizou discussões a partir desses conceitos propostos por Windelband. Xénopol, nesse artigo, teceu aproximações entre sua pesquisa com a de Rickert, sendo um indicativo não só da aceitação das ideias desses historiadores alemães, mas também de uma forma de apropriação delas.

A partir disso, vemos como o tempo tinha um papel crucial na proposta do historiador romeno, sendo objeto de discussão entre ele e Lacombe. Essa conceituação de tempo e de ocorrência dos fenômenos nele, na teoria de Xénopol, também foi criticado por Lacombe, principalmente por aquele acabar essencializando-o e transformando-o em uma entidade. Com trechos de ironia, Lacombe expôs suas discordâncias com as ideias do outro historiador.

o que eu não posso admitir, ao contrário, é o papel que o Sr. Xénopol atribui ao tempo, e a ideia que ele faz do tempo. Ele invoca o tempo a todo instante, como uma causa, uma grande causa, atuando universalmente e sempre, o tempo sem mais. Confesso que aqui estou atônito. O tempo! Mas não é nada, por si só, objetivamente; ele é apenas uma ideia nossa, uma

⁹⁷ Para melhor compreender a proposta de divisão de ciências de A.-D. Xénopol, ver subitem 3.2.

forte abstração nossa representando as coisas *que duram* por esse aspecto precisamente da duração, e exclusivamente por esse aspecto. Eu sei, de qualquer maneira, que essa ideia abstrata acompanha necessariamente todas as nossas concepções, ao mesmo tempo que outra abstração, o espaço. Mas fazer do tempo, sem mais, do tempo sozinho uma causa, eis o que me surpreende⁹⁸ (LACOMBE, 1900: 32).

Lacombe ficou surpreso com essa ideia do tempo como um dos agentes, por assim dizer, dos fatos que ocorrem. Segundo Xénopol, contudo, a leitura feita pelo francês teria sido equivocada. Ele se defendeu afirmando que os fatos históricos se realizariam em uma duração, um elemento essencial, não podendo imaginar a história fora do tempo. De acordo com o historiador romeno,

desde o começo nós defendemos que se nos colocarmos na perspectiva de Kant, ponto de vista que o Sr. Lacombe parece adotar, se nós não consideramos o tempo como *passando independente de nós*, a história não se apresenta mais como uma realidade, mas como uma fantasmagoria de nosso espírito. Em seguida, observamos que o Sr. Lacombe define o tempo como uma ideia nossa, uma forte abstração das coisas *que duram*. Ora, como são as coisas que duram, o tempo é, no próprio pensamento do Sr. Lacombe, um elemento ligado à *essas coisas*, então objetivo e não somente subjetivo; o tempo não é, então, uma simples ideia nossa⁹⁹ (XÉNOPOL, 1900a: 123-124).

Essa parte do debate, acerca do tempo, terminou num impasse em que cada historiador apresentou seus pontos de vistas. Lacombe apontou que Xénopol transformava o tempo em uma entidade que agia na história. Por sua vez, o historiador romeno tentou imputar que seu debatedor francês também concebia o tempo como um elemento objetivo por estar ligado aos fatos, não sendo somente uma ideia, mas algo com materialidade. Essa peleja sobre entidades envolveu ainda a questão da evolução, como visto, e, através disso, a polêmica entre a questão do

⁹⁸ No original: “Ce que je ne puis admettre, en revanche, c’est le rôle que M. Xénopol attribue au temps, et l’idée qu’il se fait du temps. Il invoque le temps à chaque instant, comme une causa, une grosse causa, agissant universellement et toujours, le temps sans plus. J’avoue qu’ici je suis étonné. Le temps ! Mais il n’est rien, en soi, objectivement ; il n’est rien qu’une idée à nous, une très forte abstraction nous représentant les choses *qui durent* par cet aspect précisément de la durée, et exclusivement par cet aspect. Je sais, d’ailleurs, que cette idée abstraite accompagne nécessairement toutes nos conceptions, en même temps que l’autre abstraction, l’espace. Mais faire du temps, sans plus, du temps tout seul une causa, voilà ce dont je suis surpris”. (Tradução nossa).

⁹⁹ No original: “D’abord nous soutenons que si nous nous plaçons au point de vue de Kant, point de vue que semble adopter M. Lacombe, si nous ne considérons pas le temps comme *s’écoulant indépendamment de nous*, l’histoire ne se présente plus comme une réalité, mais bien comme une fantasmagorie de notre esprit. Puis remarquons que M. Lacombe définit le temps comme une idée à nous, une très forte abstraction des choses *qui durent*. Or comme ce sont *les choses* qui durent, le temps est, dans la pensée même de M. Lacombe, un élément attaché à *ces choses*, donc objectif et non seulement subjectif ; le temps n’est donc pas une simple idée à nous.”. (Tradução nossa).

meio e a de raça. Como essa última controvérsia gerou os dois textos que continuam o debate, deixamos para analisá-la separadamente.

Em seu artigo sobre a classificação das ciências, as definições são mais aprofundadas e explicadas visando a defesa da História como uma ciência diferenciada das demais, basicamente por estudar de forma majoritária os fatos de sucessão. Xénopol apontou que Paul Lacombe confunde os fatos coexistentes e os fatos sucessivos. Segundo o historiador romeno,

é incontestável que os fatos, sobretudo sociais, apresentam dois lados de investigação. O lado coexistente, pelo qual se tocam todos os fatos similares de uma época e de uma região qualquer, lado que apresenta a importância pelos elementos similares – e o lado sucessivo, *pelo qual os fatos de uma época se tocam com os fatos de uma outra época* e que só pode ser importante pelos elementos diferenciais. O Sr. Lacombe confunde esses dois lados em um só. Ele considera como história o estudo dos fatos coexistentes de uma época qualquer, e é por isso que ele objeta que a história também deve lidar com elementos semelhantes que os fatos apresentam¹⁰⁰ (XÉNOPOL, 1900a: 128).

Lacombe advogou por um estudo histórico que focasse nos processos semelhantes, aqueles que tivessem uma similitude, ou seja, “fazer a ciência é justamente constatar primeiro uma similitude, e, depois, em segundo lugar, explicá-la ligando-a a suas causas, as semelhanças são: para nós, a matéria a extrair da ciência”¹⁰¹ (LACOMBE, 1900: 31). Mas não foi feita só essa crítica. O historiador francês reforçou seus comentários acerca da história que seria realizada por Xénopol ser diplomática e contingente.

o Sr. Xénopol parece estimar bastante sua teoria dos fatos coexistentes e dos fatos sucessivos. Ele a considera como a *pedra angular* de seu edifício, e ele também parece muito interessado em que ninguém jamais tenha tido a ideia dessa teoria primordial. O que faz da história uma ciência singular, diz ele, é que “a história não procura as leis gerais de diversos fatos simultâneos (ou coexistentes) mas a sucessão *sobre uma só linha de fatos* que se encadeiam no curso do tempo”. Uma sucessão de fatos sobre uma

¹⁰⁰ No original: “Il est incontestable que les faits, sociaux surtout, présentent deux côtes à l’investigation. Le côté coexistant, par lequel se touchent tous les faits similaires d’une époque et d’une région quelconque, côté qui présente de l’importance par les éléments de ressemblance – et le côté successif *par lequel les faits d’une époque se touchent avec les faits d’une autre époque* et qui ne saurait présenter de l’importance que par les éléments différentiels. M. Lacombe confond ces deux côtés en un seul. Il considère comme histoire, l’étude des faits coexistants d’une époque quelconque, et voilà pourquoi il objecte que l’histoire doit s’occuper aussi des éléments similaires que les faits présentent.”. (Tradução nossa).

¹⁰¹ No original: “faire de la science, c’est justement constater d’abord une similitude, puis en second lieu l’expliquer en la reliant à sa cause, les ressemblances nous sont matière à extraire de la science [...]”. (Tradução nossa).

só linha, essa é realmente a fórmula da história contingente, diplomática¹⁰² (LACOMBE, 1900: 33).

Contudo, segundo o próprio Xénopol, em sua resposta, ninguém mais haveria utilizado tais termos no estudo histórico, principalmente por ter usado esses conceitos para propor um novo tipo de classificação das ciências. De acordo com ele,

ignoramos se o Sr. Lacombe, ou outra pessoa, tenha feito uso, na história, dos termos de coexistente e sucessivo com o papel que nós os fizemos realizar. É sobre essa distinção que nós estabelecemos o princípio de uma nova classificação de ciências, em ciências de fatos de repetição e ciências dos fatos de sucessão; que nós demonstramos o caráter científico da história, embora essa disciplina não se ocupe do geral, mas dos fenômenos individuais; que nós demos o verdadeiro sentido à noção de evolução, noção que não existiria se os fatos somente se repetissem continuamente¹⁰³ (XÉNOPOL, 1900a: 129-130).

Entretanto, para Lacombe, Xénopol teria simplificado grosseiramente a causa do progresso afirmando que essa seria causada pela evolução. Ademais, o historiador francês exemplificou essa crítica elencando a teoria de Gabriel Tarde, sobre a imitação, como uma explicação detalhada da causa. Segundo Lacombe, o importante seria compreender essa causalidade detalhada,

pois, o que importa para nós, o que é útil sabermos, é a *causalidade detalhada* dos fenômenos; que tal fenômeno teve como causa imediata tal outro; e esse, um outro superior, e assim por diante, de forma encadeada. Para me fazer entender bem sobre esse ponto, eu faço uma comparação. O Sr. Xénopol nos diz: a causa do progresso é a força da evolução – e eu nada mais sei mais sobre o progresso. O Sr. Tarde desembaraça uma causa do progresso, uma só (e há outras), a imitação; ele segue essa causa em seus efeitos *detalhados* e ele me ensina, ou melhor dizendo, me explica, a quantidade de circunstâncias que aparecem no progresso. O Sr. Tarde é instrutivo¹⁰⁴ (LACOMBE, 1900: 47).

¹⁰² No original: “M. Xénopol paraît estimer beaucoup la théorie des faits coexistants et de faits successifs. Il la considère comme *la pierre angulaire* de son édifice, et il paraît aussi tenir beaucoup à ce que personne n’ait jamais eu l’idée de cette théorie primordiale. Ce qui fait de l’histoire une science tout à fait à part, dit-il, c’est que « l’histoire ne recherche pas les lois générales de plusieurs faits simultanés (ou coexistants) mais bien la succession *sur une seule ligne de faits* qui s’enchaînent dans le cours du temps ». Une succession de faits sur une seule ligne, voilà bien vraiment la formule de l’histoire éventuelle, diplomatique.”. (Tradução nossa).

¹⁰³ No original: “nous ne savons pas que M. Lacombe ni personne autre ait fait jouer dans l’histoire aux termes de coexistant et successif le rôle que nous leur avons fait accomplir. C’est sur cette distinction des sciences que nous avons établi le principe d’une nouvelle classification des sciences, en sciences de faits de répétition et sciences des faits de succession ; que nous avons démontré le caractère scientifique de l’histoire, quoique cette discipline ne s’occupe pas du général mais bien de phénomènes individuels ; que nous avons donné le véritable sens à la notion d’évolution, notion qui n’existerait pas si les faits ne faisaient que se répéter continuellement.”. (Tradução nossa).

¹⁰⁴ No original: “Car, ce qui nous importe, ce qui nous est utile à savoir, c’est la *causalité détaillée* des phénomènes ; que tel phénomène a pour causa immédiate tel autre ; et celui-ci tel autre

Outrossim, o historiador francês discordou do romeno na questão da formulação de leis em História. Para aquele, a forma com que Xénopol prescrevia as leis de sucessão e de coexistência seria um jeito de elevar a história diplomática a um patamar científico.

O Sr. Xénopol se esforça em estabelecer uma diferença absolutamente radical entre as leis de coexistência e as leis de sucessão – eu creio compreender por quê: isso tende a demonstrar que a história ordinária, a acidental, a diplomática, pode ser dita científica, porque ela tem uma maneira própria de ser. Essa diferença radical será, se eu bem compreendo o Sr. Xénopol, que as leis de coexistência, leia-se leis da natureza exterior, são concretas, enquanto só há somente leis de sucessão, leia-se história, *no campo* da abstração. Quanto a mim, eu repito, *eu tomo todas as leis como abstratas*¹⁰⁵ (LACOMBE, 1900: 44-45).

Na questão específica das causas, Xénopol apresentou suas ideias em dois artigos publicados em 1904 e um de 1913, os quais são analisados adiante¹⁰⁶. No que tange às leis, Xénopol não concordou com essa argumentação de Lacombe de que todas elas seriam abstratas. Para o romeno, haveria uma diferença entre leis abstratas e leis concretas. Primeiro que essas leis só existiriam nas ciências dos fatos de repetição, ou seja, nas ciências da natureza. Também,

nós procuramos estabelecer uma distinção mais precisa, mais científica, entre os termos da lei abstrata e da lei concreta. A lei abstrata formula o modo de manifestação da ação de uma força natural, sem que essa força se incorpore nas circunstâncias da realidade [como a revolução dos astros]. A lei concreta, ao contrário, formula o modo de manifestação de uma força natural através das circunstâncias da realidade [lei da gravidade]. A primeira não é que uma fórmula abstrata; a segunda, rege a manifestação dos fenômenos reais¹⁰⁷ (XÉNOPOL, 1900a: 132).

phénomène, et ainsi de suite, toute la chaîne. Pour me faire bien comprendre sur ce point, je fais un rapprochement. M. Xénopol nous dit : la causa du progrès c'est la force d'évolution – et je n'en sais pas plus sur le progrès. M. Tarde démêle, lui, une cause du progrès, une seule (et il y en a d'autre), l'imitation ; il suit cette causa dans ses effets *détaillés* et il m'apprend ou, pour mieux dire, m'explique, quantité de circonstances qui se montrent en effet dans le progrès. M. Tarde, lui, est instructif.” (Tradução nossa).

¹⁰⁵ No original: “M. Xénopol s'efforce d'établir une différence absolument radicale entre les lois de la coexistence et les lois de la succession – et je crois bien comprendre pourquoi : cela tend à démontrer que l'histoire ordinaire, l'accidentelle, la diplomatique, peut être dite scientifique, parce qu'elle a une manière à elle de l'être. – Cette différence radicale serait, si j'ai bien compris M. Xénopol, que les lois de la coexistence, lisez les lois de la nature extérieure, sont concrètes, tandis qu'il n'ya de lois de la succession, lisez de l'histoire, que dans *le champ* de l'abstraction. Quant à moi, je le répète, *je tiens toutes les lois pour abstraites*.” (Tradução nossa).

¹⁰⁶ Ver subitem 3.3.

¹⁰⁷ No original: “Mais nous avons cherché à établir une distinctions plus précise, plus scientifique, entre les termes de loi abstraite et de loi concrète. La loi abstraite ne formule que le mode de manifestation de l'action d'une force naturelle, sans que cette force s'incorpore dans les circonstances de la réalité. La loi concrète formule au contraire le mode de manifestation d'une force naturelle à travers les circonstances de la réalité. La première n'est qu'une formule abstraite ; la seconde régit la manifestation des phénomènes réels.” (Tradução nossa).

Ademais, Xénopol não acreditava haver leis nas ciências de sucessão, onde a História estaria incluída, mas somente séries. Diferentemente de Lacombe, que defendeu que “o *terreno* onde ele precisa procurar as leis, a meu ver, é mais próximo, é a psicologia: são os motivos absolutamente comuns a todos os homens e em todos os momentos, bem como os processos universais da mente humana, que constituem esse fundamento”¹⁰⁸ (LACOMBE, 1900: 48). Por sua vez, para o historiador romeno,

não há, então, possibilidade de encontrar na história leis de produção de fenômeno, similares a essas que as ciências dos fatos de repetição podem formular. A história só pode explicar os resultados de sua série, pela própria exposição dessas séries. Então, nas ciências dos fatos de repetição, predominância de leis – transversais; nas ciências dos fatos sucessivos, predominância de séries – longitudinais¹⁰⁹ (XÉNOPOL, 1900a: 129).

A História, como ciência dos fatos de sucessão, somente poderia produzir séries, e não leis, já que os fatos históricos, como não se repetem ao longo do tempo, não poderiam ser previstos. Essa seria a diferença fundamental entre as ciências dos fatos de repetição e as ciências dos fatos de sucessão, a qual foi aprofundada por Xénopol em seu artigo sobre as classificações das ciências, de 1901.

Por fim, Lacombe criticou Xénopol escrevendo que esse queria encontrar as leis da História a partir do exemplo de outras ciências, como a física e seu fenômeno da atração. Para ele,

o Sr. Xénopol entra na categoria bastante numerosa dos espíritos que compreendem apenas a história acidental e que, quando querem sair dessa concepção estreita, vão descobrir as leis da história de acordo com a mais elementar, a mais fundamental e a mais invariável das leis da física, porque justamente ela é a mais simples dela, a atração¹¹⁰ (LACOMBE, 1900: 50).

¹⁰⁸ No original: “Le *terrain* où il faut chercher les lois, à mon avis, est plus proche, c’est la psychologie : ce sont les mobiles absolument communs à tous les hommes et en tous les temps, ainsi que les procédés universels de l’esprit humain, qui constituent ce terrain.”. (Tradução nossa).

¹⁰⁹ No original: “Il n’y a donc pas possibilité de trouver dans l’histoire des lois de production des phénomènes, pareilles à celles que peuvent formuler les sciences des faits de répétition. L’histoire ne peut qu’expliquer les résultats auxquels aboutissent ses séries, par l’exposition de ces séries mêmes. Donc dans les sciences des faits de répétition, prédominance des lois – transversales – ; dans les sciences des faits successifs, prédominance des séries – longitudinales.”. (Tradução nossa).

¹¹⁰ No original: “M. Xénopol rentre dans la catégorie assez nombreuse des esprits qui ne comprennent que l’histoire accidentelle et qui, lorsqu’ils veulent sortir de cette conception étroite, vont se figurer les lois de l’histoire d’après la plus élémentaire, la plus fondamentale et la plus invariable des lois physiques, parce que justement elle en est la plus simple, l’attraction.”. (Tradução nossa).

Xénopol se defendeu da acusação de tentar encontrar leis na História e de somente compreender a história accidental ao reafirmar que na História não haveria leis, e que seriam os sociólogos os mais interessados em dizer o contrário.

Os partidários das leis na história, os sociólogos sobretudo (o Sr. Lacombe é um), bem notaram a impossibilidade de formular leis, para os fatos que se seguem e que são diferentes. Também eles foram levados a imaginar um sistema de leis *sui generis* para os fenômenos sociais de caráter sucessivo, leis que não são nem leis de repetição, nem séries de sucessão, mas um *mixtum-compositum*, que compartilha características das duas ao mesmo tempo. Eles tentaram descobrir o mesmo modo de sucessão de certos fenômenos entre diferentes povos, tributos ou raças e, generalizando esse modo de sucessão, eles criaram as pretendidas leis sociológicas¹¹¹ (XÉNOPOL, 1900a: 135).

Interessante observar que enquanto Lacombe colocou a obra de Xénopol como uma importante pesquisa filosófica, esse procurou impor o rótulo de sociólogo para o historiador francês. Com isso, cada um desses historiadores quis defender suas posições como a mais completa para a História, ambos quiseram elevar a História ao patamar de ciência. Cada um, porém, o fez de uma forma diferente. Lacombe advogou por um estudo das similitudes nas ocorrências históricas. Xénopol, por outro lado, sustentou que na História não haveria leis, e que ela seria uma ciência por ser a principal responsável pelas análises das ciências dos fatos de sucessão. Ademais, é proveitoso ressaltar que em nenhum dos dois textos há alguma menção sobre a síntese histórica proposta por Berr. Acreditamos que isso ocorreu por conta da teoria berriana ainda ser pouco divulgada, já que a obra mais completa sobre isso só seria lançada por Henri Berr em 1911.

3.1.2 A continuação dos debates: Raça e meio ou meio e raça

O debate entre o historiador francês Paul Lacombe, e o historiador romeno Alexandru Xénopol se desenrolou em outros dois textos. O primeiro, publicado ainda em 1900, na edição de número 3 da RSH, intitulado *Race et milieu* (Raça e meio),

¹¹¹ No original: “Les partisans des lois dans l’histoire, les sociologues surtout (M. Lacombe en est un), se sont bien aperçu de l’impossibilité de formuler des lois, pour les faits qui se suivent et qui sont dissemblables. Aussi ont-ils été amenés à imaginer un système de lois *sui generis*, pour les phénomènes sociaux de caractère successif, lois qui ne sont ni des lois de répétition ni des séries de succession, mais bien un *mixtum-compositum*, qui partage les deux caractères à la fois. Ils ont tâché de découvrir le même mode de succession de certains phénomènes chez différents peuples, tribus ou races, et, généralisant ce mode de succession, ils ont créé les prétendues lois sociologiques.”. (Tradução nossa).

de autoria de Xénopol, foi a continuação de sua resposta para os questionamentos iniciais do outro historiador. Por sua vez, Lacombe respondeu com *Milieu et race* (Meio e raça), artigo em que rebateu as argumentações do romeno. Nesse conjunto de textos discutiu-se qual desses dois, raça ou meio, teria maior impacto na História e nas sociedades humanas. Enquanto Lacombe defendia uma predominância do meio, não só geográfico mas também do que ele chamou de meio intelectual, Xénopol apostava na força da raça de um povo. Tal discussão foi ensejada pela questão da evolução histórica, apontada pelo historiador romeno e criticada pelo francês.

Para Xénopol, os naturalistas estariam equivocados em acreditar no aperfeiçoamento dos seres humanos unicamente pelo critério da luta pela existência¹¹². Xénopol, por sua vez, acreditava que a força da evolução seria o motor do progresso dos humanos, transformando o simples em complexo. Segundo o romeno,

os naturalistas se dão ao trabalho, em vão, de explicar o aperfeiçoamento dos seres unicamente pela luta pela existência; pois, quando eles admitem que um indivíduo melhor dotado domina mais facilmente o meio onde vive e faz descendência, nós nos perguntamos: a que podemos atribuir a aparição, neste indivíduo, de qualidades que faltam aos outros? Nós pensamos que é precisamente a força da evolução que os dota melhor, para fazer avançar as formas de vida na via do progresso. A evolução é, portanto, a força que preside ao aperfeiçoamento. Se nós não admitimos essa força como motora, todo progresso permanece um enigma¹¹³ (XÉNOPOL, 1900b: 255).

Ainda de acordo com Xénopol (1900b), Lacombe não teria aceito essa hipótese da evolução e reafirmou que esse seria o princípio da história aplicado à natureza material. Para o historiador francês, contudo, a evolução seria mais uma entidade criada por Xénopol, como uma tautologia, pois este acredita que a própria força evolucionista impulsiona a evolução. Lacombe escreveu que

eu critiquei o Sr. Xénopol por ter acreditado que ele explicava realmente a evolução progressiva da humanidade nos dizendo: é a força evolucionista que fez isso. [...]. O Sr. Xénopol responde: “Mas, a mudança continua de

¹¹² Tal discussão, também aparece, posteriormente, na obra de Henri Berr. Contudo, ele defendeu que essa luta seria a responsável pela associação e a reciprocidade dos seres humanos. Para saber mais, conferir o capítulo 4, subitem 4.2.

¹¹³ No original: “Les naturalistes se donnent vainement la peine d’expliquer le perfectionnement des êtres par la seule lutte pour l’existence ; car lorsqu’ils admettent qu’un individu mieux doué domine bien plus facilement le milieu où il vit et fait bientôt souche, nous nous demandons : à quoi peut-on attribuer l’apparition, chez cet individu, de qualités qui manquent aux autres ? Nous pensons que c’est précisément la force de l’évolution qui le dote mieux, pour faire avancer les formes de la vie dans la voie du progrès. L’évolution est donc la force qui préside au perfectionnement. Si nous n’admettons pas cette force comme moteur, tout progrès reste une énigme.”. (Tradução nossa).

formas do homogêneo ao heterogêneo, do simples ao composto (essas são as fórmulas de Spencer, que eu aceito), aliás é de fato o efeito de uma força interior que impulsiona a natureza a se transformar indefinidamente”. E depois? Admitamos a afirmação sem provas dessa força interior; o que eu sei, além disso, dessa força, quando você a denominou a força evolucionista? Você somente fez, em suma, uma tautologia; você nada mais disse que isso: a força evolucionista é essa que fez a evolução. E, dizendo isso, você talvez cometeu uma imprudência; pois alegou uma causa única, simples, invariável, ali onde os especialistas, ou seja, os naturalistas, admitem geralmente uma combinação de diversas causas, duas ou três, ao menos, ao que me parece: a variação espontânea e a luta pela existência, as duas combinadas produzindo a seleção, e através desta a adaptação ao meio; e, enfim, a transmissão hereditária das modificações operadas¹¹⁴ (LACOMBE, 1901a: 34-35).

Não só Xénopol concordava com uma suposta evolução da raça humana, como também colocou o que ele chamou de raça branca como o epítome da humanidade. Essas ideias racialistas do historiador romeno podem ser compreendidas dentro de um contexto de dominação europeia no continente africano e asiático, subjugando-os e os inferiorizando a partir de seus traços fenotípicos. Segundo ele, “nós acreditamos que as raças humanas se sucederam sobre a terra cada vez mais perfeitas; que elas começaram pelo tipo negro, para passar ao amarelo e de lá ao branco, expressão suprema da humanidade”¹¹⁵ (XÉNOPOL, 1900b: 256). Além disso, ainda criticou o historiador francês por continuamente empregar a ironia como uma forma de argumento científico. Lacombe, em seu texto, ironizou essa ideia de superioridade de uma raça branca defendida por Xénopol. Este, contudo, escreveu:

o Sr. Lacombe resume bem nosso pensamento; mas nós não encontramos ali absolutamente nada a repreender e, sobretudo, absolutamente nada que se preste à ironia. Pois, enfim, é evidente que há uma raça negra, uma raça amarela e uma raça branca, raças que não podem mais se produzir

¹¹⁴ No original: “J’ai reproché à M. Xénopol d’avoir cru qu’il expliquait réellement l’évolution progressive de l’humanité en nous disant : c’est la force évolutionniste qui a fait cela [...]. M. Xénopol répond : « Mais, le changement continu de formes de l’homogène à l’hétérogène, du simple au composé (ce sont les formules de Spencer, que j’accepte d’ailleurs), est bien l’effet d’une force intérieure qui pousse la nature à se transformer indéfiniment. » Eh bien après ? Admettons l’affirmation sans preuves de cette force intérieure ; que sais-je, en plus, de cette force, quand vous l’avez nommée la force évolutionniste ? Vous n’avez fait là, en somme, qu’une tautologie ; vous ne nous avez dit rien de plus que ceci : la force évolutionniste est celle qui a fait l’évolution. Et, ce disant, vous avez commis peut-être une imprudence ; car, vous avez allégué une cause unique, simple, invariable, là où les gens du métier, j’entends les naturalistes, admettent généralement une combinaison de plusieurs causes, deux ou trois, au moins, ce me semble : la variation spontanée et la lutte pour l’existence, les deux combinées produisant la sélection, et par celle-ci l’adaptation au milieu ; et enfin la transmission héréditaire des modifications opérées.”. (Tradução nossa).

¹¹⁵ No original: “[...] nous croyons que les races humaines se sont succédé sur la terre toujours de plus en plus parfaites ; qu’elles ont commencé par le type noir, pour passer au jaune et de là au blanc, expression suprême de l’humanité.”. (Tradução nossa).

atualmente, que são imutáveis e irreduzíveis, modificáveis somente pelo procedimento fisiológico do cruzamento¹¹⁶ (XÉNOPOL, 1900b: 257).

Nessa afirmação, podemos perceber mais uma vez sua argumentação de que a raça humana parou de se modificar, sendo suas características irreduzíveis, havendo uma predominância da raça sob as modificações que essa sofre através do meio. Contudo, Xénopol sabia da dificuldade de provar essas afirmações e se explicou dizendo que seriam somente hipóteses. “Ora, não são afirmações que nós fizemos, mas hipóteses, e uma hipótese não poderia ser provada; ela pode somente ser sustentada pelo raciocínio”¹¹⁷ (XÉNOPOL, 1900b: 257-258). Esse procedimento de criar hipóteses seria um meio da investigação científica. Lacombe reprovou esse hábito de Xénopol em criar entidades, como a raça, transformando-a em uma individualidade. De acordo com ele,

o que eu nego é a realidade *individual* disso que chamamos de raça, de povo: Terá o Sr. Xénopol encontrado, por acaso, na rua, o povo inglês, o povo francês ou a raça vermelha? Nós individualizamos, em nosso pensamento e em nossa fala, o que é, de fato, uma justaposição de indivíduos. E essa individualização que nós fazemos é, evidentemente, uma concepção subjetiva e não uma *realidade*. Como nós chegamos a formar em nosso espírito essa concepção? Pela observação desses indivíduos; nós eliminamos o que os diferencia, e extraímos o que nos parecia se assemelhar¹¹⁸ (LACOMBE, 1901a: 37).

Para Lacombe, então, o meio teria uma influência maior sobre a humanidade do que supostamente essa raça. Mas, para ele, o que seria esse meio? Xénopol também questionou o historiador francês em seu texto, “no momento, queremos nos ocupar da questão se as raças e os povos são entidades criadas por nosso espírito, ou realidades da própria natureza. O Sr. Lacombe reduz tudo à influência do

¹¹⁶ No original: “M. Lacombe résume très bien notre pensée; mais nous n’y trouvons absolument rien à reprendre et surtout absolument rien qui prête à l’ironie. Car enfin, il est évident qu’il y a une race noire, une race jaune et une race blanche, races qui ne peuvent plus se produire aujourd’hui, qui sont immuables et irréductibles, modifiables seulement par le procédé physiologique du croisement.”. (Tradução nossa).

¹¹⁷ No original: “Or, ce ne sont pas des assertions que nous avons faites, mais de hypothèses, et une hypothèse ne saurait être prouvée; elle peut seulement être soutenue par le raisonnement.”. (Tradução nossa).

¹¹⁸ No original: “Ce que je nie, c’est la réalité *individuelle* de ce qu’on appelle une race, un peuple: M. Xénopol aurait-il rencontré, par hasard, dans la rue, le peuple anglais, le peuple français ou la race rouge? Nous individualisons dans notre pensée et notre parole, ce qui est, en fait, une juxtaposition d’individus. Et cette individuation que nous faisons est bien évidemment une conception subjective et non une *réalité*. Comment arrivons-nous à former dans notre esprit cette conception? Par l’observation de ces individus; nous éliminons ce qui les différencie, et extrayons ce par quoi ils nous paraissent se ressembler.”. (Tradução nossa).

meio”¹¹⁹ (XÉNOPOL, 1900b: 258). Contudo, para Lacombe, o meio seria algo mais amplo do que simplesmente uma questão geográfica.

“O Sr. Lacombe reduz tudo à influência do meio”. Não. Isso não é exato; e o Sr. Xénopol vai admitir isso sozinho. “O Sr. Lacombe não admitiria como a influência do gênio de uma raça, de um povo que o *equilíbrio que permaneceria inexplicável* pelas instituições, pelo meio”. Dessa vez é verdade, e é bastante diferente. Eu disse efetivamente: o que você chama gênio da raça, do povo, você não pode conhecê-lo diretamente, e imediatamente separá-lo, distingui-lo, do que foi dado a um povo pelo meio - e eu entendo por essa palavra não somente o meio natural (sol, clima, situação geográfica, vizinhança de tais e tais povos), mas o meio econômico, político, religioso, moral, literário, artístico e científico; e, ainda, a ordem particular e o senso no qual todos os meios são modificados ao longo do tempo; e também o eventos particulares e as contingências que esse povo sofreu: o que faz, verdadeiramente dizendo, uma sucessão de meios se engendrarem uns e outros¹²⁰ (LACOMBE, 1901a: 37-38).

Nesse sentido, o meio, para Lacombe, seria algo que envolveria diversas questões que abrangeriam os seres humanos inseridos em uma determinada sociedade. Xénopol criticou Lacombe por esse não acreditar na existência de um *gênio* francês, inglês, ou de outro povo, mas de colocar o peso das modificações que uma sociedade sofre na questão do meio. O historiador romeno tentou corrigir o historiador francês mostrando-o que o meio intelectual, na verdade, nada mais era do que a influência da raça em um povo.

Mas esse meio intelectual, por quem ele é criado? É evidente que é o espírito e o gênio de uma raça, de um povo, que lhe dá origem e, que uma vez constituído, ele reage sobre esse espírito e sobre o gênio, para o consolidar: pois, enfim, se os gregos desenvolveram as artes plásticas, a filosofia, a poesia épica e dramática, não foi pela suas instituições que os incentivaram a fazer, mas pelas *disposições inatas* de seus espíritos, que os obrigaram a esculpir, a inventar a admirável colônia, a criar o teatro, *sem o querer*¹²¹ (XÉNOPOL, 1900b: 259).

¹¹⁹ No original: “Pour le moment, nous ne voulons nous occuper que de la question si les races et les peuples sont des entités créées par notre esprit, ou bien des réalités de la nature elle-même. M. Lacombe réduit tout à l’influence du milieu.”. (Tradução nossa).

¹²⁰ No original: “M. Lacombe réduit tout à l’influence du milieu’. Non. Ce n’est pas exact ; et M. Xénopol va vous l’avouer lui-même. « M. Lacombe n’admettrait comme influence du génie d’une race, d’un peuple que le *reliquat qui resterait inexplicé* par les institutions, par le milieu. » - Cette foi c’est vrai, et c’est très différent. J’ai dit effectivement : ce que vous appelez génie de race, de peuple, vous ne pouvez pas le saisir directement, et de prime-abord le séparer, le distinguer, de ce qui a été donné à un peuple par le milieu – et j’entends sous ce mot non seulement le milieu naturel (sol, climat, situation géographie, voisinage de tels et tels peuples), mais le milieu économique, politique, religieux, moral, littéraire, artistique et scientifique ; et encore l’ordre particulier et le sens dans lequel tous ces milieux se sont modifiés au cours des temps ; et aussi les événements particuliers et les contingences que ce peuple a subis : ce qui fait, à vrai dire, une succession de milieux s’engendrant les uns les autres.”. (Tradução nossa).

¹²¹ No original: “Mais ce milieu intellectuel, par qui est-il créé ? Il est évident que ce sont l’esprit et le génie d’une race, d’un peuple, qui lui donnent naissance et, qu’une fois constitué, il réagit sur cet esprit et sur le génie, pour le consolider : car enfin si les Grecs développèrent les arts plastiques, la philosophie, la poésie épique et dramatique, ce ne sont pas leurs institutions qui les poussèrent à le

Lacombe respondeu tais críticas, mais uma vez, de forma irônica, indicando que seria óbvia a distinção entre o meio geográfico e o meio intelectual.

“O Sr. Lacombe não parece se dar conta de uma coisa, é que há dois tipos de meio: o meio físico... e o meio intelectual”. Felizmente o Sr. Xénopol está aqui para me ensinar a distinção dos dois meios, como ele me ensinou, e a *todo mundo*, a distinção dos fatos sucessivos e dos fatos concomitantes: bendita seja a existência do Sr. Xénopol!¹²² (LACOMBE, 1901a: 40-41).

Sobre essa questão da raça de um povo e do processo de individualização de um grupo a partir de certas características em comum, Xénopol admoestou Lacombe por suas afirmações. Em seu artigo de 1900, o historiador romeno já havia apresentado uma possível resposta para essas críticas de Lacombe, baseando-se nos escritos do historiador francês, principalmente sua obra de 1894, e de seu artigo, publicado em 1900. Assim, Xénopol havia escrito que,

nós observamos “que um indivíduo é uma raça individualizada, enquanto uma raça é um indivíduo generalizado”. O Sr. Lacombe declara não compreender esse pensamento; “ele perde o pé em suas profundezas”! É uma maneira muito cômoda de evitar a resposta, onde não podemos dar uma. É óbvio que o Sr. Lacombe dificilmente poderia concordar com suas duas afirmações, quando de um lado ele admitia que os estrangeiros não tinham um Molière e que a França só tinha um, e de outro lado, ele contestava a existência de um caráter particular do povo francês, o qual a expressão suprema é precisamente esse Molière *único*¹²³ (XÉNOPOL, 1900b: 261-262).

A partir dessa questão, Lacombe discorreu sobre o uso de conceitos como *características do povo* ou *caráter histórico de um povo*, já que em sua visão essas individualizações de um grupo falseariam a análise histórica. Para ele, o indivíduo teria características específicas presentes em seu ser e, por isso, compreender a raça como uma característica geral dos indivíduos de um grupo seria um erro, o qual ignoraria as particularidades de cada um. O historiador francês ainda incitou que

faire, mais bien les *dispositions innées* de leur esprit, que les obligeaient à sculpter, à inventer l'admirable colonne, à créer le théâtre, *sans le vouloir*.”. (Tradução nossa).

¹²² No original: “ « M. Lacombe ne semble pas se rendre compte d'une chose, c'est qu'il y a deux sortes de milieux : le milieu physique... et le milieu intellectuel. » Heureusement que M. Xénopol est là pour m'apprendre la distinction des deux milieux, de même qu'il m'a appris, *comme à tout le monde*, la distinction des faits successifs et des faits concomitants : bénie soit l'existence de M. Xénopol !”. (Tradução nossa).

¹²³ No original: “Nous observions « qu'un individu n'est qu'une race individualisée, pendant qu'une race n'est qu'un individu généralisé ». M. Lacombe déclare ne pas comprendre cette pensée ; « il perd pied dans ces profondeurs » ! C'est une façon très commode d'éviter la réponse, là où on ne peut en donner une. Il est évident que M. Lacombe pouvait difficilement mettre d'accord ses deux assertions, quand d'un côté, il admettait que les étrangers n'avaient point de Molière et que la France n'en avait qu'un, et que d'autre part il contestait l'existence d'une caractere particulier du peuple français, dont l'expression suprême est précisément ce Molière *unique*.”. (Tradução nossa).

Xénopol demonstrasse a partir de quais documentos ele poderia identificar um suposto espírito gaulês, ou de qualquer outro povo (LACOMBE, 1901a). Segundo Lacombe,

a verdade é que, como todo o mundo, eu percebo a diferença entre ingleses e franceses; eu somente insisto em dizer que essas diferenças não são tão fáceis de precisar quanto imaginamos; que elas sempre apresentam um desafio ou, ao menos, pedem restrições, reservas, exceções; que o termo *caráter do povo* ou *caráter histórico*, do qual nos servimos para designar essas diferenças em bloco me parece impróprio e perigoso; que isso é ainda um tipo de individualização que falseia a verdadeira natureza das coisas; pois essas diferenças, o que são elas realmente? Usos, costumes, instituições, hábitos que regem o público inglês, tanto quanto outros usos, outros costumes, hábitos, instituições e opiniões regem paralelamente o público francês. Ora, dos dois lados, tudo isso se modifica consideravelmente de uma época à outra: tal coisa muda um pouco, tal outra passa radicalmente; uma nova corrente de opinião se desenha – e, por vezes não somente nova, contrária. Note que recorrentemente essa contradição que esse povo se dá a si próprio vem do que ele emprestou de uma maneira estrangeira; ele imita, ele copia o vizinho¹²⁴ (LACOMBE, 1901a: 45).

Xénopol não concordava com esse ponto de vista de Lacombe acerca do indivíduo ter uma predominância na análise histórica. Ele apontou que há contradições na obra de Lacombe, já que este defendia, ao mesmo tempo, que só haveria realidades e fenômenos individuais, mas também que a ciência deveria se constituir somente de generalizações. Assim, segundo Xénopol (1900b), raças e povos não seriam mais entidades, mas elementos reais. Nesse texto, ademais, colocou Lacombe não mais como um sociólogo, mas como historiador, porém, com confusões em suas análises.

O Sr. Lacombe é, no fundo, um historiador, pois ele considera todos os elementos da existência do ponto de vista do individual. Ele exagera as coisas estendendo essa concepção individualista também para o campo das ciências de repetição que só consideram o lado geral dos fatos. Mas ele quis inserir essa concepção, *verdadeira somente para a história*, no

¹²⁴ No original: “La vérité est que, comme tout le monde, j’aperçois des différences entre Anglais et Français ; seulement je persiste à dire que ces différences ne sont pas si aisées à bien préciser qu’on se l’imagine ; qu’elles prêtent toujours à contestation ou, du moins, appellent des restrictions, des réserves, des exceptions ; que le terme *caractère de peuple* ou *caractère historique* dont on se sert pour désigner ces différences en bloc me paraît impropre et dangereux ; que c’est encore là une sorte d’*individuation* que fausse la vraie nature des choses ; car, ces différences, que sont-elles réellement ? Des coutumes, des mœurs, des institutions, des habitudes régnant dans le public anglais, tandis que d’autres coutumes, d’autres mœurs, habitudes, institutions et opinions régissent parallèlement le public français. Or, des deux côtés, tout cela se modifie considérablement d’une époque à une autre : telle chose change un peu, telle autre passe radicalement ; un nouveau courant d’opinion se dessine – et parfois pas seulement nouveau, contraire. Notez que souvent ce démenti que ce peuple se donne à lui-même vient de ce qu’il s’est engoué d’une mode étrangère ; il imite, il copie le voisin.”. (Tradução nossa).

conhecimento absoluto da realidade. Resultou nas contradições e nas confusões que revelamos mais acima¹²⁵ (XÉNOPOL, 1900b: 263-264).

Para concluir suas ideias acerca do debate entre raça e meio, Lacombe expressou sua visão sobre a questão da raça e suas duas concepções diferentes, uma primeira para os biólogos e uma segunda para os historiadores. Sobre a raça biológica, seria a que tratasse dos traços físicos continuamente transmitidos, tais como tamanho, cor, proporção dos membros etc. Por sua vez, “a raça dos historiadores é essa que, por hipótese, faria as disposições morais e mentais de uma dada coletividade”¹²⁶ (LACOMBE, 1901a: 53). Com isso, Lacombe concluiu sua exposição relativizando o peso da raça e do meio nos acontecimentos históricos pelas dificuldades de se provar. Para tanto, afirmou que haveria um laborioso trabalho a ser feito, o qual ele indicou qual método empregar e qual rota seguir (LACOMBE, 1901a).

Em uma última tentativa de responder e contestar as ideias de Lacombe, Xénopol (1901a) enviou uma carta para o diretor da revista, Henri Berr, que a publicou na seção *Notes, questions et discussions*. Nesta, o historiador romeno argumentou que a língua, o idioma falado por cada povo, quando diferente entre dois povos diversos, se tornaria uma barreira intransitável. Para Xénopol (1901a), a língua seria um produto inato na mentalidade de um povo, de uma compleição tanto psicológica quanto fisiológica. Nesse sentido, acerca da questão inicial de Xénopol sobre se a população chinesa substituísse a francesa daria origem a uma civilização similar, Lacombe (1901a) respondeu que haveria diversas similaridades por conta do meio, que seria o mesmo. O historiador romeno discordou dessa argumentação em uma carta e colocou a língua como uma barreira para que isso ocorresse. Segundo Xénopol,

ele [Lacombe] não explica como a filosofia de Descartes, as fábulas de La Fontaine, as canções de Béranger, a oração fúnebre da rainha da Inglaterra seria possível na língua chinesa, órgão inferior do pensamento, incapaz de

¹²⁵ No original: “M. Lacombe est, au fond, un historien, puisqu’il considère tous les éléments de l’existence au point de vue de l’individuel. Il exagère même les choses en étendant cette conception individualiste aussi dans le champ des sciences de répétition qui ne considèrent que le côté général des faits. Mais il a voulu greffer cette conception, *vraie seulement pour l’histoire*, sur la connaissance absolue de la réalité. Il en est résulté les contradictions et les confusions que nous avons relevées plus haut.”. (Tradução nossa).

¹²⁶ No original: “La race des historiens est celle qui, par hypothèse, ferait les dispositions morales et mentales d’une collectivité donnée.”. (Tradução nossa).

reproduzir as ideias superiores do pensamento francês¹²⁷ (XÉNOPOL, 1901a: 347).

Assim, a língua, produto inato da mente de povo e não algo possível a partir do meio, seria um exemplo de como a raça teria uma maior influência em uma sociedade do que o meio em que ela está inserida. Interessante observar, também, que Xénopol indicou através dessa exemplificação como a raça branca europeia seria superior à raça “amarela”, da qual a sociedade chinesa faria parte. Além disso, notamos uma aproximação de Xénopol a uma corrente linguística que, nesse período do início do século XX, estava se tornando ultrapassada. Essa forma comparativa de linguística, em que se colocava uma língua como superior ou inferior a outra, estava perdendo espaço para novas teorias, formuladas por pesquisadores como Michel Bréal (1832 – 1915), Ferdinand de Saussure (1857 – 1913) e Antoine Meillet (1866 – 1936) (BASSO & GOLÇANVES, 2016). Tal abordagem linguística não levava em conta as condições sociais da língua, analisando-a por um aspecto meramente diacrônico. O historiador romeno não foi o único a abordar a questão linguística em seus textos na RSH. Em 1903, o historiador francês Paul Mantoux, também fez comentários acerca dessa disciplina, porém, com uma visão diferente¹²⁸.

Além disso, a partir dos debates entre Paul Lacombe e A.-D. Xénopol, conseguimos aprofundar nas proposições teóricas do historiador romeno. Como já afirmado, é possível notar diversas influências da historiografia alemã na obra do historiador romeno. Com as afirmações acerca da polêmica entre raça e meio e, também, com suas argumentações sobre os fatos de sucessão e os fatos de repetição, depreendemos de seus textos uma inspiração na Filosofia da História hegeliana. Hegel entendia haver na História um progresso e uma marcha racional do espírito universal, ou seja, a ideia de uma sucessão ao longo do tempo (SANTOS, 2016). Assim, para esse filósofo alemão, a História, como movimento racional, avançaria, atravessando diversos estágios, indo do imperfeito ao perfeito, ainda que passando por regressos pontuais (SANTOS, 2016). O historiador francês, em seu primeiro artigo crítico contra Xénopol, apontou tais características no pensamento do

¹²⁷ No original: “Il ne nous explique pas comment la philosophie de Descartes, les fables de La Fontaine, les chansons de Béranger, l’oraison funèbre de la Reine d’Angleterre auraient été possibles dans la langue chinoise, organe inférieur de la pensée, incapable de reproduire les idées supérieures de la pensée française.”. (Tradução nossa).

¹²⁸ Para saber mais sobre a proposição de Paul Mantoux acerca da linguística, conferir o capítulo 4, subitem 4.2.

historiador romeno. Lacombe afirmou que Xénopol via o progresso como constante e que, embora constante, não era contínuo, pois passava por períodos de breves retrocessos para, depois, avançar novamente (LACOMBE, 1900). Ao tratar concretamente desse percurso histórico, Hegel dividiu a História em diferentes estágios, passando do mundo oriental, para o mundo antigo e chegando ao mundo germânico (SANTOS, 2016). Nesse sentido, vemos uma semelhança com o esquema apresentado por Xénopol (1900b), no qual a raça humana teria começado com a raça negra, passando pela raça amarela para chegar, finalmente, ao ápice da civilização, com a raça branca. A crença do historiador romeno a partir dessa concepção era, então, de que a humanidade teria cessado em evoluir, pois já teria atingido sua perfeição com a raça branca e, adicionemos, europeia. Novamente, vemos em Xénopol mais uma influência alemã, não só da historiografia de Windelband e de Rickert, mas também na Filosofia da História hegeliana. Com isso, concordamos, em parte, com as afirmações de Paul Lacombe de que a teoria proposta por Xénopol não era, de fato, inovadora, mas que possuía forte influência alemã.

Contudo, acreditamos que para além de ser ou não inovador em suas propostas, Xénopol, como historiador romeno que atuava em um país com um sistema de ensino e pesquisa que tinha pouco peso dentro do cenário europeu da época, estava interessado em apresentar suas ideias para um público francês especializado, através da RSH, onde teve seus textos discutidos. Ao publicar seus textos em revistas conhecidas dentro do sistema de ensino e pesquisa francês, como a *Revue historique* e a *Revue de synthèse historique*, Xénopol se colocava, ainda que marginalmente, como um autor a ser debatido, o que lhe dava, provavelmente, um capital intelectual de destaque em seu país de origem.

Essa discussão, entre os dois historiadores, demonstrou que nesse momento de afirmação de uma disciplina histórica que estivesse no mesmo patamar das outras ciências, diversos pesquisadores estariam tentando impor e expor suas definições científicas próprias. Lacombe não só resenhou e analisou criticamente a obra teórico-metodológica de Xénopol, como deu continuidade aos debates, inclusive comentado sobre textos de outros historiadores na RSH. O historiador romeno, por seu turno, também participou ativamente nesse embate. Além disso, utilizou o periódico de Henri Berr como uma de suas principais plataformas para a divulgação de suas propostas para a historiografia e, em particular, para o debate

acerca da Teoria e Metodologia da História. Em outros textos publicados ao longo do recorte cronológico aqui adotado, Xénopol explicitou de forma mais detalhada outros aspectos de sua teoria da História, sobre a classificação das ciências e lugar da História nessa divisão e sobre a causalidade na análise histórica.

3.2 A HISTÓRIA E SEU LUGAR ENTRE AS CIÊNCIAS

Em 1901, Alexandru Xénopol publicou um texto intitulado *La classification des sciences et l'Histoire* (A classificação das ciências e a História), o qual pode ser visto como um resquício de seu debate com Lacombe, por tratar de problemas envolvidos nessa peleja intelectual. Nessa publicação, buscou apresentar sua visão acerca da base da classificação das ciências, a qual, em seu entendimento, deveria ser diferente. Para ele, “a classificação das ciências responde a uma necessidade lógica de nosso espírito que exige colocar ordem nos nossos conhecimentos, ordenar nossas ideias de acordo com os princípios da coordenação e da subordinação”¹²⁹ (XÉNOPOL, 1901b: 264). As pesquisas realizadas até esse momento, por filósofos da ciência ou outros pensadores, eram insuficientes para dar conta desse problema. Porém, o historiador romeno defendeu que não queria promover uma outra classificação, mas mudar a própria base sobre a qual ela se organizava. A partir dessa mudança, seria possível vislumbrar a característica da História e, atribuir-lhe seu verdadeiro lugar na hierarquia dos conhecimentos humanos (XÉNOPOL, 1901b).

A principal dificuldade de se realizar tal operação seria o de encontrar qual o princípio em que a ciência deve se apoiar e, a partir disso, realizar um novo arranjo. A ciência teria dois princípios: um primeiro, os fenômenos que elas estudariam; o segundo, a maneira na qual adquirimos conhecimento e como nos apropriamos dele (XÉNOPOL, 1901b). A classificação destas deveria, de acordo com Xénopol, se pautar no objeto dos fenômenos, já que a ciência, diferentemente da religião e das artes não seria uma criação de nosso espírito, mas sim “o reflexo da realidade no

¹²⁹ No original. “[...] la classification des sciences répond à un besoin logique de notre esprit qui exige de mettre de l'ordre dans nos connaissances, de ranger nos idées d'après les principes de la coordination et de la subordination.”. (Tradução nossa).

entendimento, a projeção da razão das coisas na razão humana”¹³⁰ (XÉNOPOL, 1901b: 265). Por isso, ela não variaria de acordo com as raças e os povos, mas seria única. Isso levaria, então, a mostrar que o critério para a classificação teria sido mal escolhido e que autores como Bacon, d’Alambert, Auguste Comte, Herbert Spencer e Ampère estariam equivocados, pois teriam realizado essa divisão a partir de características físicas ou psíquicas de seus fenômenos ou, ainda, por seu nível de complexidade e de generalidade (XÉNOPOL, 1901b). Xénopol se propôs, então, a buscar um novo fundamento lógico para estabelecer uma classificação racional, entre fatos de sucessão e fatos de repetição.

Os fatos do universo contidos no espaço infinito, quaisquer que eles sejam, físicos ou psíquicos, simples ou complexos, se manifestam de duas maneiras distintas na corrente do tempo. As forças que os impulsionam ao dia, ou só os reproduzem, sem mudanças importantes, ou elas os transformam continuamente. No primeiro caso, nós temos os fatos de *repetição*; no segundo, os de *sucessão*¹³¹ (XÉNOPOL, 1901b: 269).

Como exemplificação dos fatos de repetição, para os fenômenos físicos, poderiam ser citados: as estações do ano, a rotação da Terra, entre outros. Para as questões dos seres humanos: os fatos lógicos do pensamento, as relações entre certos fenômenos sociais, como a relação entre o preço do trigo e o custo dos casamentos ou ainda a relação entre mortalidade infantil com o número de concubinatos (XÉNOPOL, 1901b).

Os fatos de sucessão, por sua vez, nada mais seriam do que fatos de repetição que mudam a cada instante, em uma cadeia que tem um sentido. Como exemplo para os fatos de sucessão, foram citados “a sucessão das batalhas em uma guerra, de artistas em uma escola de pintura, de poetas no desenvolvimento de uma forma literária etc.”¹³² (XÉNOPOL, 1901b: 270). Todas essas operações ocorreriam através da repetição, mas uma repetição cada vez mais diferenciada conforme ela fosse acontecendo. O elemento característico, então, não seria mais a semelhança das formas repetidas, mas justamente a diferença que os distinguiria

¹³⁰ No original: “[...] le reflet de la réalité dans l’entendement, la projection de la raison des choses dans la raison humaine.”. (Tradução nossa).

¹³¹ No original: “Les faits de l’univers contenu dans l’espace infini, quels qu’ils soient d’ailleurs, physiques ou psychiques, simples ou complexes, se manifestent dans le courant du temps de deux façons distinctes. Les forces qui les poussent au jour, ou bien ne font que les reproduire, sans changements importants, ou bien elles les transforment continuellement, Dans le premier cas, nous avons les faits de *répétition* ; dans le second ceux de *succession*.”. (Tradução nossa).

¹³² No original: “[...] la succession des batailles dans une guerre, des artistes dans une école de peinture, des poètes dans le développement d’une forme littéraire, etc.”. (Tradução nossa).

uns dos outros (XÉNOPOL, 1901b). Por conta disso, os fatos de repetição poderiam ser identificados por leis, como por exemplo que o ângulo de reflexão de um raio luminoso é igual ao ângulo de incidência. Entretanto, quando as circunstâncias mudam a todo instante e a força atua diferentemente nos fatos, uma fórmula geral de sua produção, ou seja, uma lei, se tornaria impossível de ser identificada (XÉNOPOL, 1901b). “Segue-se disso que os fatos de repetição podem ser formulados por leis gerais, enquanto os fatos de sucessão se encadeiam em séries únicas e particulares que exigem para cada um deles uma fórmula especial”¹³³ (XÉNOPOL, 1901b: 271-272). Com isso, Xénopol (1901b) indicou também as diferenças entre os fatos de repetição e os de sucessão em sua relação com o tempo. O primeiro, os de repetição, por sempre se repetirem, o tempo não exerceria nenhuma influência sobre eles. Por sua vez, os fatos de sucessão seriam sempre individualizados em relação ao tempo.

Com base nessas diferenças entre os fatos de repetição e os fatos de sucessão, Xénopol propôs sua nova classificação das ciências. O historiador romeno optou por se aprofundar mais na ciência dos fatos de sucessão, por enxergar ali o local principal da atuação da História.

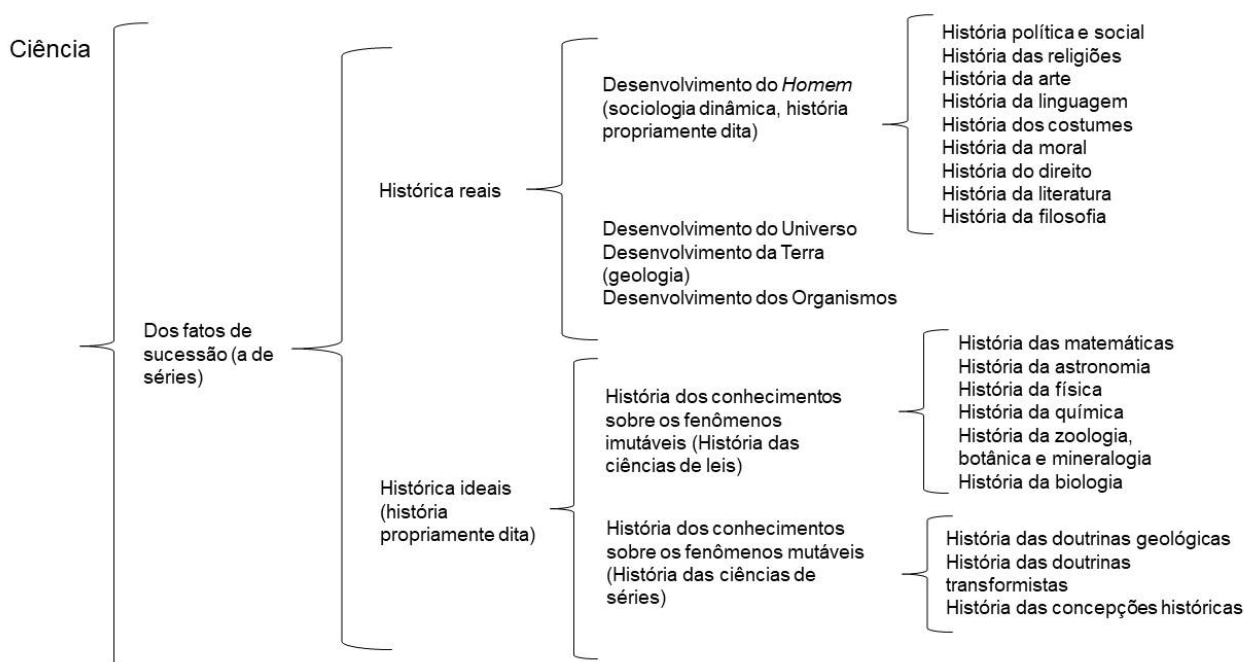
Essas últimas [as ciências dos fatos de sucessão], as únicas das quais nos ocuparemos, se aplicarão ou bem aos fatos que mudam a si mesmos ou bem a nossos conhecimentos relativos aos fatos, imutáveis ou cambiáveis. Assim, nós teremos de um lado as ciências do desenvolvimento da terra (geologia), essa dos seres que vivem sobre a superfície do globo; a do desenvolvimento humano, em suas diversas ramificações, como história social e política, história das religiões, das artes, das linguagens, dos costumes, do direito, da literatura etc.; do outro lado, nós teremos a história das teorias e das descobertas astronômicas, físicas, químicas, biológicas e mesmo a história das teorias históricas. Essas duas subdivisões da ciência dos fatos de sucessão, nós a designaremos pelos termos de *ciências históricas reais* e *ciências históricas ideais*. Enfim, esses dois ramos se dividirão, por sua vez, em tantos grupos quanto ramos diferentes¹³⁴ (XÉNOPOL, 1901b: 274).

¹³³ No original: “Il suit de là que les faits de répétition peuvent être formulés par des lois générales, pendant que les faits de succession s’enchaînent dans des séries uniques et particulières qui exigent pour chacune d’elles une formule spéciale.”. (Tradução nossa).

¹³⁴ No original: “Ces dernière, les seules dont nous nous occuperons, s’appliqueront ou bien aux faits qui changent eux-mêmes ou bien à nos connaissances relatives aux faits, immuables ou changeants. Ainsi nous aurons d’un côté les sciences du développement de la terre (géologie), celles des êtres qui vivent sur la surface du globe ; celle du développement de l’humanité, dans ses diverses ramifications, comme histoire sociale et politique, histoire des religions, des arts, du langage, des mœurs, du droit, de la littérature, etc., etc. ; de l’autre nous aurons l’histoire des théories et des découvertes astronomiques, physiques, chimiques, biologiques et même l’histoire des théories historiques. Ces deux sous-divisions de la science des faits de succession, nous les désignerons par les termes de *sciences historiques réelles* et *sciences historiques idéales*. Enfin ces

Interessante observar, então, que ciências usualmente concebidas como “da natureza”, como a geologia, estariam incluídas nessa parte dos fatos de sucessão que, como visto na citação, seriam divididas entre ciências *históricas* reais e ciências *históricas* ideais, ou seja, com uma preponderância da disciplina histórica. A imagem (Figura 1) a seguir apresenta de forma esquematizada essa divisão e, também, as subdivisões ali inclusas.

Figura 1 - DIVISÕES DAS CIÊNCIAS DOS FATOS DE SUCESSÃO



FONTE: Tradução e Adaptação de Xénopol (1901b).

Haveria uma diversidade de ramificações nas ciências dos fatos de sucessão, abordando desde o desenvolvimento do universo, da Terra e dos organismos, chegando até aos conhecimentos sobre os fenômenos que mudam, ou seja, a história das ciências. De acordo com Xénopol,

essa tabela [Figura 1] nos dá uma ideia do entendimento das ciências dos fatos de sucessão e, como resultado, o direito de sustentar que a história, no amplo sentido da palavra, não é uma ciência especial, como gostávamos de considerar até o presente, ciência que deveria ser colocada ao lado da

deux embranchements se diviseront à leur tour en autant de groupes qu'il y a de rameaux différents.". (Tradução nossa).

biologia, da psicologia ou da sociologia; mas que *ela constitui um dos dois modos universais de concepção de mundo, o modo de sucessão em relação ao mundo da repetição*. Essa concepção de história mostra a importância de nossa disciplina, na qual o princípio, aplicado à natureza material, regenerou o estudo dessa divisão pela ideia tão fecunda de evolução. Longe de ter que se defender contra as imputações que lhe endereçam certos pensadores, de não ser nem mesmo uma ciência, a história se desvela diante de nossos olhos como tendo direitos iguais ao cetro da razão humana, com sua irmã gêmea, a ciência dos fatos de repetição¹³⁵ (XÉNOPOL, 1901b: 276).

A partir disso, é possível compreender essa defesa de Xénopol em criar uma classificação das ciências, mudando a própria base na qual ela se apoiaria. Suas ideias de *fatos de repetição* e *fatos de sucessão* seriam uma forma de se afastar de outras classificações baseadas em ciências da natureza e ciências da humanidade. Tal proposição de ciência se afasta daquela proposta pelo criador da RSH. Como visto, para Henri Berr (1946 [1911]), a ciência deveria ter um foco no geral e não em fatos particulares, ponto em comum com Lacombe (1900a; 1900b), ao contrário do que defendeu Xénopol, em focar nos fatos de sucessão. Além disso, Berr também acreditava ser possível encontrar leis históricas, desde que elas designassem fatos humanos de caráter geral. Para tanto, o caminho a seguir deveria ser o da síntese científica, preocupada em compreender a *causalidade*¹³⁶. Em textos posteriores, Xénopol (1904a; 1904b; 1913) também tratou desse assunto em particular, onde apresentou sua visão acerca da *causa* em História a partir de sua proposta de Teoria da História.

Nesse momento de formação de um campo científico da História, discutir a partir de quais bases essa ciência deveria se organizar mostra uma disputa pelo que Pierre Bourdieu (1983) chamou de *autoridade científica*, capital específico do campo científico. Essa luta para impor uma definição de ciência, como visto nos textos de Berr (1946 [1911]), Xénopol (1900a; 1900b; 1901) e de outros pesquisadores nesse momento, explicitam essa disputa em que cada um procurou se colocar numa

¹³⁵ No original: “Ce tableau nous donne une idée de l’étendue de la science des faits de succession et par suite le droit de soutenir que l’histoire, au sens large du mot, n’est pas un science spéciale, comme on s’est plu à la considérer jusqu’à présent, science que devrait être rangée à côté de la biologie, de la psychologie ou de la sociologie ; mais qu’elle constitue un de deux modes universels de conception du monde, le mode de la succession en regard du mode de la répétition. Cette conception de l’histoire montre l’importance de notre discipline, dont le principe, appliqué à la nature matérielle, a régénéré l’étude de cette division par l’idée si féconde de l’évolution. Loin d’avoir à se défendre contre les imputations que lui adressent certains penseurs, de ne pas même être une science, l’histoire se dévoile à nos yeux comme ayant des droits égaux au sceptre de la raison humaine, avec sa sœur jumelle, la science des faits de répétition.”. (Tradução nossa).

¹³⁶ Conferir capítulo 4, subitem 4.2.

posição de destaque dentro desse campo e apresentar suas propostas teóricas como mais interessantes do que as outras. Segundo Bourdieu,

na luta em que cada um dos agentes deve engajar-se para impor o valor de seus produtos e de sua própria autoridade de produtor legítimo, está sempre em jogo o poder de impor uma definição da ciência (isto é, a de limitação do campo dos problemas, dos métodos e das teorias que podem ser considerados científicos) que mais esteja de acordo com seus interesses específicos. A definição mais apropriada será a que lhe permita ocupar legitimamente a posição dominante e a que assegure, aos talentos científicos de que ele é detentor a título pessoal ou institucional, a mais alta posição na hierarquia dos valores científicos (por exemplo, enquanto detentor de uma espécie determinada de capital cultural, como ex-aluno de uma instituição de ensino particular ou então como membro de uma instituição científica determinada etc.) (BOURDIEU, 1983: 127-128).

Com isso, uma das formas com que A.-D. Xénopol buscou impor uma definição de ciência foi através da proposição de sistemas conceituais próprios, por exemplo: *ciência dos fatos de repetição* e *ciência dos fatos de sucessão*. Como apontamos, o historiador romeno se inspirou largamente em uma tradição intelectual alemã. Contudo, como sua atuação principal era na Romênia, a qual não possuía um sistema de ensino e pesquisa forte e estabelecido, em comparação com outros países europeus, podemos imaginar que seu aporte teórico-metodológico fosse inovador em seu país de origem. Ademais, seu investimento na publicação de textos na França, onde gerou uma certa repercussão, contribuiu para que suas ideias circulassem fora de seu ambiente intelectual. Apesar disso, sua posição na França era marginal e limitada, gerando pouca interação com outros pesquisadores.

Essas disputas acerca da História e de sua cientificidade não estavam presentes somente na RSH, mas também em outras revistas e na forma de livros. Além de aparecerem na França, também ocorria na Alemanha, como demonstram os textos de Heinrich Rickert (1863 – 1936), Karl Lamprecht (1856 – 1915), e na Itália, com contribuições na RSH de autores como Benedetto Croce (1866 – 1952) e Pasquale Villari (1827 – 1917). Além disso, tal debate não se restringiu somente a questão da cientificidade da História, mas versou também sobre suas teorias e metodologias próprias. Alexandru Xénopol, em três textos, se propôs a tratar do problema da *causalidade* em História, assim como Berr trabalhou com isso em sua obra de 1911.

3.3 A CAUSALIDADE EM DISPUTA: A PROPOSTA DE XÉNOPOL

A discussão acerca da *causalidade* em História estava sendo um dos focos dos pesquisadores nessa primeira década do século XX, como podemos perceber a partir dos escritos já citados tanto de Henri Berr (1946 [1911]) quanto de Paul Lacombe, com algumas inserções sobre esse tema em seu artigo de 1900. Além disso, foi alvo de debates fora da revista, nos círculos da *Société française de philosophie* (Sociedade francesa de filosofia) com a fala de François Simiand, em 1906, sobre *La causalité en histoire* (A causalidade em História), o qual repercutiu a partir das críticas de Charles Seignobos (1854 – 1942)¹³⁷. Alexandre Xénopol se inseriu nesse debate com a publicação de três textos da RSH, um artigo em duas partes publicado em 1904, intitulado *La causalité dans la succession* (A causalidade na sucessão), e outro em 1913, com o título de *La causalité dans la série historique* (A causalidade na série histórica). Esse último foi seguido por um pequeno comentário crítico de Henri Berr, o qual discordou das ideias do historiador romeno.

No primeiro texto de Xénopol (1904a), ele apresentou o que entendia por “causa” para, depois, mostrar como essa aparece na ciência dos fatos de repetição. A questão seria, para ele, um dos problemas mais complexos da Filosofia. Definiu causa como: “o elemento intelectual, reflexo da natureza exterior, que nos faz compreender a produção de um fenômeno”¹³⁸ (XÉNOPOL, 1904a: 267). Assim, de acordo com seu entendimento de ciência como reflexo do Universo, a causa seria uma experiência externa. Haveria, então, uma diferença entre as noções de *lei* e de *causa*. “A lei constata o modo de realização de um fenômeno; a causa lhe dá a explicação. A lei expõe *como* o fenômeno se produz; a causa procura dar conta do *porque* ele se manifesta dessa forma”¹³⁹ (XÉNOPOL, 1904a: 268). Essa visão de Xénopol era contrária à de Henri Berr, o qual acreditava que o objetivo da ciência era o de encontrar o porquê das coisas e, a partir disso, criar leis gerais, através da metodologia de pesquisa da síntese histórica (BERR, 1946 [1911]). Para o historiador romeno, a ideia de que causa e lei fossem noções idênticas era inexata. A ciência, segundo ele,

¹³⁷ Sobre o debate entre François Simiand e Charles Seignobos acerca do conceito de *causalidade*, conferir o capítulo 6, subitem 6.2.2.

¹³⁸ No original: “[...] l’élément intellectuel, reflet de la nature extérieure, qui nous fait comprendre la production d’un phénomène.”. (Tradução nossa).

¹³⁹ No original: “La loi constate le mode d’accomplissement d’un phénomène ; la cause en donne l’explication. La loi expose *comment* le phénomène se produit ; la cause cherche à rendre compte *pourquoi* il se manifeste de la sorte.”. (Tradução nossa).

existe somente pela faculdade de *constatar* e de *demonstrar* a verdade, isto é, de procurar o conhecimento certo da realidade. A explicação parece um luxo que podemos nos permitir para certas questões, mas não podemos fazer disso a condição indispensável de todo conhecimento científico¹⁴⁰ (XÉNOPOL, 1904a: 271).

Assim, buscar a causa não seria o objetivo último de todas as ciências. Contudo, quando fosse realizável, seria mais facilmente feita pelas ciências dos fatos de sucessão, como Xénopol demonstrou na continuação de seu artigo de 1904. Para se realizar essa busca, seria preciso tentar penetrar no segredo da gênese da causa. O historiador romeno identificou dois fatos para que um fenômeno pudesse ocorrer, a *força* e as *circunstâncias*. “*Se a força não existisse, não haveria motor, se as circunstâncias faltassem, a ação da força se perderia no vazio*”¹⁴¹ (XÉNOPOL, 1904a: 275). Assim, seria necessário conhecer esses dois elementos, ou as explicações causais estariam incompletas. Mas, “todas as vezes que uma explicação está incompleta, ela toca à causa última, ao desconhecido. Então, a causa última sempre se reduz à causa de uma força quando seu modo de ação é conhecido, ou à própria força quando esse conhecimento está faltando”¹⁴² (XÉNOPOL, 1904a: 279). Com isso, nas ciências dos fatos de repetição nem sempre seria possível encontrar uma explicação causal completa, a qual explicasse todos os fatores. Quando essa explicação fosse insuficiente, ela tocaria a causa última, ou seja, uma força responsável por fazer com que determinado fenômeno ocorra, mas a qual não é possível conhecer.

De acordo com Xénopol, frequentemente um fenômeno teria como causa outro fenômeno, além das forças e circunstâncias responsáveis pelo surgimento do primeiro fenômeno. Quando isso ocorre, “*o fenômeno-causa se adiciona inteiramente como um simples componente às outras circunstâncias sobre as quais age a força que produziu o fenômeno-efeito*”¹⁴³ (XÉNOPOL, 1904a: 281-282). Por

¹⁴⁰ No original: “[...] existe par la seule faculté de *constater* et de *démontrer* la vérité, c’est-à-dire de procurer à l’esprit la connaissance certaine de la réalité. L’explication paraît un luxe que l’on peut se permettre pour certaines questions, mais on ne peut en faire la condition indispensable de toute connaissance scientifique.” (Tradução nossa).

¹⁴¹ No original: “*Si la force n’existait pas, il n’y aurait pas de moteur, si les circonstances faisaient défaut, l’action de la force se perdrait dans le vide.*” (Tradução nossa).

¹⁴² No original: “*Toutes les fois qu’une explication est incomplète, elle touche à la cause ultime, à l’inconnu. La cause ultime se réduit donc toujours à la cause d’une force lorsque son mode d’action est connu, ou à la force elle-même, quand cette connaissance fait défaut.*” (Tradução nossa).

¹⁴³ No original: “[...] *le phénomène-cause s’ajoute en entier comme un simple composant aux autres circonstances sur lesquelles agit la force qui produit le phénomène-effet.*” (Tradução nossa).

conta disso, o historiador romeno acreditava ser incompleta a explicação de Émile Durkheim acerca dos fatos sociais.

Segundo ele [Durkheim] “a causa determinante de um fato social deve ser procurada entre os fatos sociais antecedentes, e não entre os estados de consciência individuais”. O que nós objetamos contra essa regra metódica é a falta de consideração da força social ou individual que deve, indispensavelmente, se adicionar ao fato social antecedente que constitui apenas um componente no grupo de circunstâncias¹⁴⁴ (XÉNOPOL, 1904a: 282).

A crítica feita a Durkheim, então, é similar à de Henri Berr ao sociólogo francês, de que ele não levaria em conta o individual, nem no fato social em si, nem nos fatos que precederiam esse fato. Contudo, através da exemplificação de Xénopol, nota-se uma confusão entre o fato social conforme proposto por Durkheim e o que o historiador romeno entendia como fato social. Em seu breve exemplo para justificar o erro do sociólogo, Xénopol citou o fato social do triunfo final da França contra os ingleses na Guerra dos Cem Anos ou, ainda, o fato social do período do Terror durante a Revolução Francesa. Nota-se que ele não compreendeu a proposta de Durkheim, já que para esse o fato de um tipo só afeta o mesmo tipo de fato, ou seja, uma causa não social não determina um fato social. Assim, Xénopol recai em uma história acontecimental, pois, para ele, não seria possível entender o final da Guerra dos Cem Anos sem a força da individualidade de Joana D’Arc (XÉNOPOL, 1904a).

A causalidade nos fatos de repetição surgiria de duas formas: a *direta*, proveniente de uma ou mais forças que agiriam sobre um só grupo de circunstâncias; e a *indireta*, proveniente da ação de diversas forças que ocorreriam uma seguida da outra através de diversos grupos de circunstâncias (XÉNOPOL, 1904a). Essa última, como veremos, também está ligada aos fatos de sucessão. Os fatos de repetição, conforme visto acima, não seriam influenciados pela ação do tempo, já que se repetiriam indefinidamente. Porém, como o tempo age na causalidade dos fatos de repetição? Segundo Xénopol,

sempre defendemos que a causalidade agia no tempo; que ela precedia o efeito; que ela era antecedente e o efeito o conseqüente. Essa proposição não poderia ser admitida como tendo um valor universal. Nós veremos, ao

¹⁴⁴ No original: “Selon lui « la cause déterminante d’un fait social doit être cherchée parmi les faits sociaux antécédents, et non parmi les états de conscience individuels ». Ce que nous objectons contre cette règle méthodique, c’est l’absence de la prise en considération de la force sociale ou individuelle qui doit indispensablement s’ajouter au fait social antécédent qui ne constitue qu’une composante dans le groupe des circonstances.”. (Tradução nossa).

contrário, que para os fatos de repetição, a causa age de uma maneira concomitante com o efeito, todas as vezes que a gênese do fato provém diretamente de uma força (ou de várias) trabalhando *sobre um só grupo de circunstâncias*, e que a causa não precede o efeito do tempo, que quando os fenômenos de repetição são o resultado de outros fenômenos, quando diversas forças agem uma seguida das outras *através de grupos diferentes de circunstâncias*¹⁴⁵ (XÉNOPOL, 1904a: 283-284).

Assim, o tempo não teria uma ação sobre os fatos de repetição, já que agiria concomitante com eles. De forma a resumir as diversas observações passíveis de serem feitas sobre essa característica de ação do tempo nos fatos, o historiador romeno resumiu em dois princípios:

a) Que a causa *direta* nos fatos de repetição coexiste com o efeito e não o precede no tempo; b) Que é apenas pela causa *indireta*, essa que é incorporada em um seguimento de fenômenos, que podemos defender com razão a anterioridade da causa. Mas essa causa já toma a característica de sucessão¹⁴⁶ (XÉNOPOL, 1904a: 288-289).

Com isso, a característica principal da causalidade nos fatos de repetição seria a concomitância da causa e do efeito, por conta da ação inexpressiva do tempo. A partir disso, um fenômeno de repetição que ocorresse da mesma forma todo tempo e em qualquer lugar, ou seja, independente do espaço e do tempo, teria uma causa passível de ser descrita em forma de lei (XÉNOPOL, 1904a). Além disso, “*a causalidade nos fatos de repetição é de curta duração e se depara cedo com o desconhecido da causa últimas*”¹⁴⁷ (XÉNOPOL, 1904a: 293). Por conta dessa característica das ciências dos fatos de repetição de terem como objetivo o estabelecimento e a prova dos fatos que elas estudam, a pesquisa das causas seria deixada em segundo plano e, mesmo quando as causas fossem determinadas, elas se aproximariam do incognoscível, ou seja, das causas últimas. Xénopol argumenta que, diferentemente do que era usualmente concebido, que as ciências da natureza

¹⁴⁵ No original: “On a toujours soutenu que la causalité agissait dans le temps ; qu'elle précédait l'effet ; qu'elle était l'antécédent et l'effet le conséquent. Cette proposition ne saurait être admise comme ayant une valeur universelle. Nous verrons, au contraire, que pour les faits de répétition, la cause agit d'une façon concomitante avec l'effet, toutes les fois que la genèse du fait provient directement d'une force (ou de plusieurs) travaillant *sur un seul groupe de circonstances*, et que la cause ne précède l'effet dans le temps, que lorsque les phénomènes de répétition sont le résultat d'autres phénomènes, quand plusieurs forces agissent à la suite les unes des autres à *travers de groupes différents de circonstances*.”. (Tradução nossa).

¹⁴⁶ No original: “a) Que la cause *directe* dans les faits de répétition coexiste avec l'effet et ne le précède pas dans le temps. b) Que ce n'est que pour la cause *indirecte*, celle qui est incorporée dans une suite de phénomènes, que l'on peut soutenir avec raison l'antériorité de la cause. Mais cette cause prend déjà le caractère de la succession.”. (Tradução nossa).

¹⁴⁷ No original: “*La causalité dans les faits de répétition est de courte haleine et se heurte bientôt à l'inconnu des causes ultimes*.”. (Tradução nossa).

(ou de repetição) seriam mais exatas e, portanto, mais passíveis de serem conhecidas e compreendidas, seriam justamente essas que estariam sempre rodeadas do desconhecido, da causa última. Por sua vez, as ciências dos fatos de sucessão teriam maior chance de ter uma explicação causal que atingisse a totalidade dos fenômenos.

Os fatos de sucessão, diferentemente dos de repetição, seriam individualizados pelo tempo. Dessa forma,

a *causalidade* na sucessão sempre tomará a forma *indireta*, e então ela se manifestará no tempo. O que na repetição era a exceção, aqui torna-se a regra. Em outra, a causalidade indireta, longe de ser de curta duração e de tocar a causa última, se estenderá no tempo ao infinito, remontando até à origem das coisas. Mas, a causalidade encadeando na sucessão fenômenos sempre diferentes, sua manifestação sob a forma de lei torna-se impossível e ela deve adotar a única forma que o tempo lhe permite abarcar, a forma serial¹⁴⁸ (XÉNOPOL, 1904b: 8).

Com essa definição de causalidade na sucessão compreendemos a crítica de Lacombe (1900) a Xénopol de que esse realizaria uma história acontecimental focado em uma linha do tempo. Para o historiador romeno, a causalidade indireta se estenderia infinitamente no tempo, ou seja, um fenômeno sempre seria a causa de um outro fenômeno *ad infinitum*. Se nos fatos de repetição a causa era desconhecida, nos fatos de sucessão ela remete ao indivíduo, pois a força que ele representa assim como seu modo de ação são desconhecidos (XÉNOPOL, 1904b). Nesse mesmo sentido, diferentemente da repetição nos fatos de repetição, nos fatos de sucessão há o que Xénopol chamou de desenvolvimento.

Nas ciências de sucessão, a repetição se produz sempre de uma maneira diferenciada, isto é, que a parte diferente dos fenômenos chama a atenção da investigação; é pelo lado diferenciado que os eventos históricos nos interessam. Como se trata de se dar conta precisamente dessas diferenças, a *repetição* não tem nenhum papel, e a atenção se volta sobre o *desenvolvimento*. Então, não há mais leis a formular para a manifestação dos fatos¹⁴⁹ (XÉNOPOL, 1904b: 14).

¹⁴⁸ No original: “La *causalité* dans la succession revêtira toujours la forme *indirecte*, et donc elle se manifesterait dans le temps. En outre la causalité indirecte, loin d’être de courte haleine et de toucher bientôt à la cause ultime, s’étendra dans le temps à l’infini, remontant jusqu’à l’origine des choses. Mais la causalité dans la succession enchaînant des phénomènes toujours différents, sa manifestation sous forme de loi devient impossible, et elle doit adopter la seule forme que le temps lui permette d’embrasser, la forme sérielle.” (Tradução nossa).

¹⁴⁹ No original: “Dans les sciences de la succession, la répétition se produit toujours d’une façon différenciée, c’est-à-dire que la partie dissemblable des phénomènes attire l’attention de l’investigation ; c’est par le côté différentiel que les événements historiques nous intéressent. Comme il s’agit de se rendre compte précisément de ces différences, la *répétition* ne joue plus aucun rôle, et l’attention se porte sur *le développement*.” (Tradução nossa).

Por conta desse desenvolvimento e do caráter único dos fatos de sucessão, a questão da individualidade foi ressaltada por Xénopol. “O individual, isto é, a aparição de um evento, de uma instituição, de um estado social, *uma só vez no tempo para jamais se reproduzir de uma maneira idêntica*, tornar-se-á o elemento essencial da história”¹⁵⁰ (XÉNOPOL, 1904b: 14). Por conta dessas características das ciências de sucessão, e aí estaria inclusa a História, Xénopol enxergava nelas uma superioridade sobre as ciências dos fatos de repetição. “A superioridade das ciências de sucessão sobre as de repetição é que elas eliminam, até um certo ponto, a questão das causas últimas”¹⁵¹ (XÉNOPOL, 1904b: 19). No específico de nossa disciplina,

a história é uma ciência do espírito e a percepção dos fenômenos de sua competência é mais profunda, mais compreensiva. Os fatos que as ciências do espírito estudam pertencem ao órgão de percepção desses fatos, compreendemos que a causa dos fatos intelectuais seja percebida mais claramente que a causa dos fenômenos exteriores, e isso por conta que o modo de ação das forças psíquicas é conhecido diretamente, enquanto o das forças físicas o é somente de uma maneira indireta¹⁵² (XÉNOPOL, 1904b: 18).

Essa ideia de que a História teria uma superioridade já estava concebida desde o artigo de 1901 de Xénopol, no qual sugeriu que quase a totalidade das ciências de sucessão estariam sob o domínio da disciplina histórica. Por fim, de forma resumida, o historiador romeno elencou as diferenças entre as ciências de sucessão e as de repetição. Segundo ele,

as diferenças que distinguem a causalidade de repetição dessa da sucessão são, então, as seguintes: 1º Na causalidade de repetição a causa é concomitante com o efeito; na causalidade de sucessão ela precede sempre o efeito. 2º Na causalidade de repetição, a causa última rodeia de perto o conhecimento; nas de sucessão a causa última é relegada ao infinito. 3º A causalidade de repetição se manifesta sob forma de lei; a de sucessão sob forma de série¹⁵³ (XÉNOPOL, 1904b: 19).

¹⁵⁰ No original: “L’individuel, c’est-à-dire l’appartition d’un événement, d’une institution, d’une état social, *une seule fois dans le cours des âges pour ne plus jamais se reproduire d’une façon identique*, deviendra l’élément essentiel de l’histoire [...]”. (Tradução nossa).

¹⁵¹ No original: “La supériorité des sciences de la succession sur celles de la répétition, c’est qu’elles éliminent jusqu’à un certain point la question des causes ultimes.”. (Tradução nossa).

¹⁵² No original: “L’histoire est une science de l’esprit et la perception des phénomènes de son ressort est plus profonde, plus compréhensive. Les faits que les sciences de l’esprit étudient appartenant à l’organe d’aperception de ces faits, on comprend que la cause des faits intellectuels soit plus clairement perçue que la cause des phénomènes extérieurs, et cela pour la raison que le mode d’action des forces psychiques est connu directement, pendant que celui des forces physiques l’est seulement d’une façon indirecte.”. (Tradução nossa).

¹⁵³ No original: “Les différences qui distinguent la causalité de répétition de celle de la succession sont donc les suivantes : 1º Dans la causalité de répétition la cause est concomitante avec l’effet ; dans la causalité de succession elle précède toujours l’effet. 2º Dans la causalité de répétition la cause

Com isso, Xénopol se inseriu na discussão sobre a causalidade em História, na qual também se envolveram diversos historiadores e pesquisadores, como Henri Berr e François Simiand. Alguns anos mais tarde, o historiador romeno publicou um pequeno texto no qual tratava especificamente da causalidade na série histórica, onde principalmente forneceu exemplos para demonstrar seu ponto de vista. Iniciou o texto alertando para que não se utilizasse o método de outras ciências, especificamente as da natureza, em todos os ramos do conhecimento.

Nós demonstramos diversas vezes que o elemento organizador dessas ciências [de sucessão] é a série, elemento análogo ao da lei para os fatos de repetição. Enquanto o princípio gerador da lei é a generalização, o que dá luz à série e a cadeia é a causalidade. Em uma série histórica (no sentido amplo do termo, compreendendo também a geologia e o transformismo), cada fato precedente deve ser a causa daquele que o segue e cada fato posterior deve poder ser considerado como efeito desse que o precedeu. Somente quando essa cadeia causal está completamente estabelecida que a série histórica nasce adequadamente; e, mais o encadeamento causal será forte e cerrado, mais a série tornar-se-á um elemento verdadeiramente científico do conhecimento histórico. [...]. Para elevar esse conhecimento à altura da ciência é preciso, para a repetição, ter recorrido à generalização; para a sucessão, é preciso ali adicionar o encadeamento causal¹⁵⁴ (XÉNOPOL, 1913: 259).

Após essa recapitulação de suas ideias acerca da causalidade em História, Xénopol seguiu com a apresentação de exemplos para mostrar na prática a aplicação de sua teoria em análises de acontecimentos históricos. A partir delas, consideramos que apesar de suas críticas à história acontecimental e de suas afirmações de que seguiria um caminho diferente, seus exemplos demonstram que ele não conseguiu romper com a história diplomática, dando um foco demasiado a problemáticas políticas e governamentais, como a relação da Guerra da Crimeia com o Imperador francês (XÉNOPOL, 1913). Em sua afirmação final, ficou tangível

ultime entoure de bien près le connaissable ; dans celle de succession la cause ultime est reléguée à l'infini. 3° La causalité de répétition se manifeste sous forme de loi ; celle de succession sous forme de série.”. (Tradução nossa).

¹⁵⁴ No original: “Nous avons démontré à plusieurs reprises que l'élément organisateur de ces dernières sciences, c'est la *série*, élément analogue à celui de la *loi* pour les faits de répétition. Pendant que le principe générateur de la loi, c'est la *généralisation*, celui qui donne naissance à la série et l'enchaîne, c'est la *causalité*. Dans une série historique (au sens le plus large du terme, comprenant aussi la géologie et le transformisme), chaque fait précédent doit être la cause de celui qui le suit et chaque fait postérieur doit pouvoir être considéré comme l'effet de celui qui le précède. Ce n'est que lorsque cette chaîne causale est complètement établie que la série historique prend dûment naissance, et plus l'enchaînement causal sera puissant et serré, plus la série deviendra un élément vraiment scientifique de la connaissance historique. [...]. Pour élever cette connaissance à la hauteur de la science, il faut pour la répétition avoir recours à la généralisation ; pour la succession il faut y ajouter l'enchaînement causal.”. (Tradução nossa).

sua aproximação de uma história historizante presa a uma linha do tempo. Segundo ele, “*nosso objetivo era demonstrar que toda série histórica que quer ser verdadeiramente científica deve poder relacionar todos os fatos dos quais ela se compõe sobre o fio da causalidade sucessiva, fazendo derivar de cada fato subsequente de seu antecedente*”¹⁵⁵ (XÉNOPOL, 1913: 271).

Tal texto foi seguido de uma pequena nota crítica do criador da RSH, o qual já havia lançado seu livro nesse momento. Sua obra, *A Síntese em História* (1946 [1911]), teve uma parte inteira dedicada ao estudo da causalidade em História. Henri Berr tachou a Teoria da História de Xénopol de história tradicional. Para o pesquisador francês,

ninguém tem mais desejo de fundar a teoria da história que o Sr. Xénopol: os leitores da revista bem o sabem. Sua concepção de história foi exposta aqui recorrentemente por ele, recorrentemente discutida por outros. Ela está em conformidade, em seu conjunto, com a história tradicional: se ele procura constantemente a aperfeiçoá-la, é sem modificar esse caráter essencial¹⁵⁶ (BERR apud XÉNOPOL, 1913: 271).

Apesar das diversas publicações de Xénopol na RSH, e de seus debates com outros historiadores como Lacombe, Berr acreditava que o historiador romeno não escapava da história diplomática. Para Henri Berr, Xénopol nada trouxe de novo com a publicação desse texto, além de mostrar sua preocupação com o aspecto psicológico da História. De acordo com o criador da RSH,

o Sr. Xénopol opõe as “ciências de sucessão” às de “repetição” e as “séries” às “leis”. O que ele prova hoje de novo? Que a série, tal como ele a entende, não é uma simples justaposição de fatos, mas que – como os grãos de um colar são ligados por um fio – os fatos o são por um dado psicológico: ideia, interesse, necessidade (ou, ainda, individualidade). O Sr. Xénopol – a qual a filosofia da causalidade está pronta para críticas e não vai sem obscuridade – procura as causas, na prática, como historiador psicólogo. Ora, a dificuldade não é de constituir as “séries”: a dificuldade é de religá-las, essas séries diversas que fecham a história de uma época, de um país, da humanidade; de sistematizá-las em relação às causas gerais; de chegar a uma concepção verdadeiramente científica, profunda e complexa, da causalidade histórica¹⁵⁷ (BERR apud XÉNOPOL, 1913: 271).

¹⁵⁵ No original: “*Notre but était de démontrer que toute série historique qui veut être vraiment scientifique doit pouvoir rattacher tous les faits dont elle se compose sur le fil de la causalité successive, en faisant dériver chaque fait subséquent de son antécédent.*” (Tradução nossa).

¹⁵⁶ No original: “*Personne n’a plus que M. Xénopol le souci de fonder la théorie de l’histoire: les lecteurs de la Revue le savent bien. Sa conception de l’histoire a été, ici, souvent exposée par lui, souvent discutée par d’autres. Elle est conforme, en son ensemble, à l’histoire traditionnelle: s’il cherche constamment à la perfectionner, c’est sans en modifier le caractère essentiel.*” (Tradução nossa).

¹⁵⁷ No original: “*M. Xénopol oppose les « sciences de la succession » à celles de la « répétition » et les « séries » aux « lois ». Que prouve-t-il aujourd’hui de nouveau? Que la série, telle qu’il l’entend, n’est pas une simple juxtaposition de faits, mas que – comme les grains d’un collier sont reliés par un*

O criador da RSH termina afirmando que “historiadores puros e puros sociólogos se contradizem; mas se completam quando se contradizem”¹⁵⁸ (BERR apud XÉNOPOL, 1913: 271). Tal frase, possivelmente criticando Xénpol como historiador puro e, talvez, os sociólogos durkheimianos como sociólogos puros, indicaria sua visão de uma federação das ciências, realizadora da síntese científica, como a melhor opção de análise.

Os trabalhos de Xénpol analisados aqui são uma parte de sua contribuição para a RSH. Além das diversas resenhas produzidas por esse historiador, ele ainda publicou textos que versavam sobre a inferência na História, o qual aprofundava o caráter metodológico de sua obra, e sobre a imaginação na História. Sobre a parte metodológica, o historiador brasileiro Clayton Borges (2013) afirmou que Xénpol comparou três métodos usados em um trabalho científico: a dedução, a indução e a inferência. O primeiro serviria apenas para as ciências de repetição, enquanto a História se faria valer do último. “A inferência seria então uma dedução invertida, onde se substituiria a generalidade da premissa maior (julgamento universal pré-concebido) pela generalidade do termo médio” (BORGES, 2013: 132). O termo médio, advindo de uma lei psicológica, poderia ser descrito como o meio que ligaria o particular da pesquisa histórica às perspectivas das características humanas universais. A característica principal disso seria a probabilidade, “quanto mais provável se apresentar a premissa geral do método histórico, maior o grau de validade e de autoridade que se poderia atribuir às verdades alcançadas” (BORGES, 2013: 134-135). Se esse termo médio pudesse ser razoavelmente contestado ele não adquiriria o pleno estatuto de verdade científica. Assim, “o método da inferência

fil – les faits le sont par une donnée psychologie : idée, intérêt, besoin (ou encore individualité). M. Xénpol – dont la philosophie de la causalité prête à des critique et ne va pas sans obscurité – recher les causes, dans la pratique, en historien psychologue. Or la difficulté n’est pas de constituer des « séries » : la difficulté est de les relier elles-mêmes, ces séries diverses que renferme l’histoire d’une époque, d’un pays, de l’humanité ; de les systématiser par rapport à des causes générales ; d’arriver à une conception vraiment scientifique, profonde et complexe, de la causalité historique.”. (Tradução nossa).

¹⁵⁸ No original: “Historiens purs et purs sociologues se contredisent ; mais ils se complètent en se contredisant”. (Tradução nossa).

seria então o promotor por excelência da capacidade imaginativa do historiador, pois para Xénopol os fatos e as causas não estariam dados nos documentos” (BORGES, 2013: 137).

Acreditando ser possível o uso da imaginação no trabalho histórico, Xénopol discorreu sobre até que ponto ela poderia contribuir ou agir como um empecilho. Para ele, haveria duas formas de imaginação. Uma primeira mais ligada à memória, onde buscaria ressuscitar o passado; uma segunda que tentaria compreender o passado, pautado no pressuposto de uma subjetividade do historiador (BORGES, 2013). Apesar da imaginação também ser um instrumento da arte, ela poderia ser utilizada pela História desde que controlada por meio do método, assim teria um caráter científico.

Alexandru Xénopol escolheu a *Revue de synthèse historique* para publicar a maior parte de sua produção em francês. Com 19 contribuições, entre artigos, resenhas e comentários, no período entre 1900 e 1914, teve esse periódico como um espaço aberto aos seus textos, sendo agraciado com alguns comentários. Ao contrário das várias publicações na RSH, publicou somente um na *Revue historique*, em 1881, sobre os desmembramentos da Moldávia. Admitimos algumas explicações para isso. Entendemos, primeiramente, que no momento da publicação na RH, Xénopol ainda não havia desenvolvido plenamente sua Teoria da História, já que ainda não havia conquistado um cargo no sistema universitário, ou seja, uma estabilidade para pesquisar e lecionar, alcançando-o somente em 1883, e lançando sua obra teórica-metodológica em 1899, quando apresentou de forma mais completa suas ideias. Ademais, depois do aparecimento desta, em França, focou principalmente na RSH, para a divulgação de seus diversos textos, onde explicitou seu pensamento acerca da Teoria e da Metodologia da História.

Cremos, assim, que uma das motivações do historiador romeno para publicar nesse periódico se deu por conta do posicionamento da revista, sendo a primeira na França a ter como objetivo principal a discussão de Teoria e Metodologia da História, estando aberta às mais diversas contribuições com os mais diferentes posicionamentos por parte dos pesquisadores nessa área. A RSH, então, procurou ocupar esse espaço vazio no campo historiográfico francês, abrigando discussões e publicações com essa temática. Além de Xénopol encontrar um espaço acolhedor na RSH, conseguiu também ser discutido por autores francês, como Paul Lacombe e Henri Berr. Para um historiador advindo de um sistema de ensino e pesquisa

periférico, como o da Romênia entre o final do século XIX e início do século XX, alcançar uma posição, ainda que marginal, dentro do campo historiográfico francês, valia como um capital intelectual importante em seu país de origem. Sua recepção na RSH, entretanto, restringiu-se ao seu debate com Paul Lacombe e com alguns comentários de Henri Berr, tanto na própria RSH quanto em seu livro de 1911. Assim, esse autor teve alguma relevância dentro do periódico francês, mas mais por conta da recorrência com que publicava seus textos ali, e menos por parte das suas ideias.

Concordamos, dessa forma, com as conclusões de Clayton Borges (2013; 2015), de que Xénopol, apesar de se apresentar como o proponente de ideias inovadoras, ainda tinha uma forte convicção historicista. Também, como vimos, o historiador romeno demonstrou ter sofrido influências da historiografia alemã, provavelmente do período de seu doutoramento na Alemanha. Identificamos, em seus escritos, ideias advindas da Filosofia da História hegeliana, como nas suas crenças de que a raça humana havia passado por um desenvolvimento. Com isso, é possível notarmos certas contradições nos trabalhos de Alexandru Xénopol. Ao mesmo tempo em que criticava uma história diplomática e propunha outros métodos e formas de se encontrar a causalidade em História, suas exemplificações sempre recaíam nessa história acontecimental focada demasiadamente em política. O mesmo ocorre com sua proposta de uma nova classificação das ciências, entre as de repetição e de sucessão. Essa, apesar de conter exceções, como a geologia ser considerada como uma ciência de sucessão, acabava por manter de forma geral uma divisão prévia entre as ciências da natureza e as ciências da humanidade. Porém, Xénopol agiu para apresentar, defender e tentar impor sua definição de ciência histórica, com método e teoria própria.

4 DEBATES E PROPOSTAS DENTRO DA REVUE DE SYNTHÈSE HISTORIQUE (1900 – 1914)

Dentre os textos publicados ao longo dos quatorze anos iniciais da *Revue de synthèse historique*, uma parte referiu-se aos debates teórico-metodológicos acerca da História que estavam ocorrendo não só na França, mas em outros países europeus, nesse momento. Assim, selecionamos um conjunto de publicações que, de certa forma, geraram reações após sua aparição, nos possibilitando analisar a receptividade de algumas ideias e conceitos. Entre autores mais centrais, ou marginais em relação ao sistema de ensino e pesquisa de seu país, buscamos compreender alguns debates que tiveram a RSH como seu meio de divulgação.

O primeiro conjunto de textos analisados nesse capítulo são os de Heinrich Rickert (1863 – 1936), filósofo alemão, e Paul Lacombe (1834 – 1919), historiador francês. Nestes, Rickert apresentou uma parte de sua Teoria da História e apresentou quatro formas de como o *Universal* estaria presente na análises históricas, as quais deveriam ter um foco mais do *individual*. Lacombe, por sua vez, discordando do alemão, teceu críticas a essas ideias. Após estes, temos o debate metodológico protagonizado por François Simiand (1878 – 1935), em um texto que se tornou um clássico dentro da historiografia. Parte de um embate maior, Simiand publicou na RSH uma comunicação feita na Sociedade francesa de filosofia, o qual fazia parte de seu debate com o historiador francês, Charles Seignobos (1854 – 1942). A repercussão do escrito do sociólogo francês gerou uma análise dentro da RSH, com uma publicação de Paul Mantoux (1877 – 1956). Após este, temos uma discussão entre dois historiadores alemães, Karl Lamprecht (1856 – 1915) e Ernst Bernheim (1850 – 1942), acerca da influência do pensamento francês, mais especificamente o de Auguste Comte (1798 – 1857), dentro da historiografia alemã. E, por fim, como um contraponto do entendimento de que a História era uma ciência, examinamos uma comunicação do filósofo francês Paul Masson-Oursel (1882 – 1956) e sua proposta de reabilitação da Filosofia da História. Este texto teve uma pequena nota do criador da revista, Henri Berr, discordando das ideias de Masson-Oursel e reafirmando o caráter científico da História.

4.1 “UNIVERSAL” E O “INDIVIDUAL” DE HEINRICH RICKERT E A RESPOSTA DE PAUL LACOMBE

Em 1901, a RSH, na edição de número 5, publicou um artigo de autoria do filósofo alemão Heinrich Rickert, intitulado *Les quatre modes de « L’universel » dans l’Histoire*¹⁵⁹ (Os quatro modos do “Universal” na História). Nesse artigo, o filósofo neokantiano e professor da Universidade de Freiburg¹⁶⁰, defendeu que mesmo a História sendo uma ciência do individual, haveria quatro modos do *universal* aparecer nela. Segundo Sérgio da Mata (2006), Rickert foi “da geração de filósofos neokantianos de fins de século XIX e inícios do XX, [...] foi uma das figuras de maior prestígio. Discípulo e ex-aluno de Wilhelm Windelband, ele exerceu forte influência à época” (DA MATA, 2006: 348). Preocupado em adentrar o debate sobre o método histórico, Rickert teve diversos trabalhos nessa linha, onde elaborou uma fundamentação para as ciências culturais, dentre as quais, a História. “Nesta perspectiva, a diferença principal em relação às ciências da natureza não deveria ser buscada nos objetos aos quais umas e outras se devotam, mas nos procedimentos adotados” (DA MATA, 2006: 349).

Heinrich Rickert iniciou seu artigo nessa linha de discussão, acerca do método, questionando a validade de se empregar o método das ciências naturais nas ciências históricas. Segundo ele, “podemos defender que as ciências da natureza e a história são de tal forma diferentes entre si, por sua essência mais íntima, que elas não podem, de nenhuma maneira, utilizar o mesmo método”¹⁶¹ (RICKERT, 1901: 122). Ainda, seria preciso comparar a natureza dos objetos de ambas as ciências e, isso feito, se notaria um contraste fundamental entre elas. As ciências naturais “ordenam seus objetos sob conceitos, o que tem em comum com a multidão de coisas particulares e, portanto, que tem conteúdo universal”¹⁶² (RICKERT, 1901: 122). Então, ela os ordenaria de maneira a formar um sistema de conceitos

¹⁵⁹ Para esse artigo não houve indicação de quem seria o tradutor, somente que foi feito por um dos colaboradores da revista.

¹⁶⁰ Para mais informações sobre o autor, conferir a Tabela Biográfica em Anexo.

¹⁶¹ No original: “[...] on peut soutenir que les sciences de la nature et l’histoire diffèrent tellement entre elles par leur essence la plus intime, qu’elles ne peuvent en aucune façon user de la même méthode.”. (Tradução nossa).

¹⁶² No original: “[...] rangent leurs objets sous des concepts, qui expriment ce que renferme de commun la multitude des choses particulières, et qui ont dès lors un contenu universel.”. (Tradução nossa).

universais, de modo que cada processo ali inserido encontre seu lugar. Para Sérgio da Mata (2006), há uma centralidade para esses conceitos no pensamento de Rickert, responsáveis por diferenciar a ciência de outras formas de conhecimento. De acordo com ele,

Rickert crê ser impossível apreender a realidade diretamente, tal como ela é. A razão para isso é que realidade é infinitamente complexa e multifacetada. Ela é, para usar sua terminologia, “irracional”. A função dos conceitos é, pois, reduzir essa complexidade. Eles são pontes sem as quais não se pode atravessar “o caudaloso rio da realidade”. Nela selecionando o que há de essencial, eles tornam-na apreensível. O ponto-chave reside em identificar como as diferentes ciências elaboram seus conceitos (DA MATA, 2006: 354).

Assim, os conceitos poderiam ser vistos como instrumentos metodológicos para a apreensão das ciências. Para Rickert (1901), o estabelecimento do *Universal* seria o objetivo último das ciências da natureza, o interesse pelo *individual* seria pautado no que esse pode auxiliar na construção de um sistema de conceitos universais. Da Mata (2006) nos explica o que Rickert entendia por conceito.

Um conceito pode ser considerado toda síntese, obtida à custa de esforço sistemático, daquilo que é essencial numa dada realidade. Rickert afirma existirem dois tipos de conceitos: conceitos simples e conceitos científicos. Os primeiros correspondem a elementos conceituais não definíveis (dados da percepção imediata, como as noções de “doce” ou “azul”). Os conceitos científicos, por sua vez, são “agregados” — seja de elementos conceituais, seja de outros conceitos científicos. Para Rickert, não existe qualquer diferença “entre o conteúdo de uma exposição científica em geral e o conteúdo do conceito”. De modo que “um complexo de conceitos, que encerra o conhecimento científico de uma realidade, é o ‘conceito’ desta realidade” (DA MATA, 2006: 355).

A partir disso, Rickert (1901) defendeu que a História, diferentemente das ciências naturais, se interessaria pelo o que se produz somente uma vez, ou seja, as individualidades, as existências particulares. Ele entendia que sem o Universal a ciência se tornaria impossível. Entretanto, o fato de toda ciência necessitar do Universal não significaria que todas teriam de construir um sistema de conceitos universais, como fazem as ciências naturais (RICKERT, 1901). No caso das ciências históricas, Rickert (1901) identificou quatro formas nas quais o Universal apareceria, mesmo ela tendo um foco nas individualidades e particularidades. Por qual razão a História necessitaria do Universal? Segundo Rickert, por conta da realidade não poder ser expressa diretamente de maneira científica. Assim, toda ciência seria composta por julgamentos, diferente de intuição. Os elementos desses julgamentos seriam necessariamente universais, sendo eles que constituiriam as proposições de

uma pesquisa científica (RICKERT, 1901). “Assim, toda exposição histórica só pode ser composta de elementos dos quais a natureza é inteiramente universal; e esses ‘elementos’ constituem o *primeiro modo do Universal*, que encontramos em toda a história”¹⁶³ (RICKERT, 1901: 125). A partir disso, a ciência poderia formar, com esses elementos, conceitos que abarcariam o que é comum a diversos objetos, como as ciências naturais, ou ordenar esses elementos gerais para que resultem um conteúdo individual, como as ciências históricas (RICKERT, 1901).

O Universal, para as ciências da natureza, seria o objetivo, enquanto para a História ele seria um *meio*, sendo seu objetivo a expressão do individual. Com isso, mesmo havendo esses elementos que comporiam o primeiro modo do Universal, a História continua sendo uma ciência para Rickert. Mas, ela necessitaria de um critério para saber realmente quais eventos individuais seriam verdadeiramente essenciais. Esse princípio não poderia ter um caráter individual, então “é preciso que ele seja igualmente universal, pois a constituição da história, da qual ela é a condição, deve se impor a todos”¹⁶⁴ (RICKERT, 1901: 126). Esse seria o *segundo modo do Universal* em História. Para as ciências naturais, esse princípio de seleção seria a comparação dos objetos para destacar as características idênticas. Para a História, de acordo com Rickert (1901), seria preciso então encontrar um princípio de seleção universal para distinguir o que é histórico do que não é. Segundo ele,

um evento individual somente pode ter um alcance geral se, de uma maneira ou de outra, pudermos lhe assinalar um *valor* universal; e, assim, em última análise, essa seria sempre a determinação dos valores que levaria a escolha do que é essencialmente histórico. Mas o ponto de vista do valor parece inconciliável com a natureza essencial da ciência, pois ele introduziria nela um elemento arbitrário. Ao que podemos assinalar um valor universal? Isso depende de *pressuposições* bem determinada¹⁶⁵ (RICKERT, 1901: 129).

De acordo com Da Mata (2006), a indissociabilidade dos valores sociais, para Rickert, seria o que conferiria a especificidade das ciências históricas. Haveria,

¹⁶³ No original: “Ainsi toute exposition historique ne peut se composer que d’éléments dont la nature est toute universelle ; et ces « éléments » constituent le *premier mode de l’Universel*, que l’on rencontre dans toute histoire.”. (Tradução nossa).

¹⁶⁴ No original: “[...] il faut qu’il soit également universel, puisque la constitution de l’histoire dont il est la condition doit s’imposer à tous.”. (Tradução nossa).

¹⁶⁵ No original: “[...] un événement individuel ne peut avoir une portée générale que si, d’une manière ou d’une autre, on peut lui assigner une *valeur* universelle ; et ainsi, en dernière analyse, ce serait toujours à la détermination des valeurs que se ramènerait le choix de ce qui est essentiellement historique. Mais le point de vue de la valeur semble inconciliable avec la nature essentielle de la science, car il introduirait en elle un élément arbitraire. À quoi peut-on assigner une valeur universelle ? Cela dépend de *présuppositions* bien déterminées.”. (Tradução nossa).

então, dois tipos de valoração: a teórica e a prática. “A primeira permite ao historiador eleger o que, em meio à massa de objetos, épocas ou personalidades que tem diante de si, deve ser considerado efetivamente relevante” (DA MATA, 2006: 356). Por sua vez, a valoração prática implicaria em uma tomada de posição *contra* ou *a favor*, mas essa forma de valor não teria, idealmente, um lugar na ciência. Contudo, segundo Da Mata (2006), a História para Rickert não seria uma ciência valorativa, mas relativa a valores, ou seja, eles guiariam as escolhas do historiador, mas sem julgamentos, pois esses não interessariam à ciência. Rickert (1901) criticou os pesquisadores que utilizariam de outras teorias para encontrar os valores universais e explicou como isso se daria na História. Segundo ele,

aquele que, para chegar à objetividade científica recorre às teorias sociológicas de característica geral, certamente não melhorará sua posição, sem contar que ele não poderia, com a ajuda dessas teorias, constituir a *história*, isto é, a exposição de uma série desenvolvida de fatos individuais e dados somente uma vez. O historiador aparentará uma objetividade empírica de um conjunto determinado de valores fixados pelo desenvolvimento da civilização, e ele chegará, assim, a distinguir o que é essencial do que não é. É pela relação que ele oferece com esses valores que sua exposição dos fatos poderá se justificar¹⁶⁶. (RICKERT, 1901: 130).

A partir disso, Rickert (1901) abordou o que seria o *terceiro modo do Universal* em História. Essa ciência utilizaria elementos universais para compreender elementos individuais, os quais teriam uma importância universal. Porém, a História não poderia representar indivíduos isolados que se excluíam reciprocamente, pois não haveria nada totalmente isolado na realidade. Para ele,

cada objeto histórico entra em *um mesmo conjunto* com outros objetos, e se encontra mais ou menos determinado pelo mesmo em sua individualidade. Em seguida, a dependência recíproca das coisas e dos acontecimentos individuais deve ser igualmente visto como um objeto da história; é mesmo unicamente em sua dependência recíproca que os eventos podem ser vistos pela história. Mas essa dependência recíproca, por oposição com as coisas individuais propriamente ditas, ainda é algo de “universal”; e como ela não é considerada como um simples meio, mas que seu estabelecimento é o objetivo da história, parece bem que com o terceiro modo do Universal finalmente desaparece nossa reivindicação de fazer da

¹⁶⁶ No original: “Celui qui, pour atteindre à l’objectivité scientifique, aura recours à des théories sociologiques à caractère général, n’améliorera certainement pas sa position, sans compter qu’il ne saurait en aucune façon, à l’aide de ces théories, constituer l’*histoire*, c’est-à-dire l’exposition d’une série développée de faits individuels et donnés une fois seulement. L’historien prétendra à plus juste titre à l’objectivité empirique, par cela seul qu’il se référera à l’estimation empirique d’un ensemble d’terminé de valeurs fixées par le développement de la civilisation, et qu’il arrivera ainsi à distinguer ce qui est essentiel de ce qui ne l’est pas. C’est par le rapport qu’il offre avec ces valeurs que son exposé des faits pourra lui-même se justifier.”. (Tradução nossa).

história a ciência das coisas particulares e individuais¹⁶⁷ (RICKERT, 1901: 131).

A História, para Rickert (1901), seria a única ciência capaz de religar seus objetos individuais com seu todo individual do qual eles fariam parte. Porém, ela não se encontraria determinada pelo seu meio e não deixaria de ser a ciência das coisas particulares e individuais. A História teria como tarefa: “representar esse meio, em cada ponto do espaço e em cada época do tempo, com seu caráter individual e particular, e de manifestar as relações sempre individuais que comportam os diferentes indivíduos em relação ao seu meio”¹⁶⁸ (RICKERT, 1901: 133). A partir disso, Rickert (1901) alertou que não haveria duas maneiras de se fazer História, uma individualista e outra “coletivista”, mas que a coletividade seria um conceito individual, a saber, quando se considera eventos que afetam as massas. Indo além, Rickert (1901) criticou a história diplomática e historizante:

o verdadeiro historiador deverá sempre ficar alerta contra tais generalizações. Essa proposição, que a história é a ciência das coisas particulares e individuais não tem nada a ver com essa outra proposição, que a história é a obra de *personalidades singulares*, pois isso será igualmente uma generalização contrária ao espírito histórico [...] ¹⁶⁹ (RICKERT, 1901: 134).

Entre essas duas formas de se analisar a História não haveria uma oposição de métodos, mas de *conteúdo*, havendo casos em que se deveria prestar mais atenção sobre um ou outro aspecto (RICKERT, 1901). Após a apresentação desses três modos do Universal, Rickert caminhou para propor o *quarto*, e último, *modo do Universal* em História. Nesse, segundo ele, “nós realmente lidaremos com conceitos

¹⁶⁷ No original: “[...] chaque objet historique rentre dans *un même ensemble* avec d’autres objets, et se trouve plus ou moins déterminé par la même dans son individualité. Par suite, la dépendance réciproque des choses et des événements individuels doit être également regardée comme un objet de l’histoire ; c’est même uniquement dans leur dépendance réciproque que les événements peuvent être envisagés par l’histoire. Mais cette dépendance réciproque, par opposition avec les choses individuelles proprement dites, est encore quelque chose d’« universel » ; et comme elle n’est pas considérée comme un simple moyen, mais que son établissement est le but de l’histoire, il semble bien qu’avec ce troisième mode de l’Universel s’évanouisse enfin notre prétention de faire de l’histoire la science des choses particulières et individuelles.”. (Tradução nossa).

¹⁶⁸ No original: “[...] représenter ce milieu, à chaque point de l’espace et à chaque époque du temps, avec son caractère individuel et particulier, et de manifester les relations toujours individuelles que comportent les différents individus à l’égard de leur milieu.”. (Tradução nossa).

¹⁶⁹ No original: “Le véritable historien devrait toujours se tenir en garde contre de telles généralisations. Cette proposition, que l’histoire est la science des choses particulières et individuelles n’a certes rien à voir avec cette autre proposition, que l’histoire est l’*œuvre de personnalités singulières*, car ce serait également une généralisation tout à fait contraire à l’esprit historique [...]”. (Tradução nossa).

de conteúdo universal, que encontram lugar em toda a pesquisa histórica, não somente como meio, mas ainda como fim da exposição”¹⁷⁰ (RICKERT, 1901: 135).

De forma geral,

o quarto modo do Universal, quando ele é parte integrante de uma exposição história, onde são retraçadas, em sua evolução, eventos de caráter singular, somente difere em nível, e não em princípio, das criações puramente individuais da história. Em oposição com as ciências naturais, que encontram seu objetivo e seu princípio diretor de seleção em um sistema de conceitos gerais, a história deverá sempre ser considerada como a ciência das coisas individuais e particulares. Ela nunca aceita em suas descrições aquilo que tem um alcance geral, pelo próprio fato de sua individualidade; o que admite dessa maneira pode, além disso, encontrar-se em um único objeto ou em todas as partes de um grupo determinado de objetos¹⁷¹ (RICKERT, 1901: 139).

Por fim, Rickert (1901) alertou que os conceitos de Universal e de particular seriam relativos, ou seja, dependem de suas perspectivas e com o que estão sendo comparados, já que um conceito universal quando comparado com um mais universal poderia ser visto como um objeto individual. Sérgio da Mata (2006), comentou sobre a importância no pensamento de Rickert em relacionar o objeto, individual ou coletivo, com seu contexto. “O historiador deve não apenas descrever seu objeto; ele tem de relacioná-lo a um contexto (*Zusammenhang*), já que ‘somente a conceituação generalizadora [isto é, científico-natural] está atrelada a abstrações isoladas’” (DA MATA, 2006: 357). Seria nessa linha a proposta do artigo de Rickert publicado na RSH, de mesmo a ciência histórica focando no individual e no particular, haveria aspectos universais em sua análise, os que foram elencados acima. Resumidamente, para da Mata (2006),

Rickert acredita que as ciências histórico-culturais não têm como deixar de investigar conexões causais. Também aqui vale o princípio da “seleção do essencial” a partir de valores, uma vez que o historiador nunca estará em condições de isolar todas as causas de um evento ou processo histórico. O que ele faz é selecionar e analisar as que considera significativas (DA MATA, 2006: 357-358).

¹⁷⁰ No original: “[...] nous aurons réellement affaire à des concepts à contenu universel, qui trouvent place dans toute recherche historique, non seulement à titre de moyen, mais encore à titre de fin de l'exposition.”. (Tradução nossa).

¹⁷¹ No original: “[...] le quatrième mode de l'Universel, lorsqu'il fait partie intégrante d'un exposé historique, où sont retracés, dans leur évolution, des événements à caractère singulier, ne diffère qu'en degré, et non en principe, des créations purement individuelles de l'histoire. En opposition avec les sciences naturelles, qui trouvent leur but et leur principe directeur de sélection dans un système de concepts généraux, l'histoire devra toujours être considérée comme la science des choses individuelles et particulières. Elle n'accepte jamais dans ses descriptions que ce qui a une portée générale par le fait même de son individualité; ce qu'elle admet de la sorte peut, d'ailleurs, se rencontrer dans un seul objet ou bien dans toutes les parties d'un groupe déterminé d'objets.”. (Tradução nossa).

Contudo, nem todos os historiadores franceses concordaram com as proposições do filósofo neokantiano alemão. No mesmo ano, mas em uma edição posterior, Paul Lacombe escreveu uma espécie de artigo-resposta, onde criticou diversas posições de Rickert. Intitulado *L'Histoire comme Science – A propos d'un article de M. Rickert* (A História como Ciência – A propósito de um artigo do Sr. Rickert), o texto apareceu na edição de número 7 da RSH. Nesse, o historiador francês afirmou estar interessado em

descobrir como e por que do comum, do similar – o qual é sempre, ao mesmo tempo, do antigo – apareceu, surgiu o individual, o único, o novo. E, em seguida, como e por que esse individual, esse novo se tornou, por sua vez, o comum, o geral, e sob essa forma, tendo mais ou menos durado, tornou-se relativamente o antigo¹⁷² (LACOMBE, 1901b: 3).

Dito isso, Lacombe (1901b) iniciou suas críticas ao artigo de Rickert. Levando ao extremo a teoria de Rickert, Lacombe apontou que para o filósofo neokantiano, seria matéria histórica se em um dado país e tempo nada houvesse de comum. De acordo com Lacombe (1901b), essa concepção seria enganosa, pois qualquer ator histórico deveria ter um número razoável de seguidores, de adeptos e/ou de cooperadores, senão não haveria como uma ação ter seguimento. Quando um homem excepcional produzisse uma ação fecunda, deveria haver uma certa quantidade de similitudes, pois essas o auxiliariam a estabelecer a novidade – apesar de jamais ser absolutamente nova (LACOMBE, 1901b).

Sejamos mais claros: quando um homem excepcional é bem-sucedido, é que ele teve ajuda de uma parte do meio contra a outra parte resistente, de um certo número de homens tendo entre eles, com ele próprio, sentimentos comuns, ou ideias, ou aspirações ou hábitos comuns¹⁷³ (LACOMBE, 1901b: 4).

Além disso, uma parte da teoria de Rickert se mostraria imensamente sutil, “é quando ele explica que a história emprega até quatro modos de universal, sem fazer nada além de estabelecer fatos individuais. A acepção que ele dá à palavra

¹⁷² No original: “[...] découvrir comment et pourquoi du commun, du similaire – lequel est toujours en même temps de l'ancien – est sorti, a surgi l'individuel, l'unique, le nouveau. Et ensuite comment et pourquoi cet individuel, ce nouveau est devenu à son tour du commun, du général, et sous cette forme, ayant plus ou moins duré, est devenu relativement de l'ancien.”. (Tradução nossa).

¹⁷³ No original: “Soyons plus clair: quand un homme exceptionnel réussit, c'est qu'il s'est aidé contre la partie résistante du milieu d'une autre partie de ce milieu, d'un certain nombre d'hommes ayant entre eux, et avec lui-même, des sentiments communs, ou des idées, ou des aspirations ou des habitudes communes.”. (Tradução nossa).

universal me irrita, eu admito”¹⁷⁴ (LACOMBE, 1901b: 5). Lacombe (1901b) discordou da maleabilidade que Rickert deu aos conceitos de “universal” e “individual”. Além disso, o historiador francês também não concordou com a afirmação de que as ciências naturais teriam como característica a formação de um sistema de conceitos gerais e que esse não seria o caso da História. Para Paul Lacombe (1901b), esse seria, na realidade, o objetivo último da História. Ademais, nem todo pesquisador das ciências naturais estudaria conceitos gerais. Segundo o historiador francês,

há naturalistas que somente se ocupam de um vegetal, de um animal, ou de uma família, de uma espécie, de um gênero. E isso se assemelha perfeitamente ao historiador. E de outro lado, um dia, eu espero, haverá uma história verdadeiramente universal. E um historiador sociólogo já faz bastante como o conjunto de naturalistas, quando ele observa o que é comum a um grupo de nações, ou a uma nação, ou a uma classe, em um dado tempo¹⁷⁵ (LACOMBE, 1901b: 6).

Interessante observar que Lacombe (1901b) defendia uma espécie de aproximação entre as ciências históricas e sociológicas, na figura de um historiador sociólogo. Nesse trecho, ademais, notamos como ele quis apontar que os pesquisadores das ciências naturais também estudariam o individual, não sendo essa função exclusiva dos historiadores. De acordo com ele, o que Rickert propunha seria uma história, mas não científica. “O Sr. Rickert reclama para essa história o título de ciência; eu concebo que é uma ciência, mas de segunda ordem, uma ciência descritiva ou narrativa (elas são a mesma)”¹⁷⁶. Outrossim, para Lacombe seria possível, aproximar as ciências naturais da História.

E há uma forma de história que pode ser científica na maneira da ciência natural; uma história que, após ter observado os complexus dos fatos particulares, tirará similitudes desses fatos, isto é, generalizações mais ou menos entendidas. Elas serão, primeiro, puramente empíricas, essas generalizações; depois, por meio de hipótese, de experiências, ou se queremos, de observações verificadoras, por meio da dedução, elas serão ligadas aos princípios, a forças psíquicas constantes, em combinação com a influência constante de tal ou tal conjuntura. Evidentemente, por sua complexidade maior, essa ciência histórica não terá, ao menos por um

¹⁷⁴ No original: “C’est quand il explique que l’histoire emploie jusqu’à quatre modes de l’universel, sans pour cela faire autre chose qu’établir des fait individuels. L’acception qu’il donne au mot universel me gêne, je l’avoue.”. (Tradução nossa).

¹⁷⁵ No original: “Il y a des naturalistes qui ne s’occupent que d’un végétal, d’un animal, ou d’une famille, d’une espèce, d’un genre. Et ceux-là ressemblent parfaitement à l’historien. Et d’autre part, un jour, je l’espère, il y aura une histoire véritablement universelle. Et déjà un historien sociologue fait assez comme le commun des naturalistes, quand il relève ce qui est commun à un groupe de nations, ou à une nation, ou à une classe, dans un temps donné.”. (Tradução nossa).

¹⁷⁶ No original: “M. Rickert reclame pour cette histoire le titre de science ; moi, je conviens que c’est une science, mais de second ordre, une science descriptive ou narrative (c’est tout un)”. (Tradução nossa).

longo tempo (pois é preciso sempre reservar prudentemente o futuro), esse nível de precisão e de certidão na *explicação*, que vemos nas ciências naturais¹⁷⁷ (LACOMBE, 1901b: 8).

Lacombe apontava, com isso, uma possibilidade futura de aproximação entre as ciências naturais e a História. Lembremos que ele defendia o estudo das similitudes como objeto da ciência histórica, diferentemente de A.-D. Xénopol (1900; 1901a; 1901b) e de Heinrich Rickert (1901), os quais acreditavam na pesquisa do individual, do que ocorre somente uma vez. Por fim, o historiador francês novamente criticou o fato de outros pesquisadores discordarem de uma possível aproximação entre a História e a Sociologia. Para ele, não importaria a alcunha que a disciplina iria receber, mas sim a forma com que seria praticada.

O Sr. Rickert diz: “O que vocês chamam de sociologia será o que vocês quiserem, mas não história, eu recuso esse nome, essa etiqueta”. E eu respondo: “Bem, que seja! Reservaremos o nome de história à exposição dos eventos passados, tal qual esse gênero de estudos foi praticado todo o tempo; mas, nós continuaremos a estudar os eventos de uma outra maneira que a de vocês; nós escolheremos na matéria, na realidade histórica, outros aspectos, outras relações além daquelas que sozinhas tem o privilégio de lhes interessar; e nós faremos dela uma ciência outra que a vossa. Essa ciência se chamará sociologia ou história filosófica, ou história científica, pouco importa, mas será sempre história, no sentido em que a *história-fato*, o passado humano, será sempre o objeto de nossa ciência, como ele o é da vossa”¹⁷⁸ (LACOMBE, 1901b: 9).

Com isso, Paul Lacombe (1901b) defendeu que não importaria o nome dessa disciplina, até poderia deixar a alcunha de História para Rickert e seu entendimento dela como o estudo dos eventos passados, segundo o francês, enquanto sua

¹⁷⁷ No original: “Et il y a une forme d’histoire qui peut être scientifique à la façon de la science naturelle ; une histoire qui, après avoir observé les *complexus* des faits particuliers, tirera de ces faits des similitudes, c’est-à-dire des généralisations plus ou moins étendues. Elles seront d’abord purement empiriques, ces généralisations ; puis, au moyen de l’hypothèse, des expériences, ou si vous voulez des observation vérificatrices, au moyen de la déduction, elles seront rattachées à des principes, à des forces psychiques constantes, en combinaison avec l’influence constante de telle ou telle conjoncture. Évidemment, de par sa complexité beaucoup plus grande, cette science historique n’aura pas, du moins de longtemps (car il faut toujours réserver prudemment l’avenir), ce degré de précision et de certitude dans l’*explication*, qu’on voit aux sciences naturelles [...]”. (Tradução nossa).

¹⁷⁸ No original: “M. Rickert dit: « Ce que vous appelez sociologie sera ce que vous voudrez, mais pas de l’histoire, je lui refuse ce nom, cette étiquette. » - Et moi de répondre : « Hé bien, soit ! on réservera le nom d’histoire à l’exposé des événements passés, tel que ce genre d’études a été pratiqué de tout temps ; mais nous continuerons à étudier les événements d’une autre manière que vous ; nous choisirons dans la matière, dans la réalité historique, d’autres aspects, d’autres rapports que ceux qui ont seuls le privilège de vous intéresser ; et nous en ferons une science autre que la vôtre. Cette science s’appellera sociologie ou histoire philosophique, ou histoire scientifique, peu importe, mais ce sera toujours de l’histoire, en ce sens que l’*histoire-fait*, le passé humain, sera toujours bien l’objet de notre science, comme il l’est de la vôtre »”. (Tradução nossa).

proposta poderia ter outras designações. Para além disso, importante ressaltar que em nenhum momento, nesses textos, se fez referência à síntese histórica berriana, mesmo sendo publicados em seu periódico, apontando novamente uma marginalidade, até esse momento pelo menos, das propostas teórico-metodológicas de Henri Berr.

Além disso, notamos como certas discussões que estavam em pauta nesse momento, a relação entre “Universal” e “particular”, continuam em voga não só no campo historiográfico, mas em outras áreas do conhecimento, como a Sociologia e a Psicologia, por exemplo. O debate pode ser traduzido para a relação entre *indivíduo* e *sociedade*, a qual desde essa época já mobilizava diversos autores e ocupava várias páginas nos periódicos científicos, como podemos ver na atuação do grupo da *l'Année sociologique*. Outro exemplo: o sociólogo alemão Norbert Elias (1897 – 1990), publicou um texto intitulado *A Sociedade dos Indivíduos* (1994 [1939]), onde se envolveu nessa questão intelectual, questionando como a existência de uma simultaneidade de pessoas, cada qual com uma história própria, possa formar uma sociedade. Mais recentemente, a historiadora francesa Claudine Haroche (2003) também discorreu sobre essa relação, baseando-se principalmente nos escritos de Elias. Além dela, seria possível citar diversos outros pesquisadores das ciências humanas que continuam discutindo acerca desse tema. Esses são somente alguns exemplos do amplo debate que ainda existe acerca do *indivíduo* e da *sociedade*, questões que dificilmente chegarão a um consenso, o que torna esse debate bastante complexo, mas imensamente frutífero.

4.2 EMBATES METODOLÓGICOS: A PROPOSIÇÃO DE FRANÇOIS SIMIAND E ALGUMAS REPERCUSSÕES

4.2.1 As críticas de Henri Berr ao livro de Charles Seignobos

Antes de François Simiand, foi Henri Berr o primeiro a publicar, na RSH, suas análises acerca da obra de Charles Seignobos, de 1901, intitulada *La méthode historique appliquée aux sciences sociales* (O método histórico aplicado às Ciências Sociais). Em um breve artigo intitulado *Les rapports de l'histoire & des sciences sociales d'après M. Seignobos* (As relações da História & das Ciências Sociais de acordo com o Sr. Seignobos), publicado em 1902 na edição de número 12, o criador

da RSH fez algumas críticas, mas também elogios, ao livro desse historiador francês.

Para Henri Berr (1902), Charles Seignobos, diferentemente de outros pesquisadores que publicaram na RSH, como A.-D. Xénopol e Heinrich Rickert, utilizou da História como um procedimento de conhecimento, enquanto os outros pautaram, a partir dela, uma base para a classificação das ciências. A definição desse historiador francês para as Ciências Sociais também chamou a atenção de Berr (1902), a qual se referiu a ela como um “amalgama díspar”, formado pela junção de diversos estudos, como dos atos e instituições econômicas, da estatística e da história das doutrinas. Além disso, de acordo com ele, haveria um peso demasiado do elemento econômico na definição de Ciências Sociais dada por Seignobos, usando quase que como sinônimo os conceitos de história social, história econômica e ciência social. Segundo o historiador francês, “a história social é, então, essencialmente a história dos fatos materiais visíveis que têm uma consequência material”¹⁷⁹ (SEIGNOBOS, 1901: 174). Tal definição, nesse sentido, estaria colada ao foco econômico que ele dava ao termo de história social e para as Ciências Sociais. Berr (1902) acreditava, por isso, que Seignobos deveria ter mantido sua pesquisa restrita a entender em até que ponto a história econômica se particularizaria no conjunto das pesquisas históricas.

Um dos problemas das proposições de Charles Seignobos era de que teria um foco demasiado na história dos eventos e na história política, mesmo ele afirmando que estaria preocupado na defesa de uma história social (BERR, 1902). Por conta disso, o criador da RSH apontou que Seignobos estaria interessado nos indivíduos e que essa era a base do método dele. Para Berr, “ele [Seignobos] é resolutamente realista e naturalmente psicólogo. Ele tem medo de ser iludido por abstrações. Na realidade, não há *fatos especiais*, só há homens”¹⁸⁰ (BERR, 1902: 298). Apesar dessa preferência psicológica de Seignobos, ele ainda seria um historiador, tendo até algumas qualidades, como a de ter rejeitado o emprego de métodos de outras ciências na História, como as naturais e as matemáticas, além de escapar de falsas interpretações. Contudo, o historiador francês negligenciaria o

¹⁷⁹ No original: “L’histoire sociale est donc essentiellement l’histoire de faits matériels visibles qui ont une conséquence matérielle.” (Tradução nossa).

¹⁸⁰ No original: “Il est résolument réaliste et naturellement psychologue. Il a peur d’être dupe des abstractions. Dans la réalité, il n’y a pas de *faits spéciaux*, il n’y a que des hommes.” (Tradução nossa).

caráter próprio da pesquisa social, além de ter algumas insuficiências em relação às Ciências Sociais (BERR, 1902). Henri Berr resumiu suas impressões acerca da obra de Seignobos no seguinte trecho:

o Sr. Seignobos está impressionado e preocupado com a solidariedade dos fenômenos humanos, do *complexus* dos diversos arranjos de organização coletiva, e ele chega até a conceber algo que preside esses diversos arranjos. Mas, como historiador e psicólogo que ele é, veria essa unidade mais como característica nacional que em uma base social. O futuro da história lhe aparece sobretudo na história *comparada*: seria preciso comparar, em sua evolução, as sociedades tomadas em seus *conjuntos*. Ele sempre tem medo de que possamos perder de vista o concreto, elementos concretos ou conjuntos concretos de história. A noção do social, enquanto social, lhe é estranha¹⁸¹ (BERR, 1902: 301).

Com isso, o criador da RSH criticou a forma com que Charles Seignobos abordou, em seu livro, a questão dos fenômenos coletivos e dos fenômenos sociais. Novamente, Berr colocou a alcunha de psicólogo no historiador francês, por enxergar um predomínio do indivíduo em suas análises, algo que estaria mais próximo da Psicologia que da História. Uma análise que levasse em conta o elemento social na História não teria sido apresentado nessa obra¹⁸². Contudo, em sua análise, o livro de Charles Seignobos também teve seus méritos, principalmente nas suas contribuições para uma história econômica, com indicações metodológicas interessantes. Além disso, seu trabalho teria conseguido, segundo Berr, derrotar as visões metafísicas e apriorísticas da História

Apesar desses méritos, Berr defendeu que sua proposta de síntese histórica seria capaz de suprir os defeitos das proposições de Seignobos, principalmente na questão acerca do social. Mas não só, ela também abarcaria a Sociologia. Ele afirmou que:

ao procurar o individual e o psíquico, [Seignobos] acaba por ver apenas o subjetivo na matéria e na interpretação da história. Ele não dá espaço à sociologia objetiva. Ora, nós cremos que, se é resolutamente preciso colocar o estudo do social na história, é preciso claramente se especializar

¹⁸¹ No original: “[...] M. Seignobos est frappé et préoccupé de la solidarité des phénomènes humains, du *complexus* des divers arrangements d’organisation collective, et il va même jusqu’à concevoir un quelque chose qui préside à ces divers arrangements. Mais, en historien et psychologue qu’il est, il entreverrait plutôt cette unité dans une caractéristique nationale que dans une base sociale. L’avenir de l’histoire lui apparaît surtout dans l’histoire *comparée* : il faudrait comparer, dans leur évolution, des sociétés prises en leur *ensemble*. Il a toujours peur qu’on perde de vue le concret, éléments concrets ou ensembles concrets de l’histoire. La notion du social, en tant que social, lui est étrangère.”. (Tradução nossa).

¹⁸² Para compreender o que Henri Berr entendia pelo conceito de *social*, verificar o capítulo 2, subitem 2.2.

nisso. Há o individual, o histórico (no sentido estrito); e há o sociológico. A síntese história abarca um e outro¹⁸³ (BERR, 1902: 302).

Henri Berr, com isso, procurou se inserir nos debates metodológicos que estavam em voga nesse momento. Além disso, já apresentava uma postura similar com as de François Simiand e Paul Lacombe, os quais acreditavam ser importante uma aproximação entre a Sociologia e a História, apesar de cada um deles defender formas diferentes para que isso ocorresse. O criador da RSH, aos poucos, expunha e destrinchava sua proposta teórico-metodológica da síntese histórica, que mais tarde resultaria na publicação de seu livro *A Síntese em História* (1946 [(1911)]). A obra de Charles Seignobos, no entanto, causou mais repercussões, sendo alvo de debates e polêmicas com outros pesquisadores.

4.2.2 O artigo de François Simiand e a sugestão de Paul Mantoux

Em 1903, a publicação de um artigo de François Simiand, sociólogo durkheimiano, nas edições 16 e 17 da RSH, gerou uma grande repercussão e diversos debates que ultrapassaram o próprio periódico. O texto publicado foi fruto de uma fala de Simiand perante a *Société d'histoire moderne et contemporaine* (Sociedade de História Moderna e Contemporânea) em 3 de janeiro de 1903. Segundo o autor, em nota de rodapé, o escrito seguiu a ordem do conteúdo exposto em sua fala, porém, em trechos que achou necessário, insistiu sobre alguns pontos e desenvolveu outras partes. Formado na prestigiosa *École normale supérieure*, Simiand conquistou o primeiro lugar na *agrégation* em Filosofia, em 1896¹⁸⁴. Após, permaneceu como bolsista da Fundação Thiers durante três anos, entre 1896 e 1899. No momento da publicação, trabalhava como bibliotecário do Ministério do Comércio, onde permaneceu durante o período de 1901 a 1906. Depois, acumulou diversas posições como bibliotecário do Ministério do Trabalho (1906 – 1921), *chargé de conférences* na EPHE (1910 – 1931), professor no *Conservatoire des arts et métiers* (1919 – 1934), chegando ao posto de maior prestígio, professor no *Collège*

¹⁸³ No original: “À force de chercher l'individuel et le psychique, il aboutit à ne voir que du subjectif dans la matière et dans l'interprétation de l'histoire. Or nous croyons que, s'il faut résolument plonger l'étude du *social* dans l'histoire, il faut nettement l'y spécialiser. Il y a de l'individuel, de l'historique (au sens restreint) ; et il y a du sociologique. La synthèse historique embrasse l'un et l'autre.”. (Tradução nossa).

¹⁸⁴ Para mais informações sobre o autor, conferir a Tabela Biográfica em Anexo.

de France (1932 – 1935) (CHARLE & TELKÈS, 1988). Sua atuação não se resumiu somente ao campo acadêmico, também fez parte de movimentos políticos, esteve ao lado dos *dreyfusards* e defendeu posições socialistas (FOURNIER, 2006). Além disso, não se restringiu à sua formação de filósofo, enveredou por caminhos plurais, como sociólogo, estando próximo dos durkheimianos, e publicando trabalhos na área da Teoria e Metodologia da História.

Como dito, então, a fala de Simiand causou reações entre sociólogos e historiadores, contando com publicações e comunicações como resposta para sua proposta. Três anos após este texto, o sociólogo durkheimiano fez uma fala perante a *Société française de philosophie* (SFP) intitulada *La causalité en histoire* (A causalidade em História), a qual foi seguida por um debate com os membros presentes. Nos dois anos seguintes, foi a vez de Charles Seignobos responder às críticas de Simiand com duas falas diante da SFP, a primeira, em 1907, intitulada *Les conditions pratiques de la recherche des causes dans le travail historique* (As condições práticas da pesquisa das causas no trabalho histórico) e a segunda, no ano seguinte, com o título de *L'inconnu et l'inconscient en histoire* (O desconhecido e o inconsciente em História), ambas também seguidas de debates (VELLOSO DA SILVA, 2014; BERTASSO, 2018). Seignobos, através de suas falas e livros publicados, defendeu uma posição com foco na História e no método historiográfico. Apesar de ainda ser considerado pela historiografia como um historiador “metódico”, ou até mesmo “positivista”, suas contribuições para a formação de um método histórico foram importantes, as quais não é possível reduzir a um rótulo como o de positivista (SILVA, 2010).

O artigo de 1903, de François Simiand, intitulado como *Méthode historique et science sociale* (Método histórico e ciência social), teve como subtítulo: *Étude critique d'après les ouvrages récents de M. Lacombe et de M. Seignobos* (Estudo crítico segundo as obras recentes do Sr. Lacombe e do Sr. Seignobos). No caso de Lacombe, a referida obra era o seu livro *De l'histoire considérée comme science* (1894). Por sua vez, eram dois os livros de Charles Seignobos: o primeiro, em parceria com o historiador Charles-Victor Langlois, *Introduction aux études historiques* (Introdução aos estudos históricos), de 1898; e outro, de autoria própria, intitulado *La méthode historique appliquée aux sciences sociales*, de 1901. É interessante notar que o debate entre esses autores já ocorria anteriormente, já que

a obra de 1901 de Seignobos pode ser visto como uma crítica ao livro de Paul Lacombe, de 1894 (SILVA, 2010).

Foi a partir desses debates prévios que François Simiand buscou se inserir na questão metodológica em História. Em seus textos, não procurou apresentar um novo aporte teórico-metodológico, mas apontar seus questionamentos acerca de um método histórico antiquado e discutir o papel da Sociologia nessa discussão. Foi com um questionamento que o sociólogo iniciou seu texto: “Em que, então, o que método histórico e ciência social têm a fazer em conjunto?”¹⁸⁵ (SIMIAND, 1903a: 1). Simiand também definiu em que correspondia o método histórico, um processo de conhecimento experimental indireto, segundo ele, e a ciência social, disciplina que estuda os fenômenos sociais (SIMIAND, 1903a). Por conta disso, em alguns casos, seria preciso que a Sociologia, também podendo ser denominada de Ciência Social no momento, recorresse ao método histórico, onde residia o problema na relação entre as duas disciplinas.

Enquanto somente se trata de extrair parte dos documentos para estabelecer os fatos, ela [a Sociologia] só pode se servir da mesma via de conhecimento, do método histórico, e (sob reserva de observações que serão apresentadas mais tarde) ela só pode que se beneficiar dos progressos alcançados no emprego desse método, que segue as regras e as práticas aperfeiçoadas das quais os historiadores tomaram clara consciência e adquiriram o seguro manejo¹⁸⁶ (SIMIAND, 1903a: 2-3).

Para Simiand (1903a), o historiador, mais do que estabelecer os fatos, também os agruparia, os construiria, constituindo um sistema de conhecimentos, uma certa ciência. Seria nesse modo de utilização dos fatos que haveria uma divergência de ação entre a Ciência Social e a história tradicional. A partir disso, criticou o método do historiador historizante:

A construção dos fatos humanos, tal como a empreende a ciência social, tem como objetivo constituir uma ciência dos fenômenos sociais análoga às ciências positivas já constituídas dos fenômenos da natureza. [...]. Também o espírito do “historiador historizante”, aplicado ao problema da ciência social, tende propriamente, que tenha ele consciência ou não, à negação dessa mesma ciência. Essas são as teses principais onde é resolvido a

¹⁸⁵ No original: “En quoi donc, au juste, méthode historique et science sociale ont-elles affaire ensemble ?”. (Tradução nossa).

¹⁸⁶ No original: “Tant qu’il s’agit seulement de tirer parti de documents pour établir des faits, elle ne peut que se servir de la même voie de connaissance, de la méthode historique, et (sous réserve des observations qui seront présentées plus loin), elle ne peut que faire son profit des progrès accomplis dans l’emploi de cette méthode, que suivre les règles et les pratiques perfectionnés dont les historiens ont pris une conscience nette et acquis le sûr maniement.”. (tradução nossa).

análise dessa oposição, que eu vou, nesse primeiro artigo, tentar separar e examinar uma a uma¹⁸⁷ (SIMIAND, 1903a: 3).

François Simiand começou por investigar o que seria um fato social. Para isso, analisou uma afirmação que dizia que o fato social era psicológico, por natureza, e por conta disso, seria subjetivo. Com a primeira parte da sentença, sobre ser psicológico, o sociólogo estava de acordo. Porém, não concordava que ele seria puramente subjetivo, pois se o fosse, não seria possível constituir uma Ciência Social no sentido das ciências positivas já existentes, as quais trabalhariam sobre um domínio objetivo¹⁸⁸. Para ele, o problema era que “o Sr. Seignobos emprega indiferentemente ‘psicológico’ e ‘subjetivo’ e passa de um termo a outro como se fossem sinônimos”¹⁸⁹ (SIMIAND, 1904a: 4). Do ponto de vista metodológico, esse seria um erro grave. Segundo o autor, era necessário, então, apontar qual o sentido do termo objetivo. “Em suma, em nosso conhecimento empírico, como em nossa ciência positiva, OBJETIVO *significa, e significa tão somente que: independente de nossa espontaneidade individual*”¹⁹⁰ (SIMIAND, 1903a: 6). A partir disso, o sociólogo tratou da relação entre indivíduo e sociedade. Para ele, a sociedade era mais do que uma soma de indivíduos, mais do que uma simples justaposição.

O todo, aqui, é outra coisa e mais que a soma das partes; [...]; o elemento social não é uma simples justaposição e complicação de elementos individuais. Assim, esse elemento social, o qual ocupa um espaço tão grande em nossa vida psicológica, nos é dado como independente de nossa espontaneidade individual: ele é *realidade*, no mesmo sentido que, para o conhecimento positivo, é realidade o elemento dito material: ele é *objeto*, como é objeto o mundo dito exterior¹⁹¹ (SIMIAND, 1903a: 7).

¹⁸⁷ No original: “La construction des faits humains, telle que l’entreprind la science sociale, a pour dessein de constituer une science des phénomènes sociaux analogue aux sciences positives déjà constituées des phénomènes de la nature. [...]. Aussi l’esprit de l’ « historien historisant », appliqué au problème de la science sociale, tend proprement, *qu’il en ait ou non conscience*, à la négation de cette science même. Ce sont les thèses maîtresses où se résout à l’analyse cette opposition, que je vais, dans ce premier article, essayer de dégager et d’examiner une à une. ”. (Tradução nossa).

¹⁸⁸ Sobre o conceito de ciência positiva, conferir o capítulo 2, em especial o subitem 2.2.4.

¹⁸⁹ No original: “M. Seignobos emploie indifféremment « psychologique » et « subjectif » et passe d’un terme à l’autre comme si leur synonymie complète allait de soi.”. (Tradução nossa).

¹⁹⁰ No original: “En un mot, dans notre connaissance empirique, comme dans notre science positive, OBJECTIF *signifie et ne signifie pas autre chose que : indépendant de notre spontanéité individuelle*.”. (Tradução nossa).

¹⁹¹ No original: “Le tout, ici, est autre chose et plus que la somme des parties [...]; l’élément social n’est une simple juxtaposition et complication d’éléments individuels. Ainsi cet élément social, dont la place est si grande dans notre vie psychologique, nous est bien donné comme indépendant de notre spontanéité individuelle : il est *réalité*, au même sens que, pour la connaissance positive, est réalité l’élément dit matériel : il est *objet* comme est objet le monde dit extérieur.”. (Tradução nossa).

Simiand entendia que o fenômeno social se dava nas consciências individuais, mas de forma independente das formas individuais. O sociólogo durkheimiano criticou a definição de que o fenômeno seria somente uma abstração e, por conta disso, os indivíduos seriam os únicos objetos reais. Para ele, isso seria uma ilusão metafísica de senso comum. Tal posição é a que encontramos em Seignobos (1901), no livro sobre o método histórico e as ciências sociais. Para o historiador francês, deveríamos tomar cuidado para não tomarmos o fenômeno social como algo real. De acordo com Simiand, o fenômeno social seria uma abstração tanto quanto o fenômeno físico ou químico.

O fenômeno social é uma abstração, tudo bem: mas ele não é mais – nem menos – que o fenômeno orgânico, que o fenômeno químico ou físico. Nosso conhecimento empírico não procede diferente aqui e ali, e nossa elaboração científica aqui e ali levará a *um fato científico que será uma abstração*¹⁹² (SIMIAND, 1903a: 9).

Mas então como saber quais abstrações deveriam ser estudadas e quais não? Simiand respondeu que, assim como nas outras ciências positivas, se deveria seguir as abstrações acertadas, isto é, “as que conduzem a estabelecer, as que são próprias para colocar em evidência as regularidades e, se possível, as leis”¹⁹³ (SIMIAND, 1903a: 12). Essa posição seria oposta à dos historiadores tradicionais, que não enxergariam leis nos fenômenos sociais. Como vimos, Xénopol (1901a) foi um desses historiadores que defendia a existência de séries históricas, não leis. Para Simiand (1903a), a abstração sociológica, isto é, a análise objetiva dos fenômenos sociais, poderia conduzir a leis, a regularidades, a explicações científicas. Porém, se deveria ir além, e estudar onde se funda uma teoria da explicação científica, a saber, a noção de *causa*. Interessante apontar que em nossas fontes, esse foi um dos primeiros textos a problematizar esse conceito de causa. Após esse artigo de Simiand, outros se seguiram sobre essa temática, como as publicações de Xénopol (1904a; 1904b; 1913) e o próprio livro de Henri Berr (1946 [1911]), ambos fazendo diversas menções ao sociólogo durkheimiano.

¹⁹² No original: “Le phénomène social est une abstraction, soit : mais il ne l’est pas plus – il ne l’est pas moins – que le phénomène organique, que le phénomène chimique ou physique. Notre connaissance empirique ne procède pas autrement ici et là, et notre élaboration scientifique ici et là se prendra à *un fait scientifique qui sera une abstraction*.”. (Tradução nossa).

¹⁹³ No original: “[...] celles que conduisent à établir, celles qui sont propres à mettre en évidence des régularités et, s’il est possible, des lois.”. (Tradução nossa).

François Simiand (1903a) criticou a noção de causa adotada pelos historiadores, principalmente como foi definida, ou mal-definida segundo ele, por Charles Seignobos, podendo ser tanto uma condição suficiente como também uma condição necessária. Simiand, assim, fez três críticas aos historiadores tradicionais. A primeira, acerca da subjetividade praticada por alguns historiadores, como Seignobos (1901), que defendia um processo de *imaginar* os pensamentos e as ações dos homens do passado a partir de características dos indivíduos contemporâneos, no qual empregava-se uma psicologia vaga e mal elaborada. Seguindo isso, também criticou a explicação psicológica do homem como um agente, um ser agindo com consciência e com razões, onde a causa do fenômeno social se encontraria, em última análise, nos *motivos* das ações humanas. Essa prática estava indicada, por Seignobos (1901), em seu livro. Nele, afirmou que:

A condição para compreender um fato social é de se representar o homem ou o grupo de homens que são o autor deste fato, e de poder ligar o fato a um estado psicológico, muito vagamente definido talvez, mas suficientemente conhecido para nos fazer compreendê-lo, esse é o *motivo* do ato¹⁹⁴ (SEIGNOBOS, 1901: 215).

Vemos como Seignobos defendia a aplicação de instrumentos da psicologia para compreender o motivo do ato de um fenômeno social. Por fim, a terceira crítica, e a mais difícil de se evitar, segundo Simiand (1903a), era a de causa como *poder causante* através de um agente ativo. O sociólogo francês, após tais críticas, indicou o que ele entendia por causa.

Aqui, como nas outras ciências positivas, a causa de um fenômeno é, e é apenas, segundo a fórmula de Mill, o fenômeno antecedente invariável e incondicional. O estabelecimento de uma ligação causal se faz não entre um agente e um ato, não entre um poder e um resultado, mas entre dois fenômenos exatamente da mesma ordem; ela implica uma relação estável, uma regularidade, uma lei. Só há causa, no sentido positivo da palavra, onde há lei, ao menos concebível. *Nesse sentido*, vemos imediatamente que o fenômeno individual, único de sua espécie, *não tem causa*, pois ele não pode ser explicado por uma relação constante com um outro fenômeno, e que, em um único caso, o antecedente invariável não pode ser estabelecido. Se, então, o estudo dos fatos humanos quer se constituir como ciência positiva, ele é conduzido a se afastar dos fatos únicos para se manter aos fatos que se repetem, isto é, a descartar o acidental para focar no regular, a eliminar o individual para estudar o social¹⁹⁵ (SIMIAND, 1903a: 17).

¹⁹⁴ No original: “La condition pour comprendre un fait social, c’est de se représenter l’homme ou le groupe d’hommes qui en sont l’auteur, et de pouvoir lier le fait à un état psychologique, très vaguement défini peut-être, mais suffisamment connu pour nous le faire comprendre, c’est le *motif* de l’acte.”. (Tradução nossa).

¹⁹⁵ No original: “Ici comme dans les autres sciences positives, la cause d’une phénomène est et n’est pas autre chose que, selon la formule de Mill, le phénomène antécédent invariable et inconditionné.

A posição de Simiand fica mais perceptível em sua defesa de uma procura por regularidades e no afastamento dos acontecimentos únicos, na busca pela eliminação do contingente. Tal posição do sociólogo durkheimiano se assemelhava com a do historiador Paul Lacombe, o qual dava preferência para o estudo do similar. Xénopol, em seu texto sobre a causa em História, criticou ambas as posições, a do historiador francês e a do sociólogo durkheimiano. De acordo com ele,

Simiand vai mais longe. Agora a confusão entre os termos de causa e o de lei, pelo princípio que ele formula, que só há causa no sentido positivo da palavra onde há lei, ao menos concebível, disse ele tira a conclusão que “o fenômeno individual único de sua espécie não tem causa”. Lacombe havia dito antes dele que “o individual não é uma causa”, que é quase a mesma coisa, em separar o individual do nexos causal da existência, impossibilidade lógica absoluta, pois tudo o que existe, individual ou geral, tem sua razão de ser¹⁹⁶ (XÉNOPOL, 1904a: 267-268).

Xénopol, por conta de seu entendimento específico de ciência de fatos de repetição e de sucessão, acreditava que a História deveria ter por objeto o estudo do individual. Ao adentrar na seara do contingente em História, Simiand (1903a) elogiou o historiador francês, Paul Lacombe, por ter defendido que tudo o que provinha da ação espontânea dos indivíduos, todo individual em matéria humana, deveria ser visto como contingente pela ciência, já que a ação do fator humano seria imprevisível. Tal crítica foi direcionada aos historiadores historizantes que tinham um apreço pelo individual. Henri Berr, em seu livro *A Síntese em História* (1946 [1911]), concordou com Simiand de que somente recolher os fatos contingentes não teria relação com a ciência, mas advogou que a ciência deveria procurar a ação que a contingência exerceria nas outras causalidades.

L'établissement d'un lien causal se fait non entre un agent et un acte, non entre un pouvoir et un résultat, mais entre deux phénomènes exactement de même ordre ; il implique une relation stable, une régularité, une loi. Il n'y a cause, au sens positif du mot, que là où il y a loi, au moins concevable. *En ce sens*, on voit aussitôt que le phénomène individuel, unique de son espèce, *n'a pas de cause*, puisqu'il ne peut pas être expliqué par une relation constante avec un autre phénomène, et que, dans un cas unique, l'antécédent invariable ne peut être établi. Si donc l'étude des faits humains veut se constituer en science positive, elle est conduite à se détourner des faits uniques pour se prendre aux faits qui se répètent, c'est-à-dire à écarter l'accidentel pour s'attacher au régulier, à éliminer l'individuel pour étudier le social.”. (Tradução nossa).

¹⁹⁶ No original: “Simiand va même plus loin. Maintenant la confusion entre les termes de *cause* et celui de *loi*, par le principe qu'il formule qu'il n'y a cause au sens positif du mot que là où il y a loi, au moins concevable, il en tire la conclusion que « le phénomène individuel unique de son espèce n'a pas de cause ». Lacombe avait d'ailleurs dit avant lui, que « l'individuel n'est pas une cause », ce qui revient à peu près à la même chose, à détacher l'individuel du nexus causal de l'existence, impossibilité logique absolue, car tout ce qui existe, individuel ou général, a sa raison d'être.”. (Tradução nossa).

A Ciência Social, quando necessitasse utilizar o método histórico, teria que se aventurar a analisar uma documentação. O documento, para Simiand (1903a), seria um intermediário entre o erudito que estuda e o fato estudado, e por conta disso, deveria ter um método para estudá-lo. O sociólogo indicou, então, como o cientista social poderia fazer uso do documento.

Costumes, representações coletivas, formas sociais, recorrentemente são inconscientemente registrados ou deixam automaticamente traços nisso que o historiador chama de documentos. Os fenômenos sociais podem ali ser conhecidos pela via de uma verdadeira observação, feita pelo *autor da pesquisa*, às vezes observação imediata, mais recorrente observação mediada (isto é, dos efeitos ou dos traços dos fenômenos), mas não mais, em todo caso, pela via indireta, isto é, pelo intermediário do *autor do documento*¹⁹⁷ (SIMIAND, 1903a: 21).

Assim, os sociólogos deveriam buscar compreender o documento através de uma observação feita pelo autor da pesquisa, e não levar em conta o autor do documento. Por fim, nessa primeira parte de seu artigo, Simiand (1903a) se questionou se valeria a pena o esforço de constituir uma disciplina científica em matéria humana.

Em suma, parece se destacar, ao término dessa rápida revisão das objeções do “espírito histórico”, que se as condições de estabelecimento de uma ciência positiva são mais difíceis no domínio social que no das ciências naturais, não há oposição, entre essa e aquela, nem mesmo diferença de natureza. Mas, o esforço que se aplica a constituir essa disciplina científica em matéria humana, merece ele ser tentado?¹⁹⁸ (SIMIAND, 1903a: 22).

Tal dúvida parece ser respondida ao longo da segunda parte de seu artigo, onde defendeu que seria possível uma aproximação entre História e Sociologia. Assim, ao iniciar a segunda parte de seu artigo, Simiand (1903b) retomou suas críticas a uma historiografia tradicional, a qual tinha como uma de suas propostas uma ciência supostamente imparcial, sem tendências ou desejos literários que somente buscariam a verdade. Contudo, para o sociólogo durkheimiano, “a obra

¹⁹⁷ No original: “Coutumes, représentations collectives, formes sociales, souvent sont inconsciemment enregistrées ou laissent automatiquement des traces dans ce que l'historien appelle documents. Les phénomènes sociaux peuvent y être saisis par la voie d'une véritable observation, faite par *l'auteur de la recherche*, observation immédiate quelquefois, plus souvent observation médiante (c'est-à-dire des effets ou des traces du phénomène), mais non plus, en tout cas, par la voie indirecte, c'est-à-dire par l'intermédiaire de *l'auteur du document*”. (Tradução nossa).

¹⁹⁸ No original: “En somme il paraît ressortir, au terme de cette revue rapide des objections de « l'esprit historique », que si les conditions d'établissement d'une science positive sont plus difficiles dans le domaine social que dans celui des sciences naturelles, il n'y a pas, entre celles-ci et celle-là, d'opposition ni même de différence de nature. Mais l'effort qui s'applique à constituer cette discipline scientifique en matière humaine mérite-t-il d'être tenté et d'être tenté d'abord ?”. (Tradução nossa).

histórica mais bruta, o agrupamento de texto mais amorfo, a coleção de documentos mais passiva, é já escolha, implica alguma eliminação, supõe alguma visão prévia do espírito”¹⁹⁹ (SIMIAND, 1903b: 131). Maurice Halbwachs (1877 – 1945), também próximo do grupo durkheimiano, em artigo sobre o método de François Simiand, reafirmou essa ideia acerca da História. De acordo com ele, “[...] *exato* não quer dizer *integral; imparcial* não é *automático; sem tendências* não é *sem preceitos, sem escolhas*” (HALBWACHS, 2018 [1936]: 204). A História, entretanto, não estaria limitada a uma preparação de materiais, sendo esta apenas uma primeira etapa.

A segunda, e a mais relevante, é uma *construção* dos fatos. Ela reúne, agrupa, apresenta em uma certa montagem os fatos que a investigação analítica separou. Ela constitui, com alguma reflexão, mais ou menos crítica, certos quadros onde ela ordena os fatos particulares, e é em vista desses quadros que é dirigido todo o trabalho de elaboração dos dados²⁰⁰ (SIMIAND, 1903b: 131-132).

Simiand (1903b), então, se questionou sobre quais seriam esses quadros históricos e afirmou que a disciplina histórica ainda não havia feitos progressos notáveis na questão de precisar e definir esses quadros. O quadro originário, e o mais problemático, em sua visão, seria o quadro cronológico puro e simples (o qual apresentaria os conjuntos em uma linha cronológica). Apesar de ser utilizado majoritariamente em obras de referência, como *index* de fatos com datas, considerados instrumentos de obras históricas, ele ainda pesaria no trabalho dos historiadores.

Mas é preciso lembrar esse ponto de partida da disciplina histórica, pois esse modo de grupamento, grosseiro e empírico como ele é, infelizmente ainda pesa, nós teremos ocasião de o ver, sobre as direções do trabalho histórico atual. Subsiste aí uma disposição tenaz em considerar que entre os fatos de ordem os mais diversos, uma simultaneidade ou uma anterioridade são relações essenciais, ainda que na ausência de toda correlação ou de causa demonstrável ou provável²⁰¹ (SIMIAND, 1903b: 133).

¹⁹⁹ No original: “L’œuvre historique la plus brute, le dépouillement de textes le plus amorphe, le recueil de documents le plus passif, est déjà choix, implique quelque élimination, suppose quelque vue préalable de l’esprit.” (Tradução nossa).

²⁰⁰ No original: “[...] la seconde et la plus relevée est une *construction* des faits. Elle réunit groupe, présente dans un certain assemblage les faits que l’investigation analytique a dégagés. Elle constitue avec plus ou moins de réflexion, plus ou moins de critique, certains cadres où elle ordonne les faits particuliers, et c’est en vue de ces cadres que tout son travail d’élaboration des données est dirigé.” (Tradução nossa).

²⁰¹ No original: “Mais il faut rappeler ce point de départ de la discipline historique, car ce mode de groupement, tout grossier et empirique qu’il est, pèse encore fâcheusement, nous aurons occasion de le voir, sur les directions du travail historique actuel. Il en subsiste une disposition très tenace à considérer qu’entre les faits de l’ordre le plus divers, une simultanité ou une antériorité sont des

Malgrado as críticas que teriam sido feitas pelos próprios historiadores acerca desse quadro cronológico, Simiand (1903b) observava uma permanência, ainda que indireta, nos trabalhos históricos. As propostas sociológicas, longe de terem um objetivo de afastar ou negar a História, teriam uma proposta de aproximar as duas disciplinas.

Seu esforço [dos sociólogos], ao contrário, tende, em grande medida, a unificar os métodos, a aproximar as pesquisas de diferentes disciplinas aplicadas ao estudo dos fenômenos sociais, em nome, precisamente, da unidade fundamental e da correlação principal de todos esses fenômenos²⁰² [...] (SIMIAND, 1903b: 135).

Para tal, seria preciso, de acordo com Simiand (1903b), entender algumas questões mais verticais da História, como a definição de categorias históricas, pelas quais os historiadores guiariam suas obras. O sociólogo criticou, então, o princípio dessa classificação, principalmente sobre a separação que os historiadores fariam entre os fenômenos sociais materiais e os intelectuais.

Eu vejo, em primeiro lugar, que uma profunda separação é feita entre os fenômenos sociais, se eles são materiais ou intelectuais. Eu acreditava, contudo, que havíamos concordado em reconhecer o caráter *psicológico* de todo fenômeno social. Por hábitos materiais, eu penso, é preciso entender fenômenos sociais onde o homem está em relação com um elemento material, onde intervém seu corpo, e por hábitos intelectuais, os fenômenos sociais que não são acompanhados de ações do corpo, que não implicam em concomitantes materiais²⁰³ (SIMIAND, 1903b: 141).

Essa crítica foi direcionada para Charles Seignobos, o qual dava uma primazia para a questão econômica nos fenômenos sociais. Apesar disso, Simiand acreditava que o estudo histórico ainda estava pouco avançado nessa questão. Essa parte econômica era de um interesse particular do sociólogo, estando ele encarregado da parte de sociologia econômica na *Année sociologique* e tendo lançado um texto, em 1902, acerca dessa temática, intitulado *Essai sur le prix du*

rapports essentiels même en l'absence de toute corrélation ou de toute causation démontrée ni même probable.”. (Tradução nossa).

²⁰² No original: “[...] leur effort au contraire tend, pour une bonne part, à unifier les méthodes, à rapprocher les recherches des différentes disciplines appliquées à l'étude des phénomènes sociaux, au nom, précisément, de l'unité fondamentale et de la corrélation principielle de tous ces phénomènes [...]”. (Tradução nossa).

²⁰³ No original: “Je vois d'abord qu'une séparation profonde est faite entre les phénomènes sociaux suivant qu'ils sont matériels ou intellectuels. Je croyais cependant que nous étions bien d'accord pour reconnaître le caractère *psychologique* de tout phénomène social. Par habitudes matérielles, il faut donc entendre, je pense, phénomènes sociaux où l'homme est en relation avec un élément matériel, où intervient son corps, et par habitudes intellectuelles, les phénomènes sociaux qui ne sont pas accompagnés d'actions du corps, qui n'impliquent pas de concomitants matériels.”. (Tradução nossa).

charbon en France au XIXème siècle (Ensaio sobre o preço do carvão na França do século XIX). Assim, Simiand era crítico da forma com que Seignobos relacionava os fenômenos sociais e a questão econômica. Para o historiador francês, as ciências sociais estudavam uma parte restrita dos fenômenos. De acordo com ele,

as ciências sociais, no sentido que a prática recente deu a ela, se limitam, então a uma parte restrita de fenômenos. Elas são um amálgama díspar, formado: 1º do estudo de atos e de instituições econômicas, 2º da estatística dos atos e dos produtos humanos e 3º da história das doutrinas. Elas possuem um só caráter comum, o de estudar os fenômenos que se relacionam aos interesses materiais dos homens²⁰⁴ (SEIGNOBOS, 1901: 13).

François Simiand (1903b) criticou não só essa apresentação das Ciências Sociais como área de estudos dos fenômenos econômicos, mas também o método apontado por Seignobos para que ela fosse estudada. De forma irônica, Simiand escreveu que

segundo o Sr. Seignobos, é um melhor método estudar junto todos os fenômenos econômicos de diversos tipos por país, que estudar uma mesma categoria de fenômenos econômicos em diversos grupos sociais. Não que haja muito a dizer contra esse preceito, negador de todo o trabalho científico mais fecundo em resultados e em relações estabelecidas²⁰⁵ (SIMIAND, 1903b: 143-144).

A forma com que Seignobos (1901) indicou o estudo dos fenômenos sociais teria assim uma característica negadora da ciência. Ao apontar sua proposta de Sociologia, Simiand defendeu que não haveria uma história dos fenômenos sociais e uma Ciência Social, mas que esta utilizaria métodos daquela.

Não há, de um lado, uma história de fenômenos sociais e, de outro, uma ciência desses mesmos fenômenos. Há uma disciplina científica que, para chegar aos fenômenos objetos de seu estudo, se serve de um certo método, o método histórico. Há um trabalho uno e inseparável de pesquisa e de elaboração, de análise e de construção, de informação positiva e de execução indutiva e sistemática²⁰⁶ (SIMIAND, 1903b: 150).

²⁰⁴ No original: “Les sciences sociales, dans le sens que la pratique récente leur a donné, se limitent donc à une partie restreinte des phénomènes. Elles sont un amalgame disparate, formé : 1º de l’étude des actes et des institutions économiques, 2º de la statistique des actes et des produits humains et 3º de l’histoire des doctrines. Elles n’ont qu’un seul caractère commun, c’est d’étudier des phénomènes qui se rapportent aux intérêts matériels des hommes.”. (Tradução nossa).

²⁰⁵ No original: “[...] il est d’une meilleure méthode, selon M. Seignobos, d’étudier ensemble tous les phénomènes économiques de diverses sortes par pays, que d’étudier une même catégorie de phénomènes économiques dans les divers groupes sociaux. Non qu’il n’y ait beaucoup à dire contre ce précepte, négateur de tout le travail scientifique le plus fécond en résultats et en relations établies [...]”. (Tradução nossa).

²⁰⁶ No original: “Il n’y a pas, d’un côté, une histoire des phénomènes sociaux et, de l’autre, une science de ces phénomènes. Il y a une discipline scientifique qui, pour atteindre les phénomènes objets de son étude, se sert d’une certaine méthode, la méthode historique. Il y a un travail un et

A partir dessa afirmação de Simiand, notamos como ele deu uma primazia para a Sociologia, a qual seria a responsável por estudar os fenômenos sociais e que, da História, seriam utilizados somente seus métodos, por conta do estudo dos documentos. Em um momento de formação e estabelecimento de uma nova ciência (no caso, a Sociologia) tornam-se compreensíveis as críticas de Simiand ao método histórico. Nesse contexto, no mesmo sentido, também vemos como alguns historiadores, como Xénopol (1904a; 1904b), advogaram por uma disciplina científica capaz de estudar os mais diversos objetos, tentando diminuir o campo de estudos das Ciências Sociais.

Com isso, François Simiand (1903b), na última parte de seu artigo, criticou os hábitos de pensamentos já endurecidos, as práticas assentadas nos costumes de um grupo de homens (os historiadores), e apontou que essas permanências dificultavam o trabalho científico a ser realizado. É nesse momento, então, que ele fez suas críticas aos “ídolos da tribo dos historiadores”, as quais se tornaram clássicas na historiografia, principalmente divulgada pelos historiadores ligados ao grupo dos *Annales*. Segundo o sociólogo,

seria tempo, parece, de renunciar desde já a um certo número de hábitos bem definidos, e sem dúvida nenhuma condenáveis, de caracterizar o que poderíamos chamar, empregando a metáfora de Bacon, de “ídolos da tribo dos historiadores” e de iniciar, sem atraso, uma luta contra eles.²⁰⁷ (SIMIAND, 1903b: 154).

Seriam três os ídolos identificados por François Simiand, os quais deveriam sofrer um processo de crítica. Acreditamos ser importante colocar aqui as críticas na forma com que Simiand escreveu, para melhor compreendermos sua percepção dos problemas enfrentados pelos historiadores. O primeiro,

o “ídolo político”, isto é, o estudo dominante, ou ao menos a preocupação perpétua da história política, dos fatos políticos, das guerras etc., que chega a dar a esses eventos uma importância exagerada e, como a contingência tem, talvez, a maior parte nessa categoria de fatos, retarda a aceitação da atitude científica tornando mais dificilmente admissível e praticável a eliminação metódica das influências contingentes, menos concebível e possível o estabelecimento de regularidades e de leis. Não é preciso que os fatos políticos sejam ignorados, mas é preciso que eles percam o lugar

inséparable de recherche et d'élaboration, d'analyse et de construction, d'information positive et de mise en œuvre inductive et systématique.”. (Tradução nossa).

²⁰⁷ No original: “Il serait temps et il serait bon, semble-t-il, de renoncer dès maintenant à un certain nombre d'habitudes bien définies et sans aucun doute condamnées, de caractériser ce qu'on pourrait appeler, en employant la métaphore de Bacon, des « idoles de la tribu des historiens » et d'entamer sans retard une lutte contre elles.”. (Tradução nossa).

eminente, bastante injustificável, que eles conservam nas pesquisas de outros ramos da história²⁰⁸ (SIMIAND, 1903b: 154).

Essa história diplomática, tão criticada por diversos historiadores, como Paul Lacombe (1900), também foi condenada por François Simiand. Por conta de seu caráter contingencial, ela dificultaria o estabelecimento de leis a partir das regularidades. O segundo ídolo,

o “ídolo individual” ou o hábito inveterado de conceber a história como uma história de *individuos* e não como um estudo de *fatos*, hábito que resulta ainda comumente em ordenar as pesquisas e os trabalhos ao redor de um homem, e não ao redor de uma instituição, de um fenômeno social, de uma relação a ser estabelecida²⁰⁹ (SIMIAND, 1903b: 154-155).

Novamente uma discordância da forma com que as pesquisas de uma historiografia historizante conduziram seus trabalhos históricos. Paul Lacombe (1900), outra vez, já havia criticado o historiador romeno A.-D. Xénopol por realizar trabalhos focados em grandes personalidades. Mais do que isso, tal crítica é possível ser compreendida dentro do debate entre sociedade e indivíduo. Xénopol, como historiador historizante defendia uma prevalência do indivíduo, colocando o social em segundo plano. Por sua vez, Simiand, como sociólogo, deu um peso maior para a sociedade em suas análises. Por fim, o último ídolo a ser criticado foi o cronológico, ao qual Simiand já havia apresentado algumas ressalvas.

O ídolo cronológico resulta, conseqüentemente, em considerar todas as épocas como igualmente importantes, em conceber a história como uma espiral ininterrupta onde todas as peças seriam igualmente estabelecidas, em não perceber que tal período é mais característico, mais importante que tal outro, que tal fenômeno “crucial” merece um estudo aprofundado, enquanto as repetições sem interesse de um tipo conhecido só formam uma matéria estéril e inútil a desenvolver; ela consiste, em uma palavra, em considerar todos os fatos, todos os momentos como indiferentemente dignos de estudo e como susceptíveis de um mesmo estudo²¹⁰ (SIMIAND, 1903b: 156).

²⁰⁸ No original: “L’ « Idole politique », c’est-à-dire l’étude dominante, ou au moins la préoccupation perpétuelle de l’histoire politique, des faits politiques, des guerres, etc., qui arrive à donner à ces événements une importance exagérée, et, comme la contingence a peut-être dans cette catégorie de faits la plus forte parte, retarde pour autant l’acceptation de l’attitude scientifique en rendant plus difficilement admissible et praticable l’élimination méthodique des influences contingentes, moins concevable et possible l’établissement de régularités et de lois. Il ne faut pas que les faits politiques soient ignorés, mais il faut qu’ils perdent la place éminente, tout à fait injustifiée, qu’ils conservent même dans les recherches des autres branches de l’histoire.” (Tradução nossa).

²⁰⁹ No original: “L’ « Idole individuelle », ou l’habitude invétérée de concevoir l’histoire comme une histoire des *individus* et non comme une étude des *faits*; habitude qui entraîne encore communément à ordonner les recherches et les travaux autour d’un homme, et non pas autour d’une institution, d’une phénomène social, d’une relation à établir.” (Tradução nossa).

²¹⁰ No original: “L’idole chronologique entraîne par suite à considérer toutes les époques comme également importantes, à concevoir l’histoire comme un rouleau ininterrompu où toutes les parties

Outra crítica associada a uma história historizante, aparecendo também, novamente, nas críticas de Paul Lacombe (1900) para A.-D. Xénopol, quando o historiador francês afirmou que seu colega romeno essencializou o tempo em suas pesquisas e de que ele colocava todos os acontecimentos em uma linha cronológica. Por fim, Simiand (1903b) estimulou uma nova geração de pesquisadores.

Mas eu creio que de fato, no trabalho próprio dos historiadores atuais, na escolha e no ordenamento muito estudado de seus trabalhos, nas suas preocupações manifesta de renovar suas obras aproveitando os progressos feitos pelas disciplinas vizinhas, já se manifestam diversas tendências em substituir progressivamente a prática tradicional por um estudo positivo e objetivo do fenômeno humano, susceptível de explicação científica, em dirigir o esforço essencial sobre a elaboração consciente de uma ciência social. Levar essas tendências ao ato será, eu espero, a obra da nova geração²¹¹ (SIMIAND, 1903b: 157).

Tal texto, como já afirmado, se tornou em um clássico por conta de sua crítica contra uma historiografia tradicional, *historizante*. Parte desse sucesso se deve aos historiadores do grupo dos *Annales*, os quais reiteraram as discordâncias com essa historiografia e a colaram na figura de Charles Seingobos, como sendo ele um dos grandes responsáveis por essa proposta metodológica antiquada. Contudo, apesar de concordarem com o texto de François Simiand, nem por isso estavam de acordo com a cientificidade da Sociologia. Fernand Braudel, usualmente associado a uma segunda geração do grupo dos *Annales*, escreveu:

Entendo aqui por sociologia, muitas vezes, senão quase sempre, aquela ciência global que Émile Durkheim e François Simiand pretendiam constituir no começo deste século — aquela ciência que ainda não é, mas para a qual não deixará de tender, ainda que nunca venha a realizar plenamente tal objetivo. Por história, entendo eu uma investigação cientificamente conduzida, digamos mesmo uma ciência, mas complexa: não há uma só história, uma só maneira de ser historiador, mas diversas maneiras, diversas histórias, um acervo de curiosidades, de pontos de vista, de

seraient semblablement établies, à ne pas s'apercevoir que telle période est plus caractéristique, plus importante que telle autre, que tel phénomène « crucial » mérite une étude approfondie, alors qu'ailleurs des répétitions sans intérêt d'un type connu ne forment qu'une matière stérile et inutile à développer ; elle consiste, en un mot, à considérer tous les faits, tous les moments comme indifféremment dignes d'études et comme susceptibles d'une même étude.” (Tradução nossa).

²¹¹ No original: “Mais je crois qu'en fait, dans le travail propre des historiens actuels, dans le choix et l'agencement très étudiés de leurs travaux, dans leur préoccupation manifeste de renouveler leur œuvre en profitant des progrès faits par les disciplines voisines, se manifestent déjà beaucoup de tendances à substituer progressivement à la pratique traditionnelle une étude positive, objective du phénomène humain susceptible d'explication scientifique, à diriger l'effort essentiel sur l'élaboration consciente d'une science sociale. Amener ces tendances à l'acte sera, je l'espère, l'œuvre de la nouvelle génération.” (Tradução nossa).

possibilidades, aos quais, amanhã, outras curiosidades, outros pontos de vista, outra possibilidade se juntarão ainda (BRAUDEL, 1965 [1958]: 11).

Outros historiadores, inspirados por tal artigo, escreveram comentários após sua publicação, caso de Paul Mantoux, o qual publicou no mesmo ano, em 1903, na edição de número 20 da RSH, um texto intitulado *Histoire et Sociologie* (História e Sociologia), onde teceu comentários acerca dessas disciplinas e de suas relações. Mantoux, estudou na ENS e ficou em 1º lugar na *agrégation* em História e Geografia, em 1897. Durante boa parte de sua carreira foi professor na Universidade de Londres, entre 1913 e 1934. Além disso, por conta de sua atuação socialista, esteve em contato com alguns sociólogos durkheimianos, como Marcel Mauss e Georges Bourgin (FOURNIER, 2006). De acordo com Mantoux, a Sociologia seria uma ciência dos fatos, “não de uma ideia sumária ou de uma visão abstrata dos fatos. Antes de enunciar as leis, ela tem como primeiro dever estudá-los em si mesmos, em suas multiplicidades concretas”²¹² (MANTOUX, 1903: 121). Em sua leitura do artigo de François Simiand, comentou que o sociólogo durkheimiano acreditava não ser possível encontrar um consenso entre História e Sociologia, por conta de seus métodos diferentes e de outras diferenças teóricas. Contudo, como vimos, para François Simiand, esse desencontro entre as disciplinas era causado por uma história tradicional e que os novos pesquisadores poderiam encontrar formas de as aproximarem.

Diferentemente de seus pares, pesquisadores que defendiam uma cientificidade da História, Paul Mantoux (1903) não a enxergava como uma ciência. Para ele,

a história – lamento, sobre esse ponto, de estar em desacordo com o Sr. Lacombe – não é uma ciência, não poderia ser uma ciência. Só há ciência do geral: podemos dizer o mesmo da história? O que é particular, o que só acontece uma vez é do domínio da história. Os eventos, os indivíduos lhe pertencem, assim como as instituições e as coletividades. Sua tarefa é de comemorar o passado, todo o passado. Entendido no sentido estreito, ela só poderá ser uma narração cronológica dos fatos. Se ela se esforça de reestabelecer seu encadeamento, é sempre seu encadeamento na ordem da sucessão. Ela permanecerá sempre uma narrativa, uma descrição, um quadro²¹³ (MANTOUX, 1903: 122-123).

²¹² No original: “[...], non d’une idée sommaire ou d’une vue abstraite des faits. Avant d’en énoncer les lois, elle a pour premier devoir de les étudier en eux-mêmes, dans leur multiplicité concrète.”. (Tradução nossa).

²¹³ No original: “L’histoire – nous regrettons, sur ce point, d’être en désaccord avec M. Lacombe – n’est pas, ne saurait être une science. Il n’y a de science que du général : en dira-t-on autant de l’histoire ? Ce qui est particulier, ce qui n’arrive qu’une fois, est du domaine de l’histoire. Les

Apesar disso, ela poderia ser um conhecimento positivo, por ela se ligar ao real e exigir provas. Contudo, isso não seria o suficiente para torná-la uma ciência, diferentemente da Sociologia, essa sim, teria direito ao título.

Mas ela [a História] tem, por isso, o direito ao título de ciência? Uma ciência deve ter por objeto, não a descrição dos fenômenos, mas a descoberta de relações causais que as unem. É precisamente o objeto da sociologia, que pesquisa as leis dos fenômenos sociais. E somente isso é suficiente para separá-la radicalmente da história. Ela estuda, ela só pode e só deve estudar os fatos que se repetem²¹⁴ (MANTOUX, 1903: 123).

Com isso, historiadores e sociólogos teriam tarefas distintas para realizarem, mas que poderiam ser úteis uns aos outros. Ambos, para Mantoux (1903), conheceriam os fatos do mesmo modo, ou pela observação, da alçada das ciências da natureza, ou através dos documentos e dos testemunhos. O exame crítico de um documento estaria além de somente verificar o nível de autenticidade e de confiança, mas também comportaria comentários e explicações a partir dos fatos que se relacionam com ele (MANTOUX, 1903). Seria nesse momento, após a constatação dos fatos, que as metodologias da História e da Sociologia se afastariam. O método sociológico, apesar de ser interessante, também seria passível de críticas, principalmente por conta das comparações realizadas pelos sociólogos entre sociedades. Da forma que eram feitas, as leis gerais formuladas por esses pesquisadores estariam fora do tempo e do espaço, enquanto seria preciso lembrar que as sociedades variavam no tempo e o espaço.

Seria nisso que o historiador e a História poderiam contribuir para a fundação definitiva da Ciência Social, já que toda pesquisa sociológica deveria ser precedida de uma preparação histórica. Para Paul Mantoux,

a cada instante o sociólogo é forçado a emprestar da história os termos de sua argumentação, e ele supõe implicitamente que a história os forneceu sólidos e de bom grado. Quando o Sr. Durkheim, esboçando uma classificação dos tipos sociais, aproxima o *clã* da *fratria* e os das *gens*, ele faz uso de noções que foram separadas e destacadas pela história, ou pela

événements, les individus lui appartiennent, aussi bien que les institutions et les collectivités. Sa tâche est de commémorer le passé, tout le passé. Entendue au sens étroit, elle ne serait autre chose qu'une narration chronologique des faits. Si elle s'efforce de rétablir leur enchaînement, c'est toujours leur enchaînement dans l'ordre de succession. Elle reste toujours un récit, une description, un tableau." (Tradução nossa).

²¹⁴ No original: "Mais a-t-elle droit, pour cela, au titre de science ? Une science doit avoir pour objet, non de décrire les phénomènes, mais de découvrir les relations causales qui les unissent. C'est précisément l'objet de la sociologie, qui recherche les lois des phénomènes sociaux. Et cela seul suffit à la séparer radicalement de l'histoire. Elle n'étudie, elle ne peut et ne doit étudier que les faits que se répètent." (Tradução nossa).

antropologia descritiva, que, em certo sentido, está no espaço o que a história está no tempo²¹⁵ (MANTOUX, 1903: 127).

A dificuldade em se relacionar, a partir dos métodos, História e Sociologia, estaria na relação entre o individual e o social. Paul Mantoux (1903), então, procurou mostrar algumas situações em que a História poderia contribuir para a formação de uma Ciência Social. Haveria, nesse momento, duas teorias principais que enxergariam o social no individual. Uma primeira, baseada em autores do século XVIII, principalmente Rousseau, a qual veria a sociedade formada a partir de um contrato social entre indivíduos. A segunda, por sua vez, seria baseada em uma interpretação histórica da psicologia, explicitada por Paul Lacombe. Nessa, a pesquisa se concentraria nos motivos e nos movimentos das ações humanas e como a vida social poderia ser explicada a partir dessas reações. Por fim, estaria aparecendo uma terceira teoria, a de Gabriel Tarde, a qual tentaria mostrar como se operaria a passagem de um desejo ou sentimento individual para um coletivo, sendo os costumes e as religiões, por exemplo, produtos da imitação. Mantoux se questionou se o individual teria um papel no fenômeno social.

A influência exercida pelo indivíduo sobre a formação ou o desenvolvimento do fenômeno social não é ela mais aparente que real? O individual, se admitimos que ele possa ser uma causa, é antes de tudo um efeito, um produto do meio social. Se é sobre o meio, é porque ele representa as energias escondidas²¹⁶ (MANTOUX, 1903: 129).

Paul Mantoux (1903) acreditava, então, que para comprovar que o individual não era uma causa, seria preciso eliminá-lo da análise, mas que tal ação ainda não era demonstrável. O historiador criticou um argumento recorrentemente utilizado para desacreditar o papel do indivíduo, ele colocou tal afirmação nos seguintes termos: “os agentes individuais jamais fazem falta para as causas gerais. O papel do indivíduo é tão ilusório, e as forças que o rodeiam são tão poderosas, que sempre

²¹⁵ No original: “À chaque instant le sociologue est force d'emprunter à l'histoire les termes de son raisonnement, et il suppose implicitement que l'histoire les lui fournit solides et de bon aloi. Quand M. Durkheim, esquissant une classification des types sociaux, rapproche le *clan* de la *phratrie* et de la *gens*, il fait usage de notions qui ont été dégagées et mises en lumière par l'histoire ou par l'anthropologie descriptive, qui, en un sens, est dans l'espace ce que l'histoire est dans le temps.”. (Tradução nossa).

²¹⁶ No original: “L'influence exercée par l'individu sur la formation ou le développement du phénomène social n'est-elle pas plus apparente que réelle ? L'individuel, si l'on admet qu'il puisse être une cause, est tout d'abord un effet, un produit du milieu social. S'il agit sur le milieu, c'est parce qu'il en représente les énergies cachées.”. (Tradução nossa).

chega o momento de desempenhar o papel desejado pelas circunstâncias”²¹⁷ (MANTOUX, 1903: 130). Contudo, tal ideia, para ele, seria bastante contestável. Com o auxílio da História, ela poderia encontrar uma solução.

Se devemos excluir o elemento individual da ciência social, não é preciso o excluir sem provas, eu entendo sem provas de fato, sem provas positivas, sem provas científicas. Assim, somos trazidos de volta, por um desvio, para a história; é em se apoiando sobre esses dados que poderemos fazer a separação legítima entre *instituição* e *evento*, ligados tão estreitamente um ao outro na realidade concreta²¹⁸ (MANTOUX, 1903: 131).

Depois disso, Mantoux (1903) comentou acerca da questão das causas finais na pesquisa dos fenômenos sociais. A finalidade, para ele, seria uma forma particular da causalidade. Haveria, entre as representações e as ações humanas, um laço causal. Novamente, Mantoux indicou que a História poderia auxiliar a Sociologia nessa questão.

Se a sociologia entra nessa via, a história poderia lhe fornecer documentos preciosos. Ela poderia informá-la, não somente sobre as aspirações conscientes e as tendências declaradas das sociedades, mas sobre o trabalho escondido das necessidades surdas e das opiniões vagas, sobre as variações dos costumes e as flutuações da moral. Um estudo consciencioso destes temas tão importantes e tão desconhecidos seria um prefácio indispensável a qualquer um dos capítulos principais da sociologia futura²¹⁹ (MANTOUX, 1903: 134).

Outro ponto levantado pelo historiador, e recorrente nos debates da época, versava sobre a questão de se a psicologia coletiva seria uma soma das psicologias individuais. Ele colocou duas opiniões em destaque. Uma primeira era a de Émile Durkheim, de quem Mantoux discordava. E a outra era a de Gabriel Tarde, com a qual ele simpatizava, caracterizada pelo fenômeno da imitação. Para complementar a teoria tardeana, Mantoux apontou que a característica da coerção do fato social, um dos pontos centrais da sociologia durkheimiana, explicaria, em partes, porque os

²¹⁷ No original: “[...] : les agents individuels ne manquent jamais aux causes générales. Le rôle de l’individu est si illusoire, et les forces qui l’entourent sont si puissantes, qu’il surgit toujours à point nommé pour jouer le rôle voulu par les circonstances.”. (Tradução nossa).

²¹⁸ No original: “Si l’on doit exclure l’élément individuel de la science sociale, il ne faut pas l’exclure sans preuves, j’entends sans preuves de fait, sans preuves positives, sans preuves scientifiques. Ainsi l’on se trouve ramené par un détour au secours indispensable de l’histoire ; c’est en s’appuyant sur ses données que l’on pourra faire le départ légitime entre l’*institution* et l’*événement*, liés si étroitement l’un à l’autre dans la réalité concrète.”. (Tradução nossa).

²¹⁹ No original: “Si la sociologie entre dans cette voie, l’histoire pourra lui fournir des documents précieux. Elle pourra la renseigner, non seulement sur les aspirations conscientes et les tendances déclarées des sociétés, mais sur le travail caché des besoin sourds et des opinions vagues, sur les variations des coutumes et les fluctuations des mœurs. Une étude consciencieuse de ces sujets si importants et si mal connus serait une préface indispensable à quelques-uns des chapitres principaux de la sociologie future.”. (Tradução nossa).

fenômenos sociais seriam imitados e teriam uma tendência a se generalizarem (MANTOUX, 1903). De novo, para auxiliar na resolução dessa questão, a História se faria presente.

É somente na história, ou nas pesquisas conduzidas segundo o método histórico, que encontraremos a solução dessa dificuldade. A história do direito, sobretudo, e a história das religiões fornecerão documentos preciosos sobre a gênese das práticas coletivas. Quanto à complicação, à bizarrice aparente dessas práticas, se a psicologia não permite explicá-las, é talvez porque ela não leva em conta nenhuma circunstância de tempo ou de lugar. Substituindo os dados elementares que ela nos fornece por meio dos elementos complexos da realidade histórica, talvez nós conseguíssemos explicar essas particularidades estranhas que a sociologia está reduzida a constatar, sem bem compreendê-las²²⁰ (MANTOUX, 1903: 135-136).

De acordo com Paul Mantoux (1903), os que rejeitavam a ideia de uma colaboração entre História e Sociologia baseavam-se em um princípio em comum, o de que a causa do fenômeno social só deveria ser buscada entre fenômenos sociais antecedentes. Tal ideia causava uma confusão nas Ciências Sociais. Um dos deveres dos historiadores seria o de procurar as condições necessárias para a produção dos fenômenos sociais, ao contrário, as explicações estariam incompletas e arbitrarias. Vemos como Paul Mantoux (1903) colocava a História, a qual não era uma ciência segundo ele, como uma auxiliar da Sociologia, essa sim capaz de tornar-se uma ciência. Como forma de exemplificar a formação de uma ciência, para incentivar tal processo também para as Ciências Sociais, o historiador francês elogiou a linguística e como essa estava se desenvolvendo. Além disso, a linguística estaria relacionada com a Sociologia, principalmente por também estudar um fenômeno social, a linguagem. “A linguagem é um fenômeno ao qual podemos atribuir, na coletividade, uma existência própria, fora de suas manifestações individuais: bem mais, sua própria razão de ser está na coletividade”²²¹ (MANTOUX,

²²⁰ No original: “C’est dans l’histoire seule, ou dans des recherches conduites selon la méthode historique, que l’on trouvera la solution de cette difficulté. L’histoire du droit surtout et l’histoire des religions fourniront des documents précieux sur la genèse des pratiques collectives. Quant à la complication, à la bizarrerie apparente de ces pratiques, si la psychologie ne permet pas de les expliquer, c’est peut-être parce qu’elle ne tient compte d’aucune circonstance de temps ne de lieu. En remplaçant les données élémentaires qu’elle nous fournit au milieu des éléments complexes de la réalité historique, nous parviendrons peut-être à expliquer ces particularités étranges que le sociologue est réduit à constater sans les bien comprendre.”. (Tradução nossa).

²²¹ No original: “Le langage est un phénomène auquel on peut attribuer, dans la collectivité, une existence propre, en dehors de ses manifestations individuelles : bien plus, sa raison d’être même est dans la collectivité.”. (Tradução nossa).

1903: 137-138). Além disso, ela seria o produto da imitação. Através da ciência da linguagem, seria possível reunir as contribuições da História e da Sociologia.

A ciência da linguagem responde, então, a diversas definições da sociologia. E, ao mesmo tempo, sob a tripla forma que ela toma hoje – fonética ou estudo dos sons, gramática ou estudo das formas e de suas funções, semânticas ou estudo da significação das palavras – ela é essencialmente histórica. É, por seu método documental, idêntico ao da história: pois ela não tira mais seus exemplos, como em outros momentos, somente das fontes literárias; ela utiliza todos os monumentos da linguagem escrita e falada, após verificar a autenticidade e controlar as formas com uma exatidão rigorosa. Ela se coloca, como a história, nos quadros do tempo e do lugar²²² (MANTOUX, 1903: 138).

Ademais, a linguística admitia a ação de certas causas individuais, ou seja, sabia lidar com certos elementos contingentes em suas análises e, precisamente por isso, conseguiria delimitar o domínio deles e isolar as leis gerais da linguagem (MANTOUX, 1903). A linguística, além disso, teria criado seu próprio método, fazendo-o sem preconceitos, com o único desejo de chegar ao conhecimento mais completo de seu objeto. Essa ciência deveria, portanto, servir de exemplo aos sociólogos.

Se há um exemplo no qual a sociologia deve se inspirar, é esse. Dessa vez, não se trata de decidir sobre vagas semelhanças entre ciências no fundo muito diferentes uma da outra, mas de observar o funcionamento de um método aplicado desde o momento, com sucesso, às pesquisas sociológicas propriamente ditas. Se a sociologia, como a linguística, deve passar por um período de preparação histórica, ela não se confundirá mais com a história. Ela terá já sua própria disciplina. Ela não perderá jamais de vista a natureza dos fenômenos que ela se propõe a estudar, nem o tipo ideal de ciência positiva, do qual ela deve se aproximar cada vez mais²²³ (MANTOUX, 1903: 140).

²²² No original: “La science du langage répond donc aux diverses définitions de la sociologie. Et en même temps, sous la triple forme qu’elle a prise aujourd’hui – phonétique ou étude des sons, grammaire ou étude des formes et des fonctions, sémantique ou étude de la signification des mots – elle est essentiellement historique. Elle l’est par sa méthode documentaire, identique à celle de l’histoire : car elle ne puisse plus ses exemples, comme autrefois, aux seules sources littéraires ; elle utilise tous les monuments du langage écrit et parlé, après en avoir vérifié l’authenticité et contrôlé les formes avec une exactitude rigoureuse. Elle se place, comme l’histoire, dans des cadres de temps et de lieu.”. (Tradução nossa).

²²³ No original: “S’il est un exemple dont la sociologie doive s’inspirer, c’est celui-là. Il n’est pas question cette fois de se régler sur de vagues ressemblances entre des sciences au fond très différentes l’une de l’autre, mais d’observer le fonctionnement d’une méthode appliquée dès maintenant, avec succès, à des recherches sociologiques proprement dites. Si la sociologie, comme la linguistique, doit passer par une période de préparation historique, elle ne se confondra pas pour cela avec l’histoire. Elle aura déjà sa discipline propre. Elle ne perdra jamais de vue la nature des phénomènes qu’elle se propose d’étudier, ni le type idéal de la science positive, dont elle doit se rapprocher de plus en plus.”. (Tradução nossa).

A História e os historiadores, de acordo com Mantoux (1903), poderiam ser úteis nesse trabalho de auxiliar a Sociologia a ser tornar uma ciência positiva. O historiador francês, na mesma linha de François Simiand, também defendeu o esquecimento de certos métodos antiquados e classificações tradicionais.

O historiador, por sua vez, se ele quer ser útil nesse trabalho preparatório, fará bem em renunciar a certos procedimentos de exposição, a certas classificações tradicionais, justamente criticadas por Simiand. Ele deverá ter cuidado, também, com métodos preconcebidos. Então, veremos nascer e se formar, pouco a pouco, essa ciência social que não poderíamos improvisar nem fabricar sobre um plano totalmente preparado, e que ela própria determinará, pela prática, as regras definitivas de seu método²²⁴ (MANTOUX, 1903: 140).

A Linguística apontada por Paul Mantoux (1903) como digna de ser considerada uma ciência, com métodos próprios, os quais poderiam, inclusive, servir de inspiração para a Sociologia, estava dentro de um contexto de renovação dessa disciplina. A linguística histórico-comparativa estava sofrendo críticas, apesar de encontrar alguns defensores, como o historiador A.-D. Xénopol²²⁵ (1901a). O debate entre indivíduo e sociedade, além de impactar a Sociologia e a História, também teve ressonâncias na Linguística. Um dos responsáveis pela renovação dessa ciência e por inserir o social em suas análises foi Antoine Meillet (1866 – 1936). Próximo do grupo durkheimiano, Meillet se inspirou nos postulados desses sociólogos para propor uma renovação da linguística, onde o social teria um peso maior, porém sem ignorar os indivíduos em suas análises (BERT, 2016). Meillet, em seus escritos, propunha uma relação entre diversas disciplinas, como a História, a Sociologia, a Psicologia e a Linguística. Podemos supor, então, que o entendimento de Mantoux (1903) acerca dessa ciência da linguagem estaria próximo das propostas de Meillet e de outros linguistas que compreendiam que o *social* também impactava em suas pesquisas.

Esse posicionamento de Paul Mantoux (1903) é interessante de observar, principalmente por ser um historiador que defendia a não cientificidade da História,

²²⁴ No original: “L’historien, de son côté, s’il veut prendre une part utile à ce travail préparatoire, fera bien de renoncer à certains procédés d’exposition, à certaines classifications traditionnelles, justement critiqués par Simiand. Il devra se garder, lui aussi, des méthodes préconçues. Alors on verra naître et se former peu à peu cette science sociale qu’on ne saurait improviser ni fabriquer sur un plan tout préparé, et qui déterminera elle-même, par la pratique, les règles définitives de sa méthode.”. (Tradução nossa).

²²⁵ Para saber mais sobre a opinião de A.-D. Xénopol acerca da linguística, conferir capítulo 5, subitem 5.1.2.

mas sim a da Sociologia. A disciplina histórica, através de seus métodos, poderia ser uma auxiliar valiosa, mas não mais do que isso, para as Ciências Sociais. Tal visão, contudo, não era compartilhada pelos durkheimianos. Émile Durkheim advogou por uma aproximação entre as duas ciências, História e Sociologia. Apesar de, ao longo de sua carreira, ter defendido com mais ou menos ânimo essa conciliação, Durkheim (2007 [1898]), no prefácio de lançamento do *Année sociologique*, teceu comentários a esse respeito. Para ele, seriam raros os historiadores que estariam nas pesquisas sociológicas. Contudo, na sua visão, História e Sociologia deveriam se aproximar, pois uma traria contribuições para a outra. “Longe de serem antagônicas, estas duas disciplinas tendem naturalmente uma à outra, e tudo aponta para que elas sejam chamadas a se confundirem em uma disciplina comum” (DURKHEIM, 2007 [1898]: 9). A partir dessa proposta, François Simiand discorreu, em seu artigo, sobre tal relação e, com poucas diferenças, defendeu também uma aproximação benéfica entre essas duas ciências. A ênfase maior para as Ciências Sociais, no caso de Simiand, pode ser explicada tanto por sua aproximação dos durkheimianos quanto por sua crítica aos historiadores e aos métodos utilizados por esses, antiquados em sua visão. Contudo, o sociólogo durkheimiano reconhecia também a importância da ciência histórica para a Sociologia.

Nesse contexto, como já apontamos, não só a História estava tentando se organizar cientificamente e conquistar uma posição mais forte no sistema de ensino e pesquisa francês, mas outras disciplinas também, como é o caso da Sociologia e da atuação dos sociólogos próximos de Émile Durkheim. Não só na França tal movimento ocorria. Em outros países, como na Alemanha, também estava havendo debates intensos sobre as diferentes visões da Teoria e Metodologia da História. Tais questões apareceram também na RSH, nos textos de dois historiadores alemães, que debateram sobre a influência francesa, mais especificamente de Auguste Comte, na historiografia da Alemanha.

4.3 A DISPUTA POR AUGUSTE COMTE: COMENTÁRIOS DE ERNST BERNHEIM E KARL LAMPRECHT

Antes de ocorrer o debate entre Ernst Bernheim (1850 – 1942) e Karl Lamprecht (1856 – 1915), é importante conhecer um pouco mais da obra metodológica deste. Lamprecht²²⁶, professor na Universidade de Leipzig, publicou um texto intitulado *La méthode historique en Allemagne*²²⁷ (O método histórico na Alemanha), em 1900 na edição de número 1. Nele, criticou algumas características do método histórico recorrente na Alemanha, principalmente o proposto por Leopold von Ranke (1795 – 1886). Ademais, apresentou brevemente alguns apontamentos de seu método.

Conforme afirmou no início de seu texto, haveria um método inferior e outro superior. Aquele, seria o método com as operações realizadas para atualizar os materiais históricos e que tentaria encontrar conexões entre as fontes, tendo como seus precursores na Alemanha: August Ludwig von Schlözer (1735 – 1809) e Barthold Georg Niebuhr (1831) (LAMPRECHT, 1900). Por sua vez, o método superior seria o que recorresse à comparação das fontes e uma tentativa de aproximação dos fatos. Haveria duas formas de realizar tal comparação, uma primeira de forma sincrônica, onde se compararia fatos ligados entre si, buscando em seu encadeamento os momentos críticos que se repetem identicamente, como por exemplo a história do papado. O segundo tipo de comparação seria o de forma diacrônica, cotejando entre si “diversas séries de fatos totalmente independentes uns dos outros, mas os quais apresentam momentos críticos idênticos no desenvolvimento, a fim de precisamente fazer aparecer a identidade desses momentos”²²⁸ (LAMPRECHT, 1900: 22). Como exemplo, sugeriu as civilizações feudais na Europa da Idade Média. De acordo com Lamprecht (1900), o primeiro método de comparação seria o mais usual, mas seria preciso destacar o essencial do não essencial. O essencial sendo aqueles que contivessem nele os momentos críticos idênticos. A partir disso, deveria ser realizada a crítica das fontes, classificando-as e destacando o que oferecesse a melhor imagem dos eventos do passado e rejeitando o restante.

²²⁶ Para mais informações sobre o autor, conferir a Tabela Biográfica em Anexo.

²²⁷ Esse artigo foi traduzido, para a RSH, por J. Tonnelat, sendo essa sua única contribuição para o periódico.

²²⁸ No original: “[...] plusieurs séries de faits totalement indépendantes les unes des autres, mais dont le développement présente des moments critiques identiques, afin précisément de faire paraître l’identité de ces moments.”. (Tradução nossa).

Após a realização de tal método, Lamprecht (1900) afirmou que ter-se-ia uma ideia histórica a respeito de algo. Tal ferramenta metodológica estaria inspirada em uma filosofia da identidade. Essa apresentaria determinadas relações históricas, tais como contida nas *ideias*, como emanações de um absoluto. Essa seria a noção de Ranke, identificando os pensamentos de Deus na História. Esse método de comparação foi criticado por Lamprecht (1900) e, de acordo com ele, ainda seria utilizado recorrentemente por historiadores na Alemanha.

A segunda forma de comparação, para Lamprecht (1900), teria como objetivo notar os momentos idênticos de diversas séries de fatos independentes uns dos outros, mesmo que afastados temporalmente. Essa definição se assemelha com a de *fatos de repetição* proposta pelo historiador romeno A.-D. Xénopol, como visto no capítulo anterior. Para o historiador alemão, somente a partir da metade do século XIX ela teria começado a ser utilizada e seria baseada principalmente na filosofia de Auguste Comte, apesar de ele ainda ser relativamente desconhecido e rejeitado por outros historiadores alemães. Contudo, esse método, segundo o historiador alemão, teria representado uma verdadeira novidade por ter tido uma concepção clara e racional. A partir disso, entendemos que havia uma predileção de Karl Lamprecht pelo filósofo francês, Auguste Comte, e, por outro lado, uma tentativa de afastamento de Leopold von Ranke. Essa posição de Lamprecht, para Fritz Ringer (2004), teria encontrado poucos adeptos entre os historiadores da Alemanha. Além disso, “parecia tão fácil refutá-lo como diletante e ‘positivista’ que ele, com toda certeza, retardou a abertura às ciências sociais que começava a transformar os estudos históricos na França durante a virada do século” (RINGER, 2004: 34).

Outro ponto central na proposta metodológica de Lamprecht seria uma visão do desenvolvimento psíquico ao longo da História. Segundo ele, “podemos dizer que a história da civilização é, a cada vez, a história da vida da alma humana ou, em outros termos, a história em cada um de seus desenvolvimentos é apenas a história da *Psyché* através do fluxo das gerações de uma dada sociedade”²²⁹ (LAMPRECHT, 1900: 25). Assim, de acordo com Lamprecht (1900), os diversos grupamentos

²²⁹ No original: “En résumé, on pourrait dire que l’histoire d’une civilisation n’est, à chaque fois, que l’histoire de la vie de l’âme humaine, ou, en d’autres termes, l’histoire en chacun de ses développements n’est pas autre chose que l’histoire de *Psyché* à travers l’écoulement des générations d’une société donnée.”. (Tradução nossa).

humanos teriam sofrido, e passariam por transformações idênticas em diferentes épocas. De forma resumida, Ringer (2004) afirmou que o programa de Lamprecht,

para uma história científica “moderna”, no entanto, estribava-se numa ampla teoria da “diferenciação psíquica”. Para ele, o indivíduo progredira de uma integração inicial total no clã, passando por laços mais frouxos com a comunidade, a família e o grupo social, até chegar às crescentes diferenças interpessoais, à autonomia individual e à autoconsciência. Numa sucessão de “etapas culturais” distintas, a humanidade avançou assim da idade “simbólica” aos períodos “típico” e “convencional”, para alcançar a moderna era do “individualismo” e do “subjetivismo” (RINGER, 2004: 32).

Lamprecht (1900) entendeu que não seria possível conceder, a nenhuma personalidade histórica, uma influência histórica tão forte para mudar ou renovar todo um século. Para ele, um tal indivíduo não teria uma liberdade absoluta de ação, mas estaria restrito às amarras proporcionadas por sua geração, tendo uma liberdade específica. Lamprecht (1900), de acordo com seu texto, tinha consciência de que suas ideias tinham bastante oposição na Alemanha e que isso causaria até animosidades pessoais. Contudo, suas ideias teriam proporcionado duas contribuições:

1º essa ideia que o indivíduo é, de fato, emprisionado em seu tempo, da maneira que eu descrevi mais acima; 2º a convicção crescente de que é necessário, para compreender um século em seus detalhes, de conhecer o conjunto, isto é, seu caráter psicológico e seu estado de civilização²³⁰ (LAMPRECHT, 1900: 27).

Essas seriam, então, algumas características do método proposto por Karl Lamprecht, principalmente sua indicação de que deveria haver comparações em História e, também, sua noção de um desenvolvimento psíquico da humanidade, que se assemelharia com a proposta de Auguste Comte, o qual também entendia haver estágios na História. Para Comte, os objetos de um estudo poderiam ser classificados de acordo com seu grau de complexidade. Em sua teoria, em um sentido de desenvolvimento, conforme o grau de complexidade de um objeto fosse aumentando, seu grau de generalização iria diminuindo. Essa foi uma das inspirações de Comte para criar sua lei dos três estágios: a *Teológica*, a *Metafísica* e a *Positiva* (HEILBRON, 1995). Podemos ver uma aproximação entre a noção de

²³⁰ No original: “1º cette idée que l’individu est, en fait, emprisonné dans son temps, de la manière que j’ai décrite plus haut ; 2º la conviction grandissante qu’il est nécessaire, pour comprendre un siècle dans ses détails, d’en connaître l’ensemble, c’est-à-dire son caractère psychologique et son état de civilisation.”. (Tradução nossa).

desenvolvimento psíquico, proposto por Lamprecht, e a teoria comteana da relação entre *complexidade e generalização*.

A partir dessas propostas de Lamprecht, Ernst Bernheim publicou um artigo, em 1905, na edição de número 29, intitulado *La science historique moderne*²³¹ (A ciência histórica moderna), onde debateu as ideias de Lamprecht e, de acordo com Bernheim, sua produção literária. Esse historiador estudou na Universidade de Estrasburgo e foi professor na Universidade de *Greifswald*²³². Uma das críticas principais que dirigiu ao seu colega tratou sobre o fato dele ter afirmado, em diversas ocasiões, de que teria tido a maior parte de suas ideias quando ainda era um estudante, ou seja, sem um treinamento formal ou preparação histórica-filosófica (BERNHEIM, 1905). Além disso, Bernheim (1905) desaprovou a afirmação de Lamprecht segundo a qual uma concepção social e psicológica da História tinha passado despercebido na Alemanha, mas não na França e na Inglaterra, além de criticar a escola rankeana. De modo geral, afirmou que

certamente acreditamos nisso que Lamprecht nos diz, quando ele nos assegura que enquanto ele fazia seus primeiros estudos, no final da década de 1880, ele não teve a oportunidade de se ocupar da filosofia da história moderna, sobretudo dessa que foi formulada pela escola positivista, e que as ideias que lhe foram inspiradas pelo estudo da história da Alemanha lhe são pessoais; mas nós esperamos poder mostrar que seria útil e instrutivo para ele se perguntar, mais tarde, qual a ligação que há entre suas ideias com as que foram emitidas por outros, em vez de se fechar nele mesmo, como um autodidata²³³ (BERNHEIM, 1905: 127).

Bernheim (1905) questionava, então, se realmente Lamprecht seria o autor original de tais ideias ou se ele teria tido contato com outras obras, como as de Auguste Comte, que lhe teriam inspirado, ainda que parcialmente. A ênfase no elemento sociopsicológico também foi criticada por Bernheim (1905). O desenvolvimento dessa concepção teria se desenvolvido a partir de duas direções, uma idealista, inspirada em Hegel, e outra positivista, inspirada em Comte. Bernheim

²³¹ Esse artigo foi traduzido, para a RSH, pelo Dr. S. Jankelevitch, o qual traduziu diversos outros artigos para a revista.

²³² Para mais informações sobre o autor, conferir a Tabela Biográfica em Anexo.

²³³ No original: “Nous ajoutons certes foi à ce que nous dit Lamprecht, quand il nous assure que lorsqu’il faisait ses premières études, vers la fin des années quatre-vingts, il n’a pas eu l’occasion de s’occuper de la philosophie de l’histoire moderne, surtout de celle qui a été formulée par l’école positiviste, et que les idées qui lui ont été inspirées par l’étude de l’histoire de l’Allemagne lui sont tout à fait personnelles ; mais nous espérons pouvoir montrer qu’il eût été utile et instructif pour lui de se demander plus tard dans quel rapport se trouvaient ses idées à lui avec celles qui ont été émises par d’autres, au lieu de se renfermer en lui-même, à la façon d’un autodidacte.”. (Tradução nossa).

(1905) concordou com as críticas de Lamprecht a Hegel, de que sua teoria teria se baseado demasiadamente em premissas metafísicas. Porém, segundo ele, teria sido Comte o primeiro a propor tal abordagem sociopsicológica, por conta de sua aplicação do método analítico ao estudo dos eventos históricos. Com isso, Comte teria notado que o fator primordial da civilização era o modo de pensar dos homens, onde a evolução estaria direcionada para a razão. De acordo com Bernheim (1905), a sua época teria adentrado a última fase proposta por Comte, a saber, a racionalização do pensamento humano que submete tudo ao reino do espírito científico ou positivo. Para o historiador alemão,

tal é, sobretudo, nossa tarefa no domínio da vida social que deve ser estudado com a ajuda de uma ciência exata, a sociologia, concebendo os fenômenos que se produzem no Estado e na sociedade como uma série de desenvolvimentos contínuos determinados pelas leis gerais. Essas leis estão fora e acima das leis biológicas que só determinam o lado animal do desenvolvimento humano; elas são de natureza psicológica e correspondem às propriedades sociais dos homens; elas devem ser descobertas, de maneira indicada mais acima, com a ajuda do método comparado²³⁴ (BERNHEIM, 1905: 129).

De acordo com Bernheim (1905), ele havia mostrado em sua obra acerca do método histórico em quais pontos as propostas de Lamprecht se aproximavam da filosofia da história comteana. Apesar de haver alguma originalidade na obra de seu contemporâneo, as partes essenciais pertenciam à corrente positivista criada por Comte. Um elemento diferente da obra de Lamprecht seria a forma como ele propôs a ordem de sucessão. Segundo Bernheim,

ele primeiramente esboçou essa sucessão de uma maneira, ele crê, puramente empírica, enquanto ele se ocupava da história nacional da Alemanha; e, em seguida, ele deduziu as fases da história da civilização em geral. As fases são essas do simbolismo, do tipismo [costumes típicos], do convencionalismo, do individualismo e do subjetivismo, as quais respondem, na ordem material, as da economia primitiva, da economia natural com seus dois níveis, coletivo e individualista, e da economia monetária com os mesmos dois níveis²³⁵ (BERNHEIM, 1905: 130).

²³⁴ No original: "Telle est surtout notre tâche dans le domaine de la vie sociale qui doit être étudiée à l'aide d'une science exacte, la sociologie, en concevant les phénomènes qui se produisent dans l'État et dans la société comme une série de développements continus déterminés par des lois générales. Ces lois sont en dehors et au-dessus des lois biologiques qui ne déterminent que le côté animal du développement humain ; elles sont de nature psychologique et correspondent aux propriétés sociales des hommes ; elles doivent être découvertes, de la façon indiquée plus haut, à l'aide de la méthode comparée." (Tradução nossa).

²³⁵ No original: "[...] il a d'abord ébauché cette succession d'une façon, croit-il, purement empirique, alors qu'il s'occupait de l'histoire nationale de l'Allemagne ; et ce n'est qu'ensuite qu'il en a déduit les phases de l'histoire de la civilisation en général. Ces phases sont celles du symbolisme, du typisme, du conventionnalisme, de l'individualisme et du subjectivisme, auxquelles répondent, dans l'ordre matériel, celles de l'économie primitive, de l'économie naturelle avec ses deux degrés,

A forma com que a sociedade se desenvolveria para Lamprecht, conforme Bernheim (1905), seria através de uma intensidade psíquica crescente, de uma passividade psíquica até uma liberdade maior que imprimiria uma marca especial. Essa percepção, para Lamprecht, poderia ser investigada a partir de uma observação empírica dos fatos históricos, o qual estaria incorreto na visão de Bernheim (1905). Malgrado esses desacordos, Bernheim (1905) indicou que seu colega tinha o mérito de aplicar praticamente sua metodologia e teoria baseadas em sua perspectiva sociopsicológica. Para o professor da Universidade de Greifswald, já era o momento dos historiadores na Alemanha se apropriarem das contribuições positivistas francesas e inglesas. Contudo, Bernheim (1905) defendeu que ele próprio foi o primeiro a defender a importância metodológica dessa questão, mas que Lamprecht havia sido o primeiro a colocar em prática.

O ponto central de todo o movimento histórico moderno seria a relação entre indivíduo e a massa. Essa questão, para o historiador alemão, teria sido esboçada pela primeira vez por Condorcet, em 1795. De acordo com Bernheim (1905), foi

para combater a escola de Ranke, que era ainda todo-poderosa na Alemanha, Lamprecht exagerou o lado anti-individualista de sua concepção. Todavia, suas noções sobre as relações entre o indivíduo e a massa são hesitantes e pouco claras; recentemente, e em particular na obra que estamos comentando, ele fez certas concessões ao individualismo, seguindo as objeções que lhe foram endereçadas e de seus próprios estudos mais aprofundados²³⁶ (BERNHEIM, 1905: 133).

A questão principal na qual giraria a obra de Lamprecht: qual seria a natureza e a medida de dependência dos indivíduos isolados comparados com os elementos sociopsíquicos de sua época? Para Bernheim (1905), aquele resolveu esta questão através de um exame analítico da referida relação, defendendo que mesmo o indivíduo mais independente ainda depende de elementos sociopsíquicos de sua época. Porém, Lamprecht não teria dado uma resposta objetiva a esse assunto e não teria indicado em qual medida haveria um nível de dependência dos indivíduos em relação ao seu contexto temporal. Para Bernheim,

collective et individualiste, et de l'économie monétaire avec les deux mêmes degrés.". (Tradução nossa).

²³⁶ No original: "[...] pour combattre l'école de Ranke, qui était encore toute puissante en Allemagne, que Lamprecht a exagéré le côté anti-individualiste de sa conception. Toutefois ses notions sur les rapports entre l'individu et la masse sont hésitantes et peu claires ; tout récemment, et en particulier dans l'ouvrage dont nous nous occupons, il a fait, à la suite des objections qui lui ont été adressées et de ses propres études plus approfondies, certaines concessions à l'individualisme.". (Tradução nossa).

Lamprecht reconhece que nas fases inferiores da civilização a dependência do indivíduo das condições de seu tempo é maior que nas sociedades tendo um nível de desenvolvimento mais pronunciado; mas, mesmo nos limites do mesmo período, ela varia de uma camada social a outra, de um grupo social a outro, ela varia mesmo segundo as relações que existem entre cada indivíduo e os diferentes meios que o cercam, essas relações dependem, por sua vez, do nível de interesse que os conecta a esses ambientes²³⁷ (BERNHEIM, 1905: 135).

Essa relatividade de desenvolvimento psicológico, notada por Bernheim (1905), indicava uma diferença entre a psicologia geral de um povo e a história concreta desse mesmo povo. Isso revelaria, para o historiador alemão, a contradição de seu conterrâneo, pois enquanto esse veria no desenvolvimento histórico um processo regular submetido ao mecanismo psíquico, Lamprecht não poderia negar as diferenças qualitativas de diferentes desenvolvimentos particulares que surgiriam da independência relativa dos indivíduos.

Por fim, segundo Bernheim (1905), a obra de Lamprecht teria defeitos, mas também algumas virtudes. Os defeitos seriam os já apontados, a saber, a falta de comparação de seu método com os autores que o inspiraram, como Comte, falhando em indicar a originalidade de suas ideias. Além disso, ele não teria conseguido resolver a relação entre indivíduo e sociedade em sua teoria sociopsicológica, dando soluções evasivas e, ao fim, não propondo algo definitivo. Contudo, Lamprecht teve como mérito ter acordado no grande público dos historiadores o interesse por questões metodológicas e de ter reiterado a importância dos elementos sociopsicológicos. Resumidamente,

aqui, como a propósito das outras obras teóricas de Lamprecht, é difícil de dizer o que prevalece dos defeitos ou das qualidades. Mas, quando nos damos conta dos defeitos, com a ajuda de um exame crítico, ficamos cada vez mais confortáveis para reconhecer as qualidades e para gostar de seu charme²³⁸ (BERNHEIM, 1905: 139).

Tal artigo não passou despercebido, recebendo uma resposta de Lamprecht (1905) no mesmo ano, na edição de número 30 da RSH. Seu texto de réplica foi

²³⁷ No original: "Lamprecht reconnaît lui-même qu'aux phases inférieures de la civilisation la dépendance de l'individu des conditions de son temps est plus grande que dans les sociétés ayant atteint un degré de développement plus prononcé ; mais même dans les limites de la même période elle varie d'une couche sociale à autre, d'un groupe social à l'autre, elle varie même selon les rapports qui existent entre chaque individu et les différents milieux qui l'entourent, ces rapports dépendant à leur tour du degré d'intérêt qui le relie à ces milieux." (Tradução nossa).

²³⁸ No original: "Ici, comme à propos des autres ouvrages théoriques de Lamprecht, il est difficile de dire ce qui l'emporte des défauts ou des qualités. Mais quand on s'est, à l'aide d'un examen critique, rendu compte des défauts, on est d'autant plus à l'aise pour reconnaître les qualités et pour goûter leur charme." (Tradução nossa).

intitulado *La Science moderne de l'histoire – Quelques mots de réponse*²³⁹ (A ciência moderna da História – Algumas palavras de resposta). Interessante apontar aqui o jogo de palavras feito pelo autor, enquanto a crítica de Bernheim tinha o título de “A ciência histórica moderna”, Lamprecht inverteu-o para formar “A ciência moderna da História”. Este objetivou responder em dois âmbitos, um pessoal e outro concernente a questões teórico-metodológicas. A primeira, a observação pessoal, iniciou com ele se defendendo da acusação de ter copiado as ideias de Comte. De acordo com ele, não poderia ter reproduzido as ideias do filósofo francês já que, quando produziu seu texto, ainda não tinha tido contato com a obra comteana (LAMPRECHT, 1905). Além disso, reconheceu que foi influenciado, posteriormente, não só por esse filósofo como também por Condorcet, Saint-Simon, Herder, Kant e Hegel. Por fim, nesse âmbito, não estaria de acordo de que suas ideias seriam provenientes de uma divisão entre Comte e Hegel, mas que elas estariam no limite de seus próprios pensamentos. A aplicação de certas predisposições psíquicas, determinadas pela característica geral da vida intelectual da Alemanha entre 1870 e 1880, o levaram a formular essa concepção de História. E, se teve alguma similaridade com a obra de Comte, foi porque “ele teve que se envolver em manipulações análogas antes de mim, em circunstâncias análogas, ainda que em um meio nacional diferente”²⁴⁰ (LAMPRECHT, 1905: 258).

Em relação ao aspecto teórico e metodológico de sua obra, Lamprecht (1905) concordou com Bernheim de que a relação entre indivíduo e a massa seria o problema principal da história moderna. Porém, a maneira como se abordaria esse problema deveria ser: “entre a necessidade empírica e a liberdade empírica”²⁴¹ (LAMPRECHT, 1905: 258). Lamprecht (1905) não acreditava ser possível, ainda que feito por sociólogos da época, indicar uma lei fixa e explícita acerca da relação entre o herói e a massa, por isso teria sido precavido e abordado o tema de maneira geral. Para ele, haveria diferentes relações mantidas entre esses dois polos em cada uma das fases da civilização, variando entre um grau maior ou menor de dependência exterior dos indivíduos. Por conta disso, defendeu que para cada época deveria haver uma fórmula particular, não sendo possível resumi-la em poucas palavras

²³⁹ Esse artigo foi traduzido, para a RSH, pelo Dr. S. Jankelevitch.

²⁴⁰ No original: “[...] ce dernier a eu à se livrer avant moi à des manipulations analogues, dans des circonstances analogues, quoique dans un milieu national différent.”. (Tradução nossa).

²⁴¹ No original: “entre la nécessité empirique et la liberté empirique.”. (Tradução nossa).

(LAMPRECHT, 1905). Ao se demandar se haveria uma relação superior e constante entre a massa e o indivíduo, respondeu que

eu [Lamprecht] não conheço esforço mais nobre que o de procurar resolver essa questão. Mas, só vejo um meio de chegar na solução desejada: é o de começar por separar todas as relações particulares, temporárias, isto é, submeter a um estudo aprofundado a história da civilização de todos os povos superiores, desde seu início até seu nível atual, superior, de sua civilização. Restará, em seguida, comparar entre eles todas as relações temporárias, a fim de ver o que eles contêm de comum, e as características comuns, assim separadas, formariam o conteúdo das relações constantes²⁴² (LAMPRECHT, 1905: 259).

Esse seria o objetivo principal a ser respondido pelos historiadores de sua época, acreditava Lamprecht (1905). Seria por conta desse empreendimento laborioso que teria uma dificuldade em chegar a uma conclusão a respeito desse tema e a formular hipóteses, para não correr o risco de ser mal interpretado e ser acusado de obscuridade, como o havia sido no texto de Bernheim (1905).

A partir desses conjuntos de textos, é importante observar como algumas questões em voga na época não estavam restritas somente ao ambiente intelectual francês, como a relação indivíduo e sociedade, que sociólogos e historiadores tentavam resolver. A qual, como apontamos, segue sendo alvo de discussão entre os pesquisadores das ciências humanas até o presente. Para além desse debate, a peleja entre os dois autores sobre quem teria sido o responsável por apresentar de forma mais completa o pensamento comteano na Alemanha revela a marginalidade desses historiadores no campo histórico alemão. Apesar de conhecidos, Lamprecht e Bernheim não tinham capital intelectual suficiente para ter um peso decisivo no campo científico. Lamprecht, como indicou Ringer (2004), era rejeitado pelos seus pares alemães por conta de suas ideias. Bernheim, por sua vez, ficou preso ao seu famoso manual de História, *Lehrbuch der historischen Methode* (Manual do método histórico), de 1889. Contudo, notamos uma circulação, ainda que diminuta, de textos e ideias francesas no ambiente acadêmico alemão. Vemos como Lamprecht sofreu críticas por se apropriar de determinadas ideias da filosofia da história de Comte

²⁴² No original: “Je ne connais pas de plus noble effort que de chercher à résoudre cette question. Mais je ne vois qu'un moyen d'arriver à la solution désirée : c'est de commencer par dégager tous les rapports particuliers, temporaires, c'est-à-dire par soumettre à une étude approfondie l'histoire de la civilisation de tous les peuples supérieurs, depuis leurs débuts jusqu'au degré actuel, supérieur, de leur civilisation. Il resterait, ensuite, à comparer entre eux tous les rapports temporaires, afin de voir ce qu'ils renferment de commun, et les caractères communs ainsi dégagés formeraient le contenu des rapports constants.”. (Tradução nossa).

(BERNHEIM, 1905; RINGER, 2004). Além disso, é importante apontar que o periódico de Berr esteve aberto a publicações estrangeiras, como esse debate entre historiadores alemães. Ainda, havia o interesse de traduzir esses textos para a língua francesa, apesar de um orgulho nacional francês e a rivalidade entre os dois países, motivado entre outros pela Guerra Franco-Prussiana de 1870-1871 (BOILLOT, 2006). O criador da RSH teve uma relação de idas e vindas com seus pares da Alemanha, mas de forma geral, sempre buscou manter uma proximidade e estar discutindo suas obras (BOILLOT, 2006; SCHÖTTLER, 1996).

4.4 UM BREVE CONTRAPONTO: UMA PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DA FILOSOFIA DA HISTÓRIA

Em Londres, entre 3 e 9 de abril de 1913, ocorreu o 3º Congresso Internacional de História, que contou com a presença de alguns pesquisadores franceses, dentre eles, Paul Masson-Oursel (1882 – 1956). Esse *agrégé* de Filosofia²⁴³, que conquistou o 7º lugar nesse concurso, realizou uma fala no evento. Intitulada *Synthèse Historique et Philosophie de l'Histoire* (Síntese Histórica e Filosofia da História), propôs uma espécie de reabilitação da Filosofia da História. Essa corrente teórica estava sofrendo críticas, desde o início do século, dentre as quais podemos destacar as do próprio criador da RSH. Henri Berr (1946 [1911]) defendia que a Filosofia da História falseava a História como ciência. De acordo com o próprio Masson-Oursel, suas influências eram diversas. Na área da Filosofia, destacou Henri Bergson; em Psicologia, Paul Janet; e em Sociologia, Émile Durkheim e Marcel Mauss (LACOMBE, O., 1956).

Em sua fala, reproduzida integralmente na edição de número 78 da RSH, Masson-Oursel (1913) criticou a necessidade de os historiadores utilizarem um método rigoroso, inculcado por um espírito positivo. De acordo com ele,

o espírito positivo nos inculcou essa convicção, que para fazer não mais o romance, mas a ciência exata da humanidade, é preciso primeiro confessar nossa ignorância em tudo em que nossa ingenuidade acreditava compreender, depois, nos dedicar a uma imensa empreitada coletiva, paciente, escrupulosa, metódica, de informação sempre imparcial, pouco a pouco menos incompleta. A verdade histórica estará no limite desse processo sem fim, mas ao longo do qual ele é possível de progredir, com o sentimento que a despeito dos problemas novos constantemente

²⁴³ Para mais informações sobre o autor, conferir a Tabela Biográfica em Anexo.

levantados, nós constantemente sabemos mais²⁴⁴ (MASSON-OURSEL, 1913: 283).

O objetivo desse filósofo seria, então, pesquisar se haveria um meio de tornar a Filosofia da História positiva, mas mantendo sua parte filosófica. Masson-Oursel (1913) rejeitou o simplismo com que outros filósofos da História tratavam essa disciplina e a forma com que eles explicavam todos os fatos humanos a partir de um pequeno número de princípios. Por conta da amplitude da História, acreditava ele, seu estudo deveria ter alguma forma de especialização, no qual focasse em uma região. A partir disso, comentou que a ideia de causa, na forma com que ela era tratada pelos historiadores, como Seignobos, seria obscura, na qual a inteligibilidade da História recairia em descrever as coincidências ou encadeamentos das séries históricas (MASSON-OURSEL, 1913). Tal debate, acerca da causalidade em História, estava em voga nesse momento, sendo recorrente não só na RSH, mas em outras instâncias. Esse filósofo também defendeu a possibilidade de encontrar leis históricas, mas, novamente, não da maneira indicada por alguns historiadores. Segundo ele, ao dar certa generalidade às leis históricas, ilustrada pelo estudo comparado de civilizações diversas, nos daríamos conta dos fatos históricos, mas sairíamos do escopo da História. O mesmo ocorreria com os eventos explicados a partir de leis sociológicas válidas para toda a humanidade, apesar de ser bem fundamentada, seria estranha à História (MASSON-OURSEL, 1913). Tal visão estaria próxima daquela que os sociólogos durkheimianos tinham da História e de sua relação com a Sociologia. Esses acreditavam que a História estaria demasiada apegada a sociedades e épocas determinadas, nas condições particulares dessas, focando naquilo que as distinguiria (FAUCONNET & MAUSS, 2005 [1901]).

Masson-Oursel (1913), então, continuou seu exame acerca da História, a qual havia desistido de ser uma Filosofia, mas que nem por isso tinha se tornado uma ciência. Para ele, só seria uma ciência os estudos que comportassem leis próprias. Apesar da História estudar a autenticidade dos fatos, isso não lhe permitiria propor

²⁴⁴ No original: “[...] l’esprit positif nous a inculqué cette conviction, que pour faire non plus le roman, mais la science exacte de l’humanité, il faut d’abord confesser notre ignorance en tout ce que notre naïveté croyait comprendre, puis nous vouer à une immense entreprise collective, patiente, scrupuleuse, méthodique, d’information toujours plus impartiale, peu à peu moins incomplète. La vérité historique serait à la limite de ce processus sans fin, mais le long duquel il est possible de progresser, avec le sentiment qu’en dépit des problèmes nouveaux sans cesse soulevés, on connaît sans cesse davantage.”. (Tradução nossa).

leis, ela somente tentaria compreender os meandros que possibilitariam essas leis, as características contingentes dela. Por conta disso, ela não teria uma função de ciência, o que não significava que essa disciplina deveria ser depreciada, já que seria a partir dela que podemos conhecer a humanidade (MASSON-OURSEL, 1913). Com isso, esse filósofo francês acreditava que a História não precisava ser justificada, que ela mostraria sua validade a partir de suas conquistas. Masson-Oursel (1913) queria estabelecer que a síntese histórica não seria feita pela História, além de criticar duas visões recorrentes acerca dela. A primeira, a qual denominou de “cientificista”, seria defendida por eruditos positivos que objetivariam alcançar a síntese científica, mas que estariam sempre pautando seus conhecimentos a partir das ciências naturais. A segunda, indicado como “historismo”, seria menos defensável que a outra, pois seria um dogmatismo ingênuo que realizaria sistematizações apressadas. Ambas visões estariam equivocadas porque a História, diferentemente da ciência, não poderia indicar leis que estariam presentes nos dados históricos (MASSON-OURSEL, 1913).

Por conta dessas características da História, Masson-Oursel (1913) indicou que, em certas condições, haveria um lugar para a Filosofia da História. Ela não deveria ser uma generalização pseudo-histórica, para não cair no mesmo erro que o historismo, assim como o evolucionismo teria sido uma generalização pseudocientífica. Para tanto, a síntese histórica deveria ser realizada em um plano outro que a História, como a Filosofia ou a Sociologia. Segundo o filósofo francês,

quando nós afirmamos, assim, que a filosofia da história deve ser uma metafísica, nós não queremos nem humilhá-la, nem exaltá-la: ela não poderia ser outra coisa, pois ela não é nem uma história – pois ela é sintética –, nem uma ciência – pois ela é mais relativa à atividade do espírito que ao registro das leis fenomenais²⁴⁵ (MASSON-OURSEL, 1913: 289)

Para tanto, a Filosofia da História poderia se basear em um método positivo, através de um estudo sistematicamente comparativo, resultando em uma teoria comparada das civilizações, a qual seria a verdadeira síntese da História e que teria um igual valor tanto para o historiador quanto para o filósofo (MASSON-OURSEL, 1913). De acordo com Olivier Lacombe (1956), essa seria uma das contribuições

²⁴⁵ No original: “Quand nous affirmons ainsi que la philosophie de l’histoire doit être une métaphysique, nous ne songeons ni à l’humilier, ni à l’exalter : elle ne saurait être autre chose, puisqu’elle n’est ni une histoire – car elle est synthétique – ni une science – car elle est plus relative à l’activité de l’esprit qu’à l’enregistrement des lois phénoménales.”. (Tradução nossa).

mais importantes de Masson-Oursel, o estudo da metafísica através de um método positivo, servindo-se da comparação como instrumento. Além disso, de acordo com Lacombe (1956), a comparação pareceria capaz, para o filósofo francês, de mostrar o que era essencial e universalmente válido para o espírito humano. Segundo Masson-Oursel (1913), a comparação não poderia estar restrita a um evento único no espaço ou no tempo,

mas é uma obra que abarca o campo inteiro da história; é do maior interesse confrontar a ideia que um povo teve dele mesmo e de sua tarefa, isto é, sua filosofia da história, com os eventos que provocaram, guardaram, incarnaram ou cruelmente negaram essa ideia, isto é, com a história desse povo²⁴⁶ (MASSON-OURSEL, 1913: 290).

Contudo, essa Filosofia da História não poderia incorrer no erro de seus proponentes anteriores, como sendo eterna ou impessoal, ela deveria ser relativa para cada época e para cada povo, pois exprimiria suas crenças íntimas. Por conta disso, não seria uma improvisação ocasional feita por algum poeta lírico da História, mas sim uma aspiração coletiva, uma inspiração emanada da coletividade. Ela responderia, por fim, às necessidades espirituais, tão necessárias pelas sociedades europeias que, para Masson-Oursel (1913), passavam por uma crise moral e social.

A proposta de um método comparativo como forma positiva da Filosofia da História, pode ser visto como uma influência, ainda que parcial, dos sociólogos durkheimianos. Esses acreditavam que os historiadores teriam medo e desconfiança de toda comparação e generalização, por isso focariam nos fatos únicos e contingentes. Para Paul Fauconnet e Marcel Mauss (2005 [1901]), a história comparada das religiões seria um exemplo positivo para que a História deixasse sua visão limitada dos acontecimentos sociais. Para o criador da RSH (1946 [1911]), a comparação realizada pelos sociólogos durkheimianos, das quais deduziriam leis, seria distinta da síntese histórica. Além disso, retomando as discussões acerca da Filosofia da História, Henri Berr criticou o ponto de vista defendido por Masson-Oursel. Em um breve comentário publicado antes do texto desse filósofo, Berr afirmou que

a filosofia da história é, para nós, algo de obsoleto ao qual é preciso substituir pela síntese científica: o Sr. Masson-Oursel estima que a síntese

²⁴⁶ No original: “Mais c’est une œuvre qui embrasse le champ entier de l’histoire ; il est du plus grand intérêt de confronter l’idée qu’un peuple a eue de lui-même et de sa tâche, c’est-à-dire sa philosophie de l’histoire, avec les événements qui ont provoqué, entreteenu, incarné ou cruellement démenti cette idée, c’est-à-dire avec l’histoire de ce peuple.”. (Tradução nossa).

em história só pode ser feita pela filosofia. O que nós retemos de suas indicações é o interesse pela história dessas grandes criações religiosas, filosóficas, literárias, onde se exprime a psicologia dos povos e das épocas e que contém, ao mesmo tempo, os princípios de ação, interpretações do passado. Mas, nós cremos que há outra coisa a desejar hoje, do ponto de vista da ciência, que as produções desse gênero²⁴⁷ (BERR apud MASSON-OURSSEL, 1913: 282).

Tal crítica da Filosofia da História já estava presente em sua obra publicada alguns anos antes desse texto, em 1911. Para ele, essa seria contestável, enquanto a síntese científica, sua proposta, seria legítima. Em seu livro, Berr (1946 [1911]) colocou que um de seus objetivos era o de opor a síntese histórica à Filosofia da História, proposta contrária que encontramos no texto de Paul Masson-Oursel (1913). Berr concordava com o filósofo francês no ponto acerca das generalizações. Mas, para ele, a História deveria tentar propor leis a partir dessa ferramenta metodológica. Por conta disso, alguns elementos da Filosofia da História poderiam ser aproveitados, mas de forma a contribuir para a realização da síntese científica. Assim, a tentativa de Masson-Oursel, como um filósofo, de tentar reabilitar a Filosofia da História, com algumas modificações, não seria estranha ao momento em que essa discussão apareceu. É possível enxergar tal proposta como uma defesa de uma disciplina já consolidada no sistema de ensino e pesquisa francês, contra o crescimento e o fortalecimento de uma visão da História como ciência.

* * *

A partir das fontes analisadas, a saber, os artigos publicados na *Revue de synthèse historique*, podemos perceber algumas questões que estavam em voga no início do século XX. Cada pesquisador propôs suas próprias abordagens para diferentes temas que estavam sendo discutidos nesse momento, como a relação entre História e Sociologia, a proposta de um método comparativo e o conceito de causa em História, para citarmos alguns. Além disso, essas discussões não estavam restritas a somente um país ou a uma disciplina, já que houve contribuições de

²⁴⁷ No original: “La philosophie de l’histoire, pour nous, est quelque chose de périmé à quoi il faut substituer la synthèse scientifique : M. Masson-Oursel estime que la synthèse en histoire ne peut être faite que par la philosophie. Ce que nous retenons de ses indications, c’est l’intérêt pour l’historien de ces grandes créations religieuses, philosophiques, littéraires, où s’exprime la psychologie des peuples et des époques et qui renferment, en même temps que des principes d’action, des interprétations du passé. Mais nous croyons qu’il y a autre chose à souhaiter aujourd’hui, du point de vue de la science que des productions de ce genre.”. (Tradução nossa).

professores franceses e alemães e o debate engendrou tomadas de posições de filósofos, historiadores e sociólogos.

A relação entre indivíduo e sociedade foi um tema bastante prolífico para discussões. Henrich Rickert (1901) deu uma preferência, no estudo histórico, aos indivíduos e aos eventos singulares, porém acreditava que haveria questões universais, como ele denominou, que influenciariam esses estudos (RICKERT, 1901; RINGER, 2004). Por sua vez, o historiador francês Paul Lacombe (1901b) discordou dessas propostas do historiador alemão. Para ele, a História seria composta por similitudes abstraídas da realidade e de sucessões mais ou menos constantes. Ou seja, diferentemente de Rickert, Lacombe apontava um caráter mais generalista para o estudo histórico. Apesar dessas diferenças, ambos rejeitavam o que denominaram de história *historizante* e tradicional. E, ademais, acreditavam que a História deveria ter seus métodos próprios e não tentar aplicar os métodos das ciências da natureza em seus estudos, apesar de poder se inspirar em uma ou outra questão. Para além da História estudar os indivíduos ou aspectos mais gerais, ambos também entendiam que, em alguma medida, essa pesquisa deveria levar em conta as causas. Esse debate pode ser visto como um dos pontos centrais nas discussões acerca da História nesse começo do século XX.

Além dos artigos de A.-D. Xénopol (1904a; 1904b; 1913) e do livro de Henri Berr (1946 [1911]), outros autores também discutiram sobre esse conceito e sobre como ele deveria aparecer nos estudos da História. Um dos aspectos da polêmica engendrada pelos pesquisadores François Simiand e Charles Seignobos girou em torno daquele conceito. Para Simiand (1903), a causa de um fenômeno seria um fenômeno anterior e a ligação causal deveria ser examinada a partir de dois fenômenos de mesma ordem, pois implicariam em uma relação estável, ou seja, em uma lei. Xénopol (1904b) discordou dessa proposta, principalmente por acreditar que a História seria uma ciência dos fatos de sucessão, ou seja, não teria leis, mas séries históricas. Por sua vez, Henri Berr (1946 [1911]) também colocou o estudo da causalidade como central em sua obra, indicando três elementos que fariam parte da causa, a saber, a *contingência*, a *necessidade* e a *lógica*. Por conta da amplitude desse conceito em História, tais pesquisadores propuseram, em diferentes medidas, uma aproximação dessa ciência com uma outra, mais recente, a Sociologia.

O historiador Xénopol (1900) rejeitou tal relação, chegando inclusive a utilizar a alcunha de sociólogo de modo depreciativo contra Paul Lacombe. Esse foi o

mesmo posicionamento de Rickert, que criticou os pesquisadores que se aproximavam da Sociologia para dar uma prioridade ao aspecto social e geral na História. Já François Simiand (1903), próximo de Durkheim, inverteu as posições e colocou a Sociologia como uma ciência mais abrangente, enquanto a História seria uma disciplina que poderia auxiliar a outra com o seu método histórico. Henri Berr (1946 [1911]), com sua proposta de síntese histórica, colocou a Sociologia como uma disciplina auxiliar da História, principalmente na parte do estudo da *necessidade* na causalidade histórica. Porém, longe de colocar as Ciências Sociais como uma disciplina inferior, propôs uma espécie de federação das ciências (GATTINARA, 1996). Charles Seignobos (1901), em seu livro, reduziu o papel da Sociologia para o mero estudo da questão econômica e indicou a História como tendo um papel mais abrangente nas Ciências Humanas. Visão diferente de Paul Mantoux (1903), que tinha a Sociologia como uma ciência, que deveria se inspirar na linguística, e a História como uma auxiliar daquela, através do seu método de pesquisa de fontes.

Em relação ao método, também houve momentos de convergência entre dois autores diferentes. Karl Lamprecht (1900) e Paul Masson-Oursel (1913), cada um à sua maneira, propuseram que se realizassem comparações no estudo da História. Lamprecht acreditava que ao realizarmos uma comparação poderíamos notar momentos idênticos em séries de fatos independentes, ainda que em contextos históricos diferentes. Por sua vez, Paul Masson-Oursel (1913), filósofo francês, propôs um tipo de filosofia comparada, que poderia ser aplicada à História, já que essa não seria uma ciência, mas uma Filosofia da História. Por fim, de acordo com Henri Berr (1902), o historiador francês Charles Seignobos também teve seu mérito nessa questão de história comparada.

Assim, podemos notar como diversas questões eram objetos de preocupação desses pesquisadores no início do século XX, apesar de cada um propor diferentes resoluções para elas. Vemos como eles também se preocupavam em marcar posições em defesa de variadas disciplinas, como François Simiand e Paul Mantoux com a Sociologia, ou Lamprecht, Seignobos, Xénopol e Berr com a História e Masson-Oursel com a Filosofia. Tais discussões não se restringiam a barreiras geográficas e/ou linguísticas, já que os textos eram traduzidos e discutidos em países diferentes. Também não se limitavam a suas áreas de origem, já que a RSH serviu como um abrigo para que diferentes disciplinas pudessem discutir teorias e

metodologias diferentes que tinham ressonâncias em ciências próximas. Outra semelhança nestes textos foi uma crítica generalizada à uma historiografia tida como *historizante* ou *tradicional*. Mesmo em casos como o de Seignobos, muitas vezes sendo rotulado como um historiador metódico, ele chegou a propor aspectos novos, como o estudo de uma história social e de uma história econômica. Ou também no caso de Paul Masson-Oursel que propôs uma reabilitação da Filosofia da História, mas afastada das filosofias precedentes que eram generalizantes. Com isso, percebemos como a RSH teve um papel importante nesse momento da historiografia, pois abrigou as mais diversas discussões e debates de maneira a acolher diferentes posições.

Contudo, apesar dessas propostas, até certo ponto inovadoras, a maior parte destes pesquisadores não tinha, nesse momento, posições de destaque dentro do sistema de ensino e pesquisa. Portanto, teriam pouco peso nas discussões que estavam ocorrendo. Dos pesquisadores apresentados nesse capítulo, podemos colocar Paul Lacombe, historiador francês, como um autor central nesse contexto, por estar em final de carreira e, através disso, ter tido posições de maior destaque. Entretanto, também não logrou uma colocação de peso, como uma universidade parisiense lhe proporcionaria. O caso de Heinrich Rickert e de François Simiand, por sua vez, são diferentes. Ambos se tornaram autores importantes dentro de campo intelectual alemão e francês, respectivamente. Mas, no momento da publicação de seus textos, ainda estavam, relativamente, em início de carreira. Rickert, com seu texto de 1901, estava como professor da Universidade de Freiburg havia sete anos. Simiand, por seu turno, apesar de possuir credenciais que o colocavam com destaque em sua carreira, seu 1º lugar na *agrégation* em Filosofia e sua passagem pela ENS, ainda não havia consolidado seu nome. Apesar disso, suas falas na Sociedade francesa de filosofia foram suficientes para suscitar um debate com o já consagrado historiador, Charles Seignobos. Caso parecido com o de Paul Masson-Oursel, filósofo ainda jovem e que ainda não havia conquistado seu posto na EPHE, instituição de ensino e pesquisa parisiense.

No caso de Lamprecht e Bernheim, pesquisadores alemães, ambos tinham posições marginais dentro do campo intelectual alemão, apesar de serem conhecidos na área de História, dentro e fora da Alemanha. O mesmo se passou com Xénopol, historiador romeno, que contava com uma posição de relativo destaque dentro de seu país, mas que dentro do campo intelectual francês não tinha

peso, mobilizando seu parco capital intelectual em discussões dentro da RSH, defendendo posições tidas como antiquadas por outros pesquisadores franceses, como sua defesa da superioridade racial branca ou mesmo sua visão acerca da História.

Assim, pode se dizer que o objetivo da RSH em se tornar uma plataforma de destaque para as discussões e os debates sobre a Teoria e Metodologia da História se cumpriu. Como visto, a revista abrigou textos de diversos pesquisadores que discorreram acerca de diversas temáticas que, em última instância, estavam relacionadas com o objetivo do periódico. Contudo, como apontado, estes pesquisadores ou eram marginais dentro do campo intelectual, contando com pouca capital intelectual, ou ainda estavam em início de carreira, também não contando ainda com posições de destaque dentro do campo intelectual, caso de Rickert e Simiand, principalmente. Com isso, a própria posição da RSH dentro do campo intelectual também era incipiente, sendo uma revista nova que estava tentando se estabelecer como local privilegiado para discussões na área da Teoria e Metodologia da História.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *Revue de synthèse historique*, criada e dirigida por Henri Berr, completou seus quatorze anos iniciais com um relativo sucesso. Sua faceta positiva é a seguinte: além de conseguir se manter, logrou arregimentar diversos pesquisadores para que ali publicassem suas impressões acerca, principalmente, da História. Composta majoritariamente por textos de pesquisadores franceses, esses não foram os únicos a frequentar tal periódico, estando presentes, também, investigadores de outras nacionalidades. Sua faceta negativa é, contudo, a seguinte: o objetivo inicial do criador dessa revista, qual seja, servir como plataforma para discussões e debates acerca do tema da Teoria e Metodologia da História, realizou-se apenas parcialmente. Parcialmente, pois acreditamos que os pesquisadores que ali debateram não tinham tanto peso no campo científico da História e não contavam com um forte capital científico, permanecendo como marginais no sistema de ensino e pesquisa. Por marginais, entendemos que esses seriam os que se encontrariam em uma posição de dominados dentro de um campo, conforme afirmou Pierre Bourdieu (1983: 136-137):

em todo campo se põem, com forças mais ou menos desiguais segundo a estrutura da distribuição do capital no campo (grau de homogeneidade), os dominantes, ocupando as posições mais altas na estrutura de distribuição de capital científico, e os dominados, isto é, os novatos, que possuem um capital científico tanto mais importante quanto maior a importância dos recursos científicos acumulados no campo.

Assim, esses pesquisadores marginais (dominados), através de movimentações, como publicações em revistas científicas, por exemplo, buscariam remediar essas posições, disputando tanto um melhor lugar dentro do campo quanto mais capital científico. As estratégias de ação divergiriam entre os dominantes e os dominados, pois os primeiros teriam posições mais conservadoras, “visando assegurar a perpetuação da ordem científica estabelecida com a qual compactuam” (BOURDIEU, 1983: 137). Por sua vez, os dominados teriam diferentes estratégias, tentando construir uma carreira previsível, através de uma sucessão, ou teriam uma atitude de subverter o campo, através de investimentos mais arriscados (BOURDIEU, 1983).

A figura de Henri Berr, mais especificamente, foi tomada como a de um pesquisador com algumas ideias boas, mas que não conseguiu ser bem-sucedido

por não ter formado um grupo coeso e homogêneo que as aplicasse, com exceção de alguns *habitués* da RSH, como Paul Lacombe e Abel Rey²⁴⁸. Contudo, Jacques Revel (1996) argumentou que teria havido, ao longo da vida do criador da RSH, um *momento Berr*, que não só se inseriu no debate francês desse contexto, como também ajudou a organizá-lo, através dos seus projetos. Assim, esse *momento* seria caracterizado pela promoção de políticas científicas por Henri Berr. Revel (1996) também defendeu, e concordamos com ele, de que o sucesso intelectual mais visível de Henri Berr se deu nessa primeira quinzena do século XX, com a criação da RSH, de sua inserção como pesquisador nos debates e da publicação de sua obra organizadora de seu pensamento.

Em um momento em que as pesquisas, principalmente na área de História, como argumentou Noiriel (1990), estavam se especializando, Berr nadou no sentido contrário à correnteza, criando empreendimentos intelectuais que visavam a cooperação das mais diversas áreas das Ciências Humanas, através de uma visão mais geral da História. Mas não só. Sua obra principal, no começo do século XX, *A Síntese em História* (1946 [1911]), também caminhou na direção de propor uma *federação das ciências*, como indicou Gattinara (1996). Seu livro buscou reunir, sob o guarda-chuva da *síntese histórica*, elementos metodológicos da História – como as ideias de Paul Lacombe e de Charles Seignobos –, da Sociologia – indo dos sociólogos durkheimianos, como Émile Durkheim e François Simiand, para as teorias de Gabriel Tarde –, e da Filosofia – tomando ideias de Henri Bergson, Émile Boutroux e Edmond Goblot, para citar alguns. A partir dessa junção, Berr apresentou tentativas de conversas entre as disciplinas. Sua ideia de síntese científica, ou síntese histórica, é, nesse sentido, representativa de seus empreendimentos científicos. Como todo o projeto de Berr, suas proposições apresentavam um sincretismo. “O projeto filosófico de Berr não é somente eclético, ele mistura gêneros que eram tradicionalmente separados”²⁴⁹ (REVEL, 1996: 161).

Além disso, a síntese histórica, construída por Berr, teria o objetivo de elevar a dignidade da História, assegurando para ela uma posição como ciência. Assim, seus esforços científicos – a RSH, a coleção editorial e o Centro Internacional de

²⁴⁸ Essa posição de que Henri Berr fracassou por não ter constituído um grupo de pesquisa, organizado ao seu redor, pode ser encontrada em Guy Bourdè e Hervé Martin (1990) e François Dosse (1992).

²⁴⁹ No original: “Le projet philosophique de Berr n'est pas seulement éclectique, il mêle des genres qui étaient traditionnellement séparés”. (Tradução nossa).

Síntese – buscaram alcançar uma espécie de *interciência*, como proposto por Gemelli (1987), ou seja, um agrupamento de ciências sem uma pretensa hierarquia entre elas. Henri Berr, como visto no capítulo 2, desde seu doutorado e retomado em seu livro de 1911, defendia uma ideia do estudo da História como o estudo da vida. Para ele, a ciência, pelo menos as Ciências Humanas, seria a História, por isso uma síntese histórica. Contudo, apesar dessa noção de ciência como História, também concordamos com a proposta de Gattinara (1996), de que Berr propôs uma *federação das ciências*, apesar de dar uma preferência para os estudos históricos, como mostram o título de sua revista e suas proposições teóricas.

A *Revue de synthèse historique* não escapou dessa característica principal de Henri Berr: a abertura para diferentes propostas teórico-metodológicas. O que vemos na RSH, principalmente a partir dos levantamentos quantitativos apresentados no capítulo 1, é que ela foi criada com um objetivo, o de servir como espaço de debates em Teoria e Metodologia da História, o qual foi alcançado nos anos iniciais de sua publicação. No entanto, por não ter tido os capitais suficientes para impor sua ideia aos outros pesquisadores da época, Berr não logrou que sua ideia de *síntese histórica* fosse amplamente adotada. Porém, logrou criar empreendimentos científicos importantes ao longo de sua vida, outra forma de conquistar capitais científicos.

Em seu escrito comemorativo dos dez anos iniciais da revista, defendeu que todos seus objetivos foram cumpridos. Para Berr, “a Revista foi internacional: os diversos teóricos – tanto estrangeiros quanto franceses – não somente foram estudados e discutidos na Revista, mas aqui resumiram suas doutrinas e discutiram entre eles”²⁵⁰ (BERR, 1910: 5). Como levantado nos capítulos 3 e 4, percebemos que de fato ocorreram diversas discussões teórico-metodológicas na revista. Por sua vez, um posicionamento *berriano* de forma mais definitiva se deu apenas com a publicação de seu livro em 1911, tendo pouco contribuído com textos para a RSH. Além disso, o sucesso da revista mostrou até para os que duvidaram dela publicamente, como Charles-Victor Langlois. De acordo com Berr, “quando a Revista começava a aparecer, o Sr. Ch.-V. Langlois publicava o primeiro fascículo de seu *Manual de Bibliografia histórica* (1901). Após ter resumido nosso programa, ele

²⁵⁰ No original: “[...] la *Revue* a été internationale: les théoriciens divers, - aussi bien étrangers que français, - non seulement ont été étudiés et discutés dans la *Revue*, mais y ont résumé leurs doctrines et les y ont discutées entre eux”. (Tradução nossa).

concluiu, não sem desconfiança: ‘Nós veremos’. O Sr. Langois viu”²⁵¹ (BERR, 1910: 13). Essa resposta serviria até para a carta de Marcel Mauss a Henri Hubert, em que afirmou que essa era uma revista a que não desejavam a morte, mas também não desejavam o sucesso²⁵². O sucesso e o caráter livre da RSH também foram apontados por Revel (1996),

[...] tudo atesta que a *Revue de synthèse historique* foi, desde os seus primeiros anos, capaz de reunir participações numerosas e diversas. Trata-se, afinal, de uma iniciativa individual e quase privada, que não dispunha, no começo, de nenhuma forte legitimação institucional nem científica, que não se referia a nenhuma ortodoxia conhecida ou reconhecível²⁵³ (REVEL, 1996: 164).

Apesar desse compreensivo otimismo de Henri Berr, entendemos que a RSH teve sucesso, porém, parcial. Defendemos tal perspectiva por conta de alguns fatores. Sucesso, porque os temas debatidos na RSH são, ainda contemporaneamente, alvos de discussão não só na historiografia mundial, mas em outras áreas das Ciências Humanas. A relação entre *indivíduo* e *sociedade*, ou entre *particular* e *geral* – o qual também apareceu nos textos como *universal* – geram debates e tomadas de posição diversas entre os pesquisadores. A partir disso, temos que os pesquisadores que publicaram suas visões nesses primeiros quatorze anos do século XX estavam discutindo conceitos centrais na disciplina histórica. Ademais, não eram positivistas ou metódicos como frequentemente uma historiografia pós-*Annales* os enxergou²⁵⁴.

Os debates que selecionamos neste processo investigativo, sobretudo os apresentados nos capítulos 2, 3 e 4, revelam a abrangência desses pesquisadores, os quais mobilizavam temáticas ou exemplos não só da História, mas também da Filosofia e da Sociologia, como nos textos de Lacombe (1900; 1901a; 1901b), Simiand (1903), Xénopol (1900; 1901; 1904a; 1904b; 1913). Nesse sentido, a revista

²⁵¹ No original: “Au moment où la *Revue* commençait à paraître, M. Ch.-V. Langlois publiait le premier fascicule de son *Manuel de Bibliographie historique* (1901). Après avoir résumé notre programme, il concluait, non sans méfiance : « Nous verrons bien ». M. Langlois a vu”. (Tradução nossa).

²⁵² Conferir no capítulo 1, subitem 1.2.3.

²⁵³ No original: “tout atteste que la *Revue de synthèse historique* a été, dès ses premières années, capable de rassembler des participations tout à la fois nombreuses et diversifiées. Il s'agit, après tout, d'une initiative individuelle et quasi privée, qui ne disposait au départ d'aucune légitimité institutionnelle ni scientifique forte, qui ne se referait a aucune orthodoxie connue ou reconnaissable.”. (Tradução nossa).

²⁵⁴ Usualmente, dentro de uma historiografia francesa influenciada pelos *Annales*, os historiadores da virada do século XIX para o século XX eram tidos como “positivistas” ou “metódicos”. Cf. Guy Bourdê e Hervé Martin (1990); Burke (1991); François Dosse (1992); Carlos Antonio Aguirre Rojas (2000).

teve sucesso em servir como abrigo para que tais debates fossem realizados. Importante ressaltar que as revistas, como abordou Bourdieu (1983), também atuavam como agentes dentro do campo científico. De acordo com ele,

além das instâncias especificamente encarregadas da consagração (academias, prêmios etc.), ele [o campo] compreende ainda as revistas científicas que, pela seleção que operam em função de critérios dominantes, consagram produções conformes aos princípios da ciência oficial, oferecendo, assim, continuamente, o exemplo do que merece o nome de ciências, e exercendo uma censura de fato sobre as produções heréticas, seja rejeitando-as expressamente ou desencorajando simplesmente a intenção de publicar pela definição do publicável que elas propõem.

Assim, nesse momento, a RSH também tinha um papel e uma posição dentro do campo científico da História. Dentro da sua agência e das escolhas de seu criador, o periódico optou por acolher os mais diversos textos historiográficos, apesar de que com o objetivo de focar nos de Teoria e Metodologia da História. Com isso, conforme apontamos anteriormente, tal sucesso foi parcial por conta da posição dos intelectuais que movimentaram a revista. No caso específico dos autores selecionados como fontes, a maior parte tinha posição frágil dentro do campo intelectual francês, a qual tentavam, ou não, remediar através de diferentes movimentações e apostas. Embora muitos tivessem uma formação importante, como apontado no capítulo 1, frequentando a ENS e/ou tendo obtido sucesso no concurso de *agrégation*, eles ocupavam postos marginais/dominados dentro da França. Entre os estrangeiros, vários não tinham vagas nos importantes centros, como no caso do historiador romeno, A.-D. Xénopol. Dentre as exceções relativas, pontuamos o caso do filósofo Heinrich Rickert, o qual, na época de suas publicações, ainda tinha uma posição relativamente marginal, mas que por sua trajetória já denotavam um sucesso inicial. Mesmo no caso de Henri Berr, que embora tivesse uma boa posição no momento da criação da revista - como professor de um importante liceu parisiense, o *Henri IV* -, consolidou-a apenas mais tardiamente, quando lançou seus outros empreendimentos intelectuais de sucesso, como a coleção *L'Évolution de l'Humanité* e o *Centre International de Synthèse*. A posição relativamente frágil de Berr pode ser melhor compreendida quando lembramos de suas duas tentativas frustradas de ser eleito ao *Collège de France* (GEMELLI, 1987).

O caso de Simiand também é digno de nota. Ele conseguiu posições estáveis e privilegiadas após a 1ª Guerra Mundial, como professor na *École des Arts et Métiers* e na EPHE. No final da sua vida, logrou a coroação como professor no

Collège de France. Entretanto, ainda jovem, quando publicou seu texto na RSH, já conseguiu impor debates com figuras importantes dentro do campo, como Charles Seignobos. Através de uma estratégia de subversão, Simiand defendeu pautar o debate da *causa* a partir da Sociologia, e não da História. Além disso, conforme sugeriu Jacques Revel (1996), Simiand teria escolhido a RSH justamente por essa estar mais aberta a diversas discussões de jovens pesquisadores. Essa característica marcante da RSH, de dar oportunidade a uma pluralidade de temas historiográficos, também é notável a partir da contribuição de dois outros historiadores, Lucien Febvre e Marc Bloch. Ambos encontraram na RSH um espaço que os possibilitou a publicação de seus trabalhos iniciais. No caso de Febvre, Berr o tomou como um pupilo, incluindo-o em posições de destaque em seus empreendimentos científicos, como chefe de seção no Centro Internacional de Síntese, e abrindo a RSH para a publicação de seus primeiros trabalhos de fôlego, como o conjunto de artigos sobre *Franche-Comté* (FEBVRE, 1905), na seção *Les régions de la France* (GEMELLI, 1987; MÜLLER, 1996). Bloch também publicou nessa seção, com textos sobre a *Île-de-France* (BLOCH, 1912; BLOCH, 1913). Além disso, Febvre e Bloch contribuíram na coleção *L'Évolution de l'Humanité*, tendo cada um escrito uma obra. Assim, essas duas jovens promessas, estudantes do *Louis-le-Grand*, normalianos e *agrégés*, tiveram na RSH um local onde puderam publicar suas contribuições historiográficas iniciais, para depois fundarem seu próprio projeto, os *Annales*. Ressaltamos, assim, o sucesso parcial do periódico, em acolher e propiciar um local fértil de debates, mas que não gerou um engajamento de figuras de peso dentro do campo científico da História, pelo menos não nesses primeiros anos do século XX. Contudo, também é importante levar em conta o fator da idade. Bloch e Febvre eram novos nesse contexto, mas já contavam com credenciais importantes: *normalianos*, filhos de professores e com uma ampla rede de sociabilidade no sistema de ensino e pesquisa francês. Com isso, quando usamos a categoria *marginal*, é importante levar em conta o aspecto temporal, já que poderiam ser dominados no começo de suas carreiras, mas logo passaram a ser dominantes em seus campos.

Assim, entendendo que o campo científico “é, num certo sentido, um mundo social como os outros e, à semelhança do campo econômico, conhece relações de força e lutas de interesses, coalizões e monopólios, e até imperialismos e nacionalismos” (BOURDIEU, 2002: 144), vemos como estes pesquisadores estavam

lutando por melhores posições. Henri Berr, através dos seus empreendimentos intelectuais diversos, buscou se fortalecer dentro desse espaço, já que não conseguiu fazer com que sua teoria fosse amplamente aceita pelos seus pares. Além disso, vemos, assim como Revel (1996), que nesse primeiro momento, Berr atuou de forma mais ativa como pesquisador, enquanto depois da 1ª Guerra Mundial ele se dedicou mais aos seus empreendimentos científicos. De acordo com ele,

o momento Berr terminou com a Primeira Guerra Mundial? É verdade que seu grande livro é de 1911, que a concepção e o plano de sua coleção “*L'Évolution de l'humanité*” foram interrompidas antes de 1914; também é verdade que as criações institucionais mais importantes, as mais visíveis também, vieram nos anos 20 com o Centro de Síntese, a Fundação, as Semanas – e que nada nos obriga a pensar que o tempo de crescimento institucional é necessariamente o de um declínio do pensamento²⁵⁵ (REVEL, 1996: 172).

A partir disso, podemos ver, nesse período, o momento de produção intelectual de Henri Berr, com suas propostas de síntese científica/histórica, a criação da RSH e o lançamento de sua obra de Teoria e Metodologia da História. Como sugeriu Revel (1996), é após a 1ª Primeira Guerra Mundial, com algum sucesso intelectual, que Henri Berr conseguiu criar outros empreendimentos científicos de sucesso, como a coleção e o Centro. Muito em conta, também, pelo sucesso que a RSH já havia alcançado nesse período e pela atuação de Henri Berr em diversas frentes, tanto como pesquisador e professor quanto como empreendedor intelectual. Nesse momento, então, fortaleceu-se ainda mais o Berr institucional, para além do Berr como teórico.

²⁵⁵ No original: “Le moment Berr s'achevé-t-il avec la Première Guerre mondiale? Il est vrai que son grand livre est de 1911, que la conception et le plan de sa collection «*L'Évolution de l'humanité*» étaient arrêtés avant 1914; il est vrai aussi que les créations institutionnelles les plus importantes, les plus visibles aussi, viendront dans les années 20 avec le Centre de synthèse, la Fondation, les Semaines – et que rien ne nous oblige à penser que le temps de la croissance institutionnelle est nécessairement celui du déclin de la pensée”. (Tradução nossa).

6 REFERÊNCIAS

FONTES

BERNHEIM, Ernst. La science historique moderne. **Revue de synthèse historique**. T. 10, nº 29, 1905, pp. 126 – 139.

BERR, Henri. Thèse de Doctorat – Henri Berr. **Revue de métaphysique et de morale**. T. IV, 1899, pp. 7 – 16. [Anexo da revista].

BERR, Henri. Sur notre programme. **Revue de synthèse historique**. T. 1, nº 1, 1900, pp. 1 – 8.

BERR, Henri. Les rapports de l'Histoire e des Sciences Sociales d'après M. Seignobos. **Revue de synthèse historique**. T. 4, nº 12, 1902, pp. 293 – 302.

BERR, Henri. Répertoire méthodique pour la synthèse historique. **Revue de synthèse historique**. 1903, t. 6, nº 16. 1903, pp. 1 – 30. [Anexo]

BERR, Henri. Introduction générale – La synthèse des études relatives aux régions de la France. **Revue de synthèse historique**. T. 6, nº 17, 1903a, pp. 166 – 181.

BERR, Henri. Répertoire méthodique pour la Synthèse Historique. **Revue de synthèse historique**. T. 6, nº 16, 1903b, pp. 1 – 30. [Anexo]

BERR, Henri. Le problème des idées dans la synthèse historique (II). **Revue de synthèse historique**. t. 8, nº 24, 1904, pp. 296 – 306.

BERR, Henri. Le progrès de la sociologie religieuse. **Revue de synthèse historique**. T. 12, nº 34, 1906, pp. 16 – 43.

BERR, Henri. [Carta] para: HUBER, Henri. 1906. Carta presente nos *Fonds Marcel Mauss - Henri Hubert*, na cota 57 CDF 71.

BERR, Henri. Au bout de dix ans. **Revue de synthèse historique**. T. 21, n° 61, 1910, pp. 1 – 13.

BERR, Henri. Histoire traditionnelle et synthèse historique. **Revue de synthèse historique**. T. 23, n° 68, 1911, pp. 123 – 130.

BERR, Henri. La "Bibliothèque de synthèse historique". **Revue de synthèse historique**. T. 28, n° 83 e 84, 1914, pp. 337 – 342.

BERR, Henri. **A Síntese em História** – Ensaio crítico e teórico. São Paulo: Editora Renascença. 1946 [1911]. [Tradução de Julio Abreu Filho].

BLOCH, Marc. L'Île-de-France (I). **Revue de synthèse historique**. T. 25, n° 74, 1912, pp. 209 – 223.

BLOCH, Marc. L'Île-de-France (II). **Revue de synthèse historique**. T. 25, n° 75, 1912, pp. 310 – 339.

BLOCH, Marc. L'Île-de-France (III). **Revue de synthèse historique**. T. 26, n° 76-77, 1913, pp. 131 – 193.

BLOCH, Marc. L'Île-de-France (IV). **Revue de synthèse historique**. T. 26, n° 78, 1913, pp. 325 – 350.

BOUGLÉ, Célestin. Autour de la philosophie du travail. Le testament de Gabriel Séailles. **Revue de métaphysique et de morale**. T. 31, n° 1, 1925, pp. 111 – 122.

BRAUDEL, Fernand. História e Sociologia. **Revista de História**. v. 30, n° 61, 1965 [1958], pp. 11 – 31.

BRAUDEL, Fernand. Personal Testimony. **The Journal of Modern History**, v. 44, n° 4, 1972, pp. 448 – 467.

DURKHEIM, Émile. Lettres à Célestin Bouglé. **Revue française de sociologie**. vol. 17, n° 2, 1976, pp. 165-180. [Organização de Philippe Besnard].

DURKHEIM, Émile. [Carta] s/d [para] HUBERT, Henri. Carta presente no *Fonds Marcel Mauss - Henri Hubert* no *Collège de France*, na cota 57 CDF 71.

DURKHEIM, Émile. De la méthode objective en sociologie. **Revue de synthèse historique**. t. 2, n° 4, 1901, pp. 3 - 17.

DURKHEIM, Émile. Précis de sociologie de G. Palante. **Revue de synthèse historique**. t. 4, n° 10, 1902, pp. 114 – 115.

DURKHEIM, Émile. Henri Berr, La synthèse en histoire. Essai critique et théorique. Paris: Alcan, 1911. **L'année sociologique**. T. 12, 1913, pp. 26-27.

DURKHEIM, Émile. Prefácio. **Teoria e Pesquisa**. v. 16, n° 1, 2007, pp. 7 – 14. [Tradução de Rafael Faraco Benthien].

FAUCONNET, Paul; MAUSS, Marcel. Sociologia. In: MAUSS, Marcel. **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Perspectivas, 2005, pp. 3 – 33. [Tradução e organização de Luiz João Gaio e J. Guinsburg].

FEBVRE, Lucien. La Franche-comté (I). **Revue de synthèse historique**. T. 10, n° 29, 1905, pp. 176 – 193.

FEBVRE, Lucien. La Franche-comté (II). **Revue de synthèse historique**. T. 10, n° 30, 1905, pp. 319 – 342.

FEBVRE, Lucien. La Franche-comté (III). **Revue de synthèse historique**. T. 11, n° 31, 1905, pp. 249 – 261.

FEBVRE, Lucien. De la Revue de Synthèse aux Annales [Henri Berr ou un demi-siècle de travail au service de l'Histoire]. **Annales. Économies, Sociétés, Civilisations**. n° 3, 1952, pp. 289 – 292.

_____. Henri Berr — un deuil des « Annales ». **Annales. Économies, Sociétés, Civilisations**. 10^e année, N. 1, 1955. pp. 1 – 2.

FONCIN, Pierre. Introduction à l'étude des régions et pays de France. **Revue de synthèse historique**. T. 1, n^o1, pp. 14 – 20.

HALBWACHS, Maurice. A Metodologia de François Simiand: Um empirismo racionalista. Em: BENTHIEN, R. F.; PALMEIRA, M. S. (Org.). SIMIAND, François. **A Moeda - Realidade Social**. (Edição bilíngue e crítica). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018, pp. 195 – 230.

HUBERT, Hubert.; MAUSS, Marcel. **Mélanges d'histoire des religions**. Paris: Alcan, 1909.

HUBERT, Henri. Hubert. [**Carta**] para Marcel Mauss. França, 1900. Carta presente no *Fonds Marcel Mauss - Henri Hubert* no *Collège de France*, na cota 57 CDF 71.

LACOMBE, Paul. La science de l'Histoire d'après M. Xénopol. **Revue de synthèse historique**. T. 1, n^o1, 1900, pp. 28 -51.

LACOMBE, Paul. Milieu et race. **Revue de synthèse historique**. T. 2, n^o 4, 1901a, pp. 34 – 55.

LACOMBE, Paul. L'Histoire comme Science – A propos d'un article de M. Rickert. **Revue de synthèse historique**. T. 3, n^o 7, 1901b, pp. 1 – 9.

LAMPRECHT, Karl. La méthode historique en Allemagne. **Revue de synthèse historique**. T. 1, n^o1, 1900, pp. 21 – 27.

LAMPRECHT, Karl. La Science moderne de l'histoire – Quelques mots de réponse. **Revue de synthèse historique**. T. 10, n^o 30, 1905, pp. 257 – 260.

MANTOUX, Paul. Histoire et Sociologie. **Revue de synthèse historique**. T. 7, n° 20, 1903, pp. 121 – 140.

MASSON-OURSEL, Paul. Synthèse Historique et Philosophie de l'Histoire. **Revue de synthèse historique**. T. 26, n° 78, 1913, pp. 282 – 292.

MAUSS, Marcel. [Carta] para Henri Hubert. França, 1900. Carta presente no *Fonds Marcel Mauss - Henri Hubert* no *Collège de France*, na cota 57 CDF 71.

MERLLIÉ, Dominique. Correspondance d'Émile Durkheim avec Lucien Lévy-Bruhl. **Revue européenne des sciences sociales**. n° 55, v° 2, 2017, pp. 105 – 168.

RICKERT, Heinrich. Les quatre modes de « L'universel » dans l'Histoire. **Revue de synthèse historique**. T. 2, n° 5, 1901, pp. 121 – 140.

SEIGNOBOS, Charles. **La méthode historique appliquée aux sciences sociales**. Paris: Félix Alcan, 1901.

SIMIAND, François. Méthode Historique et Science Sociale. **Revue de synthèse historique**. T. 6, n° 16, 1903a, pp. 1 – 22

_____. Méthode Historique et Science Sociale (Fin). **Revue de synthèse historique**. T. 6, n° 17, 1903b, pp. 129 – 157.

XÉNOPOL, Alexandru-D. Les faits de répétition et les faits de succession. **Revue de synthèse historique**. T. 1, n° 2, 1900a, pp. 121 – 136.

XÉNOPOL, Alexandru-D. Race et milieu. **Revue de synthèse historique**. T. 1, n° 3, 1900b, pp. 254 – 264.

XÉNOPOL, Alexandru-D. Discussion sur la race. **Revue de synthèse historique**. T. 2, n° 6, 1901a, pp. 346 – 347.

XÉNOPOL, A.-D. La classification des sciences et l'Histoire. **Revue de synthèse historique**. T. 2, n° 6, 1901b, pp. 264 – 276.

XÉNOPOL, A.-D. Les sciences naturelles et l'histoire – A propos d'un ouvrage récent. **Revue de synthèse historique**. T. 4, n° 12, 1902, pp. 276 – 292.

XÉNOPOL, A.-D. La causalité dans la succession. **Revue de synthèse historique**. T. 8, n°24, 1904a, pp. 265 – 295.

XÉNOPOL, A.-D. La causalité dans la succession (II). **Revue de synthèse historique**. T. 9, n° 25, 1904b, pp. 7 – 21.

XÉNOPOL, A.-D. La causalité dans la série historique. **Revue de synthèse historique**. T. 27, n° 81, 1913, pp. 258 – 271.

REFERÊNCIAS TABELA DOS AUTORES

ANGRAND, Pierre. Georges Weulersse. **1848. Revue des révolutions contemporaines**, Tome 43, Numéro 186, juillet 1950. pp. 102-103.

ASSEMBLÉE NATIONALE. Ernest, Alexandre, Etienne Baron 1878 – 1948. Disponível em : http://www2.assemblee-nationale.fr/sycomore/fiche/%28num_dept%29/423. [Acesso em abril de 2018].

ASSEMBLÉE NATIONALE. Abel Ferry. Disponível em : <http://www2.assemblee-nationale.fr/decouvrir-l-assemblee/histoire/1914-1918/l-exposition-du-centenaire/etre-depute-pendant-la-guerre/trois-deputes-dans-la-grande-guerre/abel-ferry>. [Acesso em abril de 2018].

ASSEMBLÉE NATIONALE. Georges, André, Alexandre André-Fribourg. Disponível em : [http://www2.assemblee-nationale.fr/sycomore/fiche/\(num_dept\)/135](http://www2.assemblee-nationale.fr/sycomore/fiche/(num_dept)/135). [Acesso em abril de 2018].

ASSEMBLÉE NATIONALE. Albert, Besaleël Milhaud. Disponível em : http://www2.assemblee-nationale.fr/sycomore/fiche/%28num_dept%29/5280.

[Acesso em abril de 2018].

ACADÉMIE DES INSCRIPTIONS ET BELLES-LETTRES. RADET Georges, Albert. Disponível em : <https://www.aibl.fr/membres/academiciens-depuis-1663/article/radet-georges-albert?lang=fr>. [Acesso em abril de 2018].

ASSIS, Arthur. “Ernst Bernheim”. In: MARTINS, Estevão de Rezende. (Org.). **A História Pensada.** Teoria e Método na Historiografia Europeia do Século XIX. São Paulo: Contexto, 2010, pp. 47 – 68.

AUDREN, Frédéric. Paul Huvelin (1873-1924) : juriste et durkheimien. **Revue d'Histoire des Sciences Humaines**, vol. no 4, no. 1, 2001, pp. 117-130.

BABUT, Ernest-Ch. Léon-Gabriel Pélissier. **Mélanges d'archéologie et d'histoire**, tome 32, 1912. pp. 511-516.

BASHOUR, Dora S. A Precursor of Today's Methodology. **The French Review**, vol. 43, no. 2, 1969, pp. 305–309.

BATAILLON, Marcel. Augustin Renaudet (1880-1958). **Annales. Économies, sociétés, civilisations.** 14^e année, N. 3, 1959. pp. 618-622.

BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE. Disponível em : <https://data.bnf.fr/>. [Acesso em abril de 2018].

BLOCH, Jules. Sylvain Lévi. **École pratique des hautes études, Section des sciences historiques et philologiques.** Annuaire 1937-1938. 1937. pp. 39-43.

BOUDOT, François. Georges Vidalenc, 1885-1967. **Le Mouvement Social**, no. 62, 1968, pp. 171–172.

BRUSH, Kathryn. The Cultural Historian Karl Lamprecht: Practitioner and Progenitor of Art History. **Central European History**, vol. 26, no. 2, 1993, pp. 139–164.

BUSSON, Henri. D. Pasquet. **Annales de Géographie**, t. 37, n°210, 1928. pp. 552-553.

CALAMES [Catalogue en ligne des archives et des manuscrits de l'enseignement supérieur]. Fonds Joseph Segond. Disponible em: <http://www.calames.abes.fr/pub/#details?id=FileId-1679>. [Acesso em abril de 2018].

CAPLAT, Guy. **L'Inspection générale de l'Instruction publique au XXe siècle**. Dictionnaire biographique des inspecteurs généraux et des inspecteurs de l'Académie de Paris, 1914-1939. Paris : Institut national de recherche pédagogique, 1997.

CARRANNANTE, Antonio. Pasquale Villari e la scuola italiana. **Giornale di storia contemporanea**, v. 1, 2004, pp. 165 – 181.

CENTRE DE DOCUMENTATION HISTORIQUE SUR L'ALGÉRIE. Jean Alazard (1887 – 1960), Directeur du musée des beaux-arts d'Alger. Disponible em: <http://www.cdha.fr/jean-alazard-1887-1960-directeur-du-musee-des-beaux-arts-dalger>. [Acesso em abril de 2018].

CHARLE, Christophe. **Les professeurs de la faculté des lettres de Paris – Dictionnaire biographique 1809-1908**. Paris : Institut national de recherche pédagogique, 1985.

CHARLE, Christophe. **Les professeurs de la faculté des lettres de Paris – Dictionnaire biographique 1909-1939**. Paris : Institut national de recherche pédagogique, 1986.

CHARLE, Christophe ; TELKÈS, Eva. **Les professeurs du Collège de France – Dictionnaire biographique 1901-1939**. Paris : Institut national de recherche pédagogique, 1988.

CHARLIER, Gustave. Georges Ascoli (1882-1944). **Revue belge de philologie et d'histoire**, tome 25, fasc. 1-2, 1946. pp. 465-466.

CHERVEL, André. Bergmann (Henri, Joseph). **Les agrégés de l'enseignement secondaire. Répertoire 1809-1960**. 2015. Disponível em: http://rhe.ish-lyon.cnrs.fr/?q=agregsecondaire_laureats. [Acesso em abril de 2018].

CHERVEL, André. Bloch (René). **Les agrégés de l'enseignement secondaire. Répertoire 1809-1960**. 2015. Disponível em: http://rhe.ish-lyon.cnrs.fr/?q=agregsecondaire_laureats. [Acesso em abril de 2018].

COLLÈGE DE FRANCE. Jacques Flach. Disponível em : [https://salamandre.college-de-france.fr/ead.html?id=FR075CDF_00CDF0059#!{%22content%22:\[%22FR075CDF_00CDF0059_e0000019%22,false,%22%22\]}](https://salamandre.college-de-france.fr/ead.html?id=FR075CDF_00CDF0059#!{%22content%22:[%22FR075CDF_00CDF0059_e0000019%22,false,%22%22]}). [Acesso em abril de 2018].

COMITÉ DES TRAVAUX HISTORIQUES ET SCIENTIFIQUES. DUMOULIN Maurice Louis. Disponível em : <http://cths.fr/an/savant.php?id=123421>. [Acesso em abril de 2018].

COMITÉ DES TRAVAUX HISTORIQUES ET SCIENTIFIQUES. PÉRÈS Joseph Jean Camille. Disponível em : <https://cths.fr/an/savant.php?id=112749>. [Acesso em abril de 2018].

COMITÉ DES TRAVAUX HISTORIQUES ET SCIENTIFIQUES. PRENTOUT Henri. Disponível em : <http://cths.fr/an/savant.php?id=101238>. . [Acesso em abril de 2018].

CONDETTE, Jean-François. **Les recteurs d'académie en France de 1808 à 1940**. Tome II, Dictionnaire biographique. Paris : Institut national de recherche pédagogique, 2006.

CONDETTE, Jean-François. **Les lettrés de la République** : Les enseignants de la Faculté des Lettres de Douai puis Lille sous la Troisième République (1870-1940).

Villeneuve d'Ascq : Publications de l'Institut de recherches historiques du Septentrion, 2006.

CORDEIRO JR, Raimundo Barroso. Paul Lacombe. In: MALERBA, J. (org.). **Lições de história: o caminho da ciência no longo século XIX**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, pp. 393 – 412.

COUDERC, Anne. Des études napoléoniennes au soutien de la Grande Idée grecque : Édouard Driault (1864-1947) et le rêve d'une Méditerranée impériale, **Matériaux pour l'histoire de notre temps**, vol. 99, no. 3, 2010, pp. 36-44.

DE WULF, Maurice. J. Combarieu. *Les rapports de la Musique et de la Poésie considérées au point de vue de l'expression*. **Revue néo-scholastique**. 1^e année, n°4, 1894. pp. 411-413.

DELORME, Suzanne. Henri Berr. **Osiris**, vol. 10, 1952, p. 4 – 9.

DICTIONNAIRE HISTORIQUE DE LA SUISSE. Andrien Naville. Disponible em : <https://hls-dhs-dss.ch/fr/articles/048553/2008-12-29/>. [Acesso em abril de 2018].

DICTIONARY OF ART HISTORIANS. Venturi, Adolfo. Disponible em : <http://www.arthistorians.info/venturia>. [Acesso em abril de 2018].

DOBELMANN, Suzanne. Nécrologie. Prosper Boissonade (1862-1935). **Annales du Midi : revue archéologique, historique et philologique de la France méridionale**, Tome 48, N°192, 1936. pp. 429-432.

DUSSAUD, René. Notice sur la vie et les travaux de M. Édouard Chavannes, membre de l'Académie. **Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres**, 90^e année, N. 4, 1946. pp. 634-647.

DUVEAU, Georges. Édouard Dolléans (1877-1954). **Revue d'histoire moderne et contemporaine**, tome 1 N°4, 1954. pp. 322-323.

ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. Rudolf Christoph Eucken. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Rudolf-Christoph-Eucken>. [Acesso em abril de 2018].

ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. Giovanni Gentile. Disponível em : <https://www.britannica.com/biography/Giovanni-Gentile>. [Acesso em abril de 2018].

ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. Gabriel Marcel. Disponível em : <https://www.britannica.com/biography/Gabriel-Honore-Marcel>. [Acesso em abril de 2018].

ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. Heinrich Rickert. Disponível em : <https://www.britannica.com/biography/Heinrich-Rickert>. [Acesso em abril de 2018].

ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. Wilhelm Windelband. Disponível em : <https://www.britannica.com/biography/Wilhelm-Windelband>. [Acesso em abril de 2018].

ENCYCLOPAEDIA JUDAICA. Benjamin Crémieux (1888-1944). Disponível em : <https://www.jewishvirtuallibrary.org/benjamin-crmieux>. [Acesso em abril de 2018].

ENCYCLOPAEDIA JUDAICA. Theodore Gomperz. Disponível em : <http://www.jewishencyclopedia.com/articles/6802-gomperz-theodor>. [Acesso em abril de 2018].

ENCYCLOPAEDIA TRECCANI. LEVI, Alessandro. Disponível em : [http://www.treccani.it/enciclopedia/alessandro-levi_\(Dizionario-Biografico\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/alessandro-levi_(Dizionario-Biografico)/). [Acesso em abril de 2018].

FRANÇOIS, Michel. Georges Bourgin (1879-1958). **Bibliothèque de l'école des chartes**. 1959, tome 117. pp. 368-374.

GALABERT, François. Joseph Calmette (1873-1952). **Bibliothèque de l'école des chartes**. 1953, tome 111. pp. 339-343.

GALLETIER, E. Nécrologie : Georges Dottin. **Annales de Bretagne**. Tome 38, numéro 1, 1928. pp. 256-261.

GRIMSDITCH, H. B. MacColl, Dugald Sutherland (1859–1948), painter and museum administrator. **Oxford Dictionary Of National Biography**. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/ref:odnb/34687>. [Acesso em abril de 2018].

GUEROULT, M. ÉMILE BRÉHIER (1876-1952). **Revue De Métaphysique Et De Morale**, vol. 57, no. 1, 1952, pp. 114–116.

HAVELANGE, Isabelle ; HUGUET, Françoise ; LEBEDEFF-CHOPPIN, Bernadette. BOSSERT Adolphe. **Les inspecteurs généraux de l'Instruction publique. Dictionnaire biographique 1802-1914**. Paris : Institut national de recherche pédagogique, 1986. pp. 180-181.

HENRIET, Patrick ; MORELLE, Laurent. **Paul Alphandéry**. Disponível em : <https://prosopo.ephe.fr/paul-alphandery>. [Acesso em abril de 2018].

IDREF. Clerget, Pierre (1874-1962). Disponível em : <https://www.idref.fr/073399558>. [Acesso em abril de 2018].

LACOMBE, Olivier. Paul Masson-Oursel (1882-1956). **École pratique des hautes études, Section des sciences religieuses**. Annuaire 1957-1958. 1956. pp. 19-23.

LALLEMENT, Michel. Social Trajectory and Sociological Theory: Edmond Goblot, the Bourgeoisie, and Social Distinction. **Social Epistemology**, v. 30, n. 5-6, 2016, p.692-709.

LEFRANC Abel. Funérailles de M. Maurice Croiset, membre de l'Académie. Discours de M. Abel Lefranc, Président de l'Académie. **Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres**, n. 4, 1935. pp. 518 – 526.

LÉVY. Tania. KLEINCLAUSZ, Arthur. **Dictionnaire critique des historiens de l'art**. Disponível em : <https://www.inha.fr/fr/ressources/publications/publications->

numeriques/dictionnaire-critique-des-historiens-de-l-art/kleinclausz-arthur.html.
[Acesso em abril de 2018].

LORRE, Christine. HUBERT, Henri. **Dictionnaire critique des historiens de l'art.** Disponível em : <https://www.inha.fr/fr/ressources/publications/publications-numeriques/dictionnaire-critique-des-historiens-de-l-art/hubert-henri.html?search-keywords=Henri%20Hubert>. [Acesso em abril de 2018].

LOT, Ferdinand. Louis Barrau-Dihigo (1876-1931). **École pratique des hautes études, Section des sciences historiques et philologiques.** Annuaire 1932-1933. 1932. pp. 28-38.

MAHN-LOT, Marianne. Ma mère, Myrrha Lot-Borodine (1882-1954). Esquisse d'itinéraire spirituel, **Revue des sciences philosophiques et théologiques**, vol. tome 88, no. 4, 2004, pp. 745-754.

MAISONHAUTE, Jean-Louis. Victor Delbos éducateur. **Le Philosophoire**, vol. 37, no. 1, 2012, pp. 261-285.

MAYER-MICHALON, Isabelle. François Benoit (1870 – 1947). **Dictionnaire critique des historiens de l'art.** Disponível em : <https://www.inha.fr/fr/ressources/publications/publications-numeriques/dictionnaire-critique-des-historiens-de-l-art/benoit-francois.html>. [Acesso em abril de 2018].

MAZON, André. Paul Boyer (1864-1949). **Revue des études slaves**, tome 26, fascicule 1-4, 1950. pp. 4-13.

MAZON, André ; MEILLET, Antoine ; LJAPUNOV, B. Nécrologie Pierre Chasles. In: **Revue des études slaves**, tome 10, fascicule 1-2, 1930. pp. 172-179.

MEDVEDKOVA, Olga. « Scientifique » OU « intellectuel » ? Louis Réau et la création de l'Institut français de Saint-Pétersbourg. **Cahiers du monde russe**, vol. vol 43, no. 2, 2002, pp. 411-422.

MERLIN, Alfred. Notice sur la vie et les travaux de M. Victor Chapot, membre de l'Académie. **Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres**, 103^e année, N. 2, 1959. pp. 426-434.

MUSÉE DU BARREAU DE PARIS. ADELPHE Louis (1879 - 1914). Disponível em : <http://memoire.avocatparis.org/biographies/19-a/59-adelphe-louis-1879-1914>. [Acesso em abril de 2018].

PELTRE, Christine. MICHEL, Émile. **Dictionnaire critique des historiens de l'art**. Disponível em : <https://www.inha.fr/fr/ressources/publications/publications-numeriques/dictionnaire-critique-des-historiens-de-l-art/michel-emile.html>. [Acesso em abril de 2018].

PERRET, André. Georges Huisman (1889-1957). **Bibliothèque de l'école des chartes**. 1958, tome 116. pp. 298-306.

PICARD, G.-Ch. JULES TOUTAIN (1865-1961). **Revue Archéologique**, vol. 1, 1962, pp. 95–97.

PICKERING, William S.F. Gaston Richard : collaborateur et adversaire. **Revue française de sociologie**, 1979, 20-1. pp. 163-182. [Tradução de Michel Bozon].

POULAIN, Caroline. Louis Hauteœur et Vichy: pensée et action politiques d'un historien de l'architecture. **Livraisons d'histoire de l'architecture**, n°3, 1^{er} semestre 2002. pp. 103-111.

PROCHASSON, Christophe. La langue du feu. Science et expérience linguistiques pendant la Première Guerre mondiale. **Revue d'histoire moderne & contemporaine**, vol. n° 53-3, no. 3, 2006, pp. 122-141.

RÉBILLON A. Nécrologie et bibliographie des travaux de Henri Sée. **Annales de Bretagne**. Tome 43, numéro 1-2, 1936. pp. 2-33.

REINACH, Salomon. Joseph Déchelette. **Revue archéologique**, vol. 24, 1914, p. 315–327

REINACH, Salomon. **Adolphe-Joseph Reinach**. Angers : Imprimerie F. Gaultier et A. Thébert, 1919.

REVERDIN, Henri. Isaac Benrubi (1876-1943). **Annales de la Société Jean-Jacques Rousseau**. T. 30, 1943-1945, pp. 187 – 191.

RIVET, Paul. Henri Beuchat. **Journal de la Société des Américanistes**. Tome 11, 1919. pp. 619-621.

ROCQUAIN, Félix. Notice sur la vie et les œuvres de M. Chéruel. **Séances et travaux de l'Académie des sciences morales et politiques**, Paris, 1894, p. 417-435.

SACRISTE, Guillaume. Droit, histoire et politique en 1900. Sur quelques implications politiques de la méthode du droit constitutionnel à la fin du XIXème siècle. **Revue d'Histoire des Sciences Humaines**, vol. n° 4, no. 1, 2001, pp. 69-94.

SAMARAN, Charles. Pierre Caron (1875-1952). **Bibliothèque de l'école des chartes**. 1953, tome 111. pp. 321-329.

SAVOYE, Antoine. Les continuateurs de Le Play au tournant du siècle. **Revue française de sociologie**, 1981, 22-3. pp. 315-344.

SCHLESENER, Anita Helena. O pensamento político de Croce: o modelo liberal. **Soc. estado**. [online]. 2007, vol.22, n.1, pp.71-96.

SCHMARSOW, August. August Schmarsow. **Trivium**, v.6, 2010, pp. 1 – 3.

SIPROJURIS. Delpech, Joseph, Antoine, Laurent. Disponível em: <http://siprojuris.symogih.org/siprojuris/enseignant/56802>. [Acesso em abril de 2018].

STOETZEL, Jean. In memoriam: Georges Davy. **Revue française de sociologie**, 1976, 17-2. pp. 157-163.

SÉNAT. BARDOUX Jacques. Disponível em : https://www.senat.fr/senateur-3eme-republique/bardoux_jacques1008r3.html. [Acesso em abril de 2018].

SYMOGIH. Lameire, Irénée, Pierre, Paul, André, Joseph. Disponível em : <http://www.symogih.org/resource/Actr50046>. [Acesso em abril de 2018].

TATON, Rene. Paul Tannery (1843-1904). **Revue d'histoire des sciences et de leurs applications**, tome 7, n°4, 1954. pp. 303-312.

THUILLIER, Guy. Un Socialiste Déçu : Hubert Bourgin. **La Revue Administrative**, vol. 40, no. 240, 1987, pp. 533–540.

ULRICH-PIER, Raphaële. René Massigli (1888-1988), un Grand du Quai d'Orsay. **Relations internationales**, vol. no 122, no. 2, 2005, pp. 3-16.

VALBOUSQUET, Nina. Conscience historique et mémorielle du génocide. Jules Isaac et *Jésus et Israël*, rescapés de la Shoah (1940-1948), **Archives Juives**, vol. vol. 51, no. 2, 2018, pp. 78-98.

VAISSE, Pierre. HOURTICQ, Louis. **Dictionnaire critique des historiens de l'art**. Disponível em : <https://www.inha.fr/fr/ressources/publications/publications-numeriques/dictionnaire-critique-des-historiens-de-l-art/hourticq-louis.html>. [Acesso em abril de 2018].

VIEILLARD-BARON, Jean-Louis. Jacques Chevalier : Un philosophe catholique entre les deux guerres. **Transversalités**, vol. 124, no. 4, 2012, pp. 93-108.

WORLDCAT. Arens, Franz 1880-1937. Disponível em: <https://www.worldcat.org/identities/lccn-no94-14220/>. [Acesso em abril de 2018].

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. **Os Annales e a Historiografia Francesa: Tradições críticas de Marc Bloch a Michel Foucault**. Maringá: EDUEM, 2000. [Tradução de Jurandir Malerba].

ALMEIDA, Ana. O Collège de France e o sistema de ensino francês. In: CATANI, A. M.; MARTINEZ, P. H. **Sete ensaios sobre o Collège de France**. 2ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 200, pp. 15 – 30.

BASSO, Renato M.; GONÇALVES, Rodrigo T. Comentário a “Como as Palavras Mudam de Sentido” (I). Em: BENTHIEN, R. F.; PALMEIRA, M. S. (Org.). MEILLET, Antoine. **Como as Palavras Mudam de Sentido**. (Edição bilíngue e crítica). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016, pp. 103 – 112.

BENTHIEN, Rafael Faraco. **Interdisciplinaridades: latinistas, helenistas e sociólogos em revistas (França, 1898- 1920)**. 352 f. Tese (Doutorado) – História Social, Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

BENTHIEN, R. F. Prefácio ao Primeiro Volume de l'Année Sociologique (de DURKHEIM, Émile). São Carlos: **Teoria e Pesquisa** (UFSCar), v. 16, nº 1, 2007, pp. 7 – 14.

BENTIVOGLIO, Julio. A Historische Zeitschrift e a historiografia alemã do século XIX. **História da Historiografia**. Nº 6, 2011, pp. 81 – 101.

BENTIVOGLIO, Júlio. Historiografia e Máquinas de Guerra: A História da História como um estudo das relações de forças com breves apontamentos sobre a Escola Histórica Alemã e a Escola dos Annales. **História Revista**, v. 17, n. 1, 2012, pp. 223 – 238.

BENTIVOGLIO, Julio. Revistas de História: Objeto privilegiado para se estudar a História da Historiografia? In: BENTIVOGLIO, Julio; ARRAIS, Cristiano A. **As**

Revistas de História e as dinâmicas do campo historiográfico. Espírito Santo: Editora Milfontes, 2017, pp. 7 – 30.

BERT, Jean-François. Comentário a “Como as Palavras Mudam de Sentido” (II). Em: BENTHIEN, R. F.; PALMEIRA, M. S. (Org.). MEILLET, Antoine. **Como as Palavras Mudam de Sentido.** (Edição bilíngue e crítica). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016, pp. 113 – 118.

BERTASSO, Robson. **História e Sociologia em Debate:** intervenções na société française de philosophie (1906-1908). 2018. 86 f. TCC (Graduação) - Curso de História - Memória e Imagem, História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

BESNARD, Philippe. La formation de l'équipe de l'Année sociologique. **Revue française de sociologie.** 1979, v^o 20, n^o 1. pp. 7-31

BLAY, Michel. Henri Berr et l'Histoire des sciences. **Revue de synthèse.** v. 117, n^o1-2, 1996, pp. 121 – 137

BOILLOT, Cécile. **La place de la science allemande dans deux revues d'histoire:** la Revue historique et la Revue de synthèse historique. 98 f. *Mémoire d'étude* (Mestrado) - Curso de *Conservateurs, École Nationale Supérieure des Sciences de L'information et des Bibliothèques*, Paris, 2006.

BORGES, Clayton Ferreira e Ferreira. **Revue Historique e Revue de Synthèse Historique:** o caso A. D. Xéнопol. 168 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

BOURDÉ, Guy.; MARTIN, Hervé. **As Escolas Históricas.** Portugal: Publicações Europa-América, 1990.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. IN: ORTIZ, Renato (org.); FERNANDES, Floresta (coord.). **Pierre Bourdieu – Sociologia.** São Paulo: Ática, 1983, pp. 122 – 155.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas** – Sobre a Teoria da Ação. Campinas, SP: Papyrus, 1996a. [Tradução de Mariza Corrêa].

BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte** – Gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996b. [Tradução de Maria Lúcia Machado].

BOURDIEU, Pierre; SAINT-MARTIN, Monique de. As categorias do juízo professoral. In NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. M. (orgs.). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2001, pp. 185 – 216. [Tradução de Magali de Castro].

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. M. (orgs.). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 71-79. [Tradução de Magali de Castro].

BOURDIEU, Pierre. A causa da ciência - Como a história social das ciências sociais pode servir ao progresso das ciências. **Política & Sociedade**. v. 1, nº 1, 2002, pp. 143 – 161. [Tradução de Gabriel Fernandes].

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia**: a Escola dos Annales 1929-1989. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991. [Tradução de Nilo Odália].

CARBONELL, Charles-Olivier. La naissance de la Revue historique - Une revue de combat (1876-1885). **Revue historique**. T. 255, n. 2 (518), 1976, pp. 331 – 351.

CARBONELL, Charles-Olivier. L'histoire dite « positiviste » en France. **Romantisme**. nº21-22. 1978. pp. 173 – 185.

CHARLE, Christophe. Le champ universitaire parisien à la fin du 19ème siècle. **Actes de la recherche en sciences sociales**. Vol. 47-48, 1983. pp. 77 – 89.

CHIMISSO, Cristina. Hélène Metzger: the history of science between the study of mentalities and total history. **Studies In History And Philosophy Of Science Part A**. v. 32, n. 2, 2001, p.203-241.

COLE, Matthew D. The Idea of Historical Synthesis, Henri Berr and the Relationship between History and Sociology in France at the Beginning of the Twentieth Century, **Sheffield Online Paper in Social Research (ShOP)**, no.8, 2005, pp. 1 - 10.

CONSOLIM, Marcia Cristina. **Crítica da razão acadêmica**: campo das ciências sociais “livres” e psicologia social francesa no fim do século XIX. 269f. Tese (Doutorado) – Sociologia, Departamento de Sociologia, Universidade de São Paulo, 2007.

CONSOLIM, Marcia. Émile Durkheim e Gabriel Tarde - Aspectos teóricos de um debate (1893 – 1904). **História: Questões e Debates**. nº 53, 2010, pp. 39 – 65.

CORDEIRO JR, Raimundo Barroso. Paul Lacombe. Em: MALERBA, Jurandir (org). **Lições de História** – O caminho da ciência no longo século XIX. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, pp. 393 – 412.

DA MATA, Sérgio. Heinrich Rickert e a fundamentação (axio)lógica do conhecimento histórico. **Varia História**. v. 22, nº 36, 2006, pp. 347 – 367.

DA SILVA, Helenice Rodrigues. Charles Seignobos. In: MALERBA, Jurandir (org). **Lições de história**: o caminho da ciência no longo século XIX. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, pp. 375 – 391.

DOSSE, François. **A História em Migalhas**: dos Annales à Nova História. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1992

ELIAS, Norbert. A sociedade dos indivíduos. In: ELIAS, Norbert; SCHRÖTER, Michael (org.). **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1994, pp. 11 – 60.

FABIANI, Jean-Louis. **Les philosophes de la République**. Paris: Éditions Minuit, 1988.

FOUNIER, Marcel. L'élection de Marcel Mauss au Collège de France. **Genèses**, vol. 22, 1996, pp. 160 – 165.

FOURNIER, Marcel. **Marcel Mauss** – A Biography. Princeton: Princeton University Press, 2006.

FRANÇA, Eduardo D'oliveira. Uma carta de Henri Berr. **Revista de História**, v. 5, n. 12, 1952, p.445-446.

FUGLER, Martin. Fondateurs et collaborateurs, les débuts de la Revue de Synthèse Historique (1900–1910). **Revue de synthèse**. vol. 117, n° 1, 1996, pp. 173 – 188.

GATINARA, Enrico Castelli. L'idée de la synthèse : Henri Berr et les crises du savoir dans la première moitié du XXe siècle. **Revue de synthèse**. v° 117, n° 1, 1996, pp. 21 – 38.

GEMELLI, Giuliana. Communauté intellectuelle et stratégies institutionnelles : Henri Berr et la fondation du Centre International de Synthèse. **Revue de synthèse**. 4° série, n°2, 1987, pp. 225 – 259.

HARTOG, François. **O século XIX e a História** – O caso Fustel de Coulanges. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003. [Tradução de Roberto Corte de Lacerda].

HAROCHE, Claudine. Penser a relação indivíduo e sociedade – Entrevista com Claudine Haroche. **História: questões e debates**, n° 38, 2003, pp. 225 – 237.

HEILBRON, Johan. **The Rise of Social Theory**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1995.

KARADY, Victor. Durkheim, les sciences sociales et l'Université : bilan d'un semi-échec. **Revue française de sociologie**. vol. 17, n° 2, 1976, pp. 267-311.

_____. Stratégies de réussite et modes de faire-valoir de la sociologie chez les durkheimiens. **Revue française de sociologie**. vol. 20, n°1, 1979. pp. 49-82

MOSBAH-NATANSON, Sébastien. La sociologie comme « mode » ? Usages éditoriaux du label « sociologie » en France à la fin du XIXe siècle. **Revue française de sociologie**. vol. 52, n°1, 2011, p. 103-132.

MUCCHIELLI, Laurent. Aux origines de la nouvelle histoire en France: l'évolution intellectuelle et la formation du champ des sciences sociales (1880-1930). **Revue de Synthèse**. 4^a série, n° 1, 1995, pp. 55 – 98

MUCCHIELLI, Laurent. Psychologie des peuples, races, régions et milieu social. Problèmes scientifiques et enjeux disciplinaires d'une théorie de l'histoire autour d'Henri Berr et de la Revue de synthèse historique (1890–1925). **Revue de synthèse**. vol. 117, n° 1, 1996, pp. 81 – 110.

MUCCHIELLI, Laurent. O nascimento da sociologia na universidade francesa. **Revista Brasileira de História**. v. 21, n° 41, 2001, p. 35-54. [Tradução de Fernando Kolleritz].

MÜLLER, B. Lucien febvre et Henri Berr: De la synthèse à l'histoire-problème. **Revue de synthèse**. v. 117, 1996, pp. 39 – 59.

NOIRIEL, Gérard. Naissance du métier d'historien. **Genèses**. vol. 1, 1990, pp. 58 – 85.

PICKERING, William S.F. Gaston Richard: collaborateur et adversaire. **Revue française de sociologie**, v. 20, n°1, 1979, pp. 163-182. [Traduit par Michel Bozon]

PLUET-DESPATIN, Jacqueline. Henri Berr éditeur. Élaboration et production de «l'évolution de l'humanité». **Revue de synthèse**. Vol. 117, n° 1-2, 1996, pp. 241 – 267.

PROCHASSON, C. Histoire et sociologie: Henri Berr et les durkheimiens (1900–1914). **Revue de synthèse**. vol. 117, nº 1, 1996, pp. 61-79.

REIS, José Carlos. Henri Berr. In: MALERBA, Jurandir (org.). **Lições de história: o caminho da ciência no longo século XIX**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, pp. 413 – 414.

REVEL, Jacques. Le Moment Berr. **Revue de synthèse historique**. vol. 117, nº 1-2, 1996, pp. 157 – 172.

RINGER, Fritz. **Fields of Knowledge**. Cambridge: Cambridge University Press. 1992.

RINGER, Fritz. **O Declínio dos Mandarins Alemães: A Comunidade Acadêmica Alemã, 1890 – 1933**. São Paulo: Edusp, 2000. [Tradução Dinah de Abreu Azevedo].

_____. **A Metodologia de Max Weber**. São Paulo: Edusp, 2004. [Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa].

ROCHA, Sabrina Magalhães. **Os periódicos e a crítica da história: a recepção de Lucien Febvre e Marc Bloch por seus contemporâneos (1911-1942)**. 258f. Tese (Doutorado) - História, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018.

SANTOS, Vinicius dos. A Razão realizada? Notas sobre a Filosofia da História de Hegel. **AUFKLÄRUNG**, v.3, n.2, 2016, p.113 - 134.

SCHÖTTLER, Peter. Henri Berr et l'Allemagne. **Revue de synthèse**. v. 117, nº 1-2, 1996, pp. 189 – 203.

SIEGEL, Martin. Henri Berr's Revue de Synthèse Historique. **History and Theory**. vol. 9, nº 3, 1970, pp. 322 – 334.

SILVA, Bruno Hoffmann V. da. Encontros entre História e Sociologia: primeiros embates metodológicos na França. **História e Cultura**, v. 3, nº 3, 2014, pp. 7 – 27.

VELLOSO DA SILVA, Bruno H. Encontros entre História e Sociologia: primeiros embates metodológicos na França. **História e Cultura**, v. 3, nº 3, 2014, pp. 7 – 27.

7 ANEXO –

QUADRO COM INFORMAÇÕES BIOGRÁFICAS DOS AUTORES QUE PUBLICARAM NA RSH (1900-1914)²⁵⁶

NOME (Nascimento – Morte/ Nacionalidade)	EDUCAÇÃO SECUNDÁRIA E SUPERIOR	CARGOS E TÍTULOS ACADÊMICOS	QUANTIDADE DE PUBLICAÇÕES NA RSH (1900-1914)	NUMERO DE ARTIGOS	NUMERO DE RESENHAS (Revue critiques e/ou Bibliographie)	OUTRAS INFORMAÇÕES
Louis ADELPHÉ (1879 – 1914/ Francês)	SI (Sem informações)	Tese de doutorado (1905) na <i>Faculté des Lettres da Université de Nancy</i> .	1 (1914)	1	0	Falecido durante a Primeira Guerra Mundial. Tese de doutorado sobre Spinoza.
Jean ALAZARD (1887 – 1960/ Francês)	Secundário no Liceu Louis-le-Grand; <i>Agrégation em Histoire et Géographie</i> (1911 – 16º lugar)	Professor no <i>Institut français de Florence</i> (1914 – 1921); <i>Professeur d'histoire</i> e <i>Doyen na Faculté des Lettres d'Alger</i> (1929); Cofundador e Diretor do <i>Musée des Beaux-arts d'Alger</i> (1930-1960); Membro da <i>Académie des sciences morales et politiques</i> (1939)	8 (1913 e 1914)	0	8 (2 RC ; 6 B)	Considerado Historiador da Arte.
Paul ALPHANDÉRY (1875 – 1932/ Francês)	Licence ès lettres – <i>histoire</i> (1896); Diploma pela <i>École Pratique des Hautes Études</i> (1900)	<i>Charge de conférences</i> na EPHE (1901 – 1906); <i>maître de conférences</i> (1907); <i>directeur d'études adjoint</i> (1907 – 1914); <i>directeur d'études</i> na seção de Ciências da Religião (5ª seção) (1914 – 1932); Secretário e Diretor da <i>Revue de l'histoire des religions</i> (1903 – 1932).	1 (1903)	0	1 (B)	Descendente de judeus. Pai foi magistrado. Membro do comitê diretor <i>l'Alliance israélite universelle</i> . Antissionista. Membro da CGTU
Charles ANDLER (1866 – 1933/ Francês)	Estudos na <i>École Normale Supérieure</i> (1884); <i>Agrégation en Allemand</i> (1889 –	Professor no liceu de Nancy (1891 – 1893); <i>Maître de conférences</i> na <i>École normale supérieure</i> (1893 – 1904); Professor de Língua e literatura germânica na <i>Faculté des lettres de Paris</i> (1904 – 1926);	2 (1907 e 1909)	2	0	Protestante. Dreyfusard. Foi filiado tanto ao Partido Trabalhista Socialista Revolucionário, quanto à Seção

²⁵⁶ Legendas Quadro: Sem Informações (SI); *Revue critiques* (RC); *Bibliographie* (B); *École normale supérieure* (ENS); *École Pratique Des Hautes Études* (EPHE).

Franz ARENS (1858 – 1937/ Alemão)	SI	1º lugar) ; <i>Docteur ès lettres</i> (1897)	Professor no <i>Collège de France</i> (1926).	2 (1907 e 1908)	0	2 (1 RC ; 1 B)	Francesa Internacional Trabalhista. Sua primeira publicação é em um número especial dedicado à Alemanha (1907).
Georges ASCOLI (1882 – 1944/ Francês)	SI	Estudos na ENS ; <i>Agrégation en lettres</i> (1907 – 14º lugar) ; <i>Docteur ès lettres</i> (1930)	Arquiteto Bolsista em Londres (1907) ; Professor no liceu de Alais (1908 – 1909) ; Professor no liceu de Toulon (1909 – 1911) ; Professor no liceu de Nantes (1911 – 1914) ; <i>Chargé de cours</i> na <i>Faculté des lettres de Lille</i> (1912 – 1928) ; <i>Chargé de cours</i> na <i>Faculté des lettres de Paris</i> (1929) ; Professor na <i>Faculté des lettres de Lille</i> (1930)	2 (1906 ; 1910 ; 1911 ; 1912 ; 1913 ; 1914)	2	15 (B)	Judeu. Faleceu em um campo de concentração nazista durante a Segunda Guerra Mundial. Professor visitante no Brasil (1934).
B. A.	SI			1 (1902)	0	1 (B)	
C. BALLOT	SI			2 (1912 ; 1913)	0	2 (RC)	
Jacques BARDOUX (1874 – 1959/ Francês)	SI	Estudos secundários no liceu Condorcet; <i>Licence ès lettres</i> ; <i>Licence en droit</i> ; Diploma pela Universidade de Oxford (Inglaterra).	Professor na <i>École libre des sciences politiques</i> (1908) ; <i>Chargé de cours de politique générale</i> na <i>École de guerre</i> (1920) ; Eleito membro da <i>Académie des sciences morales et politiques</i> (1925) ; Eleito membro da <i>Académie des sciences coloniales</i> (1933) ; Eleito presidente da <i>Académie des sciences morales et politiques</i> (1937) ; Eleito presidente do <i>Institut de France</i> (1937) ; Eleito Senador por Puy de dôme (1938).	2 (1905)	2	0	Seu pai, Agénor Bardoux, foi prefeito de Clermont-Ferrand, Ministro da Instrução Pública em 1877 e Vice-Presidente do Senado (1889 – 1894). Jacques Bardoux foi eleito senador pela <i>Union démocratique et radicale</i> , partido com candidatos que não queriam eleger-se pelo Partido radical-socialista, nem se alinhar com a Aliança democrática (partido liberal de centro-direita).

Henry BARGY (1872 – 1927/ Francês)	Estudos na ENS.	Professor e Chefe do Departamento de Francês no <i>Hunter College</i> .	1 (1902)	1	0	
Étienne BARON (1878 – 1948/ Francês)	Estudos secundários no liceu de Agen.	Eleito deputado pelo departamento de <i>Tarn-et-Garonne</i> (1928 – 1942).	11 (1905; 1906; 1907; 1908; 1910)	0	11	Descendente de uma família burguesa e republicana. Étienne Baron se declarava laico e republicano e era membro do <i>Parti républicain, radical et radical-socialiste</i> .
Louis BARRAU-DIHIGO (1876 – 1931/ Francês).	Estudos secundários no liceu de Bordeaux; Estudou na <i>Faculté des Lettres de Paris</i> e na <i>École des Langues Orientales</i> ; Doutor pela <i>Sorbonne</i> (1921).	Bibliotecário na <i>Université de Paris</i> (1901); Bibliotecário na <i>Faculté de Pharmacie</i> (1922); Nomeado Conservador da Biblioteca da <i>Sorbonne</i> (1926);	7 (1903; 1904; 1905; 1906)	5	2	Amigo próximo de Paul Alphandéry e de Charles-Victor Langlois. Foi convidado por Henri Berr para redigir os artigos sobre a <i>Gascogne</i> .
Charles BASTIDE (1873 – 19./ Francês)	<i>Agrégé en anglais</i> (1896 – 8º lugar); <i>Docteur ès lettres</i> na <i>Sorbonne</i> (1906)	Professor no liceu <i>Charlemagne</i> .	3 (1908 ; 1911 ; 1912)	3	0	O foco de seus trabalhos era sobre a Inglaterra. Também atuou como tradutor.
Paul BASTIER (1874 – 1955/ Francês)	<i>Docteur ès lettres</i> .	Professor na <i>Université de Poznan</i> (Polónia); Subprefeito de <i>Sélestat</i> .	3 (1903; 1906; 1913)	0	3	1 resenha na <i>Revue critiques</i> e 2 na <i>Bibliographie</i> .
François BENOIT (1870 – 1947/ Francês)	<i>Baccalauréat ès lettres</i> (1888); <i>Faculté des lettres de Paris</i> (1889-1890); <i>Licence ès lettres</i> (1890); <i>Agrégé en histoire</i>	Professor no liceu de <i>Douai</i> (1895-1896); Professor no liceu de <i>Chartres</i> (1896-1897); Professor no liceu <i>d'Amiens</i> (1897-1899); <i>chargé de cours d'archéologie et d'histoire de l'art à la faculté des lettres de Lille</i> e professor no liceu <i>Fénelon de Lille</i> (outobre 1899-1903)				

Isaak BENRUBI (1876 – 1943/ Grego)	(1893 – 1º lugar) Formado em Filosofia pela Universidade de Jena (Alemanha); formado em Pedagogia pela <i>Sorbonne</i> ; Doutor em Filosofia pela Universidade de Jena.	; <i>professeur-adjoint d'histoire de l'art à la faculté des lettres de Lille</i> (7 mars 1903) ; Professor titular <i>d'histoire de l'art</i> (1905)	8 (1907; 1910; 1911; 1912)	1	7	Proveniente de uma família judaica grega. Especialista em Jean-Jacques Rousseau. Também escreveu sobre Henri Bergson e Émile Boutroux. Resenhou, na RSH, um livro de Dominique Parodi.
Pierre BERGER (1869 – 19../ Francês)	<i>Agrégé en anglais</i> (1896 – 2º lugar) ; <i>Docteur ès lettres</i> .	Professor de Inglês no liceu de Bordeaux (1925).	3 (1908; 1910)	3	0	
Henri BERGMANN (1880 – 1923/ Francês)	<i>Agrégé en histoire et géographie</i> (1903 – 4º lugar)	Professor no liceu de Buffon.	1 (1911)	1	0	
Ernst BERNHEIM (1850 – 1942/ Alemão)	<i>Abitur</i> (1868); Estudou história nas Universidades de Berlim, Heidelberg e Estrasburgo; Doutor em Filosofia pela Universidade de Estrasburgo.	<i>Privatdozent</i> na Universidade de Greifswald (1883 – 1889); Professor Titular na Universidade de Greifswald (1889 – 1899); Reitor na mesma universidade (1899).	1 (1905)	1	0	Proveniente de uma família judaica, foi perseguido durante o regime nazista.
Henri BERR (1863 – 1954/ Francês)	Estudos secundários no liceu <i>Charlemagne</i> e na ENS; <i>Agrégé en lettres</i> (1884 – 4º lugar); <i>Docteur ès lettres</i> (1899).	Professor de Retórica no liceu de Douai; Professor de Retórica no liceu de Tours; Professor de Retórica no liceu de Henri IV (1896 – 1925).	70 (1900; 1901; 1902; 1903; 1904; 1905; 1906; 1907; 1908; 1909; 1910; 1911; 1913; 1914)	13 (Anexo como Artigo)	57	Fundador da <i>Revue de synthèse historique</i> ; Fundador do <i>Centre International de Synthèse</i> ; Editor da coleção <i>L'Évolution de l'Humanité</i> .
Henri BEUCHAT (1878 – 1914/	<i>École du Louvre</i> e EPHE.	Tesoureiro da <i>Revue des études américaines</i> (1902 – 1903) ; Secretário da	1 (1906)	0	1	Nasceu na França, porém seus pais eram

Francês)		<i>La Revue de Paris;</i>				suíços. Apesar de ter estudado na EPHE e na École du Louvre, foi um autodidata, não realizando seus estudos secundários pela via escolar. Na EPHE seguiu os cursos de Hubert e de Mauss, do qual foi um próximo colaborador. Beuchat fez parte da Canadian Arctic Expedition, na qual faleceu após um acidente com o navio em que estava.
Marc BLOCH (1886 – 1944/ Francês)	Estudou no liceu Louis-le-Grand e na ENS ; <i>licencie és lettres</i> (1905); <i>agrégé en histoire</i> (1907 – 3º lugar) ; <i>Docteur és lettres</i> (1920)	Professor de história no liceu de Montpellier (1912); Professor de história no liceu d'Amiens (1913); <i>chargé de cours d'histoire au Moyen-Âge à la Faculté des lettres de Strasbourg</i> (1919) ; <i>maître de conférences d'histoire économique à la Faculté des lettres de Paris</i> (1936) ; <i>Affecté à la Faculté des lettres de Montpellier</i> (1941-1942)	9 (1911 ; 1912 ; 1913)	4	5	Proveniente de uma família de judeus. Politicamente próximo da esquerda. Durante o regime nazista, fez parte da resistência até ser capturado e fuzilado pela Gestapo em 1944.
René BLOCH (SI)	<i>Agrégé en histoire et géographie</i> (1911 – 3º lugar)	SI	1 (1910)	0	1	
Georges BLONDEL (1856 – 1948/ Francês)	Aluno da EPHE e da <i>Facultés de droit et de lettres de Paris; Docteur en droit</i> (1881); <i>Agrégé en histoire et géographie</i> (1883 – 6º lugar); <i>Docteur és lettres</i> (1892)	<i>Chargé de cours à la Faculté de droit de Lyon</i> (1884); <i>chargé de cours à la faculté des lettres de Lille</i> (1884); Professor na <i>École des hautes études commerciales de Paris</i>	1 (1902)	0	1	Especialista em História da Alemanha.

Prosper BOISSONNADE (1862 – 1935/ Francês)	Agrégé en histoire et géographie (1884 – 9º lugar)	Professor em Poitiers (1897); Doyen de la Faculté des lettres de Poitiers (1923); Membro do Comité des travaux historiques et de la Commission d'histoire économique de la Revolution française.	22 (1901 ; 1902 ; 1904 ; 1905 ; 1906 ; 1907 ; 1909 ; 1910 ; 1911 ; 1912)	18	4	Sua contribuição para a RSH foi principalmente voltada para a questão da história econômica na França e na Espanha. Esse fato se deve a sua dupla formação de historiador e economista. Prosper Boissonnade debateu com Marc Bloch sobre a questão da História Medieval.
C. BOS (SI)	SI	SI	1 (1903)	1	0	Importante germanista. Foi eleito para o Collège de France para a cadeira anteriormente ocupada por Philarette Chables, porém o governo recusa sua nomeação.
Adolphe BOSSERT (1832 – 1922/ Francês)	Faculté des lettres e Faculté de théologie protestante de Strasbourg; baccalauréat de théologie (1855); licence ès lettres (1856); Docteur ès lettres pela Sorbonne (1865)	Chargé de cours d'allemand au lycée du prince impérial (1867); chargé d'un cours complémentaire na Sorbonne; chargé d'un cours de littérature étrangère (1871); Professor de littérature étrangère (1872); Nomeado para a Faculté des lettres de Douai para a função de d'inspecteur des langues vivantes pour les lycées du Nord; chargé des cours à l'École des mines; Delegado para a função de d'inspecteur général des langues vivantes; Membro do juri de agrégation (1874 – 1882); Presidente desse juri (1885 – 1902).	2 (1900 ; 1904)	1	1	
Charles-Henri BOUDHORS (1862 – 1933/ Francês)	Estudos secundários na ENS; agrégé en lettres (1884 – 5º lugar)	Professor de retórica no liceu de Mans (1884); Professor de retórica no liceu de Nîmes (1886); Professor no liceu de Troyes (1887); Professor no liceu de Reims (1888 – 1892); Professor de retórica no liceu Charlemagne (1892 – 1894); Professor no liceu Louis-le-Grand (1893 – 1894); Professor no liceu Henri IV (1894 – 1927).	4 (1900; 1901; 1903)	0	4	Possivelmente estudou junto com Henri Berr na ENS. Tornou-se agrégé en lettres um ano após o fundador da RSH, além de ter sido colega desse no liceu Henri IV.
Célestin BOUGLÉ (1870 – 1940/ Francês)	Bachelier ès lettres no liceu	Professor no liceu de Saint-Brieuc (1895); Maître de conférences de filosofia na	2 (1902; 1907)	2	0	Proveniente de uma família católica. Foi

Francês)	Henri IV ; Aluno na ENS ; Licencié ès lettres (1891); <i>Agrégation en philosophie</i> (1893 – 1º lugar) ; <i>Docteur ès lettres</i> (1889)	<i>Faculté des lettres de Montpellier</i> (1898) ; <i>Chargé de cours</i> , depois Professor de Filosofia Social na <i>Faculté des lettres de Toulouse</i> (1901) ; <i>Chargé de cours</i> de História e Economia Social na <i>Faculté des lettres de Paris</i> (1909) ; Professor de História de Economia Social (1919) ; Diretor do Centro de Documentação Social da ENS (1920) ; Diretor adjunto da ENS (1927) ; Diretor da ENS (1935).				um ativo <i>dreyfusard</i> e membro do <i>Parti radical</i> .
Georges BOURGIN (1879 – 1958/ Francês)	Liceu de <i>Janson-de-Sailly</i> ; <i>Licence ès lettres e droit</i> ; <i>École des chartes</i> (1903) ;	Membro da <i>École Française de Rome</i> ; Arquivista no <i>Archives nationales</i> (1904 - 1944); <i>Directeur honoraire</i> dos <i>Archives de France</i> ; Co-fundador e Diretor do <i>Institut français d'histoire sociale</i> (1948)	85 (1902 ; 1903 ; 1905 ; 1906 ; 1907 ; 1908 ; 1909 ; 1910 ; 1911 ; 1912 ; 1913 ; 1914)	4	81	Seu pai era um republicano liberal. Escreveu diversos trabalhos sobre o socialismo. Assim como outros durkheimianos, como Marcel Mauss, esteve próximo do movimento das cooperativas.
Hubert BOURGIN (1874 – 1955/ Francês)	Liceu de <i>Nevers</i> ; Liceu de <i>Janson-de-Sailly</i> ; aluno da <i>agrégation ès lettres</i> (1898 – 1º lugar); <i>Docteur ès lettres</i> (1905)	Professor de letras no liceu de <i>Beauvais</i> ; Professor no liceu <i>Voltaire</i> (1907); Professor no liceu <i>Louis-le-Grand</i> (1911 - 1937);	2 (1909; 1913)	0	2 (RC)	Irmão de Georges Bourgin. Hubert Bourgin, na ENS, aproxima-se de Durkheim e Lucien Herr, notório bibliotecário socialista dessa instituição. Inicialmente muito ativo no movimento socialista, após a 1º Guerra Mundial se envolve com a direita francesa, chegando a participar da <i>l'Action Française</i> e do <i>Le Faisceau</i> , partido francês com tendências fascistas.

Victor-Louis BOURRILLY (1872 – 1945/ Francês)	Aluno da ENS; <i>Agrégation en histoire géographique</i> (1896 – 8º lugar); <i>Docteur ès lettres</i>	Professor no liceu de Toulon; Professor na <i>Université d'Aix-Marseille</i> (1927)	1 (1905)	0	1 (RC)	
Émile BOUTROUX (1845 – 1921/ Francês)	Aluno no liceu Henri IV; Aluno da ENS (1866); <i>Agrégation en philosophie</i> (1868 – 3º lugar); <i>Docteur ès lettres</i> (1874)	<i>Répétiteur</i> na EPHE (1868); Professor de filosofia no liceu de Caen (1871); <i>Chargé de philosophie</i> na <i>Faculté des lettres de Nancy</i> (1876); <i>Maître de conférences de philosophie</i> na ENS (1879); <i>Chargé de cours</i> na <i>Faculté des lettres de Paris</i> (1885); Professor honorário (1907); Diretor da <i>Fondation Thiers</i> (1902); Membro da <i>Académie des sciences morales et politique</i> (1898); Membro da <i>Académie française</i> (1914)	1 (1900)	1	0	Católico. Politicamente moderado. Boutroux foi um importante filósofo desse período. Durante seus anos de ensino na ENS foi professor de Henri Berr e de Émile Durkheim.
Paul BOYER (1864 – 1949/ Francês)	Aluno do liceu Louis-le-Grand; Aluno da Sorbonne; Aluno na EPHE; <i>Agrégation en lettres</i> (1888 – 1º lugar); Aluno na Universidade de Moscou (1889)	Professor de russo na <i>École des Langues orientales</i> (1891 – 1936); Administrador da <i>École des Langues orientales</i> (1908); Fundador, junto com Antoine Meille e André Mazon, da <i>Revue des études slaves</i> (1921);	1 (1912)	1	0	Próximo de Antoine Meillet e de André Mazon, foi aluno de Ferdinand de Saussure. Boyer foi um importante linguista que promoveu os estudos da língua eslava na França. Publicou na RSH no número especial dedicado à Rússia.
Émile BRÉHIER (1876 – 1952/ Francês)	<i>Agrégation en philosophie</i> (1900 – 3º lugar); <i>Docteur ès lettres</i> (1908)	Professor no liceu de Coutances; Professor na <i>Faculté de Rennes</i> (1910 – 1912); Professor na <i>Faculté de Bordeaux</i> (1912); Professor na Sorbonne (1919 – 1944); Membro do <i>Institut de France</i> (1944); Associado estrangeiro da <i>British Academy</i> ; Vice-presidente da <i>Société Française de Philosophie</i> ; Diretor da <i>Revue philosophique</i> (1939)	4 (1913; 1914)	0	4 (B)	Católico. Proveniente de uma família de universitários. Seu pai foi <i>previsseur</i> e seu irmão foi um conhecido <i>byzantiniste</i> . Lutou na 1º Guerra Mundial. Sucedeu a Henri

Léon CAHEN (1874 – 1944/ Francês)	Agrégation en histoire et géographie (1897 – 8º lugar); Docteur ès lettres	Professor no liceu Condorcet	5 (1906 ; 1907 ; 1910)	1	4 (B)	Bergson tanto na Sorbonne como no <i>Institut de France</i> . Escreveu textos contra uma filosofia católica. Publicou um extenso trabalho sobre a História da Filosofia.
Joseph CALMETTE (1873 – 1952 Francês)	Licence na Faculté des lettres de Montpellier; Aluno na École des Chartes (1900); Docteur ès lettres (1902)	Membro da <i>École Française de Rome</i> (1900 – 1902); <i>Maître des conférences</i> na <i>Faculté de Montpellier</i> (1903); <i>Chargé de cours</i> na <i>Faculté de Montpellier</i> (1905); Professor na <i>Faculté de Dijon</i> (1906); Professor d' <i>histoire du Moyen Age et de la France méridionale</i> na <i>Faculté des lettres de Toulouse</i> (1911 – 1946); Diretor da revista <i>Annales du Midi</i> ; Membro da <i>Académie des inscriptions et belles lettres</i> (1934)	2 (1908 ; 1909)	2	0	Seus artigos foram escritos em conjunto com Pierre Vidal. O pai de Calmette era professor no <i>collège de Perpignan</i> . Esteve envolvido com diversos empreendimentos e sociedades arqueológicas do interior da França.
Jérôme CARCOPINO (1881 – 1970/ Francês)	Aluno do liceu Henri IV; Aluno da ENS; <i>licence</i> ès lettres (1902); <i>Agrégation</i> en <i>histoire</i> et <i>géographie</i> (1904 – 1º lugar); <i>Docteur ès lettres</i> (1919)	Membro da <i>École française de Rome</i> (1904 – 1907); Professor no liceu de Havre (1907 – 1912); <i>Chargé de cours d'antiquités de l'Afrique</i> na <i>Faculté des lettres d'Alger</i> (1912); <i>Maître de conférences d'histoire romaine</i> na <i>Faculté des lettres de Paris</i> (1920); Diretor da <i>École française de Rome</i> (1922 – 1923; 1937 – 1940); Diretor da ENS (1940); Membro da <i>Académie des inscriptions et belles lettres</i> (1930); Membro da <i>Académie Française</i> (1955)	3 (1908 ; 1909)	0	3 (2 B ; 1 RC)	Proveniente de uma família católica. Considerado um democrata. Seu pai foi um <i>dreyfusard</i> . Carcopino sofreu represálias por colaborar com o governo de Vichy durante a ocupação da França na 2º Guerra Mundial. Por conta de suas

Pierre CARON (1875 – 1952/ Francês)	École des chartes (1898) ; Licencié ès lettres pela Sorbonne ;	Archiviste-paléographe nos Archives Nationales (1898); Directeur général des Archives de France (1937-1941) ; Membro da comissão d'histoire de l'Occupation et de la Libération de la France (1945)	3 (1905 ; 1906 ; 1910)	2	1 (B)	importantes atividades arqueológicas foi autor da <i>Lei Carcopino</i> (1941) que regulamentou as escavações no arqueológicas no território francês. Seu pai era professor no liceu de <i>Hoche</i> . Participou de um projeto internacional para publicar uma <i>Bibliographie des internationale des sciences historiques</i> .
Jean-Marie CARRÉ (1887 – 1958/ Francês)	Aluno no liceu Henri IV; Aluno da ENS ; Aluno na Faculté des lettres de Paris; Licence ès lettres (1906); Agrégation en allemand (1909 – 5º lugar) ; Docteur ès lettres (1920)	Professor de alemão no liceu de Puy (1909 – 1910); Professor no Institut de Londres (1910 – 1911); <i>Pensionnaire</i> na <i>Fondation Thiers</i> (1912 – 1914); <i>Maître de conférences</i> na <i>Faculté des lettres de Lyon</i> (1920) ; <i>Maître de conférences</i> na <i>Faculté des lettres de Paris</i> (1935 – 1955).	1 (1913)	1	0	Católico. Protestou contra as medidas antisemitas do governo de Vichy.
M. CASTILLON (SI)	SI	SI	2 (1907 ; 1910)	0	2 (B)	
Charles CESTRE (1871 – 1958/ Francês)	Aluno na <i>Faculté des lettres de Paris</i> ; <i>Agrégation en anglais</i> (1895 – 3º lugar) ; <i>Docteur ès lettres</i> (1906)	Professor no liceu de <i>Dijon</i> (1898 – 1906); Professor no liceu de <i>Lyon</i> (1906); <i>Maître de conférences</i> na <i>Faculté des lettres de Lyon</i> (1906); Professor de <i>langue et littérature anglaises</i> na <i>Faculté de lettres de Bordeaux</i> (1909) ; <i>Chargé de cours de littérature et civilization américaines</i> na <i>Faculté des lettres de Paris</i> (1918) ;	1 (1909)	0	1 (B)	Era um racionalista ateu e simpatizante do idealismo norte- americano. Foi professor visitante de algumas universidades estadunidenses como Harvard e Michigan.
Phillipe CHAMPAULT	SI	SI	4 (1913)	2	2 (B)	Próximo intelectualmente de

(Francês)								Frédéric Le Play e Henri de Tourville
Émile CHANTRIOT (1865 – 19. ./ Francês)	Agrégation en histoire et géographie (1892 – 15º lugar)	Professor no liceu de Nancy	1 (1903)	0	1 (RC)			
Victor CHAPOT (1873 – 1954/ Francês)	Docteur en droit (1896); Aluno da EPHE; Docteur ès lettres (1907)	Membro da <i>École française d'Athènes</i> (1899 – 1901); Bibliotecário na <i>Bibliothèque Sainte-Geneviève</i> (1904 – 1940); Professor suplente na EPHE (1920 – 1932); Professor de arqueologia na <i>École des Beaux-Arts</i> (1922 – 1934); Membro da <i>Académie des inscriptions et belles lettres</i> (1949)	29 (1908; 1909; 1910; 1911; 1911; 1912; 193; 1914)	4	25 (23 B; 2 RC)			Próximo de René Cagnat. Foi convidado por Henri Berr para contribuir para a coleção <i>L'Évolution de l'Humanité</i> , com o livro <i>Le monde romain</i> (1927).
Sébastien CHARLÉTY (1867 – 1945/ Francês)	Aluno na Sorbonne; Agrégation en histoire et géographie (1890 – 7º lugar); Docteur ès lettres (1896);	Professor nos liceus de <i>Montauban</i> , <i>Châteauroux</i> , <i>Caen</i> e <i>Lyon</i> ; <i>Maître de conférences</i> e professor titular de História na <i>Faculté des lettres de Lyon</i> (1899); <i>Directeur général de l'instruction publique et des Beaux-Arts en Tunisie</i> (1908); <i>Directeur général de l'instruction publique et des Beaux-Arts en Strasbourg</i> (1919); Reitor da <i>Université de Paris</i> (1927 – 1937); Membro da <i>Académie de sciences morales et politique</i> (1931)	1 (1904)	1	0			Próximo de Charles Seignobos. Foi um importante promovedor do ensino público, tanto na Tunísia quanto na França. Foi um dos principais responsáveis pela criação da <i>Cité Universitaire de Paris</i> .
Pierre CHASLES (1886 – 1929/ Francês)	Docteur en droit pela <i>Faculté de droit de Paris</i> (1910)	<i>Conseiller référendaire à la Cour des Comptes</i> ; Colaborador do <i>Institut d'Études slaves de l'Université de Paris</i> .	7 (1904; 1912; 1913)	1	6 (B)			Atuou como eslavista.
Édouard CHAVANNES (1865 – 1918/ Francês)	Aluno do liceu <i>Louis-le-Grand</i> ; Aluno da ENS (1885 – 1888); Agrégation en philosophie (1888 – 2º lugar);	<i>Chargé de missions scientifiques na China</i> (1891 – 1893; 1907 – 1918); <i>Directeur d'études</i> na Vª seção da EPHE (1908 – 1912); Professor de <i>Langue et littérature chinoises et tartare-mandchoues</i> no <i>Collège de France</i> (1893 – 1918); Membro da <i>Académie des inscriptions et belles lettres</i> (1903); Presidente da <i>Académie des inscriptions et belles lettres</i> (1915)	1 (1900)	1	0			Protestante. Viajou para China como <i>attaché libre</i> na <i>Légation de France</i> para estudar em Pequim. Foi um importante sinólogo.

Adolphe CHÉRUEL (1809 – 1891/ Francês)	Aluno do Collège Royal de Rouen; Inspecteur d'Académie de Rouen; Maître de conférences da ENS; Professor no liceu Louis-le-Grand; Membro da Académie de sciences morales et politique;	1 (1908)	1	0	Henri Berr edita e publica esse artigo póstumo de Adolphe Chéruel. Amigo próximo de Michelet. Foi professor de Gustave Flaubert.
Jacques CHEVALIER (1882 – 1962/ Francês)	Aluno do liceu Henri IV; Aluno da ENS (1900); Agrégation en philosophie (1903 – 2º lugar); Docteur ès lettres (1914)	14 (1903; 1904; 1905; 1906; 1907; 1908)	0	14 (B)	Filho do general Chevalier. Importante filósofo católico, amigo próximo e discípulo de Henri Bergson. Colega de Edmond Goblot, filósofo que resenhou a AS na RSH. Chevalier colaborou com o governo de Vichy durante a ocupação nazista na 2ª Guerra Mundial. Resenhou diversas obras de durkheimianos na RSH
Raymond CLÉMANG (SI)	SI	1 (1904)	0	1 (RC)	
Pierre CLERGET (1874 – 1962/ Francês)	Aluno da École supérieure de commerce de Lyon (1896)	3 (1901 ; 1903)	2	1 (B)	
Jules COMBARIÉU (1859 – 1916/ Francês)	Agrégation en lettres (1884 – 13º lugar); Docteur ès lettres (1894)	1 (1900)	1	0	Importante musicólogo francês.
F. COMBESURE (SI)	SI	1 (1904)	0	1 (B)	
Fustel de	Aluno do liceu	1 (1901)	1	0	Texto póstumo de

COULANGES (1830 – 1889/ Francês)	Charlemagne ; Aluno da <i>École Normale</i> ; <i>Agrégation en lettres</i> (1857 – 5º lugar); <i>Docteur ès lettres</i> (1858)	(1853); Professor no liceu <i>d'Amien</i> ; Professor no liceu <i>Saint-Louis</i> ; Professor na <i>Faculté des lettres de Strasbourg</i> (1860); Professor na <i>École Normale</i> (1870); Professor na <i>Sorbonne</i> (1875); Membro da <i>Académie des sciences morales et politiques</i> (1875); Diretor da <i>École Normale</i> (1880)	6 (1907 ; 1908 ; 1909)	0	6 (B)	Antes de se tornar professor universitário já publicava trabalhos sobre História da Coreia.	Fustel de Coulanges.
Maurice COURANT (1865 – 1935/ Francês)	<i>Docteur ès lettres</i> (1913)	Professor na <i>Faculté des lettres de Lyon</i> (1900 – 1935) ;	6 (1907 ; 1908 ; 1909)	0	6 (B)	Antes de se tornar professor universitário já publicava trabalhos sobre História da Coreia.	Fustel de Coulanges.
Benjamin CREMIEUX (1888 – 1944/ Francês)	<i>Agrégation en italien</i> (1911 – 1º lugar); <i>Docteur ès lettres</i>	Diretor do <i>bureau italien du ministère des Affaires étrangères</i> ; Secretário-geral do Instituto Francês em Florença.	1 (1909)	1	0	Proveniente de uma família de judeus. Participou da <i>Resistência</i> contra a ocupação nazista na 2º Guerra Mundial, foi morto em um campo de concentração.	Fustel de Coulanges.
Benedetto CROCE (1866 – 1952/ Italiano)	Graduação interrompida em direito pela <i>Universidade de Nápoles</i> .	Senador (1910); Ministro de Educação Pública (1920 – 1921); Membro da Assembleia Constituinte da Itália (1946 – 1948); Senador da Itália por Nápoles (1948 – 1952)	2 (1902 ; 1903)	2	0	Politicamente liberal, foi um importante intelectual italiano. Proveniente de uma rica família, afastou-se do catolicismo. Fortemente influenciado por Vico e alguns socialistas como Kautsky e Engels, também se aproximou da filosofia alemã, como Hegel. Foi crítico da participação da Itália na 1º Guerra Mundial. Foi secretário do Partido Liberal,	Fustel de Coulanges.

Maurice CROISSET (1846 – 1935/ Francês)	Aluno da ENS (1872); <i>Agrégation en lettres</i> (1875 – 1º lugar); <i>Docteur ès lettres</i> (1874).	Professor na <i>Faculté de Lettres de Montpellier</i> (1876); <i>Maître de Conférences</i> na ENS (1891); Professor de Língua e Literatura Grega no <i>Collège de France</i> (1893- 1930); Membro da <i>Académie des Inscriptions et Belles Lettres</i> (1902); Administrador do CF (1911-29).	3 (1900 ; 1901 ; 1902)	2	1 (B)	afastou-se do governo durante o governo de Mussolini. Católico. Pai normaliano, <i>agrégé en lettres</i> e professor no Liceu <i>Saint-Louis</i> . Tinha um irmão professor universitário na <i>Sorbonne</i> (Alfred Croiset).
Prosper CULTRU (1862 – 1917/ Francês)	<i>Agrégation en histoire et géographie</i> (1887 – 11º lugar) SI	SI	6 (1907 ; 1908 ; 1909 ; 1913)	1	5 (B)	
Louis DAVILLÉ (1871 – 1933/ Francês)	SI	<i>Chargé de cours</i> no liceu de <i>Bourges</i>	6 (1911 ; 1912 ; 1913 ; 1914)	5	1 (RC)	
Georges DAVY (1883 – 1976/ Francês)	Aluno da ENS (1905); <i>Agrégation en philosophie</i> (1908 – 5º lugar); <i>Docteur ès lettres</i>	Professor de filosofia no liceu de <i>Nice</i> ; Professor de filosofia no liceu de <i>Lyoni</i> ; Professor na <i>Faculté des lettres de Dijon</i> ; Reitor na <i>Faculté des lettres de Dijon</i> ; Reitor na <i>Académie de Rennes</i> ; Professor de Sociologia na <i>Faculté des lettres de Paris</i> ; Reitor na <i>Faculté des lettres de Paris</i> ; Membro da <i>Académie des sciences morales et politiques</i> (1952)	1 (1912)	0	1 (B)	Foi aluno de Émile Durkheim na <i>Sorbonne</i> e de Marcel Mauss na EPHE. No campo da sociologia, seus principais trabalhos foram na área da sociologia jurídica.
Joseph DÉCHELLETE (1862 – 1914/ Francês)	Aluno no <i>collège de Saint- Chamond</i>	Conservador do Museu de <i>Rouane</i> (1892); Correspondente da <i>Société des Antiquaires</i> (1893); Membro da <i>Comité des travaux historiques</i> (1904); Membro da comissão departamental de monumentos históricos (1905); <i>Docteur honoris causa de l'Université de Fribourg</i> (1911); Membro da <i>Académie des inscriptions et belles lettres</i> (1912);	1 (1901)	1	0	Proveniente de uma família burguesa da indústria têxtil. Não estudou em universidades, foi um autodidata na área da arqueologia, ganhando amplo reconhecimento. Estudou em um colégio católico.

Henri DELACROIX (1873 – 1937/ Francês)	Aluno no liceu Henri IV; <i>Faculté des lettres de Paris</i> ; <i>Licence ès lettres</i> (1892); <i>Agrégation en philosophie</i> (1894 – 1º lugar); <i>Docteur ès lettres</i> (1900)	Professor no liceu de Pau (1899 – 1900); <i>Maître de conférences na Faculté des lettres de Montpellier</i> (1900 – 1905); Professor de Filosofia na <i>Faculté des lettres de Caen</i> (1905 – 1909); <i>Maître de conférences na Faculté des lettres de Paris</i> (1909 – 1919); <i>Professor de psychologie na Faculté des lettres de Paris</i> (1919); Reitor na <i>Faculté des lettres de Paris</i> (1928);	15 (1901 ; 1902 ; 1904 ; 1906 ; 1908 ; 1914)	1	14 (13 B ; 1 RC)	Filho de um agrégé em <i>grammaire</i> e professor no liceu <i>Louis-le-Grand</i> .
Louis DELAPORTE (1842 – 1925/ Francês)	Aluno na <i>École navale de Brest</i> (1858);	Oficial da Marinha; Chefe da missão de exploração dos monumentos do Khmer (1873);	1 (1912)	0	1 (B)	Foi um dos primeiros a estudar o Camboja na França. Ajudou a organizar o Museu Oriental de <i>Compiègne</i> .
Victor DELBOS (1862 – 1916/ Francês)	Aluno da ENS; <i>Agrégation en philosophie</i> (1885 – 1º lugar);	<i>Maître de conférences na Sorbonne</i> (1902); Presidente da <i>Société d'études pour les questions d'enseignement secondaire</i> ; Membro da <i>Académie des sciences morales et politiques</i> (1911)	1 (1900)	0	1 (B)	Importante estudioso das obras de Kant e Spinoza.
Joseph DELPECH (1872 – 1960/ Francês)	<i>Licence en droit</i> (1892); <i>Docteur en droit</i> (1897); <i>Agrège en droit</i> (1903 – 2º lugar)	<i>Pensionnaire da Fondation Thiers</i> (1898); <i>Chargé de cours na Faculté de droit de Paris</i> (1898 – 1901); <i>Chargé de cours na Faculté de droit de Marseille</i> (1902 – 1903); <i>Chargé de cours na Faculté de droit d'Aix-en-Provence</i> (1903 – 1904); <i>Chargé de cours na Faculté de sciences de Marseille</i> (1903 – 1907); Professor titular na <i>Faculté de droit d'Aix-en-Provence</i> (1907 – 1908); Professor titular na <i>Faculté de droit de Dijon</i> (1908 – 1918); Professor titular na <i>Faculté de droit de Strasbourg</i> (1918 – 1944)	1 (1909)	0	1 (B)	Seu pai era advogado.
Jules DELVILLE (1862 – 19./ Francês)	<i>Agrégation en philosophie</i> (1892 – 6º lugar)	Professora no liceu de Mans (1910)	1 (1914)	0	1 (RC)	Uma das poucas mulheres que publicou na RSH.
Waldemar DEONNA (1880 –	<i>Licence ès lettres na Université de</i>	Membro estrangeiro da <i>École française d'Athènes</i> (1906 – 1908); Professor	1 (1914)	1	0	Pai diplomata.

1959/ Suíço)	Genève (1903); Docteur (1907)	suplente na <i>Faculté des lettres</i> da <i>Université de Genève</i> (1908 – 1911); <i>Privat-docent</i> na <i>Université de Genève</i> ; Professor extraordinário na <i>Université de Genève</i> (1920 – 1955); Diretor do <i>Musée d'art et d'histoire de Genève</i> (1920 – 1951); Conservador no <i>Musée archéologique de Genève</i>	3 (1904)	3	0	
Georges DESDEVICES DU DÉZERT (1854 – 1942/ Francês)	<i>Agrégation en histoire et géographie</i> (1884 – 6º lugar); <i>Docteur en droit</i> pela <i>Université de Caen</i> (1877); <i>Docteur en histoire</i> pela <i>Faculté des lettres de Paris</i> (1889)	Professor na <i>Université de Clermont-Ferrand</i> (1892 – 1924)	3 (1904)	3	0	
Maurice DESLANDRES (1862 – 1941/ Francês)	<i>Agrégation en droit</i> (1891);	<i>Chargé de cours</i> na <i>Faculté de Dijon</i> (1891 – 1896); Professor titular na <i>Faculté de Dijon</i> (1896 – 1920); Reitor da <i>Faculté de Dijon</i> (1920 – 1926)	2 (1902; 1911)	1	1 (B)	Católico, ligado ao movimento de <i>christianisme social</i> .
Charles DIEHL (1859 – 1944/ Francês)	Aluno no liceu <i>Louis-le-Grand</i> ; Aluno na <i>ENS</i> ; <i>Agrégation en histoire et géographie</i> (1881 – 1º lugar); <i>Docteur ès lettres</i> (1888)	Membro da <i>École française de Rome</i> (1881 – 1882); Membro da <i>École française d'Athènes</i> (1883 – 1885); <i>Maître de conférence</i> na <i>Faculté des lettres de Nancy</i> (1885 – 1891); Professor de História na <i>Faculté des lettres de Nancy</i> (1891 – 1899); <i>Chargé de cours</i> na <i>Faculté des lettres de Paris</i> (1899 – 1904); Professor adjunto na <i>Faculté des lettres de Paris</i> (1904 – 1907); Professor de História Bizantina na <i>Sorbonne</i> (1907 – 1934); Membro da <i>Académie des inscriptions et belles lettres</i> (1910)	7 (1901; 1903; 1905; 1910)	1	6 (B)	Protestante. Professor de Louis Bréhier.
Édouard DOLLÉANS (1878 – 1954/ Francês)	<i>Agrégation en droit</i> ; <i>Docteur en droit</i> (1903)	Professor titular na <i>Faculté de droit de Paris</i> ; Secretário Geral da <i>Union internationale des Chambres de</i>	6 (1910; 1911; 1913)	5	1 (B)	Politicamente de esquerda. Fez parte do <i>Front populaire</i> ,

			commerce (1920- 1933); Co-fundador do <i>Institut français d'histoire sociale</i> (1948)					trabalhando no gabinete do deputado Léo Lagrange. Juntamente com Georges Bourgin e Jean Maitron funda o <i>Institut français d'histoire sociale</i> .
René DOLLOT (1875 – 1962/ Francês)	Docteur en droit	Trabalhou em diversos consulados; Ministro plenipotenciário (1934); Diretor da <i>Revue d'histoire diplomatique</i> (1847 – 1962)	2 (1908)	0	2 (B)			
Georges DOTTIN (1863 – 1928/ Francês)	Faculté des lettres de Rennes; Agrégation en grammaire (1890 – 11º lugar); Docteur ès lettres (1896)	Professor na <i>Faculté des lettres de Dijon</i> ; <i>Maître des conférences</i> na <i>Faculté de Rennes</i> (1903 – 1910); Reitor na <i>Faculté de Rennes</i> (1910 – 1928)	3 (1901 ; 1903 ; 1904)	3	0			Dreyfusard.
Roger DOUCET (1885 – 1956/ Francês)	Agrégation en histoire et géographie (1908 – 2º lugar)	Professor na <i>Faculté des lettres de Lyon</i> ; Reitor na <i>Académie de Montpellier</i>	25 (1911 ; 1912 ; 1913 ; 1914)	1	24 (B)			
Édouard DRIAULT (1864 – 1947/ Francês)	Aluno na <i>École normale supérieure de Saint-Cloud</i> ; Agrégation en histoire et géographie (1891 – 9º lugar)	Professor na <i>École normale d'instituteurs de Versailles</i> ; Professor no liceu <i>Hoche de Versailles</i> (1902 - 1920); <i>Chargé de mission scientifique en Grèce</i> (1920 – 1925);	1 (1908)	1	0			Foi o redator de diversos manuais de história.
Marcel DROUIN (1871 – 1943/ Francês)	Aluno na ENS de Sèvres; Agrégation en philosophie (1895 – 1º lugar)	Professor no liceu <i>Janson-de-Sailly</i> ;	1 (1911)	1	0			
E. DUCHESNE (SI)	SI		1 (1913)	0	1 (B)			
Charles DUFAYARD (1860)	Aluno na ENS; Agrégation en	Professor no liceu <i>Henri IV</i>	2 (1902 ; 1903)	1	1 (B)			

- 1942/ Francês)	<i>histoire géographique</i> (1885 – 1º lugar)						
Albert DOUFOURCQ (1872 – 1952/ Francês)	Aluno na ENS; <i>Agrégation en histoire géographique</i> (1895 – 5º lugar); <i>Docteur ès lettres</i>	Professor na <i>Faculté des lettres de Bordeaux</i>	1 (1904)	1	0		
Maurice DUMOULIN (1868 – 1935/ Francês)	SI	Oficial de artilharia	1 (1901)	1	0		Também atuou como historiador e empresário.
Émile DURKHEIM (1858 – 1917/ Francês)	Aluno no liceu <i>Louis-le-Grand</i> ; Aluno na ENS; <i>Agrégation en philosophie</i> (1882 – 7º lugar); <i>Docteur ès lettres</i> (1893)	Professor nos liceus de <i>Puy, Sens, Saint-Quentin, Troyes</i> (1882 – 1885); <i>Chargé de cours de science sociale et pédagogie</i> na <i>Faculté des lettres de Bordeaux</i> (1887 – 1896); Professor na <i>Faculté des lettres de Bordeaux</i> (1896 – 1902); <i>Chargé de cours</i> na <i>Faculté des lettres de Paris</i> (1902); Professor de <i>science de l'éducation</i> na <i>Faculté de lettres de Paris</i> (1906); Professor de <i>science de l'éducation et sociologie</i> na <i>Faculté des lettres de Paris</i> (1913)	2 (1901 ; 1902)	1	1 (B)		Judeu. Dreyfusard e republicano.
Rudolf EUCKEN (1846 – 1926/ Alemão)	Aluno nas Universidade de <i>Göttingen e Berlin</i> ; Doutor pela Universidade de <i>Göttingen</i> (1866)	Professor na Universidade de <i>Basel</i> na Suíça (1871 – 1874); Professor na Universidade de <i>Iena</i> na Alemanha (1875 – 1920); Prêmio Nobel de Literatura (1908)	1 (1907)	1	0		
Paul FAUCONNET (1874 – 1938/ Francês)	Aluno no liceu <i>Charlemagne</i> ; Aluno na ENS; <i>Agrégation en philosophie</i> (1895 – 4º lugar); <i>Docteur ès lettres</i> (1920)	Professor no liceu de <i>Roanne</i> (1897); Professor suplente no liceu <i>Louis-le-Grand</i> (1897 – 1898); Professor no <i>collège de Saint-Germain-en-Laye</i> (1903 – 1905); Professor no liceu de <i>Cherbourg</i> (1905 – 1907); <i>Maître de conférences de philosophie sociale et de pédagogie</i> na <i>Faculté de lettres de Toulouse</i> (1907 – 1920); <i>Maître de conférences de</i>	1 (1908)	0	1 (RC)		Dreyfusard. Membro da equipe durkheimiana. Sucedeu a Durkheim na cadeira de Sociologia e Ciência da Educação na <i>Sorbonne</i> .

Lucien FEBVRE (1878 – 1956/ Francês)	Aluno no liceu Louis-le-Grand; Aluno na ENS; Agrégation en histoire et géographie (1902 – 4º lugar); Docteur ès lettres (1911)	sociologie et de sciences de l'éducation na Faculté de lettres de Paris (1921 – 1932)	Professor no liceu Bar-le-duc (1902); Pensionnaire à la Fondation Thiers (1903 – 1906); Professor no liceu de Bensaçon (1907 – 1912); Chargé de cours na Faculté des lettres de Dijon (1912 – 1919); Professor e assistente de Reitor na Faculté des lettres de Strasbourg (1919 – 1932); Professor no Collège de France (1933 – 1949); Directeur d'études e Presidente da 6ª seção na EPHE (1943 – 1948); Membro da Académie des sciences morales et politiques (1949)	59 (1905 ; 1906 ; 1907 ; 1908 ; 1909 ; 1910 ; 1911 ; 1912 ; 1913 ; 1914)	11	48 (44 B ; 4 RC)	Ateu. Dreyfusard, socialista jaurésien. Fundador, junto com Marc Bloch, da Annales économique et sociale. Foi aluno de Henri Berr e sempre esteve próximo deste, o qual considerava seu mestre. Esteve sempre próximo dos empreendimentos de Henri Berr.
Gabriel FERRAND (1864 – 1935/ Francês)	Docteur ès lettres (1909)	SI	SI	1 (1911)	0	1 (B)	Etnólogo e linguista, especialista em Madagascar e Islã.
Abel FERRY (1881 – 1918/ Francês)	SI	Deputado pelo partido Gauche radicale (1909 – 1914);	Deputado pelo partido Gauche radicale (1909 – 1914);	7 (1903 ; 1904 ; 1905 ; 1906)	0	7 (B)	Membro do partido Gauche radicale. Sobrinho de Jules Ferry, responsável por uma das leis que renovou o sistema de ensino francês. Faleceu na 1ª Guerra Mundial.
Hippolyte FIERENS-GEVAERT (1870 – 1926/ Belga)	Estudou canto no Conservatoire royal de Bruxelles (1890)	Conservador no Musées royaux des beaux-arts de Belgique; Professor na Universidade de Liège.	Conservador no Musées royaux des beaux-arts de Belgique; Professor na Universidade de Liège.	1 (1914)	1	0	
Jacques FLACH (1846 – 1919/ Francês)	Direito na Faculté de Strasbourg; EPHE; École des chartes;	Professor na École d'architecture de Paris (1873 – 1877); Professor na École des sciences politiques (1877 – 1884); Professor substituto no Collège de France (1879 – 1880; 1882 – 1883); Professor titular da cátedra législations comparées	Professor na École d'architecture de Paris (1873 – 1877); Professor na École des sciences politiques (1877 – 1884); Professor substituto no Collège de France (1879 – 1880; 1882 – 1883); Professor titular da cátedra législations comparées	1 (1904)	1	0	Protestante.

Pierre FONCIN (1841 – 1916/ Francês)	Baccalauréat ès lettres; Aluno na ENS; (1860 – 1863); <i>Agrégation</i> en <i>histoire</i> et géographie (1863 – 6º lugar); <i>Docteur ès lettres</i> (1877)	no Collège de France (1884 – 1909); Membro da Académie des sciences morales et politiques (1912)	1 (1900)	1	0	Maçon. Teve um papel importante na renovação do ensino de geografia na França. Cofundador da <i>Alliance française</i> .
André FRIBOURG (1887 – 1940/ Francês)	<i>Agrégation</i> en <i>histoire</i> et géographie (1919 – 1º lugar)	Professor no liceu <i>Henri IV</i> ; Deputado pelo <i>Parti radical et radical socialiste</i> (1919 – 1924); Deputado pelo <i>Parti radical</i> et <i>radical-socialiste</i> (1924 -1928); Deputado pelo partido <i>Républicain radical</i> et <i>radical-socialiste</i> (1932 – 1936)	128 (1906 ; 1907 ; 1908 ; 1909 ; 1910 ; 1911 ; 1912 ; 1913)	2	126 (B)	<i>Agrégation: Concours normal, anciens admissibles.</i> Foi eleito através da lista no <i>Cartel de Gauches</i> .
Henri FROIDEVAUX (1863 – 1954/ Francês)	<i>Agrégation</i> en <i>histoire</i> et géographie (1888 – 3º lugar); <i>Docteur ès lettres</i> Aluno no liceu <i>Henri IV</i> ; Aluno na ENS; <i>Agrégation</i> en <i>histoire</i> et géographie (1884 – 12º lugar); <i>Docteur ès lettres</i> (1890)	Professor de <i>géographie coloniale</i> na <i>Faculté des lettres de Paris</i> (1898 – 1904); Professor de História Moderna e Contemporânea no <i>Institut catholique de Paris</i> (1904 – 1938)	1 (1900)	1	0	Membro da Académie des sciences d'outre- mer. Diretor da revista <i>l'Asie française</i> .
Lucien GALLOIS (1857 – 1941/ Francês)	<i>Docteur ès lettres</i> (1890)	<i>Maître auxiliaire</i> no liceu <i>Henri IV</i> (1877); Professor no liceu de <i>Nice</i> (1884 – 1885); <i>Maître surveillant</i> na ENS (1885 – 1891); <i>Chargé de cours</i> na <i>Faculté des lettres de Paris</i> (1893 – 1898); <i>Maître de conférences</i> na ENS, como substituto de Vidal de la Blanche (1898 – 1904); <i>Chargé de cours</i> na <i>Faculté des lettres de Paris</i> (1904); Professor de Geografia e Topografia na <i>Faculté des lettres de Paris</i> (1909 – 1927)	1 (1902)	0	1	Católico. Dreyfusard. Diretor da <i>Annales de géographie</i> , revista criada por Vidal de la Blanche. Este, assim como os membros de sua equipe, estiveram presentes na RSH.
G. GAVET (SI)	SI	SI	1 (1904)	1	0	

Giovanni GENTILE (1875 – 1944/ Italiano)	Scuola Normale Superiore di Pisa	Professor de História da Filosofia na <i>Università de Palermo</i> (1910 – 1914); Professor na <i>Università de Pisa</i> (1914 – 1917); Professor na <i>Università de Roma</i> (1917 – 1926); Diretor da <i>Scuola Normale Superiore di Pisa</i> (1928 – 1943)	1 (1902)	1	0	Católico. Fascista. Foi Ministro da Educação durante o governo de Mussolini, também foi membro do Partido Nacional Fascista.
François GENY (1861 – 1959/ Francês)	Faculté de droit de Nancy; Docteur en droit (1885)	Professor na <i>École de droit d'Alger</i> (1887 – 1890); Professor na <i>Faculté de droit de Dijon</i> (1890 – 1901); Professor na <i>Faculté de droit de Nancy</i> (1901 – 1931)	1 (1902)	1	0	
A. GEORGE- BERTHIER (SI)	SI	SI	1 (1914)	1	0	
Charles GEORGIN (1868 – 1932/ Francês)	Aluno na EPHE (1889); Agréation en lettres (1891 – 2º lugar)	Professor no liceu <i>Fénelon</i> ; Professor no liceu <i>Henri IV</i> (1917)	10 (1905; 1906; 1907; 1909; 1911 ; 1914)	0	10 (3 RC; 7 B)	Tradutor de diversos textos gregos. Organizou manuais de ensino do grego e latim.
Albert GIRARD (SI)	Agréation en grammaire (1890 – 25º lugar)	SI	7 (1910; 1911; 1912; 1913)	0	7 (1 RC; 6 B)	
René Girard (SI)	SI	SI	26 (1908; 1909; 1910; 1911; 1912 ; 1913; 1914)	0	26 (2 RC; 24 B)	
Victor GLACHANT (1864 – 1941/ Francês)	Aluno na ENS; Agréation en lettres (1886 – 5º lugar)	Professor no liceu de <i>Buffon</i>	3 (1907)	0	3 (B)	
Gustave GLOTZ (1862 – 1935/ Francês)	Aluno no liceu <i>Louis-le-grand</i> ; Aluno na ENS; Agréation en histoire et géographie (1885 – 3º lugar); Docteur ès lettres (1904)	Professor no liceu <i>Angoulême</i> (1885 – 1886); Professor no liceu de <i>Nancy</i> (1886 – 1892); Professor no liceu <i>Michelet</i> (1892 – 1897); Professor no liceu <i>Louis- le-Grand</i> (1897 – 1907); <i>Chargé de cours</i> na <i>Faculté des lettres de Paris</i> (1907 – 1935)	1 (1905)	0	1 (B)	Judeu. Dreyfusard.
Edmond GOBLOT (1858 – 1935/ Francês)	Aluno na ENS (1879); Agréation en	Professor no liceu de <i>Bastia, Valencienne, Pau, Angers e Toulouse</i> ; Professor na <i>Faculté des lettres de Caen</i> ; Professor na	5 (1900; 1902; 1903; 1904)	2	3 (1 RC; 2 B)	Dreyfusard. Estudou junto com Émile Henri Durkheim,

	<i>philosophie</i> (1883 – 3º lugar); <i>Docteur ès lettres</i> (1898)	<i>Faculté des lettres de Lyon</i> (1906);				Bergson, Pierre Janet e Jean Jaurès na ENS. Foi designado por Henri Berr para ser o resenhista da <i>L'Année sociologique</i> . Judeu.
Theodore GOMPERZ (1832 – 1912/ Austríaco)	Aluno na Universidade de Viena (1849);	<i>Privat-docent</i> (1867); Professor assistente (1869); Professor de filologia clássica (1873); Membro da Academia de Ciências de Viena (1882); Membro da Casa dos Lordes Austríaca	2 (1901; 1903)	2	0	
P. GRENIER (SI)	SI	SI	1 (1910)	0	1 (B)	
Antoine GUILLAND (1861 – 1931/Suíço)	<i>Licencie ès lettres</i> na Universidade de Geneva	Professor na <i>High Commercial School of Geneva</i> (1888 – 1890); Professor de História no <i>Polytechnic Institute of Zurich (Ecole polytechnique federale)</i> (1895)	2 (1913)	2	0	
Louis HALPHEN (1880 – 1950/ Francês)	Aluno no liceu <i>Louis-le-Grand</i> ; Aluno na <i>École des Chartes</i> (1900 – 1904); Diploma da EPHE (1906); <i>Docteur ès lettres</i> (1906)	Membro da <i>École française de Rome</i> (1904 – 1906); Substituto na EPHE (1908); Secretário da <i>École des Chartes</i> (1908 – 1909); <i>Chargé de cours</i> na <i>Faculté des lettres de Bordeaux</i> (1910 – 1912); Professor na <i>Faculté des lettres de Bordeaux</i> (1912 – 1921); <i>Directeur d'études</i> de História e Geografia na <i>Faculté des lettres de Bordeaux</i> (1920 – 1928); <i>Directeur d'études</i> na EPHE (1928); <i>Chargé de cours</i> na <i>Faculté des lettres de Paris</i> (1934 -1937); <i>Maître de conférences</i> na <i>Faculté des lettres de Paris</i> (1937 – 1939); Membro da <i>Académie des inscriptions et belles lettres</i> (1935)	16 (1906; 1907; 1908; 1910; 1911; 1912; 1914)	2	14 (2 RC; 12 B)	Origem judaica porém, era agnóstico. Provavelmente dreyfusard.
Georges HARDY (1884 – 1972/ Francês)	Aluno na ENS (1904 – 1907); <i>Agrégation en histoire et géographie</i> (1907 – 10º lugar); <i>Docteur ès lettres</i>	Professor no liceu de <i>Bourges</i> (1908 – 1911); Professor no liceu <i>d'Orléans</i> (1911 – 1912); Diretor de ensino na África Ocidental Francesa (1912 – 1919); Diretor geral de <i>Instruction publique, des Beaux-arts et de Antiquités</i> do Marrocos (1919 – 1926); Diretor da <i>École coloniale de Paris</i>	1 (1910)	0	1 (RC)	Antissemita, apoiou as leis raciais de Vichy e ajudou a aplica-las.

Henri HAUSER (1866 – 1946/ Francês)	(1921) Aluno no liceu Condorcet ; Aluno na ENS (1885) ; <i>Agrégation en histoire et géographie</i> (1888 – 1º lugar) ; <i>Docteur ès lettres</i> (1892)	(1926 – 1932) ; Reitor da <i>Académie d'Alger</i> (1932 – 1937) ; Reitor da <i>Académie de Lille</i> (1937 – 194) ; Reitor na <i>Académie d'Alger</i> (1940 – 1943) Professor nos liceus de <i>Bourges, Pau, Poitiers</i> (1888 – 1893) ; <i>Chargé de cours</i> na <i>Faculté des lettres de Clermont</i> (1893 – 1899) ; Professor na <i>Faculté des lettres de Dijon</i> (1901 – 1919) ; <i>Chargé de cours</i> na <i>Faculté des lettres de Paris</i> (1919 – 1920) ; Professor de História econômica (1927 – 1936)	2 (1902 ; 1905)	2	0	Judeu. Dreyfusard.
Louis HAUTECOEUR (1884 – 1973/ Francês)	Aluno na ENS (1905) ; <i>Agrégation en histoire et géographie</i> (1908 – 1º lugar) ; <i>Docteur ès lettres</i> (1912)	Membro da <i>École française de Rome</i> (1908 – 1910) ; Professor no liceu de <i>Laon</i> (1910 – 1911) ; Professor no <i>Institut français de Saint-Petersbourg</i> (1911 – 1913) ; Professor no liceu d' <i>Amiens</i> (1913 – 1914) ; Professor na <i>Université de Caen</i> (1919 – 1931) ; Professor na <i>École du Louvre</i> (1920 – 1940) ; Professor titular na <i>École des Beaux-Arts</i> (1920 – 1940) ; Conservador-adjunto no <i>Musée du Louvre</i> (1919 – 1927) ; Conservador no <i>Musée de Luxembourg</i> (1927 – 1937) ; Membro da <i>Académie des Beaux-Arts</i> (1955)	3 (1914)	1	2 (1 RC ; 1 B)	Pensamento político aproxima-se de uma direita conservadora. Porém, considerava-se apolítico.
Paul HENSEL (1860 – 1930/ Alemão)	SI	Professor na Universidade de <i>Heidelberg</i>	1 (1903)	1	0	
Paul HERMANT (SI)	SI	SI	5 (1905 ; 1906 ; 1907)	5	0	
Frederick HERTZ (1878 – 1964/ Austriaco)	Direito na Universidade de Viena; Doutor (1902)	SI	2 (1903 ; 1904)	2	0	Social-democrata
Louis HOURTICQ (1875 – 1944/ Francês)	Aluno no liceu <i>Louis-le-Grand</i> ; Aluno na ENS ; <i>Agrégation en</i>	<i>Chargé de cours</i> em diversos liceus de <i>jeunes filles</i> (1904 – 1906) ; <i>Sous-inspecteur des Beaux-Arts</i> em Paris (1906 – 1914) ; Professor na <i>École des Beaux-</i>	3 (1903 ; 1914)	1	2 (B)	

Henri HUBERT (1872 – 1927/ Francês)	<i>lettres</i> (1903 – 11º lugar); Aluno no liceu <i>Louis-le-Grand</i> ; Aluno na ENS; <i>Agrégation en histoire et géographie</i> (1895 – 3º lugar); Aluno na EPHE	Arts (1919); <i>Inspecteur général de l'Enseignement du dessin</i> (1924); Membro da Académie des Beaux-Arts (1927) « <i>Attaché libre</i> » au musée des Antiquités nationales de Saint-Germain-en-Laye (1898); <i>Maître de conférences</i> na EPHE (1901); <i>Chargé de cours</i> na <i>École du Louvre</i> (1906); <i>Conservateur-adjoint</i> au musée des Antiquités nationales de Saint-Germain-en-Laye (1910);	2 (1901)	1	1 (B)	Dreyfusard. Foi muito próximo de Marcel Mauss e Émile Durkheim. Foi um dos maiores colaboradores da AS.
Georges HUISMAN (1889 – 1957/ Francês)	Aluno no liceu <i>Janson-de-Sailly</i> ; Aluno na <i>École des Chartes</i> (1910); <i>Agrégation en histoire et géographie</i> (1912 – 6º lugar)	Professor nos liceus de <i>Doai, Condorcet, Janson-de-Sailly</i> ; <i>Inspecteur de l'Académie de Paris</i> (1931); Secretário-geral da Presidência de Paul Dormer (1932); Diretor-geral des <i>Beaux-Arts</i> (1934 -1940)	3 (1914)	0	3 (B)	
Paul HUVELIN (1873 – 1924/ Francês)	<i>Docteur en Droit</i> (1897)	<i>Chargé de cours complémentaire d'Histoire du Droit Français</i> na <i>Université de Aix</i> (1898); Professor de História do Direito Romano na <i>Faculté de Droit de Lille</i> (1901 – 1924)	5 (1903 ; 1904 ; 1905 ; 1908)	4	1 (RC)	Durkheimiano, trabalhou com temas da sociologia jurídica e religiosa.
Jules ISAAC (1877 – 1936/ Francês)	<i>Agrégation en histoire et géographie</i> (1902 – 8º lugar); <i>Docteur en médecine</i> (1895)	Professor nos liceus de <i>Nice, Sens</i> (1906); Professor nos liceus <i>Louis-le-Grand</i> e <i>Saint-Louis</i> ; <i>Inspecteur général de l'Instruction publique</i> (1936) Tradutor	3 (1906 ; 1907 ; 1909)	0	3 (B)	Judeu. Dreyfusard. Socialista <i>jauresiano</i> .
Samuel JANKELEVITCH (1869 – 1951/ Russo)			84 (1904 ; 1905 ; 1906 ; 1907 ; 1908 ; 1909 ; 1910 ; 1911 ; 1912 ; 1913)	5	79 (9 RC ; 70 B)	Judeu. Pai do famoso filósofo francês Vladimir Jankelevitch. Foi um grande tradutor das obras de Freud. Escreveu e resenhou diversos textos sobre sociologia na RSH.

Émile JEANMAIRE (SI / Francês)	Agrégation en allemand (1884 – 7º lugar)	SI	1 (1904)	0	1 (RC)	
Camille JULLIAN (1859 – 1933/ Francês)	Aluno no liceu de Marseille ; Aluno na ENS (1877) ; Agrégation en histoire et géographie (1880 – 1º lugar) ; Docteur ès lettres (1884)	Membro da <i>École française de Rome</i> (1880 – 1882) ; <i>Chargé de cours</i> na <i>Faculté des lettres de Bordeaux</i> (1883 – 1905) ; Professor <i>d'histoire des antiquités nationales au Collège de France</i> (1905 – 1930) ; Membro da <i>Académie des inscriptions et belles-lettres</i> (1908)	1 (1906)	1	0	Protestante. Liberal.
S. KARPPE (SI)	SI	SI	1 (1903)	0	1 (B)	
Arthur KLEINCLAUSZ (1869 – 1947/ Francês)	Agrégation en histoire et géographie (1891 – 3º lugar) ; Docteur ès lettres (1901)	Professor na <i>Université de Dijon</i> (1902 – 1904) ; Professor na <i>Université de Lyon</i> (1904 – 1928) ; Presidente da Comissão de Museus de Lyon (1922 – 1941) ; Diretor da <i>École des Beaux-Arts</i> (1925) ; Reitor da <i>Faculté des lettres de Lyon</i> (1931)	3 (1904)	3	0	
Igance KONT (1856 – 1912/ Húngaro)	Agrégation en allemand (1887 – 1º lugar) ; Docteur ès lettres (1902)	<i>Chargé de cours</i> na Sorbonne	3 (1901 ; 1902)	3	0	
Nicolas KOSTYLEFF (SI)	SI	SI	1 (1903)	1	0	
André KOSZUL (1878 – 1956/ Francês)	Aluno na <i>Faculté des lettres de Lille</i> (1897 – 1899) ; Agrégation en anglais (1901 – 1º lugar) ; Docteur ès lettres (1910)	Professor no liceu de <i>Rochefort</i> (1901 – 1902) ; Professor no liceu <i>d'Agen</i> (1902 – 1904) ; <i>Pensionnaire</i> na <i>Fondation Thiers</i> (1904 – 1907) ; Professor no liceu <i>Ampère</i> (1907 – 1908) ; Professor no liceu de <i>Douai</i> (1908 – 1910) ; Professor suplente na <i>Faculté des lettres de Lille</i> (1908 – 1909) ; <i>Chargé de cours</i> na <i>Faculté des lettres de Lille</i> (1910 – 1911) ; Professor na <i>Faculté des lettres de Lille</i> (1911 – 1913) ; <i>Maîtres de conférences</i> na <i>Faculté des lettres de Paris</i> (1913 – 1919) ;	3 (1906 ; 1908 ; 1909)	3	0	

W.-M. KOZLOWSKI (SI)	SI	Professor na <i>Faculté des lettres de Strasbourg</i> (1919 – 1924) ; Professor em Harvard (1928 – 1938)	1 (1908)	1	0	
Paul LACOMBE (1834 – 1919/ Francês)	Faculdade de Direito (1851 – 1854) ; <i>École des Chartes</i> (1859) ;	Arquivista de Corrèze ; Subprefeito de Figeac ; Secretário Geral da Prefeitura de Loiret ; <i>Inspecteur général des bibliothèques et archives</i> (1882)	44 (1900 ; 1901 ; 1903 ; 1904 ; 1905 ; 1906 ; 1907 ; 1908 ; 1909 ; 1910 ; 1911 ; 1912 ; 1913)	39	5 (2 RC ; 3 B)	Um dos colaboradores mais próximos de Henri Berr.
Jean-Paul LAFITTE (1881 – SI/ Francês)	Aluno na EPHE (1907)	SI	1 (1910)	0	1 (B)	Aluno de Marcel Mauss na EPHE
André LALANDE (1867 – 1963/ Francês)	Aluno no liceu Henri IV ; Aluno na ENS ; Aluno na EPHE ; <i>Agrégation en philosophie</i> (1888 – 1º lugar) ; <i>Docteur ès lettres</i> (1899)	Professor nos liceus Louis-le-Grand, Henri IV e Condorcet (1895 -1897) ; Professor no liceu Michelet (1897 – 1904) ; <i>Chargé de conférence na Faculté des lettres de Paris</i> (1904 – 1905) ; <i>Maître de conférences na Faculté des lettres de Paris</i> (1906 – 1909) ; Professor adjunto na Sorbonne (1915 – 1918) ; Professor na <i>Université du Caire</i> (1926 – 1930) ; Membro da <i>Académie des sciences morales et politiques</i> (1922)	2 (1901 ; 1903)	2	0	Laico porém, com proximidade ao protestantismo. Dreyfusard.
Louis LALOY (1874 – 1944/ Francês)	Aluno no liceu Henri IV ; Aluno na ENS ; <i>Agrégation en lettres</i> (1896 - 5º lugar) ; <i>Docteur ès lettres</i> (1904)	Professor na Sorbonne (1906) ; <i>Secrétaire général de l'opéra</i> (1913) ;	1 (1900)	1	0	
Irénée LAMEIRE (1864 – 1943/ Francês)	SI	Professor na <i>Faculté de droit de Paris</i> (1897) ; Professor na <i>Faculté de droit de Lyon</i> (1897 – 1935)	2 (1912 ; 1913)	0	2 (B)	
Karl LAMPRECHT (1856 – 1915/ Alemão)	Aluno nas Universidades de Göttingen, Leipzig e Munique (1874)	Professor no <i>Friedrich Wilhelm Gymnasium</i> (1879 – 1881) ; Professor na Universidade de Bonn (1885 – 1890) ; Professor na Universidade de Marburg	4 (1900 ; 1905 ; 1910)	4	0	Importante historiador alemão, possui diversos trabalhos inovadores sobre

	- 1879); Doutor pela Universidade de Leipzig (1878)	(1891); Professor na Universidade de Leipzig (1892)					História da Arte e Teoria da História. Henri Berr discute por diversas vezes seus trabalhos.
Charles-Victor LANGLOIS (1863 – 1929/ Francês)	Aluno na EPHE; Agrégation en histoire et géographie (1884 – 1º lugar); Aluno na École des Chartes (1885); Docteur ès lettres (1887)	Maître de conférences na Faculté des lettres de Douai (1885); Chargé de cours na Faculté des lettres de Montpellier (1886 – 1901); Professor na Faculté des lettres de Montpellier (1901 – 1913); Directeur des Archives Nationales (1913 – 1929); Membro da Académie des inscriptions et belles lettres (1917)	1 (1901)	1	0		Católico. Dreyfusard.
Gustave LANSON (1857 – 1934/ Francês)	Aluno no liceu Charlemagne; Aluno na ENS; Agrégation en lettres (1879 – 1º lugar); Docteur ès lettres (1887)	Professor nos liceus Bayonne, Moulins Rennes e Toulouse (1879 – 1883); Professor no liceu Charlemagne (1886 – 1888); Professor no liceu Michelet (1888 – 1890); Professor no liceu Charlemagne (1890 – 1894); Professor no liceu Louis-le-Grand (1894); Professor suplente na ENS (1894 – 1895; 1896 – 1900); Maître de conférences na Faculté des lettres de Paris (1900 – 1902); Chargé de cours na Faculté des lettres de Paris (1903 – 1910); Assessor do Reitor na Faculté des lettres de Paris (1910 – 1913); Diretor da ENS (1919 – 1927)	3 (1900; 1910)	2	1 (B)		Laico, de família católica. Dreyfusard e republicano.
Valory RICOLAIS (SI)	SI	SI	6 (1901; 1902; 1903)	0	6 (B)		
H. LÉONARDON (SI)	SI	SI	1 (1902)	1	0		
Alessandro LEVI (1881 – 1953/ Italiano)	Università degli Studi di Padova (1902)	Professor de Filosofia do Direito na Università degli Studi di Catania	5 (1904; 1905; 1906)	0	5 (2 RC; 3 B)		Judeu. Antifascista e socialista. Foi perseguido pelo regime fascista e se refugiou, junto com outros intelectuais, na Suíça.

Sylvain LÉVI (1863 – 1935/ Francês)	Aluno no liceu <i>Charlemagne</i> ; Aluno na EPHE; <i>Agrégation en lettres</i> (1883 – 2º lugar); <i>Docteur ès lettres</i> (1890)	<i>Maître des conférences</i> na EPHE (1886 – 1894); Professor de <i>langue et littérature sanskrita</i> no <i>Collège de France</i> (1894 – 1935)	1 (1910)	1	0	Judeu. Dreyfusard. Foi próximo dos durkheimianos, sendo professor de Henri Hubert e Marcel Mauss.
Isidore LEVY (1871 – 1959/ Francês)	Aluno na <i>Faculté des lettres de Lyon</i> ; <i>Agrégation en histoire et géographie</i> (1894 – 6º lugar); <i>Docteur ès lettres</i> (1927)	<i>Pensionnaire da Fondation Thiers</i> (1894 – 1897); Membro do <i>Institut français d'archéologie orientale du Caire</i> (1897 – 1899); <i>Chargé de cours</i> na EPHE (1899 – 1905); <i>Maître de conférences, directeur adjoint e directeur d'études</i> na EPHE (1905 – 1938); <i>Maître de conférences na Faculté des lettres de Lille</i> (1919 – 1923); <i>Chargé de cours na Faculté des lettres de Paris</i> (1923 – 1927); Professor de <i>histoire ancienne de l'Orient sémitique</i> no <i>Collège de France</i> (1933 – 1945)	4 (1900 ; 1901)	0	4 (B)	Judeu. Dreyfusard. Membro da <i>Escola Sociológica Francesa</i> .
Henri LICHTENBERGER (1864 – 1941/ Francês)	Aluno nos liceus <i>Condorcet e Louis-le-Grand</i> ; <i>Licencié de philosophie</i> (1884); Aluno na EPHE; Aluno na <i>Université allemande de Strasbourg</i> (1884 – 1887); <i>Agrégation en allemand</i> (1885 – 5º lugar); <i>Docteur ès lettres</i> (1891)	Professor nos liceus de <i>Bourges e Carcassonne</i> (1885 – 1887); <i>Maître de conférences na Faculté des lettres de Nancy</i> (1887 – 1893); Professor na <i>Faculté des lettres de Nancy</i> (1894 – 1905); <i>Maître de conférences na Faculté des lettres de Paris</i> (1905 – 1909); Professor na <i>Faculté des lettres de Paris</i> (1909 – 1934)	11 (1900; 1901; 1902; 1904; 1905; 1907; 1908; 1910)	3	8 (4 RC; 4 B)	Protestante. Foi membro do Grêmio literário da Bahia (Brasil)
Paul LORQUET (1861 – 19./ Francês)	SI	Professor no liceu <i>Janson-de-Sailly</i>	3 (1900; 1901; 1909)	2	1 (B)	
Myrrha LOT-BORODINE (1882	<i>Université féminine</i> "Prince	Apesar de não possuir cargo efetivo no sistema de ensino e pesquisa francês,	2 (1912; 1914)	1	1 (RC)	Judia. Mulher. Filha de um botânico membro

- 1954/ Russa)	Obolensky" ; Assistiu aos cursos de Joseph Bédier no Collège de France ; Docteur ès lettres (1909)	realizou diversas pesquisas sobre a Idade Média.				da Académie des Sciences na Rússia. Esposa do medievalista Ferdinand Lot. Possui diversos trabalhos sobre a Idade Média.
Julien LUCHAIRE (1876 – 1962/ Francês)	Aluno no liceu Henri IV ; Aluno na ENS ; Agrégation de grammaire (1897 – 1º lugar) ; Docteur ès lettres (1906)	Membro da École française de Rome (1898) ; Professor no liceu Condorcet (1900) ; Maître de conférences na Faculté des lettres de Lyon (1901 -1906) ; Chargé de cours na Faculté des lettres de Grenoble (1906 – 1907) ; Professor na Faculté des lettres de Grenoble (1907 – 1909) ; Diretor do Institut français de Florence (1909 – 1919) ; Inspecteur général de l'Instruction publique, enseignement secondaire (1920)	1 (1909)	1	0	Agnóstico. Dreyfusard.
Georges LYON (1853 – 1929/ Francês)	Aluno no liceu Louis-le-Grand ; Aluno na ENS (1877) ; Agrégation en philosophie (1877 – 1º lugar) ; Docteur ès lettres (1888)	Professor no liceu Henri IV (1882 – 1886) ; Chefe de gabinete do Ministro de Instrução Pública (1887) ; Maître de conférences na ENS (1888 – 1903) ; Reitor na Académie de Lille (1903 – 1924)	2 (1901 ; 1902)	1	1 (B)	
Dugald Sutherland MacCOLL (1859 – 1948/ Escocês)	University College School (1873 – 1876) ; University College, London (1876 -1881)	Crítico de arte no jornal The Spectator (1890 – 1896) ; Crítico de arte no jornal Saturday Review (1896 – 1906) ; Curador na Galeria Tate (1906 – 1911) ; Curador na Coleção Wallace (1911 – 1924) ; Membro da Royal Fine Arts Commission (1925 – 1929)	1 (1914)	1	0	Presbiteriano. Também atuava como pintor e estudioso da História da Arte.
Émile MALE (1862 – 1954/ Francês)	Aluno na ENS ; Agrégation en lettres (1886 – 1º lugar) ; Docteur ès lettres (1896)	Professor nos liceus de Saint-Étienne (1886 – 1889), Toulouse (1889 – 1893) e Louis-le-Grand (1893 – 1906) ; Professor na Sorbonne (1906 – 1923) ; Membro da Académie des inscriptions et belles-lettres	1 (1901)	1	0	Católico.

Paul MANTOUX (1877 – 1956/ Francês)	Aluno na ENS; <i>Agrégation en histoire et géographie</i> (1897 – 1º lugar); <i>Docteur ès lettres</i> (1906)	(1918); Diretor da <i>École française de Rome</i> (1923); Membro da <i>Académie française</i> (1937)	14 (1901; 1902; 1903; 1904; 1906; 1908; 1910)	2	12 (2 RC; 10 B)	Socialista. Por conta dessa participação em espaços socialistas, teve contato com outros durkheimianos, como Marcel Mauss e Georges Bourgin. Católico.
Gabriel MARCEL (1889 – 1973/ Francês)	<i>Agrégation en philosophie</i> (1910 – 2º lugar) SI	Trabalhou como escritor, filósofo e crítico literário, porém nunca teve uma posição formal como professor.	1 (1913)	0	1 (B)	
Pierre MARCEL (SI)	SI	SI	1 (1908)	1	0	
René MASSIGLI (1888 – 1988/ Francês)	Aluno na ENS; <i>Licence ès lettres</i> (1908); <i>Agrégation en histoire et géographie</i> (1910 – 4º lugar)	Membro da <i>École française de Rome</i> (1910 – 1913); <i>Chargé de cours na Faculté des lettres de Lille</i> (1913 - 1914); <i>Diplomata</i> (1919 – 1933);	4 (1913; 1914)	0	4 (B)	
Paul MASSON-OURSEL (1882 – 1956/ Francês)	<i>Agrégation en philosophie</i> (1906 – 7º lugar); <i>Docteur ès lettres</i> (1923)	Secretário da Direção da <i>Revue philosophique de la France et de l'étranger</i> (1918); <i>Chargé de conférences</i> na EPHE (1919 – 1927); <i>Directeur d'études</i> na EPHE (1927 – 1953)	12 (1913; 1914)	1	11 (B)	Aluno de Marcel Mauss e Émile Durkheim. Foi um dos precursores da Filosofia Comparada.
Albert MATHIEZ (1874 – 1932/ Francês)	Aluno na ENS (1894 – 1897); <i>Agrégation en histoire et géographie</i> (1897 – 5º lugar); <i>Docteur ès lettres</i> (1904)	Professor no liceu de Rochefort (1899 – 1900); <i>Pensionnaire da Fondation Thiers</i> (1900 – 1901); Professor no liceu <i>Châteauroux</i> (1901 – 1902); Professor no liceu <i>Malherbe de Caen</i> (1902 – 1906); Professor no liceu <i>Voltaire</i> (1906); <i>Chargé de cours</i> na <i>Faculté des lettres de Nancy</i> (1908); <i>Chargé de cours</i> na <i>Faculté des lettres de Lille</i> (1908 – 1909); Professor na <i>Faculté des lettres de Besançon</i> (1911 – 1919); Professor na <i>Faculté des lettres de Dijon</i> (1919 –	1 (1902)	0	1 (B)	Ateu. Socialista.

Paul MATTER (1865 – 1938/ Francês)	Docteur en droit (1890)	1921); Chargé de cours na EPHE (1928 – 1932)	1 (1908)	1	0	Jurista.
André MAZON (1881 – 1967/ Francês)	Licencié ès lettre (1901) en droit (1902); Aluno na École des langues orientales e na EPHE (1908); Docteur ès lettres (1914)	Secretário da École des langues orientales (1909 – 1914); Chargé de cours na Faculté des lettres de Strasbourg (1919 – 1920); Professor na Faculté des lettres de Strasbourg (1920 – 1922); Professor de Língua e Literatura Eslava no Collège de France (1923 -1951); Presidente do Institut d'études slaves (1937 – 1959); Membro da Académie des inscriptions et belles lettres (1941)	1 (1912)	0	1 (RC)	Católico. Dreyfusard. Fundou junto com Antoine Meillet e Paul Boyer a Revue des études slaves (1921)
F. MENTRÉ (SI)	SI	SI	1 (1905)	1	0	
Richard MEYER (SI)	SI	SI	5 (1912; 1913)	4	1 (B)	
H. MEYER-HEINE (SI)	SI	SI	1 (1905)	0	1 (B)	
Émile MICHEL (1828 – 1909/ Francês)	Aluno em Metz (1845)	Membro da Académie des Beaux-Arts (1892)	1 (1905)	1	0	Sua carreira foi como pintor.
Albert MILHAUD (1871 – 1955/ Francês)	Agrégation en histoire et géographie (1894 – 8º lugar);	Professor no liceu Louis-le-Grand (1895 – 1907); Chef de cabinet des ministres du Commerce et de l'Industrie (1911); Chef de cabinet du ministre du Travail (1914); Diretor do Service des œuvres françaises à l'étranger (1920 – 1921); Deputado (1924 – 1928); Secrétaire général du parti républicain, radical et radical-socialiste (1931 – 1934)	8 (1901; 1902; 1903; 1908)	2	6 (B)	Durkheimiano. Membro do Parti radical et radical-socialiste, foi eleito deputado pela lista do Cartel des Gauches.
Paul MONCEAUX (1859 – 1941/ Francês)	Aluno no liceu Louis-le-Grand; Aluno na ENS (1878); Agrégation en lettres (1881 – 6º lugar); Docteur ès	Membro da École française d'Athènes (1881); Professor nos liceus de Nevers, Clermont, Condorcet, Buffon e Saint-Louis (1883 – 1890); Professor no liceu Henri IV (1890); Professor de História da Literatura Latina no Collège de France (1907 – 1934); Directeur adjoint na EPHE	1 (1905)	0	1 (B)	Católico.

Georges PAGÈS (1867 – 1939/ Francês)	Aluno no liceu Henri IV; Aluno na ENS ; <i>Agrégation en histoire et géographie</i> (1889 – 1º lugar); <i>Docteur ès lettres</i> (1905)	Professor no liceu de Troyes (1891 – 1893) ; Professor no liceu de Dijon (1893 – 1897) ; <i>Chargé de cours na Faculté des lettres de Dijon</i> (1896) ; Professor no liceu de Hoche (1897 – 1898) ; Professor no liceu Voltaire (1898 – 1899) ; Professor no liceu Carnot (1899 – 1905) ; Professor no Collège Rolin (1905 – 1911) ; <i>Inspecteur de l'Académie de Paris</i> (1911 – 1916) ; <i>Inspecteur général de l'Instruction publique</i> (1916 – 1921) ; Professor na ENS (1922 – 1937)	4 (1900 ; 1907 ; 1911)	1	3 (2 RC ; 1 B)	Agnóstico.
Hippolyte PARIGOT (1861 – 1948/ Francês)	Aluno na ENS ; <i>Agrégation en lettres</i> (1884 – 1º lugar)	Professor no liceu Condorcet	1 (1902)	0	1 (B)	
Georges PARISET (1865 – 1927/ Francês)	<i>Agrégation en histoire et géographie</i> (1888 – 1º lugar)	Professor na <i>Faculté des lettres de Nancy</i>	6 (1901 ; 1904 ; 1906 ; 1907)	3	3 (B)	
Dominique PARODI (1870 – 1955/ Italiano)	Aluno no liceu Condorcet ; Aluno na ENS ; <i>Agrégation en philosophie</i> (1893 – 4º lugar)	Professor no liceu de Rodez (1893) ; <i>Maître surveillant</i> na ENS (1899) ; Professor no liceu de Bordeaux (1900 – 1902) ; Professor no liceu de Rouen (1902 – 1905) ; Professor nos liceus <i>Saint-Louis e Henri IV</i> (1905 – 1909) ; Professor no liceu <i>Charlemagne</i> (1906 – 1909) ; Professor no liceu <i>Michelet</i> (1909 – 1912) ; Professor no liceu <i>Condorcet</i> (1912 – 1917) ; <i>Inspecteur d'Académie de Paris</i> (1917 – 1919) ; <i>Inspecteur general de l'Instruction publique</i> (1919 – 1937)	1 (1906)	1	0	Laico e idealista. Membro da equipe durkheimiana.
Désiré PASQUET (1870 – 1928/ Francês)	Aluno na ENS (1890) ; <i>Docteur ès lettres</i> (1913)	Professor nos liceus <i>d'Alençon, Toulon, Versailles e Condorcet</i> ; Professor suplente na EPHE (1919 – 1924) ; <i>Directeur d'études</i> na EPHE (1924 – 1928)	4 (1901 ; 1908 ; 1913 ; 1914)	2	2 (1 RC ; 1 B)	
J. PATOUJLET (SI)	SI	SI	1 (1912)	1	0	
Léon-Gabriel	Aluno na ENS ;	Membro da <i>École française de Rome</i>	5 (1901 ; 1902 ;	0	5 (B)	

PÉLISSIER (1863 – 1912/ Francês)	Agrégation en histoire et géographie (1885 – 7º lugar)	(1885 – 1887); Professor no liceu d'Aix (1887); Chargé de cours na Faculté des lettres de Montpellier (1888 – 1896); Professor na Faculté des lettres de Montpellier (1896 – 1908); Reitor na Faculté des lettres de Montpellier (1908 – 1912)	1910)			
Jean PÉRÈS (SI/ Francês)	Aluno na ENS; Agrégation en philosophie (1884 – 2º lugar)	Professor no liceu de Grenoble	5 (1905; 1906; 1908)	0	5 (B)	
Charles PETIT-DUTAILLIS (1868 – 1947/ Francês)	Aluno no liceu Henri IV; Aluno na École des Chartes (1886 – 1890); Archiviste paléographe (1890); Agrégation en histoire et géographie (1890 – 3º lugar); Docteur ès lettres (1895)	Professor no liceu de Troyes (1894 – 1895); Chargé de cours na Faculté des lettres de Lille (1895 – 1899); Professor na Faculté des lettres de Lille (1899 – 1906); Diretor da École supérieure de commerce de Lille (1899 – 1908); Assessor do reitor na Faculté des lettres de Lille (1906 – 1908); Reitor na Académie de Grenoble (1908 – 1916); Inspecteur général de l'enseignement primaire (1916 – 1920); Inspecteur général de l'instruction publique (1920 – 1936)	29 (1902; 1903; 1904; 1905; 1906; 1908)	4	25 (1 RC; 24 B)	Católico.
Christian PFISTER (1857 – 1933/ Francês)	Aluno no liceu Louis-le-Grand; Aluno na ENS (1878); Agrégation en histoire et géographie (1881 – 1º lugar); Docteur ès lettres (1885)	Maitre de conférences na Faculté des lettres de Besançon (1882 – 1884); Maitre de conférences na Faculté des lettres de Nancy (1884 – 1885); Chargé de cours na Faculté des lettres de Nancy (1885 – 1887); Professor na Faculté des lettres de Nancy (1887 – 1899); Assessor do Reitor na Faculté des lettres de Nancy (1899); Maitre de conférences na ENS (1902 – 1904); Professor na Faculté des lettres de Paris (1904 – 1919); Professor na Faculté des lettres de Strasbourg (1919 – 1927); Reitor da Académie de Strasbourg (1927 – 1931); Membro da Académie des sciences morales et	5 (1911; 1912)	5	0	Protestante. Dreyfusard.

Camille-Georges PICAUVET (1881 – 1934/ Francês)	Aluno na ENS ; Agrégation en histoire et géographie (1904 – 7º lugar)	polittiques (1920) Professor na <i>Faculté des lettres de Toulouse</i>	10 (1907 ; 1909 ; 1910 ; 1912 ; 1913 ; 1914)	1	9 (5 RC ; 4 B)	
Alfred PICHON (SI / Francês)	Aluno na ENS ; Agrégation en lettres (1900 – 8º lugar)	SI	1 (1914)	0	1 (RC)	
René PICHON (1869 – 1923/ Francês)	Aluno na ENS (1888) ; Agrégation en lettres (1891 – 1º lugar) ; Docteur ès lettres (1903)	Professor no liceu de Hoche ; Professor no liceu Henri IV (1907 – 1912) ; Professor na <i>École normale supérieure de Sèvres</i> (1912 -)	10 (1901 ; 1903 ; 1904 ; 1905 ; 1907 ; 1908)	2	8 (B)	
Henri PIÉRON (1881 – 1964/ Francês)	Aluno no liceu Louis-le-Grand ; Agrégation en philosophie (1903 – 5º lugar) ; Aluno na <i>Faculté des sciences de Paris</i> (1907) ; Docteur en sciences (1912)	<i>Préparateur</i> na <i>École Pratique des Hautes Études</i> (1901 – 1907) ; <i>Maitre de conférences</i> na EPHE (1907 – 1912) ; Diretor do laboratório de psicologia na Sorbonne (1912 – 1922) ; Professor no <i>Collège de France</i> (1923 – 1951) ; Presidente da 3ª seção da EPHE (1937 – 1951)	5 (1901 ; 1902)	5	0	Dreyfusard. Importante pesquisador sobre a psicologia.
Léon PINEAU (1861 – 1965/ Francês)	Agrégation en allemand (1888 – 4º lugar) ; Docteur ès lettres (1901)	<i>Chargé de l'allemand</i> no <i>Collège de Chatellerault</i> (1881 – 1882) ; <i>Chargé de l'allemand</i> no liceu de Poitiers (1882 – 1884) ; <i>Chargé de l'allemand</i> no liceu de Tours (1885 – 888) ; Professor no liceu de Tours (1888 – 1896) ; <i>Chargé de cours</i> na <i>Faculté des lettres de Lyon</i> (1902 – 1903) ; <i>Chargé de cours</i> na <i>Faculté des lettres de Clermont</i> (1903) ; Professor na <i>Faculté des lettres de Clermont</i> (1904 – 1910) ; Assessor do Reitor na <i>Faculté des lettres de Clermont</i> (1910 – 1913) ; Reitor da <i>Faculté des lettres de Clermont</i>	42	3	39 (B)	

Henri PRENTOUT (1867 – 1933/ Francês)	Agrégation en histoire et géographie (1892 – 14º lugar)	(1913); Reitor da Académie de Poitiers (1914 – 1933) Professor na <i>Université de Caen</i> ; Vice- Presidente da <i>Société des antiquaires de Normandie</i> (1914 – 1915); Presidente da <i>Société des antiquaires de Normandie</i> (1916)	11 (1905; 1909; 1910; 1912)	6	5 (1 RC; 4 B)		
Pierre PUECH (1860 – 1940/ Francês)	Aluno no liceu <i>Louis-le-Grand</i> ; Aluno na ENS (1878); Agrégation en lettres (1881 – 1º lugar); <i>Docteur</i> és lettres (1888)	Professor no liceu <i>Saint-Quentin</i> (1882); <i>Maître de conférences</i> na <i>Faculté des lettres de Rennes</i> (1883 – 1891); <i>Maître de conférences</i> na <i>Faculté des lettres de Montpellier</i> (1892); <i>Maître de conférences</i> na <i>Faculté des lettres de Paris</i> (1893 – 1903); Professor na ENS (1904 – 1933); Membro da <i>Académie des inscriptions et belles lettres</i> (1923); Diretor da <i>Fondation Thiers</i> (1934 – 1940)	7 (1901; 1903; 1904; 1907; 1914)	2	5 (B)	Católico. Antidreyfusard.	
Georges RADET (1858 – 1941/ Francês)	Aluno na ENS (1881); Agrégation en histoire et géographie (1884 – 5º lugar); <i>Docteur</i> és lettres (1893)	Membro da <i>École française d'Athènes</i> (1884 – 1887); Professor no liceu de <i>Alger</i> (1888); <i>Chargé de cours</i> e, mais tarde, <i>Professeur</i> na <i>Faculté des lettres de Bordeaux</i> (1888 – 1934); Reitor na <i>Faculté des lettres de Bordeaux</i> (1899); Membro da <i>Académie des inscriptions et belles lettres</i> (1904)	1 (1904)	1	0	Católico. Antidreyfusard.	
Frédéric RAUH (1861 – 1909/ Francês)	Aluno no liceu <i>Louis-le-Grand</i> ; Aluno na ENS (1881); Agrégation en <i>philosophie</i> (1885 – 2º lugar); <i>Docteur</i> és lettres (1891)	Professor no liceu de <i>Vendôme</i> (1885); Professor no liceu de <i>Valenciennes</i> (1886 – 1887); Professor suplente na <i>Faculté des lettres de Toulouse</i> (1888 – 1892); Professor de <i>Filosofia</i> na <i>Faculté des lettres de Toulouse</i> (1893 – 1899); Professor na ENS (1900 – 1908); Professor na <i>Faculté des lettres de Paris</i> (1908)	10 (1902; 1903; 1904; 1905; 1907)	1	9 (1 RC; 8 B)	Judeu. Dreyfusard e socialista.	
Louis RÉAU (1881 – 1961/ Francês)	Aluno na ENS; Agrégation en <i>allemand</i> (1904 – 1º lugar); <i>Docteur</i> és lettres	<i>Maître de conférences</i> na <i>Faculté des lettres de Nancy</i> (1908); Diretor do <i>Instituts français de Saint-Pétersbourg</i> (1911 – 1913); Membro da <i>Académie des Beaux-Arts</i> (1947)	22 (1902; 1903; 1905; 1906; 1907; 1908; 1909; 1910; 1912; 1914)	8	14 (5 RC; 9 B)		

E. REICH (SI)	SI	1 (1904)	1	0	Membro de uma importante família. Seu pai, Joseph Reinach, e seus tios, Salomon Reinach e Théodore Reinach, foram intelectuais, arqueólogos e políticos franceses.
Adolphe REINACH (1887 – 1914/ Francês)	Aluno no liceu Condorcet; Agrégation en histoire et géographie (1909)	Membro da <i>École Française d'Athènes</i> (1909 - 1911); Professor suplente na EPHE	4	0	
Augustin RENAUDET (1880 – 1958/ Francês)	Aluno na ENS (1901); Agrégation en histoire et géographie (1904 – 4º lugar)	<i>Pensionnaire da Fondation Thiers</i> (1908); Professor no liceu de Rennes e Angoulême (1908 – 1910); Professor no liceu de Montpellier (1914 – 1915); Professor na <i>Faculté des lettres de Bordeaux</i> (1919 – 1937); Professor na <i>Faculté des lettres de Paris</i> (1937 – 1945); Professor na EPHE (1945 – 1953); Professor no <i>Collège de France</i> (1953 – 1958)	0	1 (B)	Colega de Lucien Febvre.
Jean RÉVILLE (1854 – 1908/ Francês)	Docteur en théologie pela <i>Faculté de Paris</i> (1885)	Aumônier do liceu Henri IV (1883 – 1886); <i>Maître de conférences</i> na EPHE (1886 – 1893); <i>Maître de conférences</i> na <i>Faculté de théologie protestante de Paris</i> (1894 – 1902); <i>Directeur d'études</i> na EPHE (1900); Professor ajunto na <i>Faculté de théologie protestante de Paris</i> (1902); <i>Directeur d'études</i> na EPHE (1903 – 1906); Professor de História das Religiões no <i>Collège de France</i> (1907 – 1908)	0	1 (B)	Protestante. Dreyfusard. Proveniente de uma família de professores, seu pai era professor no <i>Collège de France</i> .
Abel REY (1873 – 1940/ Francês)	Aluno no liceu Louis-le-Grand; Agrégation en philosophie (1896 – 2º lugar); Docteur ès lettres (1907)	Professor no liceu de Bourg (1898 – 1900); Professor no liceu de Beauvais (1900 – 1908); <i>Chargé de cours</i> na <i>Faculté des lettres de Dijon</i> (1908 – 1911); Professor na <i>Faculté des lettres de Dijon</i> (1911 – 1919); <i>Maître de conférences</i> na <i>Faculté des lettres de Paris</i> (1919 – 1925);	1	45 (2 RC; 43 B)	Dreyfusard. Foi codiretor da RSH e teve importante participação nos outros empreendimentos de Henri Berr.
Gaston RICHARD	Aluno na ENS;	Professor no liceu de Havre; <i>Chargé de</i>	3	0	Membro da equipe

(1860 – 1945/ Francês)	Agrégation en philosophie (1885 – 9º lugar); Docteur ès lettres (1891)	cours na <i>Faculté des lettres de Bordeaux</i> (1902 – 1905); Professor de Filosofia na <i>Faculté des lettres de Bordeaux</i> (1906 - 1930);	1909)			durkheimiana, porém rompe com essa por volta de 1907.
Heinrich RICKERT (1863 – 1936/ Alemão)	Université de Strasbourg (1888)	Professor na Universidade de Freiburg (1894 – 1915); Professor na Universidade de Heidelberg (1916 – 1932)	1 (1901)	1	0	Importante filósofo alemão, trabalhou com a diferenciação entre as Ciências Físicas e Históricas.
Eugène ROBERTY (1843 – 1915/ Russo)	Aluno no liceu imperial Alexandre Petesburgo); Aluno nas Universidades de Heidelberg, Iena e Paris; Doutor pela Universidade de Iena (1864)	Professor na Universidade de Bruxelas (1894 – 1907); Professor de Sociologia no <i>Institut psycho-neurologiques Vladimir Bekhterev</i> em São Petesburgo (1908 – 1915)	1 (1907)	1	0	Trabalhou com algumas ideias de Sociologia, a partir do contato com o positivismo.
Georges RODIER (1864 – 1913/ Francês)	Aluno na <i>Faculté des lettres de Bordeaux</i> ; Agrégation en philosophie (1886 – 3º lugar); Docteur ès lettres (1892)	Professor no liceu de Rochefort (1886 – 1888); Professor no liceu de Tarbes (1889 – 1893); <i>Maître de conférences</i> na <i>Faculté des lettres de Toulouse</i> (1893 – 1894); <i>Maître de conférences</i> na <i>Faculté des lettres de Bordeaux</i> (1894 – 1896); Professor na <i>Faculté des lettres de Bordeaux</i> (1896 – 1907); <i>Chargé de cours</i> na <i>Faculté des lettres de Paris</i> (1908 – 1913)	3 (1906; 1907)	3	0	Católico. Dreyfusard.
Maurice ROGER (1863 – 1941/ Francês)	Aluno no liceu Louis-le-Grand; Aluno na <i>Faculté des lettres de Bordeaux</i> ; Agrégation en grammaire (1887 – 16º lugar); Docteur ès lettres	Professor no liceu de Laon (1887 – 1890); Professor no liceu de Lille (1891 – 1892); <i>Chargé de cours</i> na <i>Faculté des lettres de Lille</i> (1893 – 1895); Professor no liceu Condorcet (1896); Professor no liceu Carnot (1897 – 1915); <i>Inspecteur d'Académie</i> (1916); <i>Inspecteur général de l'enseignement primaire</i> (1917 – 1933)	2 (1908)	0	2 (B)	

Pierre RONZY (1883 – 1976/ Francês)	(1905) Agrégação em italiano (1908 – 1º lugar)	Professor na <i>Faculté des lettres de Grenoble</i>	2 (1909 ; 1910)	1	1 (RC)	
Paul ROQUES (SI/ Francês)	Agrégação em alemão (1904 – 10º lugar)	SI	10 (1903 ; 1906 ; 1907 ; 1908 ; 1913)	0	10 (B)	
Philippe SAGNAC (1868 – 1954/ Francês)	Aluno no liceu <i>Louis-le-Grand</i> ; Aluno na ENS (1891) ; Agrégação em história e geografia (1894 – 3º lugar) ; <i>Docteur ès lettres</i> (1898)	<i>Chargé de cours</i> na <i>Faculté des lettres de Lille</i> (1899 – 1902) ; Professor na <i>Faculté des lettres de Lille</i> (1903 – 1914) ; Professor na <i>Faculté des lettres de Bordeaux</i> (1915 – 1919) ; Professor na <i>Faculté des lettres de Lille</i> (1923 – 1925) ; Professor na <i>Université égyptienne du Caire</i> (1926 – 1929) ;	2 (1906)	2	0	Católico. Liberal.
Lazare SAINÉAN (1859 – 1934/ Romeno)	<i>Docteur ès lettres</i> ;	Bolsista em Paris (1887 – 1889) ; Professor de um <i>cours libre</i> na EPHE (1902 – 1904) ;				Nasceu em uma família judaica, porém se converteu ao cristianismo em 1899.
HENRY SALOMON (SI)	Aluno na ENS ; Agrégação em história e geografia (1885 – 9º lugar)	SI	4 (1908 ; 1909 ; 1910)	4	0	
Christian SCHEFER (SI)	SI	SI	1 (1908)	0	1 (B)	
August SCHMARSOW (1853 – 1936/ Alemão)	Aluno nas Universidades de Bonn, Strasbourg e Zurique ; Doutor pela <i>Universidade de Strasbourg</i>	Professor na Universidade de Göttingen (1881 – 1885) ; Professor na Universidade de Wrocław (1885 – 1893) ; Professor na Universidade de Leipzig (1893 – 1919)	1 (1914)	1	0	
René SCHNEIDER (SI)	SI	SI	1 (1912)	0	1 (B)	
Henri SÉE (1864 – 1936/ Francês)	Aluno no liceu <i>Henri IV</i> ;	Professor no liceu <i>Poitier</i> (1887 – 1888), <i>Nevers</i> (1890 – 1891), <i>Chartres</i> (1891 –	9 (1903 ; 1904 ; 1905 ; 1908)	4	5 (B)	Influenciado por Fustel de Coulanges, foi um

Joseph SEGOND (1872 – 1954/ Francês)	Agrégation en histoire géographie (1887 – 3º lugar); Docteur ès lettres (1892)	1893); Chargé de cours na <i>Faculté des lettres de Rennes</i> (1896 – 1920)	12 (1900; 1902; 1903; 1905; 1906; 1907)	1	11 (1 RC; 10 B)	dos precursores em trabalhar com história econômica.
F. SENN (SI)	SI/	SI	1 (1905)	0	1 (RC)	
François SIMIAND (1873 – 1935/ Francês)	Aluno no liceu Henri IV; Aluno na ENS (1892); Agrégation en philosophie (1896 – 1º lugar); Docteur en droit, sciences politiques et économiques (1904)	Professor no liceu de <i>Toulon</i> ; Chargé de cours na <i>Faculté des lettres d'Aix</i> (1908 – 1914); Professor no liceu <i>Lakanal de Sceaux</i> (1914 – 1918); <i>Maître de conférences</i> na <i>Faculté des lettres de Caen</i> (1919 – 1920); Professor na <i>Faculté des lettres de Besançon</i> (1920); Professor na <i>Faculté des lettres de Lyon</i> (1921 – 1929); Professor na <i>Faculté des lettres d'Aix</i> (1929 – 1939)	2 (1903)	2	0	Agnóstico. Dreyfusard, membro do SFIO, socialista. Membro da equipe durkheimiana, publica na RSH seu clássico artigo “ <i>Méthode historique et Science sociale</i> ”.
PAUL SIRVEN (1865 – 1953/ Francês)	Aluno na ENS; Agrégation en lettres (1891 – 13º lugar)	Pensionnaire na <i>Fondation Thiers</i> (1896 – 1899); <i>Bibliothécaire du ministère du Commerce</i> (1901 – 1906); <i>Bibliothécaire du ministère du Travail</i> (1906 – 1921); Chargé de conférences na <i>London School of Economics</i> (1914); Chargé de conférences na EPHE (1910 – 1931); Professor no <i>Conservatoire des arts et métiers</i> (1919 – 1934); Professor de História do Trabalho no <i>Collège de France</i> (1932 – 1935)	2 (1903)	0	2 (B)	
Paul TANNERY (1843 – 1904/ Francês)	Aluno no liceu de Caen; Aluno na École polytechnique;	Trabalhou ao longo de sua vida em fábricas de tabaco;	5 (1900; 1901; 1902; 1903; 1904)	5	0	Católico.
Étienne TARIS (SI)	SI/	SI	1 (1912)	1	0	
L.-A. TCHESKIS (SI)	SI/	SI	3 (1912; 1913)	3	0	

E. TERQUEM (SI)	SI	SI	SI	3 (1900 ; 1901 ; 1902)	0	3 (B)	
Hans TIETZE (1880 – 1954/ Tcheco)	Aluno na Universidade de Viena ; Doutor (1903)	Membro do Instituto de Pesquisa Histórica Austríaca (1903)	1 (1914)	1	1	0	Judeu.
Jules TOUTAIN (1865 – 1961/ Francês)	Aluno na ENS (1885 – 1888) ; <i>Agrégation en histoire et géographie</i> (1888 – 6º lugar) ; <i>Docteur ès lettres</i> (1895)	Membro da <i>École française de Rome</i> (1890 - 1892) ; <i>Maître de conférences</i> na Vª seção da EPHE (1898 – 1934) ;	1 (1910)	1	1	0	Politicamente conservador.
Paul TIEGHEM (1871 – 1948/ Francês)	Aluno na ENS ; <i>Agrégation en lettres</i> (1894 – 6º lugar) ; <i>Docteur ès lettres</i> (1914)	Professor no liceu <i>Louis-le-Grand</i> ;	19 (1910 ; 1911 ; 1912 ; 1913 ; 1914)	0	0	19 (4 RC ; 15 B)	
Adolfo VENTURI (1856 – 1941/ Italiano)	Aluno nas Universidades de Modena e Florença ;	Professor na Universidade de Roma (1896 – 1931)	1 (1914)	1	1	0	
Paul VIDAL DE LABLACHE (1845 – 1918/ Francês)	Aluno na ENS (1863) ; <i>Agrégation en histoire et géographie</i> (1866 – 1º lugar) ; <i>Docteur ès lettres</i> (1870)	Membro da <i>École française d'Athènes</i> (1867 – 1870) ; Professor no liceu <i>d'Angers</i> (1871) ; <i>Chargé de cours</i> na <i>Faculté des lettres de Nancy</i> (1872) ; <i>Maître de conférences</i> na <i>École normale supérieure</i> (1877 – 1898) ; <i>Sous-director</i> na ENS (1881) ; Professor de Geografia na <i>Faculté des lettres de Paris</i> (1898 – 1914) ; Membro da <i>Académie des sciences morales et politiques</i> (1906)	1 (1903)	1	1	0	Católico. Renomado geógrafo, fundador da revista <i>Annales de géographie</i> .
Pierre VIDAL (SI/ Francês)	<i>Agrégation en lettres</i> (1902 – 15º lugar)	SI	2 (1908 ; 1909)	2	2	0	
Georges VIDALENC (1885 – 1967/ Francês)	Aluno na <i>École normale supérieure</i> de	Professor nos liceus de <i>Puy, Caen, Casablanca, Poitiers</i> e <i>Lyon</i> ;	1 (1914)	1	1	0	Sindicalista.

	Saint-Cloud						
Pasquale VILLARI (1827 – 1917/ Italiano)	Universidade de Pisa;	Professor na Universidade de Pisa; Deputado no Parlamento Italiano (1870 – 1876; 1880 – 1882); Senador (1882 - 1886); Ministro da Instrução Pública (1891 – 1892); Professor no Instituto de Florença	3 (1901; 1902)	3	0	Participou dos levantes contra o regime dos Bourbon em Florença em 1848.	
Louis VILLAT (1878 – 1949/ Francês)	Agrégation en histoire et géographie (1907 – 11º lugar); Docteur ès lettres (1925)	Professor no liceu de Puy-en-Velay e Toulouse; Professor na Faculté des lettres de Besançon e Toulouse	20 (1911; 1912; 1913; 1914)	0	20 (B)		
Julien VINSON (1843 – 1926/ Francês)	Aluno na École forestière de Nancy;	Professor na École des langues orientales vivantes (1879 – 1921)	1 (1900)	1	0		
Albert WADDINGTON (1861 – 1926/ Francês)	SI	Professor na Faculté des lettres de Lyon	3 (1904; 1909)	3	0		
Georges WEILL (1865 – 1944/ Francês)	Aluno na ENS; Agrégation en histoire et géographie (1886 – 3º lugar); Docteur ès lettres (1892)	Professor na Faculté des lettres de Caen (1906 – 1935)	266 (1905; 1906; 1907; 1908; 1909; 1910; 1911; 1912; 1913; 1914)	3	263 (B)		
Georges WEULERSSE (1874 – 1950/ Francês)	Aluno no liceu Charlemagne; Aluno na ENS (1894 – 1897); Agrégation en histoire et géographie (1897 – 1º lugar)	Professor nos liceus de Touloun e d'Orléans; Professor no liceu Carnot (1907 – 1937)	3 (1904; 1905; 1911)	1	2 (B)		
Joseph WILBOIS (1874 – 1952/ Francês)	SI	Professor na École des Roches	1 (1912)	1	0		
Wilhelm	Aluno nas	Professor nas Universidades de Zurique,	1 (1904)	1	0		

WINDELBAND (1848 – 1915/ Alemao)	Universidade de lena e Berlin ; Doutor pela Universidade de Göttingen (1870)	Freiburg e Heidelberg ;			
A. WIRTH (SI)	SI/ Aluno na Universidade de Viena ; Doutor pela Universidade de Berlin (1870)	SI Professor na Universidade de Jassy (1883) ; Membro da Academia Romena (1895) ; Reitor na Universidade de Jassy (1898 – 1901)	1 14	0 3 (1 RC ; 2 B)	
		1 (1906) 17 (1900 ; 1901 ; 1902 ; 1904 ; 1905 ; 1906 ; 1907 ; 1909 ; 1911 ; 1913)			